

PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO: UM CAMPO EM EXPANSÃO E REDEFINIÇÃO

Mariana Antunes Apolinário Alves¹; Andriele Meire Riso Paulino²; Vitor Augusto Murbach³; Wallace de Souza Marques⁴; Professora Me. Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – marianaalvaro00@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – riso.andriele@yahoo.com;

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vitormurbach626@gmail.com;

⁴Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – wallacemandarin12@gmail.com;

⁵Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia organizacional e do trabalho, Gestão de pessoas, Comportamento organizacional.

Introdução: A Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) é definida como uma divisão aplicada da psicologia, preocupada com o estudo do comportamento humano relacionado com o trabalho, as organizações e a produtividade (Rothmann; Cooper, 2017). Configura-se como uma área em constante transformação, refletindo as demandas sociais contemporâneas. Seu papel vai além das práticas tradicionais, como recrutamento e seleção, abrangendo também a promoção da saúde no trabalho, o bem-estar dos colaboradores e o desenvolvimento humano nas organizações (Bastos *et al.*, 2005). Para Tonetto *et al.* (2008), a POT destaca-se como um dos campos mais relevantes da Psicologia aplicada, em razão de sua capacidade de compreender as dinâmicas nas relações interpessoais e as condições de trabalho. Nos últimos anos, essa área tem apresentado significativo crescimento, consolidando-se como um espaço de produção científica e de atuação social voltado à promoção do bem-estar coletivo e à eficácia organizacional.

Objetivos: O presente artigo tem como objetivo compreender a importância da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) frente às constantes transformações sociais, tecnológicas e econômicas que impactam o mundo do trabalho. Busca-se evidenciar como essa área da Psicologia contribui para a construção de uma nova realidade nas organizações, pautada por ações mais saudáveis, éticas e produtivas.

Relevância do Estudo: Este estudo contribui para o fortalecimento do campo, tanto na perspectiva científica quanto na aplicação prática, favorecendo uma atuação profissional mais crítica, contextualizada e comprometida com o desenvolvimento humano e organizacional.

Materiais e métodos: Este trabalho constitui em uma revisão de literatura, na qual foi realizada uma pesquisa nas bases de dados Scielo e em ferramentas para pesquisa como Google Acadêmico, no idioma português, utilizando os seguintes descritores: psicologia organizacional e do trabalho, gestão de pessoas, comportamento organizacional.

Resultados e discussões: Nas últimas décadas, a atuação do psicólogo organizacional tem passado por significativas inovações, refletindo a necessidade de adaptação às complexidades emergentes no mundo do trabalho. Desde os anos 1990, estudos já apontavam para a modernização de práticas tradicionais, o surgimento de novas abordagens e a valorização de competências voltadas à compreensão de fenômenos organizacionais cada vez mais complexos (Bastos *et al.*, 2005). Ainda segundo estes mesmos autores, essa evolução é marcada, entre outros aspectos, pela inserção estratégica do psicólogo nas organizações, pela ampliação do trabalho interdisciplinar, pela atuação como consultor ou assessor, bem como pelo enfrentamento de mudanças estruturais nas formas de gestão.

Além disso, destaca-se o fortalecimento da pesquisa e da intervenção em saúde ocupacional, evidenciando o compromisso da POT com o bem-estar no trabalho. Tais transformações exigem um novo perfil profissional, dotado de competências que o habilitem a atuar criticamente e de forma contextualizada, superando modelos engessados e desconectados da realidade organizacional contemporânea. Neste mesmo sentido Campos *et al.* (2011) traz que a POT sofreu significativas transformações impulsionadas pela globalização e pela sua estreita relação com as práticas administrativas. Essas mudanças direcionaram a área a buscar não apenas o aumento da produtividade, mas também a promoção do bem-estar dos trabalhadores. Paradoxalmente, essas mesmas transformações que impulsionaram o desenvolvimento e a ampliação do campo também impõem desafios significativos à atuação profissional, exigindo respostas cada vez mais integradas e sensíveis à realidade contemporânea. Segundo Tonetto *et al.* (2008), entre os principais desafios enfrentados pela POT está a compreensão das interações complexas entre os diversos fatores que compõem a vida de indivíduos, grupos e organizações em um cenário de constantes transformações sociais, políticas e econômicas. Nesse contexto, torna-se fundamental desenvolver estratégias que favoreçam a promoção, a preservação e a recuperação da qualidade de vida e do bem-estar no ambiente laboral. A complexidade dos fenômenos que compõem o universo do trabalho e das organizações demanda uma abordagem multidisciplinar. Essa articulação permite analisar de que maneira o desempenho das pessoas está associado a fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, bem como a processos relacionados à gestão organizacional e à formação dos trabalhadores (Borges-Andrade e Zanelli, 2014).

Conclusão: A Psicologia Organizacional e do Trabalho tem se transformado significativamente para acompanhar as mudanças sociais, tecnológicas e econômicas que impactam o mundo do trabalho. Esse processo exige do profissional uma atuação mais crítica, integrada e adaptada à complexidade das organizações contemporâneas. Conclui-se que a POT exerce um papel essencial tanto na promoção do bem-estar quanto na construção de ambientes organizacionais mais éticos, saudáveis e produtivos, reafirmando sua relevância como campo científico e de intervenção social.

Referências

- BASTOS, A. V. B. et al. **A imagem da Psicologia Organizacional e do Trabalho entre estudantes de Psicologia: o impacto de uma experiência acadêmica.** Psicologia: Ciência e Profissão. v. 25, n. 3, p. 352-369, 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300003. Acesso: 25 abril 2025.
- BORGES-ANDRADE, J. E.; ZANELLI, J. C. Psicologia e produção do conhecimento em organizações e trabalho. In: Zanelli, J.C; Borges-Andrade, J. E. & Bastos, A. V.B. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil.** [livro eletrônico]. 2ª. ed. Artmed, 2014. p. 583-608.
- CAMPOS, K. C. L. et al. **Psicologia Organizacional e do Trabalho: retrato da produção científica na última década.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 31, n. 4, p. 702-717, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NKwfC9mJtLnYgZqc8wCF6mG/abstract/?lang=pt> Acesso: 25 abril 2025.
- ROTHMANN, I.; COOPER, C. L. Introdução a psicologia organizacional e do trabalho. In: **Fundamentos da Psicologia Organizacional e do Trabalho.** 2ª. ed. GEN Atlas: São Paulo, 2017. p.23-41.
- TONETTO, A. M. et al. **Psicologia Organizacional e do Trabalho no Brasil: desenvolvimento científico contemporâneo.** Psicologia & Sociedade, v. 20, n. 2, p. 165-173, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/NCYvXk6K93pZ6ZmV9NJStcC/abstract/?lang=pt> Acesso : 25 abril 2025.

A IMPORTÂNCIA DA ATIVIDADE FÍSICA NA CRIANÇA COM TRANSTORNO ESPECTRO AUTISTA

Tayana Mendes Pereira¹; Valeria Aparecida Maldonado Tresolavy² Poliana Oliveira Souza³ Carolina Tarcinalli Souza⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – tahmendes006@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
valeriamaldonado120570@gmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – eupolianaoliveira@gmail.com;;

²Professora do curso de Fisioterapia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
caroltar11@hotmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Transtorno espectro autista, exercício físico, crianças.

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por um déficit significativo na interação/comunicação social, manifestado desde o começo da infância, quadro que é usualmente combinado com alterações do desenvolvimento e apresentações peculiares de comportamento (interesses restritos e padrões repetitivos) (Griesi-Oliveira; Sertié, 2017). A prevalência estimada de TEA é de 1% na população na população norte americana, 0,3% na população brasileira, a estimativa sugere que o transtorno ocorra mais em homens do que em mulheres. Diversas técnicas, têm sido utilizadas para ajudar a minimizar as manifestações clínicas, uma delas são as atividades físicas, como: natação e a dança, judô, dança de salão e muay thai, vêm sendo estudada quanto a sua eficácia sobre as habilidades motoras, bem como na saúde física e mental (Sauer *et al.*, 2021; Huang *et al.*, 2020).

Objetivos: mostrar a eficácia do exercício físico nas crianças com transtorno espectro autismo, facilitando seu bem estar e explorar opções de intervenções possivelmente hábitos educacionais ou comportamentais

Relevância do Estudo: crianças com transtorno espectro autismo apresentam dificuldades nas habilidades motoras, sendo assim os exercícios físicos podem ser muito úteis nesse processo

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão literária de trabalhos científicos sobre a influência da música no desenvolvimento neuropsicomotor. Os levantamentos dos artigos foram realizados por meio de busca nas bases de dados Scielo, BVS, PubMed, Lilacs em inglês, português e espanhol, no período de 2014 a 2024. Foi realizada uma busca na integrada, onde palavras chaves utilizadas foram: Autismo; habilidades motoras; exercícios físicos; psicomotricidade. Também o livro de Gallahue de 2013, uma literatura clássica que é referência para o desenvolvimento motor.

Resultados e discussões: Estudos apontam que crianças com transtornos do espectro autista têm mudanças de comportamentos, dificultando, o contato com as pessoas próximas, como família, escola, ambientes públicos, dentre outros contextos do cotidiano. Nesse ponto, também se destaca a falta de exercícios físicos, pois, na maioria dos casos, o período de terapia ou a escola frequentada requer muito tempo voltado a atividades com focos intelectuais. A atividade física tem sido considerada um ambiente natural para promover interações sociais positivas para crianças com TEA, proporcionando um ambiente mais favorável para a construção de relacionamentos entre os participantes de seu cotidiano e ampliando as oportunidades de interação. Além disso, oferece uma boa abordagem eficaz para o desenvolvimento de atividades cooperativas para o aumento das habilidades sociais.

Com base em pesquisas recentes, observa-se que a prática de atividades físicas pode promover avanços significativos na interação social e na capacidade de comunicação de indivíduos com autismo. Os estudos mostram que, especialmente em crianças com diferentes graus de TEA, a inclusão de atividades físicas no cotidiano contribui para a melhora no comportamento, no desenvolvimento motor e na socialização (Nascimento *et al.*, 2024). Huang *et al.* (2020), analisa o impacto das atividades físicas em crianças e adolescentes com autismo através de uma meta-análise. Foram selecionados 12 estudos, envolvendo 492 participantes, para avaliar os efeitos das atividades físicas na habilidade de interação social, capacidade de comunicação, habilidades motoras, e grau de autismo. Os resultados indicam que as atividades físicas têm um impacto positivo significativo nessas áreas, exceto no comportamento estereotipado, onde não foi observado efeito significativo. Este estudo sugere que intervenções contínuas de atividades físicas podem oferecer maiores benefícios para essa população. Krüger *et al.* (2019) num ensaio clínico randomizado realizado durante 14 semanas com 9 crianças, de ambos os sexos, entre cinco e 10 anos divididas em dois grupos, intervenção e controle, foram submetidas a avaliações sobre o desempenho social e motor, e o grupo de intervenção fizeram sessões de 50 min de dança, durante duas vezes por semana, contribuíram para um bom desempenho nas habilidades motoras em crianças.

Conclusão: a atividade física apresenta uma amplitude de benefícios para as crianças com autismo. Assim é de extrema importância e muito recomendado por especialistas da área que se realize atividade física, no sentido de que se demonstra a preocupação referente ao problema ajudando em vários aspectos apresentados, seja no desenvolvimento social, na saúde mental, na capacidade física, na autonomia e independência, no controle do comportamento, no bem estar, a desenvolver habilidades sociais, a compreensão de mudanças sociais e a interação com outras pessoas.

Referências

- GRIESI-OLIVEIRA, K.; SERTIÉ, A. L. Transtornos do espectro autista: um guia atualizado para aconselhamento genético. **Einstein**, v.15, n.2, p. 233-238. 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/S167945082017RB4020>. Acesso em: 05 maio 2025.
- HUANG, J. *et al.* Meta-analysis on intervention effects of physical activities on children and adolescents with autism. **International journal of environmental research and public health**, v. 17, n. 6, p. 1-11, 2020. Disponível: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/6/1950>. Acesso em: 05 out. 2025.
- KRÜGER, G.R. *et al.* O efeito de um programa de atividades rítmicas na interação social e na coordenação motora em crianças com transtorno do espectro autista. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.23, p.1-5, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12820/Rbafs.23e0046>. Acesso em: 05 out. 2025.
- NASCIMENTO, J.P.A. *et al.* Avanços no Desenvolvimento Motor e Interação Social de Crianças com TEA Efeitos do Exercício Físico. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 3, p. 1605-1616, 2024. Disponível: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1702>. Acesso em: 05 maio 2025.
- SAUER, A.K. *et al.* **Autism Spectrum Disorders: Etiology and Pathology**. In: Grabrucker AM, editor. Autism Spectrum Disorders [Internet]. Brisbane (AU): Exon Publications; 2021 Aug 20. Chapter 1. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK573613/> doi: 10.36255/exonpublications.autismspectrumdisorders.2021.etiology. Acesso em: 05 out. 2025.

A IMPORTÂNCIA DOS OBJETOS TRANSICIONAIS NO INÍCIO DA VIDA ESCOLAR: UMA PERSPECTIVA DA TEORIA PSICANALÍTICA DE DONALD WINNICOTT

Keli C. M. Saes¹; Cristiane Araújo Dameto²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – kcmsaes@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
crisdameto@gmail.com

Grupo de Trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Objeto transicional; primeira infância; Educação infantil; Psicanálise de Winnicott.

Introdução: A entrada da criança na escola representa um marco importante no desenvolvimento emocional e social, frequentemente atravessado por ansiedades relacionadas à separação da figura materna e à adaptação a um novo ambiente. A psicanálise, especialmente a teoria de Donald Winnicott, oferece contribuições relevantes para a compreensão dessas vivências infantis. O conceito de objeto transicional, como paninhos, fraldas ou brinquedos, permite compreender como esses elementos funcionam como suporte psíquico durante a transição da criança do ambiente familiar para o escolar (Winnicott, 1951/1975). Winnicott abordou conceitos importantes sobre o desenvolvimento humano como: a relação de dependência, amadurecimento, os fenômenos e objetos transicionais, o comportamento social e a mãe suficientemente boa. Suas teorias tratam da relação de confiança tendo como alicerce a interação social e o papel da afetividade. Todos esses elementos estão presentes na fase inicial do desenvolvimento (Moraes, 2017). Para Ribeiro (2008) dentro do contexto em que se reconhecia familiar, onde suas necessidades eram atendidas, começa a oportunidade de transição, da primeira passagem de mudança, partindo do seio familiar para a entrada no mundo social, a oportunidade de estar, brincar e se relacionar com outras crianças sob a supervisão de outra pessoa. A inserção da criança no ambiente educacional pode ser compreendida como a entrada em um “espaço potencial”, um espaço intermediário entre a realidade interna e externa do sujeito (Almeida e Naffah Neto, 2021). Segundo Ribeiro (2008), a escola deve estar preparada para acolher o processo de separação, respeitando a individualidade da criança e o valor simbólico desses objetos. Nesse contexto, a pesquisa busca refletir sobre a importância dos objetos transicionais na construção da autonomia, socialização e adaptação emocional no início da vida escolar, à luz da teoria psicanalítica de Winnicott.

Objetivos: do estudo traz a importância dos objetos transicionais no início da vida escolar, destacando seu papel como recursos emocionais para enfrentar a separação e favorecer a adaptação escolar.

Relevância do estudo: É a inserção precoce das crianças na escola em uma realidade crescente por motivos familiares e sociais. Compreender os impactos emocionais dessa transição é essencial para práticas pedagógicas e clínicas mais sensíveis. A teoria de Winnicott evidencia a importância do ambiente, da figura materna e dos objetos transicionais no desenvolvimento infantil, oferecendo subsídios para intervenções que promovam acolhimento, segurança e autonomia emocional.

Materiais e Métodos: Essa pesquisa trata-se de uma revisão narrativa de literatura, focada na análise teórica do papel dos objetos transicionais. As buscas foram realizadas nas bases SciELO, PePSIC, LILACS e Google Acadêmico, utilizando os descritores “Psicanálise”, “Infância”, “Objeto de Apego” e “Trauma Infantil”. Foram selecionados 10 artigos e livros publicados entre 2015 e 2025, além de três textos clássicos considerados fundamentais. Critérios de inclusão foram textos em português que abordam objetos transicionais em diálogo com Winnicott; artigos de opinião e sem base empírica foram excluídos.

Resultados e discussões: Para Winnicott (1951/1975), o objeto transicional é o primeiro “não-eu” da criança, funcionando como ponte entre a realidade interna e externa. Objetos

como fraldas ou bichinhos permitem à criança lidar com a ausência materna, servindo como suporte emocional frente à ansiedade da separação. Moraes (2017) destaca que esses objetos possibilitam a expressão de sentimentos como medo e saudade, sendo fundamentais para a regulação emocional. Chamond (2010; 2025) reforça que os objetos transicionais promovem continuidade do ser e habitam o espaço potencial, onde o brincar e a criatividade floresce. O ingresso escolar implica na ruptura com o ambiente familiar, gerando insegurança. Ribeiro (2008) ressalta que a construção do “eu” ainda está em consolidação nesse período, e os objetos transicionais funcionam como elementos de continuidade afetiva entre casa e escola. Pedroza (2010) alerta que educadores muitas vezes interpretam erroneamente a presença desses objetos como apego excessivo, quando na realidade constituem recursos essenciais para enfrentar o novo. Vorcaro e Lucero (2015) afirmam que a experiência do objeto transicional antecede a realidade objetiva e possibilita a construção de simbolizações mais complexas. No contexto escolar, práticas pedagógicas que acolhem o vínculo da criança com seus objetos favorecem a socialização e fortalecem a identidade. Ribeiro (2008) destaca que não obrigar a criança a compartilhar seu objeto permite a preservação de seu espaço pessoal, favorecendo gradualmente a interação com colegas e o desenvolvimento da autonomia emocional.

Conclusão: A teoria de Donald Winnicott oferece uma perspectiva essencial para compreender a adaptação escolar na primeira infância. Os objetos transicionais atuam como recursos emocionais que ajudam a criança a enfrentar a separação da mãe e a entrada em um novo ambiente, favorecendo vínculos, confiança e socialização. Reconhecer a importância desses objetos permite que educadores e profissionais da saúde mental desenvolvam práticas mais sensíveis e humanizadas, respeitando o tempo psíquico da criança e promovendo um ambiente escolar acolhedor e seguro.

Referências:

- ALMEIDA, A. P.; NAFFAH NETO, A. **A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação.** *Revista Latino-Americana de Psicologia e Formação*, v.53, n.1, p.59–71, 2021. DOI: 10.11606/issn.1676-3660.v53i1.5rx4wqK63BJqQRmhC3J5rbk. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/5rx4wqK63BJqQRmhC3J5rbk/?format=pdf>. Acesso em: 20 set. 2025.
- CALDWELL, L. **Do objeto ao espaço e a natureza desta transição.** *Winnicott e-prints*, São Paulo, v.2, n.1, p.1-25, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-432X2007000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 20 set. 2025.
- CHAMOND, J. **Continuidade do ser e agonia primitiva: o bebê winnicottiano e a psicose.** *Winnicott e-prints*, São Paulo, v.5, n.1, p.1-26, 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-432X20100001&script=sci_issuetoc (página do fascículo com link para o texto). Acesso em: 20 set. 2025.
- MORAES, S. P. **Por mais Winnicott na pedagogia!** *Revista Educação-UNG*, v.12, n.1 (ESP), p.102-114, 2017. Versão disponível em repositórios (ex.: ResearchGate). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320455755_Por_mais_Winnicott_na_Pedagogia. Acesso em: 20 set. 2025.
- RIBEIRO, M. J. **O início das vivências escolares: contribuições da obra do psicanalista D. W. Winnicott.** *APRENDER*, ano VI, n.11, p.155-177, 2008. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/3122>. Acesso em: 2 out. 2025.
- SVARTMAN, B. **Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos.** *Rev. SPAGESP*, v.1, n.1, p.117-125, 2000. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702000000100016&script=sci_arttext. Acesso em: 20 set. 2025.
- VORCARO, A.; LUCERO, A. **O objeto transicional de Winnicott na formação do conceito de objeto a em Lacan.** *Nat. hum.* [online], v.17, n.1, p.15-32, 2015. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1517-24302015000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 20 set. 2025.

DELEUZE E GUATTARI: PARA UMA PSICOLOGIA DA DIFERENÇA E DO RITORNO

Raffael Hideki Kawabata¹; Maria Luiza Pereira de Arruda ²; Maria Fernanda Barbosa dos Santos ³;
Dilson Brito da Rocha ⁴;

¹ Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – Raffaelhkr@gmail.com;

² Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mlucia@uol.com.br;

³ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB malu.pereira.arruda@gmail.com;

⁴ Professor de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB dilsondarocha@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia; esquizoanálise; deleuze; nietzsche; instituições particulares de ensino superior; educação superior;

Introdução: Para Rolnik (2000), o Brasil é um campo fértil para práticas esquizoanalíticas, não somente os que se reivindicam como tal, mas em diferentes áreas, provocando novos fazeres teóricos e uma crítica à própria clínica como a concebemos. A psicologia, segundo Nietzsche, poderia ser considerada como a “morfologia da vontade de potência”. Isso, aos olhares de Deleuze é fundamental, pois sua teoria visa a liberação da vitalidade de qualquer ressentimento/má-consciência. A vontade de poder e o eterno retorno são chaves para a realização da experiência de desterritorialização dentro da psicologia, abrindo as portas à multiplicidade do devir (YONEZAWA, 2014). Ao olhar de Rodrigues *et al.* (2013), nosso tempo é marcado por um olhar produtivista dentro da psicologia, o ritmo acelerado e a busca imediata de melhora acaba por ser improdutivo, pois pouco se consegue aprofundar nos desdobramentos afetivos e na potência dos indivíduos, a busca é, então, por uma clínica que se desdobre enquanto um ritornelo, que vá ao encontro com as novas vibrações e a multiplicação da diferença em busca de afinidades até então desprovidas de conexão (TRINDADE, 2024). Segundo Rocha (2013), a estratificação do poder possui cadeias de representação de ser e agir dado certo ambiente, organizando a partir da noção de pertencimento como um novo *socius*. Segundo Deleuze, uma exclusão a partir do pensamento platônico ocorre com as cópias sem semelhanças, impuras e que não se assemelham ao mundo inteligível, que é oposta a interpretação de Deleuze sobre Nietzsche no conceito de eterno retorno e na afirmação do ser múltiplo e do devir com múltiplas vozes.

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo geral analisar as contribuições de Gilles Deleuze e Félix Guattari, a partir de suas leituras de Nietzsche, para a constituição de uma psicologia em prol da diferença radical, dos afetos e do ritornelo, destacando seus desdobramentos no campo clínico contemporâneo. Nesse percurso, busca-se compreender como os conceitos de vontade de potência e eterno retorno podem fundamentar novas práticas psicológicas e investigar as críticas deleuzianas à clínica produtivista e sua abertura para uma escuta em ritornelo.

Relevância do Estudo: Demonstrar a relevância de estudos na área da multiplicidade, desterritorialização e reterritorialização, visando o olhar clínico desses temas, tendo como uma forma de escuta única e com seu tempo em retorno. Essa psicologia tem a potência de abrir as portas de novas constituições do devir, uma psicologia vitalista e imanente como fundamento principal dos afetos e afecções. Sua crítica a uma clínica produtivista é necessária e relevante para novos horizontes do ato de ser psicólogo.

Materiais e métodos: Para a elaboração deste estudo, recorreu-se à pesquisa bibliográfica, contemplando livros e também conteúdos disponíveis em sites relacionados ao tema. Esse levantamento teve como finalidade reunir fundamentos teóricos

consistentes, de modo a possibilitar uma análise mais ampla e fundamentada, conduzindo a uma conclusão adequada e que amplie a potência do estudo.

Resultados e discussões: Trindade (2024) demonstra como poderia ser uma escuta em ritornelo, que procura novas intensidades, vozes e ritmos, isso somente é possibilitado, porém, a partir da repetição, um tempo em três instâncias. Em seu primeiro momento, o sujeito, territorializado, tem um eixo, com as mesmas notas e melodias. Ao olhar de Rodrigues *et al.* (2013) essa é a falsa ilusão de “eu”, que poderia ser definida como um conjunto de diferentes forças agindo e que ganha certo contorno e sombreamento, aos olhares de Deleuze e Guattari, o “eu” torna-se instância metafísica, que pode ser conhecida e assim controlada. A intenção do psicólogo é, então, criar a possibilidade do imprevisto à fala do paciente, uma linha de fuga que leva ao ritmo do indivíduo, abrindo para novas intensidades, criando portas para o segundo momento, onde não existe um agenciamento territorial do “eu” e sim a busca por novos territórios, como um nômade, existe uma força de desentender-se e ir mais longe dentro do ambiente terapêutico. Ao fim, em seu terceiro momento, é importante compreender até onde o corpo consegue ir sem se perder, este seria o momento de voltar, porém nunca ao mesmo local, sendo a reterritorialização em um novo eixo intensivo

Conclusão: O estudo possibilitou compreender como a psicologia, ao dialogar com os conceitos de Nietzsche e Deleuze, pode expandir-se para além de uma clínica marcada pelo produtivismo e pela busca imediata de resultados que não compreendem o devir. A proposta deleuziana de uma escuta em ritornelo, conforme discutido por Trindade (2024), abre espaço para novas intensidades, multiplicidades e linhas de fuga que ampliam a potência do indivíduo. Nesse sentido, a clínica se torna um espaço de experimentação de novos tons da intensidade, sustentada pela vitalidade dos afetos e pela imanência da vida, conforme apontam Yonezawa (2014) e Rocha (2006). Assim, reafirma-se a relevância de uma psicologia da diferença, que reconhece a pluralidade das vozes, a potência do corpo e a constante desterritorialização e reterritorialização, configurando uma prática crítica, inventiva e sempre em transformação.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs-vol. 4**. Editora 34, p. 121-180,

ROCHA, Marisa Lopes da. Identidade e diferença em movimento: ressonâncias da obra de Deleuze. **Revista do Departamento de Psicologia. UFF**, v. 18, p. 57-68, 2006.

FRAGA JÚNIOR, Órfilo Rodrigues et al. Corpo, força e potência: Nietzsche e Spinoza no pensamento de Deleuze. 2013.

ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. **Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora**, v. 34, p. 451-462, 2000.

TRINDADE, Rafael. Escuta em ritornelo. **Razão Inadequada**, 2024. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2025/05/12/escuta-em-ritornelo/>>. Acesso em: 10/09/2025.

YONEZAWA, Fernando Hiromi. Afirmar uma Psicologia fortalecedora da vida com Nietzsche e Deleuze. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 26, n. 3, p. 853-876, 2014.

CARACTERÍSTICAS DAS INTERVENÇÕES BREVES PARA O ABUSO E/OU DEPENDÊNCIA DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS

Maria Eduarda de Jesus Alampi; Renata de Almeida Moraes Possato²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru - FIB - mariae.alampi@gmail.com;

²Professora de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru - FIB - renatagarcia.moraes@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: intervenção breve; substâncias psicoativas; características.

Introdução: As substâncias psicoativas (SPAs) ou psicotrópicas podem ser definidas como aquelas capazes de alterar o funcionamento de um organismo vivo, influenciando aspectos fisiológicos e alterações comportamentais. Além dos prejuízos significativos à saúde dos indivíduos, incluindo impactos psicológicos, destaca-se que as SPAs também possibilitam o desenvolvimento de dependência no usuário (Medeiros *et al.*, 2013). Conforme destacado por De Micheli, Fisberg e Formigoni (2004), devido ao alto custo de tratamentos intensivos em contextos relacionados ao consumo excessivo de SPAs, tornou-se imprescindível a discussão referente a novas estratégias de tratamento. Por este motivo, destaca-se a Intervenção Breve (IB) como uma modalidade possível em dadas circunstâncias, enquanto estratégia preventiva e interventiva a um prazo menor de tempo e custos monetários inferiores aos tratamentos de longa duração.

Objetivos: Apresentar características das intervenções breves encontradas na literatura e sua utilização no tratamento de indivíduos que abusam e/ou são dependentes de SPAs.

Relevância do Estudo: Conhecer características das intervenções breves para o abuso e/ou dependência de substâncias psicoativas, contribuindo ainda, para conhecimento desta modalidade e difusão de informações relevantes para os saberes profissionais.

Materiais e métodos: Realizou-se um levantamento de artigos científicos publicados em bases de dados eletrônicas, como: MEDLINE/PubMed, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Science Direct, EBSCO e Biblioteca Eletrônica Scientific Electronic Library Online (Scielo Brasil), a partir do cruzamento de palavras-chave referentes a intervenção breve e ao abuso de SPAs, selecionando-se estudos em língua portuguesa, sem limitação acerca do período de publicação.

Resultados e discussões: A IB refere-se a uma estratégia de atendimento que direciona sua atenção à mudança de comportamento do indivíduo. No contexto de abuso e/ou dependência de álcool e outras drogas, entende-se que essa se torna uma modalidade de importância para a minimização do consumo nocivo e potenciais riscos para a vida do sujeito, contribuindo também para promoção de saúde e qualidade de vida do mesmo (Silva Filho *et al.*, 2023). De Micheli, Fisberg e Formigoni (2004), postularam que a realização de triagem inicial para avaliação do problema, o oferecimento do *feedback* e o estabelecimento de metas são elementos fundamentais para tratamento de indivíduos que abusam e/ou são dependentes das SPAs, na modalidade da IB. Além disso, outros elementos a serem considerados para este contexto, são: estimulação das discussões sobre prós e contras relacionados ao abuso de substâncias e a realização de aconselhamento ao paciente, possibilitando a ele o desenvolvimento de sua autoeficácia. Silva Filho *et al.* (2023) destacam que, a partir de abordagens educacionais e motivacionais, a intervenção breve pode ser utilizada por qualquer profissional da saúde, desde que esteja treinado e capacitado para a atuação. Ao deslocar a IB para um contexto de atuação psicológica, Castagnaro, Mombelli e De Moura (2022), consideram, inicialmente, a possibilidade de uma distinção sucinta entre as intervenções

propostas nas psicoterapias tradicionais de longa duração e as características da Psicoterapia Breve (PB). Seus elementos de diferenciação referem-se, principalmente, ao foco do processo terapêutico, à delimitação de objetivos e à definição do tempo direcionado para a terapia. Assim, constata-se que, na PB, a intervenção psicológica concentra-se em uma demanda específica do indivíduo a ser trabalhada durante um período previamente acordado pelo terapeuta e paciente. Nesta modalidade, tem-se como principal característica a delimitação de um número de sessões, ou seja, de um limite de tempo em que, geralmente, são recomendados de 12 a 20 atendimentos, com um prazo máximo de tratamento equivalente a um ano. Outra característica essencial, refere-se à definição de metas e objetivos limitados que estejam diretamente relacionados às questões imediatas do indivíduo. Por fim, destaca-se que, embora os aspectos mencionados anteriormente constituam-se como elementos fundamentais para caracterização das intervenções em PB, sabe-se que as técnicas utilizadas por cada profissional mudam de acordo com a fundamentação teórica adotada. Em adição, De Micheli, Fisberg e Formigoni (2004) acrescentaram que estudos de IB têm demonstrado efetividade com usuários de substâncias psicoativas. Em contraponto, Silva Filho *et al.* (2023) destacaram que há um número restrito de pesquisas brasileiras que abordem a efetividade das IBs, além de uma escassez de treinamentos e capacitações oferecidas aos profissionais da saúde, podendo este, ser considerado um dos motivos pelos quais os conhecimentos acerca dessa modalidade tornam-se pouco difundidos, ressaltando-se a necessidade de maiores estudos.

Conclusão: Conclui-se que a IB, pode ser considerada como uma possibilidade interventiva por possuir fatores relevantes para a saúde pública, considerando seus prazos menores de tempo de tratamento e custos mais baixos quando comparados com as terapias de longa duração. Com base nos artigos analisados, constata-se que essa modalidade se apresenta como uma alternativa para a redução do abuso e/ou dependência de SPAs e potenciais riscos ao sujeito, necessitando ainda de maiores pesquisas.

Referências

- CASTAGNARO, A. L. P.; MOMBELLI, M. A.; DE MOURA, C. B. Psicoterapia breve na intervenção de psicólogos e psiquiatras no Brasil: uma revisão integrativa da produção científica. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 31-48, abr. 2022. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1369987>. Acesso em: 07 set. 2025.
- DE MICHELI, D.; FISBERG, M. FORMIGONI, M. L. O. S. Estudo da efetividade da intervenção breve para o uso de álcool e outras drogas em adolescentes atendidos num serviço de assistência primária à saúde. **Revista da Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 305-313, set. 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302004000300040>. Acesso em: 1 set. 2025.
- MEDEIROS, K. T. *et al.* Representações sociais do uso e abuso de drogas entre familiares de usuários. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 2, p. 269-279, abr-jun. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/MGGG5R3MMmszKjgin8D5NqH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2025.
- POMBO-DE-BARROS, C. F.; FERNANDEZ, V. S. Reflexões sobre o Campo da Psicologia e o Uso Abusivo de Drogas. In: ALARCON, S.; JORGE, M. **Álcool e outras drogas: diálogos sobre um mal-estar contemporâneo** [online]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012, p. 211-221. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575415399.0011>. Acesso em: 03 set. 2025.
- SILVA FILHO, J. A. *et al.* Intervenção Breve para uso de Substâncias Psicoativas no Brasil: revisão sistemática. **Revista Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 138, p. 693-706, jul-set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104202313823>. Acesso em: 2 set. 2025.

ENTRE MUNDOS: A PRESENÇA QUE PERSISTE NA AUSÊNCIA — UMA LEITURA JUNGUIANA DO LUTO

Lana Barbosa dos Anjos¹; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lanadosanjos31@gmail.com.br;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Arquétipo e morte; Arquétipo e mito; História e morte; Alma e morte.

Introdução: O conceito de morte é dinâmico, modificando-se conforme o desenvolvimento individual, o contexto sociocultural e a história familiar (Santana *et al.*, 2015). Na perspectiva junguiana, a morte não é um fim, mas um ciclo natural e uma meta da existência, sendo compreendida como energia (Jung, 2013). A pessoa amada perece fisicamente, mas se perpetua na psique de forma arquetípica e simbólica, permitindo a ressignificação do vínculo (Cipriano; Souza, 2023).

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo geral realizar uma revisão bibliográfica sobre o processo do luto na perspectiva da psicologia junguiana.

Relevância do Estudo: Justifica-se pela necessidade de ampliar a compreensão dos processos psíquicos no luto sob a ótica da psicologia analítica.

Materiais e métodos: Esta pesquisa qualitativa, de natureza teórica, utilizou o método de revisão bibliográfica. Foram consultadas as bases SciELO, PePSIC e Google Acadêmico com os descritores: Arquétipo e morte, Arquétipo e mito; História e morte e Alma e morte; complementada por capítulos de livros relevantes. Como critério de inclusão, foram selecionados apenas trabalhos publicados no idioma português. A inclusão de alguns autores clássicos fora do recorte temporal de 10 anos foi justificada pelo fato de que suas obras representam referenciais teóricos imprescindíveis à compreensão do tema.

Resultados e discussões: O conceito de morte nem sempre foi homogêneo ao longo da história. Embora, a priori, seja compreendida como um fim, observa-se que sua significação sofre transformações ao longo dos séculos, não constituindo uma noção estática, mas dinâmica, que se modifica em função do desenvolvimento individual, do contexto sociocultural e da história familiar. Essa mutabilidade gera profundas reflexões e questionamentos, perpetuando-a enquanto mistério (Santana *et al.*, 2015). Na Idade Média, o ato de morrer era encarado com naturalidade, em virtude das precárias condições de saúde então vigentes. Dessa forma, havia uma certeza de sua ocorrência e uma expectativa em relação a ela. Sob esse prisma, Ariés (1980, apud Costa *et al.* 2015) reflete que a familiaridade com a morte consistia em uma forma de aceitação da ordem natural, uma aceitação ao mesmo tempo ingênua na vida cotidiana e sábia nas especulações astrológicas. Com a morte, o homem se sujeitava a uma das grandes leis da espécie, não cogitava evitá-la nem exaltá-la; simplesmente a aceitava, com a solenidade necessária para marcar a importância das grandes etapas que cada vida deve transpor (Gomes; Medeiros, 2015). Ademais, a partir da perspectiva junguiana, Jung (2013) apresenta a morte não como um fim, mas como um encontro com a vida, um ciclo natural da existência humana. Para o autor, a morte possuía o mesmo sentido de deitar-se para dormir e levantar ao acordar, numa analogia comparável à ciclicidade do dia e da noite. Jung (2013) ainda recorre à física para afirmar que vida e morte são, em essência, energia, sendo a morte o término inevitável de uma trajetória. De acordo

com Costa, Rodrigues e Santos (2024), o luto não é visto simplesmente como uma reação à perda, mas sim como um processo para a individuação e integração do próprio self, desencadeando o inconsciente, onde se encontram símbolos de morte e renascimento. Jung é enfático ao declarar: “A morte, no contexto dos arquétipos, simboliza não apenas o fim, mas também a possibilidade de renascimento e renovação. O luto permite ao indivíduo entrar em contato com esses símbolos arquetípicos, proporcionando uma experiência de transformação e renovação psíquica” (Jung, 1959, p. 231). Segundo os estudos de Costa, Rodrigues e Santos (2024) pode-se dizer que a presença do ente querido falecido mantém-se simbolicamente na psique do enlutado, manifestando-se através de sonhos, onde o falecido aparece de maneira arquetípica, gerando comunicação inconsciente. Rituais fúnebres permitem reviver e ressignificar a relação, colocando o luto como um aspecto dinâmico, sendo o caminho para a cura e adaptação à nova realidade.

Conclusão: Em suma, a abordagem junguiana evidencia que a presença do ente querido persiste simbolicamente, transcendendo a ausência física. Por meio de arquétipos, símbolos e rituais, o enlutado reconstrói sua identidade e atribui sentido à perda. Esse processo transforma a dor em um caminho de crescimento e renovação psíquica.

Referências

CIPRIANO, M. E. S.; SOUZA, M. R. Hades: a morte como processo de transformação e renascimento na perspectiva da psicologia analítica. Self - **Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, São Paulo, v. 8, p. e005, 2023. DOI: 10.21901/2448-3060/self-2023.vol8.188. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/188>. Acesso em: 16 maio 2025.

COSTA, K. V. M.; RODRIGUES, P. D. N. S.; SANTOS, D. A. **Caminhos do luto navegando pelas emoções da perda do cônjuge: uma análise junguiana**. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Centro de Educação Superior Mais, Inhumas, GO, 2024.

GOMES, S. R. S.; MEDEIROS, M. M. de. **Concepções da morte: da Idade Média ao mundo contemporâneo**. In: ENCONTRO NACIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA (ENIC), 14., 2015, Dourados. *Anais [...]*. Dourados: UEMS, 2015. p. 1-12. Disponível em: <https://anaisonline.uems.br/index.php/enic/article/view/2319/2295>. Acesso em: 20 mar. 2025.

JUNG, C. G. A alma e a morte. In: JUNG, C. G. **A dinâmica do inconsciente: a natureza da psique**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 391-395.

JUNG, C. G.. **O Eu e o Inconsciente**. Trad. de J. P. de Oliveira. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1959. p. 231.

SANTANA, C. B. et al. A história da morte no ocidente e o contexto social como fator de risco para o suicídio. **Ambiente Acadêmico**, Cachoeiro de Itapemirim, v. 1, n. 2, p. 42-58, 2015. Disponível em: <https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2018/04/revista-ambiente-academico-edicao-2-artigo-3.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2025

ESPIRITUALIDADE E FÉ NO PROCESSO DE INDIVIDUAÇÃO: UMA PERSPECTIVA JUNGUIANA

Camila Juliana Batista Nakasato¹; João Paulo Martins²; Marta Alice Nelli Bahia³

¹Aluna de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – FIB – caju.nakasato@gmail.com;

²Professor do curso de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia– Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA.

Palavras-chave: fé; espiritualidade; numinoso; *religare*; individuação.

Introdução: No processo de individuação, um conceito central na teoria junguiana, a espiritualidade e a fé desempenham papéis essenciais, na medida em que auxiliam o indivíduo a integrar aspectos conscientes e inconscientes da psique. A espiritualidade pode ser entendida como a busca por transcendência, sentido e conexão com algo superior, enquanto a fé se refere à confiança ou crença em algo que vai além da experiência racional, frequentemente relacionada ao divino ou à capacidade de encontrar significado na vida (Alencar *et al.*, 2021). Chiarelo (2022) sugere que a fé pode ser uma ferramenta terapêutica importante, pois oferece ao paciente uma maneira de lidar com os conflitos internos e as dificuldades emocionais, proporcionando-lhe recursos para a superação de crises existenciais. A importância da espiritualidade no processo de individuação, conforme esclarece Alencar *et al.* (2021), ela oferece ao indivíduo os recursos necessários para enfrentar os conflitos internos e as adversidades da vida, guiando-o em direção a uma maior compreensão de si mesmo e de sua relação com o universo.

Objetivos: Investigar como a espiritualidade e a fé, à luz da psicologia analítica de Carl Gustav Jung, atuam como forças psíquicas fundamentais no processo de individuação, promovendo a reconciliação do indivíduo consigo mesmo e com o transcendente.

Relevância do Estudo: Este estudo contribui para ampliar a compreensão da interface entre psicologia e espiritualidade, ressaltando sua importância na prática clínica. Autores como Chiarelo (2022) e Gewehr (2021) destacam que a fé pode ser compreendida como recurso terapêutico significativo, capaz de favorecer resiliência e transformação. Assim, a pesquisa reforça a relevância acadêmica e prática do tema.

Materiais e métodos: Tratou-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, realizada por meio de levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicos: LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SCIELO (Scientific Electronic Library Online) e PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), além de obras clássicas de Jung e autores pós-junguianos. Incluíram-se nesta revisão estudos da língua portuguesa, espanhola e inglesa publicados com mais de 10 anos, visto a escassez de produção científica sobre o tema proposto pela pesquisa, e excluídos estudos que não indicaram informações pertinentes ao tema, artigos duplicados, e aqueles não apresentados na íntegra.

Resultados e discussões: Os resultados permitem identificar três eixos principais: (1) a espiritualidade e a fé como forças integradoras atuando no processo de individuação, oferecendo suporte diante de crises existenciais, promovendo resiliência, confiança e regulação psíquica. (Alencar *et al.*, 2021; Chiarelo, 2022); (2) o numinoso e a experiência

simbólica do sagrado como manifestações arquetípicas que emergem por meio de mitos, signos e sonhos, promovendo o contato com dimensões profundas do inconsciente, desencadeando processos de ressignificação, cura e transformação psicológica (Gewehr, 2021; Miranda, 2019); (3) aplicações clínicas da fé e espiritualidade, nas quais destacam-se a relevância de integrar a fé ao processo terapêutico como recurso legítimo, reconhecido por Jung (2012), Von Franz (2022) e outros autores pós-junguianos (Lemos, 2014). Conforme Silveira (2023), Jung diz que a religiosidade e a espiritualidade atuam como formas de "religare", reconectando o indivíduo com seu inconsciente e com as forças universais que permeiam a psique humana. De acordo com Silveira (2023), a espiritualidade pode ser vista como o caminho para o "religare", onde o indivíduo não apenas se reconcilia com suas próprias sombras, mas também encontra um sentido mais profundo para sua existência, alcançando a totalidade psíquica e a integração do self.

Conclusão: Conclui-se que espiritualidade e fé atuam como forças psíquicas fundamentais, além de constituírem dimensões essenciais na psicologia analítica, atuando como caminhos de integração psíquica e realização do Self. Assim, este estudo evidencia a relevância do tema e sugere aprofundar a investigação de suas aplicações na clínica contemporânea.

Referências

ALENCAR, L. L. T. V.; JESUÍNO, F. de M.; SILVA, A. N. A importância da Espiritualidade como construtora do processo de individuação. **Revista Pró-UniverSUS**, v. 12, n. 1, p. 94-99, 2021. Disponível em:

<https://revistas.univas.edu.br/index.php/prouniversus/article/view/585>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CHIARELO, Richard Garcia. **Fé e espiritualidade na saúde mental: a importância da fé e da espiritualidade para o processo terapêutico**. 2022. 60 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Faculdade Anhanguera, Campinas, 2022. Disponível em:

https://www.academia.edu/81653563/RICHARD_GARCIA_CHIARELO_F%C3%89_E_ESPIRITUALIDADE_NA_SA%C3%9ADE_MENTAL_A_IMPORT%C3%82NCIA_DA_F%C3%89_E_DA_ESPIRITUALIDADE_PARA_O_PROCESSO_TERAP%C3%8AUTICO. Acesso em: 31 mar. 2025.

GEWEHR, R. B. Além do cristianismo: Sobre a função religiosa no pensamento de C. G. Jung. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 1-23, abr. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472021000100008. Acesso em: 31 mar. 2025.

LARANJEIRA, G. C. Entre o ópio e o numinoso: um diálogo sobre religiosidade, experiência religiosa e religião. **Self – Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, v. 9, n. 1, 2024. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/181>. Acesso em: 31 mar. 2025

MIRANDA, P. C. G. Jung e a religião. **Self - Revista do Instituto Junguiano de São Paulo**, v. 4, n. 1, 2019. DOI: 10.21901/2448-3060/self-2019.vol04.0008. Disponível em: <https://self.ijusp.org.br/self/article/view/35>. Acesso em: 31 mar. 2025.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

EDUCAÇÃO PRECÁRIA NAS ESCOLAS PÚBLICAS E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E EMOCIONAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Heloísa de Faria Lizabello¹; Everton Santos Pereira da Silva²; Carolina Tarcinalli Souza³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – helofarializabello@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – evertonsantos00799@gmail.com;

³Professora de Fisioterapia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – caroltar11@hotmail.com;

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Educação precária, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento emocional, escolas públicas, vulnerabilidade social, desigualdade.

Introdução: A educação é um dos principais fundamentos para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. No entanto, no contexto brasileiro, diversas escolas públicas enfrentam desafios significativos relacionados à infraestrutura inadequada, falta de recursos didáticos e escassez de profissionais qualificados. Essas limitações estruturais e pedagógicas comprometem consideravelmente o processo de aprendizagem, além de afetar negativamente o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes. Alguns estudos apontam que crianças expostas a ambientes escolares precários apresentam maiores dificuldades de concentração, baixo desempenho acadêmico e maiores chances de terem problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão (Barbosa, 2018; Souza; Panúncio-Pinto; Fiorati, 2019)

Objetivos: Identificar quais os impactos da educação precária no desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças e adolescentes.

Relevância do Estudo: Diversas escolas públicas brasileiras enfrentam algumas limitações pedagógicas, estruturais e sociais, comprometendo a qualidade ensino de crianças e adolescentes. O presente cenário pode trazer impactos significativos no desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Este estudo busca compreender como a precariedade do ambiente escolar pode impactar negativamente o processo de aprendizagem e a saúde mental dos estudantes.

Materiais e métodos: O presente estudo consiste em uma revisão de literatura narrativa sobre os impactos da educação precária no desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças e adolescentes. A pesquisa foi realizada nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO). Para a busca de artigos, foram utilizados os seguintes descritores: "educação precária", "desenvolvimento cognitivo", "desenvolvimento emocional", "escolas públicas" e "saúde mental infantil", sendo selecionados nos idiomas português, inglês e espanhol, dos últimos dez anos.

Resultados e discussões: A análise dos estudos selecionados revela que a precariedade nas escolas públicas brasileiras está relacionada a inúmeros fatores que prejudicam o desenvolvimento cognitivo e emocional dos alunos. Por exemplo, de acordo com Vasconcelos *et al.* (2020) a infraestrutura escolar e os investimentos públicos em educação no Brasil são determinantes para o desempenho educacional, indicando que escolas com melhores condições físicas e recursos tendem a apresentar melhores resultados acadêmicos e maior permanência escolar. Hoje, é recorrente falta de recursos materiais e pedagógicos adequados que dificultam a implementação de práticas pedagógicas eficientes, resultando em um ambiente de aprendizagem pouco estimulante. Bolsoni-Silva; Perallis; Nunes (2018)

destacam a importância de mecanismos pessoais e coletivos que promovem proteção e qualidade de vida para a infância e adolescência, ressaltando que a ausência destes pode comprometer o desenvolvimento saudável dos estudantes. Além disso, o trabalho precoce interfere no processo de escolarização de crianças e adolescentes, levando à evasão, atraso escolar e prejuízos no aprendizado. Para Bolsoni-Silva, Loureiro e Marturano (2016) mencionam que os problemas externalizantes incomodam mais os adultos e que, para os professores, tais comportamentos têm um impacto importante para a aprendizagem, o que pode fazer com que sejam mais discriminados. Entretanto, Fonseca *et al.* (2019) discutem as situações de vulnerabilidade na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção, enfatizando a importância da escola como espaço de proteção e promoção da cidadania, no entanto, reconhecem a falta de políticas eficazes e a precariedade das escolas, agravando a situação de estudantes em contextos de vulnerabilidade, afetando seu desenvolvimento integral.

Conclusão: Após longa revisão literária, conclui-se que a educação precária nas escolas públicas brasileiras exerce um forte impacto no desenvolvimento cognitivo e emocional de crianças e adolescentes. A falta de recursos pedagógicos e apoio psicossocial aliado à deficiências estruturais e políticas públicas criam um ambiente desfavorável à aprendizagem e ao bem-estar dos estudantes. É fundamental que políticas públicas sejam implementadas para melhorar as condições das escolas públicas, garantindo uma educação de qualidade que promova o desenvolvimento integral dos alunos.

Referências:

BARBOSA, M.G. Educação, vida precária e capacitação. **Educação & Sociedade**, v. 39, n. 144, p. 584-599, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/7Mst9xNwvxGTtMBFgMv5jbp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2025.

BOLSONI-SILVA, A.T; LOUREIRO, S.R; MARTURANO, E. M. Comportamentos internalizantes: associações com habilidades sociais, práticas educativas, recursos do ambiente familiar e depressão materna. **Psico**, v. 47, n. 2, p. 111-120, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5633145>. Acesso em: 05 out. 2025.

BOLSONI-SILVA, A.; PERALLIS, C.; NUNES, P. Problemas de comportamento, competência social e desempenho acadêmico: um estudo comparativo de crianças no ambiente escolar e familiar. **Trends in Psychology**, v. 26, n. 3, p. 1189-1204, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/rDLr9wSNNT6Jf5k3jRvVYTs/?lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2025.

SOUZA, L. B.; PANÚNCIO-PINTOM.P.; FIORATI, R. C. Crianças e adolescentes em vulnerabilidade social: bem-estar, saúde mental e participação em educação. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 251-269, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadbto/a/yLRT3x4JrDbH6T4djNw95DR/?lang=pt>. Acesso em: 05 out. 2025.

VASCONCELOS. J.C. *et.al.* Infraestrutura escolar e investimentos públicos em Educação no Brasil: a importância para o desempenho educacional. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v.29, n.113, p. 874-898, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/w9HwRXMQ3FVZ9fzJJKBgLLt/?lang=pt>. Acesso em: 21 mai. 2025.

PROJETO “COLORINDO EMOÇÕES”

Maria Eduarda de J. Alampi¹; Francislene R. Marques da Silva²; Thomas Duarte de Agostini³; Marta Alice Nelli Bahia⁴.

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mariae.alampi@gmail.com; ²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – francislene.marques.psi@gmail.com;

³Supervisor de estágio – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais – APAE – thomasduarte.psic@outlook.com; ⁴Professora de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA.

Palavras-chave: psicologia, projeto, emoções, atividades artísticas.

Introdução: No DSM-5, a Deficiência Intelectual (DI) é caracterizada por limitações significativas nos domínios conceituais, sociais e práticos do comportamento adaptativo e no próprio funcionamento intelectual do indivíduo, apresentando dificuldades relacionadas ao autocontrole do comportamento, emoções ou relações interpessoais, por exemplo. Já o Transtorno do Espectro Autista (TEA), possui características variadas, que podem incluir dificuldades em habilidades de comunicação e interação social; padrões restritos e repetitivos de comportamentos, interesses ou atividades; entre outras (APA, 2014). Neste sentido, a literatura vem destacando a arteterapia para trabalho de aspectos socioemocionais nesses indivíduos. De acordo com Leonel e Leonardo (2014), a expressão artística é uma metodologia usual para promoção do desenvolvimento emocional, comunicativo e social. Da mesma forma, Souza e De Carvalho (2013), acrescentam que o uso de atividades como a pintura, a modelagem, a colagem e o desenho livre é uma ferramenta terapêutica eficaz na mediação do sujeito com o meio. Segundo Santos e Amancio (2024), tal ferramenta atua como instrumento facilitador na elaboração e expressão de sentimentos e pensamentos, bem como na sensação de acolhimento e segurança do indivíduo favorecendo interações mais espontâneas. Por fim, Morgenstern *et al.* (2022) destacam ainda que os jogos e atividades lúdicas impulsionam o desenvolvimento integral do sujeito.

Objetivos: Apresentar o projeto de estágio relacionado ao reconhecimento e a expressão de emoções (alegria, tristeza, raiva, medo e nojo) realizado por meio de encontros com atividades artísticas e sensoriais adaptadas, favorecendo o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e de interação social aos alunos internos do serviço-escola da instituição.

Relevância do Estudo: Difundir o projeto de estágio direcionado ao desenvolvimento de repertórios socioemocionais em alunos da instituição, com intuito de apresentá-lo à estudantes e/ou profissionais da área da saúde estimulando o desenvolvimento de pesquisas futuras.

Materiais e métodos: Projeto realizado em 6 encontros (de 40 a 50 minutos) com 5 alunos (8 a 13 anos) da instituição com diagnóstico de TEA e DI, utilizando-se de mediação direta, comandos simples e estímulos visuais. O ambiente foi estruturado de acordo com a atividade planejada e os materiais utilizados foram: argila, tela, esponja, tinta guache, jogos, imagens referentes aos personagens do filme “Divertidamente”, entre outros recursos.

Resultados e discussões: Em todos os encontros, durante a realização das atividades, as estagiárias buscavam elucidar a emoção trabalhada com exemplos cotidianos para os alunos, utilizando linguagem simples e objetiva. No encontro 1, ocorreu a apresentação das estagiárias a eles seguida de uma breve explicação sobre o projeto e sobre as emoções a serem trabalhadas (alegria, tristeza, raiva, medo e nojo). Além disso, realizou-se uma atividade introdutória de colagem em que cada indivíduo foi direcionado a escolher uma

emoção para retratá-la e pintá-la posteriormente, abrindo um espaço, após o encerramento da colagem, para que cada aluno contasse quando se sente daquela forma. Os demais encontros foram estruturados para trabalhar cada emoção de forma individual. Assim, o encontro 2 pautou-se na emoção Alegria, com uma atividade de modelação em argila. Ela foi disponibilizada para que os alunos sentissem e se familiarizassem à textura modelando-a livremente. Depois, apresentou-se emojis que remetessem à emoção para que eles reproduzissem na argila. Suas modelações foram guardadas para pintura no encontro 6. Para o encontro 3, propôs-se pintura com esponja, apenas com a cor azul, de uma imagem da personagem Tristeza do filme “Divertidamente”. Em seguida, lhe foram entregues massinha para modelagem livre, propiciando um momento de interação social. No encontro 4, primeiro foi disponibilizado uma imagem da emoção Raiva presente no filme para que eles a colorissem com lápis de cor e fizessem colagens com celofane vermelho no fogo característico que sai da cabeça do personagem quando fica irritado. Depois, foi proposta uma partida dos jogos “torre inteligente” e “caiu, perdeu” para trabalhar com regras, cores e desenvolver sua tolerância à frustração. No encontro 5, trabalhou-se o Medo com a disponibilização de uma tela em branco e tinta guache para que cada um deles representasse situações e/ou objetos que lhe causam essa emoção. Além disso, realizou-se uma dinâmica de adivinhação em que os alunos eram expostos a uma caixa com algum animal (de brinquedo) que poderiam lhe causar medo, como: lagartixa, aranha, cobra, entre outros, sendo estimulados a adivinharem o que estavam tocando. Por fim, no encontro 6, trabalhou-se a emoção Nojo, utilizando-se de uma abordagem voltada a higiene pessoal para conversas sobre o tema e de um jogo da memória sobre saúde bucal. Depois, as estagiárias entregaram a argila feita no segundo encontro da emoção Alegria para que eles a pintassem, recapitulando tudo o que foi trabalhado até o momento para encerramento do projeto.

Conclusão: Conclui-se que o projeto foi importante por promover novas experiências para os alunos a partir do uso de mediação sensorial e recursos artísticos, estimulando ainda habilidades relacionadas a coordenação motora fina, capacidade de reprodução, organização e permanência na tarefa. Em adição, pode-se dizer que nos encontros realizados, a comunicação interpessoal foi desenvolvida no público-alvo e a associação das emoções com suas expressões e cores representativas foi alcançada.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5. 5ed. **Artmed**: Porto Alegre, p. 33-86, 2014.

LEONEL, W. H. S.; LEONARDO, N. S. T. Concepções de professores da Educação Especial (APAEs) sobre a aprendizagem e desenvolvimento do aluno com Deficiência Intelectual: um estudo a partir da teoria vigotskiana. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 20, n. 4, p. 541-554, 2014.

MORGENSTERN, T. L. et al. Deficiência Intelectual e o uso de ferramentas lúdicas no ensino de ciências. **Anais do Instituto Federal de Farroupilha**, 2022.

SANTOS, L. C.; AMANCIO, G. E. A importância da arte-terapia como intervenção terapêutica para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista FT**, v. 29, 2024.

SOUZA, C. F. S.; DE CARVALHO, N. D. Arteterapia e inclusão da pessoa com Deficiência Intelectual: tecendo relações. **VII Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade, Educação e Inclusão**, São Cristóvão, p. 1-11, 2013.

A “MÃE SUFICIENTEMENTE BOA” NA CONTEMPORANEIDADE

Julia Belchior Pranuvi¹; Eduardo Fraile Barros²; Cristiane Araújo Dameto³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB julia.pranuvi@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB edu.fbarros@hotmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB crisdameto@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Mãe suficientemente boa; mulher contemporânea; desafios; maternidade.

Introdução: A teoria da mãe suficientemente boa postulada pelo psicanalista inglês Donald Woods Winnicott ofereceu uma nova perspectiva sobre a mãe para a psicanálise, focando nos cuidados emocionais e não no desejo sexual. O conceito em questão descreve o estágio do infante onde este ainda não separou sua individualidade da atenção materna, analisando quais as características de zelo maternal são melhores para o desenvolvimento do ego da criança. Nesse momento da infância o jovem necessita que a mãe tenha empatia o suficiente para compreender suas necessidades fisiológicas básicas (e consequentemente psicológicas), levando em consideração suas sensibilidades, a rotina de cuidado requerida e as mudanças físicas do menor (Winnicott, 1960). Entretanto, a visão de mãe passou por diversas transformações históricas no âmbito familiar e trabalhista, mudando completamente as condições da mulher contemporânea para a criação de um filho, com papéis sociais mais ativos na sociedade e aumento da pressão sobre essa mulher como sujeito ativo da sociedade, dificultando essa genitora de ser suficientemente boa como sugere Winnicott (Lobo, 2008).

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre os desafios da mulher contemporânea em ser uma mãe suficientemente boa, com base na perspectiva da teoria da personalidade de Winnicott.

Relevância do Estudo: O entendimento das adversidades na vida da mulher moderna, resultando em entraves na maternidade, é imprescindível para libertar a genitora do lugar de culpa em relação à criação de um filho. Com esse propósito, abre-se espaço para uma análise acerca do ambiente em que a mulher atual é exposta e as pressões sofridas por esta no decorrer da função materna.

Materiais e métodos: Tratou-se de uma revisão de literatura a partir das bases de dados Scielo (Scientific Eletronic Library Online), Pepsic (Periódicos de Psicologia) e a ferramenta de buscas Google Acadêmico, com artigos em português realizados nos últimos 10 anos. Excepcionalmente, foram incluídos um artigo de 2008 na língua portuguesa, e um artigo na língua inglesa de 1960, devido à pertinência teórica para a contextualização do tema.

Resultados e discussões: A análise de relatos online sobre maternidade em fóruns feita por De Azevedo (2017) revela a ambivalência nos sentimentos de mães contemporâneas em relação a criação dos filhos, carregada por culpa, medo e julgamentos. O estudo revela como a idealização da “mãe feliz” não segue o curso natural da maternidade atual: cheia de desafios e empecilhos (como o caso de mães solo, ou como as que trabalham enquanto criam um filho). A autora, portanto, conclui que as mães ouvidas nos relatos vivem o papel materno da “mãe suficientemente boa”, porém, também vivenciam o apagamento de suas identidades e liberdade individual, refletido em sensações de culpa e incertezas (De Azevedo, 2017). Paralelamente, uma pesquisa longitudinal sobre a experiência materna ao cuidar de crianças no período de dependência (Sehn; Lopes, 2019) mostra o cansaço, a dificuldade e a

sobrecarga de mães nesse momento ao conciliarem atividades voltadas à criança com seus posicionamentos no mercado de trabalho. Grande parte das mães avaliadas nessa pesquisa relatam a abdicação da carreira profissional para focarem na maternidade, acompanhadas de frustração e culpa por não conseguirem seguir com sua função trabalhista. Outrossim, algumas mulheres revelam que mesmo continuando suas ocupações encontram conflitos com seus dirigentes, dados os imprevistos e tempo requerido fora do trabalho para exercerem a maternidade. Sendo assim, o estudo conclui que as genitoras passam por grande frustração ao não conseguirem seguir plenamente sua jornada profissional por conta da maternidade, deixando essa mais exaustiva e culposa (Sehn; Lopes, 2019).

Por fim, após as análises apresentadas acerca das mães atuais com seus sentimentos e diferenças, é importante compreender a maternidade contemporânea como uma vivência multifacetada, com várias formas de ser experienciada. Ela é um campo dinâmico e plural de subjetivação influenciada pelo passado, mas principalmente pelas mudanças culturais e sociais do mundo moderno, permitindo várias possibilidades de existência da função materna (Lemos; Kind, 2017).

Conclusão: Portanto, a teoria da “mãe suficientemente boa” proposta por Winnicott (1960) tem extrema importância ao abordar as responsabilidades da mãe aos cuidados de um infante, mas destaca-se aqui os antecedentes para que esta genitora possa oferecer estes cuidados. Sob uma ótica atual e realista, a mulher contemporânea é totalmente capaz de oferecer suficiência na função materna, porém os desafios encontrados no caminho pela genitora são marcados por uma maternidade subjetiva, cheia de frustrações e culpa. A mãe atual é resiliente e incansável, cheia de cuidados e carinho, ainda que seja difícil para ela enxergar o valor de seus esforços e seus resultados.

Referências

- WINNICOTT, D. W. The Theory of the Parent-Infant Relationship. **International Journal of Psycho-Analysis**, Londres, v. 41, p 585–595, nov 1960. Disponível em: <https://tcf-website-media-library.s3.eu-west-2.amazonaws.com/wp-content/uploads/2021/09/21095241/Winnicott-D.-1960.-The-Theory-of-the-Parent-Infant-Relationship.-International-Journal-of-Psycho-Analysis.-411.-pp.585-595-1.pdf>. Acesso em: 2 de out de 2025.
- LOBO, S. As Condições de Surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v.42, n. 4, p. 67-74, dez. 2008. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 07 de out de 2025.
- DE AZEVEDO, A. R. “**Amo meu filho mas odeio ser mãe**”: Reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea. 2017. 33 p. Monografia (Curso de Especialização em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.
- SEHN, A. S; LOPES, R. DE C. S. A Vivência Materna da Função de Cuidar no Período de Dependência da Criança. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 35, n. esp, e35nspe8, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe8>. Acesso em: 10 de out de 2025.
- LEMONS, R. F. S.; KIND, L. Mulheres e maternidade: faces possíveis. **Estud. Pesqui. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 840-859, dez. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-42812017000300003&script=sci_abstract. Acesso em: 10 de out de 2025.

DEPENDÊNCIA DIGITAL EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Eduardo Fraile Barros¹; Julia Belchior Pranuvi²; Ms Vera Lucia Luvizutto Okubo³

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – edu.fbarros@hotmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – julia.pranuvi@gmail.com

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – veraokubo@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: dependência digital, mídias sociais, saúde mental, adolescentes

Introdução: Neste contexto sociocultural, crianças vivem conectadas e utilizam dispositivos móveis em todos os lugares, tornando natural o surgimento da dependência digital, ainda que seus prejuízos nem sempre sejam reconhecidos (SCHNEIDER; SANTOS; SANTOS, 2020). No Brasil, 24% acessam a internet até os seis anos e 95% dos jovens de 9 a 17 anos utilizam o celular como principal meio (CGI.br, 2023). Assim, é essencial compreender os impactos desse fenômeno no desenvolvimento mental e social infantojuvenil.

Objetivos: O estudo objetiva analisar a literatura recente sobre dependência digital, com foco nos efeitos do uso excessivo de mídias sociais em crianças e adolescentes, destacando riscos psicossociais, padrões de comportamento e estratégias de prevenção.

Relevância do Estudo: O uso excessivo da internet desde a infância pode causar sérias consequências emocionais e sociais, como isolamento, ansiedade, depressão e queda no desempenho escolar. O fácil acesso aos dispositivos digitais e a constante exposição às redes sociais tornam o ambiente virtual parte da rotina dos jovens, muitas vezes substituindo interações presenciais e atividades educativas. Segundo Loutfi e Siqueira (2024), o vício em redes sociais compromete funções cognitivas e afetivas e afeta as relações interpessoais, configurando-se como dependência comportamental. O estudo busca compreender esse processo mental relacionado à tecnologia e incentivar estratégias sociais, familiares e educativas que promovam o equilíbrio entre o uso cotidiano e o excesso.

Materiais e métodos: O presente estudo é uma revisão narrativa da literatura publicada entre 2019 e 2024. Foram incluídas revisões integrativas (CAVALCANTE; VIANA, 2024), estudos longitudinais, relatórios estatísticos (CGI.br, 2024) e pesquisas que validaram instrumentos como o Social Media Addiction Test (SMAT) (LOUTFI; SIQUEIRA, 2024). As fontes analisadas possibilitaram compreender diferentes perspectivas sobre os efeitos da dependência digital em crianças e adolescentes.

Resultados e discussões: Foi constatado que a dependência de crianças e adolescentes em relação à tecnologia digital afeta suas vidas, sua rede de relações sociais e está influenciando a educação. Computadores permitem que crianças aprendam e se comuniquem com outras pessoas, mas o uso precoce e extensivo trará problemas para elas, que seus pais ou o futuro da educação como um todo devem levar a sério. O contato constante com telas diminui a faculdade de atenção, as horas de sono e resulta em um cérebro emocionalmente estagnado; esse tipo de existência pode prejudicar as habilidades sociais e a autodisciplina. O uso excessivo de mídias digitais pode resultar em sintomas de ansiedade, tristeza ou raiva entre adolescentes (CAVALCANTE & SILVA, 2024; LOUTFI & SIQUEIRA, 2024; SCHNEIDER & SANTOS & SANTOS, 2020). No Brasil, 34% dos jovens obtêm informações sobre humor ou saúde através da mídia; 95% das crianças brasileiras com idades entre 9 e 17 anos usam

a internet, mas 20% usam somente em telefones móveis (CGI.br, 2023). Essa tendência representa um padrão de comportamento cada vez mais individualizado por parte do aprendiz, que agora muitas vezes substitui experiências presenciais por virtuais. Além disso, o uso excessivo leva ao isolamento, diminui o desempenho escolar e fortalece o desejo por aprovação social, especialmente em redes sociais. As redes sociais, embora ampliem a comunicação e ganhem pontos de reconhecimento, também prejudicam a autoidentidade e reduzem ligeiramente a qualidade das conexões pessoais. Nesse ambiente, a prevenção deve basear-se em diálogos familiares, ética da prudência e políticas públicas voltadas para fomentar atitudes responsáveis em relação à tecnologia digital. Sob esse ponto de vista, o futuro da educação e da saúde mental deve focar em criar novas estratégias pedagógicas que guiarão as gerações mais jovens no uso consciente de mídias digitais, criando assim uma independência de equanimidade emocional em relação à dependência ao forjarem novas relações sociais mais saudáveis

Conclusão: A dependência digital em crianças e adolescentes causa ansiedade, depressão e prejuízos sociais e escolares. O uso precoce da internet e a busca por validação em redes sociais ampliam esses riscos. A mediação familiar e práticas educativas são essenciais para prevenção, enquanto políticas públicas, como a TIC Kids Online, contribuem para reduzir desigualdades e promover o uso saudável da tecnologia.

Referências –

- CAVALCANTE, Denison Silva; VIANA, Helena Brandão. Dependência digital de crianças e adolescentes em pesquisas longitudinais: uma revisão integrativa. *Internet Latent Corpus Journal*, v. 14, n. 1, p. 256-270, 2024. DOI: <https://doi.org/10.34624/ilcj.v14i1.35974>
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). TIC Kids Online Brasil 2023: crianças estão se conectando à Internet mais cedo no país. *Cetic.br – Notícias*, São Paulo, 25 out. 2023.
- Disponível em: <https://cetic.br/pt/noticia/tic-kids-online-brasil-2023-criancas-estao-se-conectando-a-internet-mais-cedo-no-pais/>. Acesso em: 01 out. 2025.
- COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL (CGI.br). *TIC Kids Online Brasil 2024: pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil*. São Paulo: NIC.br, 2024.
- Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores/>. Acesso em: 01 out. 2025.
- LOUTFI, Samira; SIQUEIRA, José. Social Media Addiction Test (SMAT): construção e validação de instrumento para avaliação da dependência de mídias sociais em adolescentes brasileiros. *Revista Brasileira de Psicologia*, v. 11, n. 2, p. 45-60, 2024. Disponível: <file:///C:/Users/edufb/Downloads/Artigo+263263.pdf>
- SCHNEIDER, Henrique Nou; SANTOS, Jacques Fernandes; SANTOS, Vinicius Silva. Cultura juvenil, dependência digital e contingência. *Revista Científica do UniRios* (RIOS), v. 14, n. 23, p. 41–54, 2020.
- Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2020/23/cultura_juvenil_dependencia_digital_e_contingencia.pdf. Acesso em: 01 out. 2025.

INTERVENÇÕES DE BASE COMPORTAMENTAL PARA TRATAMENTO DE TRANSTORNO DE ESTRESSE PÓS TRAUMÁTICO (TEPT) EM ADULTOS

Elisa Mariana Passos de Oliveira¹, Renata de Almeida Moraes Possato²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – elisampo987@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
renatagarcia.moraes@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psychological intervention; behavioral; post-traumatic stress disorder

Introdução: O Transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) é uma condição médica classificada dentro dos transtornos ansiosos, diferenciando-se, principalmente, por ser precedido por um trauma (Figueira; Mendlowicz, 2003). Ele é caracterizado pela manifestação de sintomas após a exposição, direta ou indireta, a uma ou mais situações traumáticas (DSM-V TR, 2022). São sintomas: a sensação de reviver a experiência traumática com predominância do medo, alterações comportamentais e emocionais, estados de humor anedônicos ou disfóricos e cognições negativas, excitação e externalização reativa, ou ainda sintomas dissociativos (DSM-5-TR, 2022). O transtorno afeta a capacidade de envolvimento social e prejudica a funcionalidade do indivíduo, o que o caracteriza como uma questão de saúde pública (Duran *et al.* 2020). A análise do comportamento é uma ciência e abordagem de análise e aplicação que se baseia na teoria behaviorista radical, busca compreender comportamentos, sentimentos e pensamento humanos, sendo assim, uma possibilidade de reflexão acerca do TEPT. Sua principal representante foi Burrhus Frederic Skinner (Carmo; Ribeiro, 2012). Com o desenvolvimento da teoria de Skinner e a contribuição de diversos autores desde então, as elaborações conceituais sobre o comportamento humano ganharam espaço prático na atuação clínica de psicoterapia comportamental (Donadone; Meyer, 2005). Nessas intervenções clínicas, o uso das técnicas deve ser adicionado ao saber teórico de qualidade e ao entendimento das metodologias que fundamentam o trabalho. Considerando esse pressuposto para uma atuação eficaz, surge a necessidade de analisar as intervenções mais utilizadas atualmente e se os resultados dessas implementações corroboram com a continuidade de seu uso (Calais; Bolsoni-Silva, 2008).

Objetivos: Revisar de maneira sistemática o método e eficácia das intervenções baseadas na Análise Comportamental para adultos em tratamento do TEPT.

Relevância do Estudo: A variedade de técnicas interventivas pode levar ao uso indiscriminado das mesmas e problemas na área da saúde caso não haja fiscalização e comprovação dos métodos utilizados (Baptista, 1999). Uma prática de sucesso depende do encaixe adequado entre o contexto clínico e a técnica, assim como a análise dos dados deve ser realizada conforme critérios de qualidade para que o método seja considerado relevante no tratamento (Donadone; Meyer, 2005). Dessa maneira, é importante realizar pesquisas que contribuam para a revisão das intervenções utilizadas no tratamento do TEPT em adultos, especialmente aquelas baseadas na Análise Comportamental. O foco nessa abordagem se justifica pela variedade de práticas desenvolvidas nos últimos anos na área, com o objetivo de tratar sintomas relacionados a traumas e fobias.

Materiais e métodos: Revisão sistemática acerca das intervenções psicológicas de base comportamental recentes para o tratamento de TEPT, em adultos, produzida entre fevereiro e novembro de 2025. A coleta de dados foi realizada nas seguintes bases de dados eletrônicas: PubMed, BVS, Cochrane Library e APA PsycNet. A seleção foi feita, a partir do uso das palavras-chave no modelo de busca avançada com o uso do operador booleano

“AND” em todos os campos de consulta. Para a seleção dos resultados foram utilizados os filtros de língua portuguesa e inglesa, livre acesso, faixa etária em adultos, material completo, artigo de estudo clínico e restrito aos publicados nos últimos 5 anos (2020-2025).

Resultados e discussões: Os resultados desta pesquisa se encontram em andamento. A análise será feita a partir dos seguintes critérios: Autores; ano de publicação; idade dos participantes; número de participantes; comorbidades; técnica e ferramentas de intervenção; modalidade; número de sessões; profissionais envolvidos; tipo de seleção; objetivo da pesquisa; desfecho; fidedignidade e limitações do estudo; parâmetros de evidência científica da intervenção. Quanto à idade, todos têm adultos como público participante e, daqueles materias com idade media especificada, 92% possuíam idade média acima de 30 anos. Referente ao número de participantes dos estudos, o predomínio com 56% é da faixa mediana de 100 a 300 pessoas. As amostras altas com mais de 300 integrantes compreendeu apenas 17%. Ademais, na análise das intervenções e ferramentas terapêuticas, todos os ensaios contêm ao menos uma técnica psicoterapêutica baseada na abordagem comportamental ou conceitos derivados da área. O predomínio foram de terapias fundamentadas na TCC, presentes em 96% das pesquisas. Os materiais restantes serviram-se da técnica Dessensibilização e Reprocessamento por Movimentos Oculares (EMDR) como meio de intervenção. A ferramenta mais aplicada no contexto da TCC foi a Terapia de Exposição, com 24% de frequência.

Conclusão: Esta revisão sistemática, ancorada na Análise Comportamental e em pesquisas recentes quanto a intervenções em tratamentos psicológicos para TEPT em adultos, se encontra em andamento, contudo, os achados preliminares indicam uma prevalência de investigação dentro da faixa etária acima de 30 anos, com amostras abaixo de 300 participantes e uso significativamente elevado de técnicas de base cognitivo-comportamental, somadas a terapia de exposição para a intervenção no quadro.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5: texto revisado**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CALAIS, S. L.; BOLSONI-SILVA, A. T. Alcance e limites das técnicas comportamentais: algumas considerações. **Análise do Comportamento: Avaliação e Intervenção**. São Paulo: Roca, 2004. Capítulo 2, p. [15-29]. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/262178714>. Acesso em: 29 mar. 2025.

DONADONE, J. C.; MEYER, S. B. Orientação e Auto-orientação em Atendimentos de Terapeutas Analítico-comportamentais Experientes e Pouco Experientes. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 219–229, 2005. DOI: 10.31505/rbtcc.v7i2.31. Disponível em: <https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/31>. Acesso em: 29 mar. 2025.

DURAN, *et al.* Perfil de pacientes com diagnóstico de transtorno de estresse pós-traumático atendidos em um ambulatório de ansiedade e trauma. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v. 19, n. 4, p. 597-601, dez. 2020. DOI: 10.9771/cmbio.v19i4.42253.

FIGUEIRA, I.; MENDLOWICZ, M. Diagnóstico do transtorno de estresse pós-traumático. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 31-36, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/yhBZ6h6cv6fXpq88GzxV47q/>. Acesso em: 29 mar. 2025.

PREFERÊNCIAS E HABILIDADES: PROJETO DE ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL AOS PACIENTES DO CAPS AD III INFANTO-JUVENIL DE BAURU

Elaine Cristina Gomes de Moraes¹; Andreza Aparecida de Lima²; Marta Alice Nelli Bahia³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – moraes.e@gmail.com;

²Psicóloga do CAPS AD III infanto-juvenil e Supervisora do Estágio – andrezalima@bauru.sp.gov.br;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Orientação profissional, CAPS, Estágio Básico, Psicologia

Introdução: Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) constituem serviços de saúde de base comunitária, voltados à oferta de cuidado integral em saúde mental. Nesses espaços, uma equipe multiprofissional atua de forma interdisciplinar, com o objetivo de atender às demandas psicossociais dos usuários, incluindo aquelas relacionadas ao uso prejudicial de álcool e outras drogas (Brasil, [20--?]). Trata-se de um serviço de atenção à saúde mental mantido pelo SUS e sua importância decorre de sua função precípua, que é o acolhimento de indivíduos em sofrimento psíquico, promovendo sua reintegração social e familiar, bem como o desenvolvimento de sua autonomia. O CAPS é um dos principais legados da Reforma Psiquiátrica Brasileira e adota uma proposta de cuidado baseada no trabalho de uma equipe multiprofissional, na qual o psicólogo desempenha papel fundamental. O psicólogo atua de forma integrada com outros profissionais da equipe, participando desde o processo de acolhimento e da escuta clínica até o planejamento e a execução de projetos terapêuticos singulares, elaborados a partir das demandas individuais e coletivas dos usuários (CFP, 2022). No CAPS AD III infanto-juvenil de Bauru são atendidos adolescentes com idade inferior a 18 anos, o que possibilita a aplicação de atividades voltadas à orientação profissional, que é um processo cujo objetivo central consiste em auxiliar os indivíduos em relação às suas trajetórias de carreira, favorecendo tanto a ampliação da compreensão acerca das características das diferentes profissões quanto o aprofundamento do autoconhecimento (Ambiel; Martins; Hernández, 2018).

Objetivos: Aplicar um projeto de orientação profissional a alguns pacientes do CAPS AD III infanto-juvenil de Bauru para auxiliá-los na escolha profissional.

Relevância do Estudo: Justifica-se o desenvolvimento do projeto, tendo como base a faixa etária dos pacientes e a idade de encerramento do tratamento no CAPS AD III infanto-juvenil. Por isso, identificou-se a importância de um projeto que possa auxiliá-los na inserção ao mercado profissional, corroborando com a proposta do CAPS no processo de desenvolvimento da autonomia e reintegração social. Na orientação profissional, o foco central consiste, geralmente, em oferecer suporte ao orientando no processo de reconhecimento e compreensão de suas próprias características pessoais e vocacionais, com o propósito de minimizar seus níveis de indecisão (Ambiel; Martins; Hernández, 2018).

Materiais e métodos: Trata-se de um projeto de baixa complexidade que conta com base teórica sobre orientação profissional. A aplicação do projeto está sendo realizada no atual semestre, com alguns pacientes atendidos pelo CAPS ADIII, de ambos os gêneros, com faixa etária a partir dos 15 anos. Durante o atendimento com a psicóloga, ela convida o paciente a participar de atividades que envolvem técnicas projetivas, como o livro em forma de caixinha 'Profissão Futuro' (Frota; Guimarães, Kinn, 2021), a aplicação do teste VOPC (Zacharias; Prado Junior, 2020), que não é de uso restrito do psicólogo, e orientações sobre comportamento em processos seletivos.

Resultados e discussões: Para o desenvolvimento do projeto, o cronograma previa a aplicação das atividades, em quatro seções, a pelo menos dois pacientes do CAPS AD III. Porém, desde a formatação do projeto, previu-se possíveis alterações no cronograma, nas atividades e com relação aos adolescentes. Até o momento, foram aplicadas duas atividades projetivas em duas adolescentes. A primeira atividade consistiu em um baralho de profissões, com imagens de profissionais em cada cartão. Foi solicitado à adolescente que escolhesse, dentre as imagens, com qual ela se identificaria mais e com qual não se identificaria de modo algum. Cada uma das escolhas possibilitou reflexões sobre as preferências e aptidões, bem como expectativas para a vida profissional. A outra paciente participou da atividade 'Profissão Futuro', que contempla 100 cartões divididos em cinco categorias: autoconhecimento, futuro, trabalho, educação e escolhas. Cada cartão apresenta uma questão e a adolescente escolheu cada uma das categorias em diversas rodadas, possibilitando a reflexão para além das respostas diretas a partir da ampliação das discussões. Um fator limitante para a aplicação do projeto, já previsto durante sua elaboração, é que os atendimentos ocorrem de forma individual, portanto, utiliza-se para o projeto uma fração desse tempo da seção a fim de não prejudicar o trabalho da psicóloga com os pacientes. A segunda atividade prevista é a aplicação do checklist orientação profissional que integra o teste Guia de Orientação Profissional e de Carreira (GOPC), composta de três partes: a primeira, de abordagem qualitativa, constitui-se de uma anamnese, com questões abertas e fechadas; a segunda etapa é um instrumento de análise quantitativa com a preferência profissional, e a terceira, também quantitativa, identifica a preferência de atividades. Essa atividade está prevista para ser realizada em pelo menos dois encontros. Essa atividade ainda não foi realizada em decorrência do absenteísmo das pacientes, o que também é um fator previsível.

Conclusão: Durante os períodos de estágio, que iniciaram com a observação dos atendimentos e avançaram para a elaboração e aplicação do projeto, foi possível compreender de forma mais aprofundada o trabalho realizado pela psicóloga e reafirmar a relevância de sua atuação, resultando em aprendizado acerca das práticas de acolhimento, da escuta qualificada e das intervenções. A aplicação do projeto, por sua vez, tem permitido o exercício da prática com os pacientes, sobrepondo-se ao caráter observacional do estágio e promovendo uma vivência direta junto aos pacientes. Espera-se que as atividades propostas contribuam para que os pacientes identifiquem suas preferências e habilidades, ampliando, assim, suas possibilidades de escolha no âmbito profissional.

Referências:

- AMBIEL, R. A. M.; MARTINS, G. H.; HERNÁNDEZ, D. N. Por que os adolescentes buscam fazer orientação profissional? um estudo preditivo com estudantes brasileiros. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 1971-1984, dez./2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tpsy/a/XLfkwsrHdjyPss3SfNSLSwP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Centros de Atenção Psicossocial, [20--?]. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/desmad/raps/caps#:~:text=Os%20Centros%20de%20Aten%C3%A7%C3%A3o%20Psicossocial,no%20processo%20de%20reabilita%C3%A7%C3%A3o%20psicossocial>. Acesso em: 10 out. 2025.
- CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) no CAPS — Centro de Atenção Psicossocial / Conselho Federal de Psicologia, CRP, C RTP e P. ed. rev. Brasília: CFP, 2022.
- FROTA, A. K.; GUIMARÃES, H.; KINN, A. **Profissão futuro: 100 perguntas para auxiliar na escolha profissional**. 2. ed. São Paulo: Matrix, 2021.
- ZACHARIAS, J. J. M.; PRADO JUNIOR, S. A. **Checklist orientação profissional GOPC: livro de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2020.

O AUTISMO E O AMBIENTE CORPORATIVO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE HOMENS NO ESPECTRO AUTISTA

Gabriela Scavacin de Jesus¹; João Paulo Martins²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – gabssjesus@gmail.com

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Inclusão laboral, Gênero Masculino, Neurodiversidade.

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta o desenvolvimento neurológico, caracterizada por dificuldades persistentes na interação social e na comunicação, manifestando-se em diversas áreas da vida diária (APA, 2022). Na fase adulta, essas características representam desafios significativos no ambiente laboral. Embora o diagnóstico aconteça, na maioria das vezes, na infância, muitos só descobrem que têm o transtorno mais tarde – na vida adulta ou até na velhice, prejudicando o início de intervenções e impede o desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais e profissionais (Gikovate; Féres-Carneiro, 2024). A falta de preparo para o trabalho e de oportunidades no mercado afeta diretamente a qualidade de vida de quem tem TEA, principalmente daqueles com inteligência na média ou acima dela – um grupo que muitas vezes não recebe atenção por não se encaixar na imagem de deficiência grave. Perante essa situação, é de suma importância dar voz às pessoas autistas sobre o que vivenciam no trabalho – não para apresentar soluções fáceis, mas para criar em conjunto alternativas que respeitem suas individualidades, formas de agir e necessidades particulares.

Objetivos: Examinar a inclusão de pessoas do gênero masculino, sob um viés de primeira pessoa, com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no ambiente de trabalho, investigando os desafios encontrados e as estratégias de adaptação que as empresas brasileiras podem usar para promover condições de trabalho mais acessíveis, duradouras e adequadas à diversidade humana.

Relevância do Estudo: A escassez de produções acadêmicas nacionais sobre a temática é notória. Enquanto estudos internacionais começam a abordar questões de neurodiversidade no trabalho, o recorte de gênero permanece negligenciado – especialmente no contexto sociocultural brasileiro, marcado por particularidades nas relações laborais. Esta investigação oferece contribuições pioneiras para políticas de inclusão realmente efetivas.

Materiais e métodos: A presente pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa (qualiquanti), de natureza descritiva e exploratória. Os dados foram obtidos a partir de 57 questionários respondidos por homens com TEA, cujo critério de inclusão é ter mais de 18 anos, estar empregado ou ter trabalhado por, no mínimo, um ano, ter o diagnóstico de TEA e se considerar do gênero masculino. A análise foi conduzida em três etapas complementares: tratamento quantitativo dos dados (SPSS), análise qualitativa interpretativa (Bardin, 2015) e integração dos resultados. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer CAAE 67890823.8.0000.5423.

Resultados e discussões: A amostra deste recorte foi composta por 57 respondentes que se identificaram como homens e possuem diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os dados quantitativos revelaram que 26,3% (15/57) relataram ter sofrido

discriminação no ambiente laboral, enquanto 91,2% (52/57) mencionaram enfrentar dificuldades relacionadas ao trabalho. Adicionalmente, 24,6% (14/57) dos participantes vivenciaram tanto discriminação quanto dificuldades laborais simultaneamente. A análise categorial temática, fundamentada em Bardin (2015), evidenciou cinco eixos temáticos principais: Pressão e Sobrecarga (58,5%); Comunicação e Clareza (58,5%); Sensibilidade Sensorial (43,4%); Validação e Inclusão (39,6%); Divulgação do Diagnóstico (39,6%). Os resultados revelam que os desafios vivenciados por homens com TEA no trabalho são interconectados, manifestando-se em dimensões ambientais, comunicacionais e psicossociais. A pressão por adaptação constante, associada à falta de clareza processual, gera sobrecarga significativa, agravada por ambientes sensorialmente hostis (Raymaker *et al.*, 2022). Paralelamente, o medo do estigma leva à ocultação do diagnóstico, dificultando o acesso a ajustes necessários. Esta complexidade demanda intervenções integradas, que considerem simultaneamente adaptações estruturais e transformações culturais nas organizações para efetiva inclusão (Davies *et al.*, 2024).

Conclusão: A análise dos dados permite compreender que a permanência profissional de homens com Transtorno do Espectro Autista encontra-se intrinsecamente vinculada à conjugação de três dimensões fundamentais: adaptação dos ambientes físicos às especificidades sensoriais, clareza nos fluxos processuais e culturas organizacionais que acolham a diversidade neurocognitiva. A interdependência entre esses fatores demonstrou ser crucial para o estabelecimento de trajetórias laborais bem-sucedidas. O cenário evidenciado aponta para uma notória insuficiência de investigações científicas nacionais voltadas à análise das relações entre autismo e masculinidade no âmbito profissional. Tal lacuna configura-se como empecilho substantivo à elaboração de políticas públicas e ações corporativas efetivas, sobretudo diante das singularidades do contexto socioprodutivo brasileiro. A escassez de dados específicos sobre a população masculina com TEA no mercado de trabalho restringe progressos consistentes nesta área. As evidências coletadas indicam a imperiosa necessidade de pesquisas que abordem as particularidades desse grupo populacional, especialmente no que concerne às interfaces entre neurodivergência e construções de gênero.

Referências:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, p. 50-59, 2022.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1º ed. São Paulo: Edições 70, 2015. 288p.

DAVIES, J. *et al.* Autistic Adults' Priorities for Future Autism Employment Research: Perspectives from the United Kingdom. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, [s. l.], v. 6, n. 1, p.72-85, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38435326/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

GRUBER GIKOVATE, C.; FÉRES-CARNEIRO, T. Autismo em adultos: sentimentos e mudanças após o diagnóstico. **Psicologia e Saúde em Debate**, [S. l.], v. 10, n. 2, p.291-307, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V10A2A6>. Acesso em: 23 mar. 2025.

RAYMAKER, D. M. *et al.* "[I] don't wanna just be like a cog in the machine:" Narratives of Autism and Skilled Employment. **Autism**, [s. l.], v. 27, n. 1, p.65-75, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/35362339/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

DIFERENÇAS ENTRE INTERAÇÕES MEDIADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O PROCESSO TERAPÊUTICO NA PSICOTERAPIA ANALÍTICA FUNCIONAL

Isabella Omena Fournier Leal¹; Renata de Almeida Moraes Possato²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – omenafournier@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – FIB - renatagarcia.moraes@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicoterapia Analítico Funcional, processo terapêutico, uso de inteligência artificial, busca de suporte emocional.

Introdução: Os últimos anos foram marcados pelo aumento de transtornos mentais. Dados da Organização mundial da saúde, publicados no Atlas de Saúde Mental em 2024, demonstram que cerca de 1 bilhão de pessoas vivem com problemas de saúde mental no mundo (BASTOS, 2025). Em resposta a essa realidade, o mercado tem implementado os chamados *bots* de inteligência artificial com a finalidade de estabelecer um diálogo entre máquina e ser humano, simulando um processo terapêutico. Há notícias de que o *bot psychologist*, criado pelo neozelandês Sam Zaia, tenha recebido mais de 78 milhões de mensagens até o ano de 2024 (BBC NEWS, 2024). Apesar de algumas vantagens na utilização desses *bots*, as desvantagens se sobressaem, evidenciando que essas interações não correspondem a um processo terapêutico eficaz, ético e seguro.

Objetivos: Compreender a distinção entre os diálogos simulados com os *bots* de inteligência artificial e um processo terapêutico sob a ótica da psicoterapia analítico funcional.

Relevância do Estudo: Notícias recentes reportaram um aumento de pessoas que buscam alívio emocional em *bots* de inteligência artificial, o que é divulgado midiaticamente como sendo uma “sessão de terapia”. O presente estudo resume pontos cruciais de um processo terapêutico eficaz, ético e seguro à subjetividade de cada indivíduo, de forma a alertar e conscientizar a população acerca das diferenças e desvantagens em buscar auxílio psicológico através das máquinas.

Materiais e métodos: Trata-se de uma pesquisa descritiva a partir de referências teóricas, sendo o livro base: Psicoterapia Analítica Funcional (Kohlenberg e Tsai, 2006), e artigos em português selecionados no Google Acadêmico, a partir de palavras “psicoterapia e inteligência artificial” e “psicoterapia analítica funcional”, e ainda, matérias recentes de jornais online como BBC NEWS e CNN BRASIL, utilizando palavras chaves como “sessão de terapia com inteligência artificial”, e “aumento de transtornos mentais”.

Resultados e discussões: A psicoterapia analítica funcional advém de uma análise funcional skinneriana e baseia-se nos princípios filosóficos do behaviorismo radical (MATOS, 1999), utilizando técnicas que promovem uma experiência terapêutica profunda, tocante e intensa (Kohlenberg, 2006). Segundo a abordagem, para um processo terapêutico eficiente, o profissional deve reforçar ou fortalecer repertórios comportamentais adaptativos ao contexto do cliente; especificar os comportamentos clinicamente relevantes (problemas, progressos e interpretações); e possibilitar a generalização do progresso em terapia para o ambiente natural ou cotidiano. Em oposição, a inteligência artificial estabelece interações rápidas com os usuários a partir do processamento de um imenso volume de dados prévios, sendo ineficaz diante das necessidades subjetivas e contextuais de cada um, e impossibilitando modificações de padrões de sentimentos e comportamentos desadaptativos, prejudicando a qualidade de vida do cliente. Ademais, para reforço comportamental eficiente, as

consequências devem estar próximas no tempo e no espaço, preferindo-se um reforçamento natural ao reforçamento arbitrário, uma vez que este último não se atenta a uma ampla classe de respostas do cliente, tende a ignorar o seu repertório, não o beneficia no tratamento, e não está conectado com o seu ambiente natural (Kohlenberg, 2006). Neste ponto, o uso de estratégias como elogios excessivos e genéricos, programados pela inteligência artificial, não configuram uma conduta terapêutica eficaz e não oferece perspectivas de melhora para além de um alívio imediato. Outra técnica terapêutica é a classificação das respostas do cliente entre: tato, mando ou intraverbal, sendo respectivamente: uma resposta sob controle de estímulos discriminativos localizados na sessão de terapia ou na vida cotidiana; um discurso em que há demandas, comandos, pedidos e questões; e uma resposta evocada por um estímulo verbal, como por exemplo perguntas corriqueiras (Kohlenberg, 2006). Essa classificação não deve ser realizada com base em uma análise formal das respostas, ou seja, literalmente; ao contrário, deve ser compreendida a partir de uma análise funcional, considerando a história e o contexto de cada indivíduo. É no *setting* terapêutico que estratégias comuns para lidar com o desconforto, como se esquivar ou fugir de situações incômodas, são confrontadas para modificação do comportamento do cliente e sua consequente melhora; o que difere de dicas programadas sem especificidade. Por fim, no processo terapêutico, mais importante do que simplesmente falar sobre os sentimentos e interpretá-los a partir de significados universais ou de dados previamente alimentados, é compreender como esses sentimentos foram aprendidos pelo cliente e em que medida estão sob controle de estímulos públicos.

Conclusão: Apesar de vantagens como atendimento precoce, disponibilidade 24 horas e facilidade de acesso (ZAQUETA, 2024), não é possível igualar os diálogos simulados com a inteligência artificial com um processo terapêutico eficaz, científico e ético. Dentre os pontos negativos dessa simulação estão principalmente, o erro nas interpretações de palavras, não compreensão de contexto, não garantia de uma orientação adequada em situações graves, como risco de suicídio ou autolesão, haver risco de vazamento de dados e quebra de anonimato, aumento do isolamento social (ZAQUETA, 2024) e contribuição para que as pessoas não busquem psicoterapia, criando um obstáculo para o acesso a tratamentos comprovados. Por fim, um processo terapêutico adequado deve ser estruturado respeitando as etapas e ferramentas adequadas, e principalmente, deve prezar pelo conhecimento contextual e histórico do paciente.

Referências

- BASTOS, N. **1 bilhão de pessoas vivem com problemas de saúde mental no mundo, diz OMS.** CNN BRASIL, 2025. Disponível: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/1-bilhao-de-pessoas-convive-com-problemas-de-saude-mental-no-mundo-diz-oms> Acesso em: 07.09.2025.
- KOHLBERG, R. J; TSAI, M. **Psicoterapia Analítica Funcional.** Santo André, Editora Associados, 2006.
- MATOS, M.A. **Análise Funcional do comportamento.** Rev. Estudos de Psicologia, PUC-Campinas, v. 16, n.3, p. 8-18, setembro/dezembro 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X1999000300002>. Acesso em: 08.09.2025.
- TIDY, J. **No divã com a IA: os jovens que fazem terapia com bots de inteligência artificial.** BBC NEWS, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2024/01/07/no-diva-com-a-ia-os-jovens-que-fazem-terapia-com-bots-de-inteligencia-artificial.ghtml>. Acesso em 07.09.2025
- ZAQUETA, B; OLIVEIRA, M.V.M; OLIVEIRA, L. R; CINTRA, M.E; Avaliação de Assistentes Virtuais Baseados em Inteligência Artificial para Simulações de Atendimento Psicológico. Anais da IX escola regional de informática do Espírito Santo, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5753/eries.2024.244414>. Acesso em 07.09.2025

A RELAÇÃO DE TRAUMAS INFANTIS COM O DESENVOLVIMENTO DE TRANSTORNOS DE PERSONALIDADE NA VIDA ADULTA: UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Suelen Juliana Moraes Felisberto¹; Cristiane Araujo Dameto²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – suelenmoraes81@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB crisdameto@gmail.com;

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: infância e psicanálise, psicanálise e trauma infantil, trauma infantil e transtorno de personalidade.

Introdução: O desenvolvimento infantil é explicado de diferentes formas, a compreensão do trauma na psicanálise, se trata de algo estrutural, ligado ao fluxo pulsional e às falhas ambientais, evoluiu de uma visão centrada em eventos reais para a elaboração subjetiva dos mesmos, Winnicott acrescentou a noção de trauma grosseiro, associado a experiências invasivas e prejudiciais (Zavaroni; Viana, 2015). A literatura aponta que traumas infantis, são fatores de risco para transtornos de personalidade na vida adulta (Souza et al., 2023).

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo compreender a relação entre traumas vivenciados na infância e o desenvolvimento de transtornos de personalidade na vida adulta.

Relevância do Estudo: A relevância do estudo se dá pela necessidade de ampliar o entendimento sobre como experiências adversas na infância podem influenciar a constituição da personalidade, contribuindo para o aprimoramento das práticas psicológicas.

Materiais e métodos: Foi realizada uma revisão de literatura em bases científicas como PubMed, Scopus, Web of Science e SciELO. A busca utilizou descritores para localizar artigos relevantes sobre o tema. Foram incluídos estudos em português, publicados entre 2015 e 2025. O foco esteve nos impactos dos traumas infantis no desenvolvimento de transtornos de personalidade na vida adulta.

Resultados e discussões: Zavaroni e Viana (2015) definem trauma como a vivência de situações intensas que podem comprometer o fluxo pulsional, afetando a capacidade do sujeito de lidar com suas emoções, a situação potencialmente traumática envolve perdas significativas e exige trabalho psíquico intenso, especialmente quando a criança ainda não possui recursos internos suficientes para reorganizar sua relação com o mundo externo. O trauma psíquico representa dificuldade na integração da vivência estressora e, do ponto de vista psicodinâmico, consiste em excitações que excedem a capacidade de elaboração do sujeito (Rebeschini, 2017). Zavaroni e Viana (2015) destacam que nem todo evento difícil se torna traumático, sendo fundamental a forma como o indivíduo simboliza e elabora a experiência, a diferenciação entre situação traumática e trauma enfatiza que o trauma é um processo interno ligado à subjetividade da criança. Souza et al. (2023) indicam que experiências adversas precoces estão associadas ao desenvolvimento de transtornos de personalidade, traços de personalidade refletem esquemas psíquicos internalizados, podendo se manifestar de forma intensa ou reduzida, configurando padrões disfuncionais de comportamento. As crianças vítimas de abuso apresentam maior propensão à automutilação e tentativas de suicídio, reforçando a influência do trauma na constituição psíquica (Souza et al., 2023). Transições importantes, como da infância para a adolescência, tornam-se momentos sensíveis em que padrões disfuncionais podem emergir, aumentando o risco de sofrimento significativo (Souza et al., 2023). Couto (2017) ressalta que Freud, Klein e Lacan

compreendem a constituição do sujeito como resultado da relação com experiências precoces e do manejo dos conflitos psíquicos. Cocco e Tosta (2019) acrescentam que o trauma na clínica winnicottiana revela como dificuldades na infância podem gerar fragilidades emocionais e limitar a capacidade de simbolização. Rebeschini (2017) destaca que, quando não há possibilidade de simbolização, a atividade psíquica se paralisa, perpetuando efeitos emocionais ao longo da vida. Souza et al. (2023) reforçam que o impacto do trauma infantil está diretamente relacionado à vulnerabilidade da estrutura psíquica, podendo levar à manifestação de sintomas internalizados, como ansiedade, depressão e obsessividade. Zavaroni e Viana (2015) enfatizam que o trauma não se limita ao evento em si, mas se repete internamente, afetando a forma como o sujeito se relaciona com o mundo. Souza et al. (2023) traz que, especialmente quando os recursos internos são insuficientes, essas experiências traumáticas contribuem significativamente para o surgimento de transtornos de personalidade. Portanto, os traumas infantis representam um fator central na organização ou desorganização da vida psíquica, sendo determinantes na formação de padrões disfuncionais e na manifestação de sintomas clínicos (Souza et al., 2023).

Conclusão: O desenvolvimento infantil é essencial para a constituição psíquica, e a falta de recursos emocionais torna a criança vulnerável a traumas cujos efeitos podem se estender à vida adulta. O estudo mostrou que experiências adversas precoces influenciam padrões disfuncionais de personalidade e podem gerar sintomas de ansiedade, depressão e dificuldades relacionais. Fatores de proteção, como vínculos afetivos seguros, podem reduzir esses impactos, assim como a escuta atenta e a compreensão da história individual são fundamentais na prática psicológica.

Referências:

COCCO, M. R.; TOSTA, R. M. Algumas ideias de Winnicott sobre o trauma e suas manifestações na clínica. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 39, n. 97, p. 217-224, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2019000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 mar. 2025.

COUTO, D. P. do. Freud, Klein, Lacan e a constituição do sujeito. **Psicologia: Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 1-2, jun. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 mar. 2025. <https://doi.org/10.24879/201700110010094>

REBESCHINI, C. Trauma na infância e transtornos da personalidade na vida adulta: relações e diagnósticos. **Revista Saúde e Desenvolvimento Humano**, v. 5, n. 2, p. 67–74, 2017. Disponível em: [Saúde e Desenvolvimento Humano](#). Acesso em: 11 jul. 2025.

SOUZA, T. de et al. A relação entre transtorno de personalidade e a exposição à traumas na infância. **Brasilian Journal of Implantology and Health Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 5444–5455, 2023. DOI: 10.36557/2674-8169.2023v5n5p5444-5455. Disponível em: <https://bjih.emnuvens.com.br/bjih/article/view/1090>. Acesso em: 19 mar. 2025.

ZAVARONI, D. de M. L.; VIANA, T. C. Trauma e infância: considerações sobre a vivência de situações potencialmente traumáticas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 31, n. 3, p. 331-338, jul./set. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-37722015032273331338>. Acesso em: 20 mar. 2025.

O ATLETA ALÉM DA PERFORMANCE: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE LESÕES ESPORTIVAS E IMPACTOS NA IDENTIDADE

Thaís Helena Ijano Martins Queiroz¹; Daniela Garcia Bandeca Schiwingel²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – thaish_martins@hotmail.com;

²Professora de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - danibandeca@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia do esporte; Identidade do atleta; Lesões esportivas; Saúde mental; Impactos psicológicos.

Introdução: Nos últimos anos, modalidades como triathlon, corrida de rua, ciclismo e CrossFit cresceram de forma expressiva no Brasil, o que também ampliou a incidência de lesões esportivas. Mais do que afastamentos físicos, essas situações trazem consequências emocionais e identitárias, especialmente para atletas cuja autoimagem está profundamente associada ao desempenho. Nessas condições, a lesão pode gerar ansiedade, frustração, queda de autoestima e crises de identidade (Brewer; Van Raalte; Linder, 1993; Clement; Granquist; Arvinen-Barrow, 2015). Além disso, Medeiros (2016) destaca a cultura do atleta-herói, que naturaliza a dor e reforça padrões rígidos de rendimento. Nesse cenário, a Psicologia do Esporte ganha importância não apenas na reabilitação, mas também na prevenção, ao incentivar identidades mais amplas e flexíveis (Weinberg; Gould, 2017).

Objetivos: Este estudo tem como objetivo revisar a literatura sobre os impactos das lesões esportivas na identidade de atletas, analisando como a rigidez identitária intensifica o sofrimento e mostrando a importância de identidades mais flexíveis como fator de proteção psicológica.

Relevância do Estudo: A identidade esportiva influencia diretamente a forma como o atleta vivencia a lesão. Quando é rígida e exclusivamente ligada ao desempenho, a interrupção pode gerar conflitos emocionais e perda de sentido. Já identidades mais flexíveis permitem lidar melhor com o afastamento, integrando o esporte a outros papéis da vida. No Brasil, ainda há poucas pesquisas que aprofundam essa relação, evidenciando uma lacuna relevante. Esta revisão é importante por reunir autores que discutem o tema e reforçar a necessidade de incluir o trabalho com identidades flexíveis como estratégia preventiva dentro da Clínica do Esporte, ampliando a saúde integral do atleta.

Materiais e métodos Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, com publicações em português e inglês, abrangendo o período de 1993 a 2024. As obras foram selecionadas por relevância teórica em bases como Scielo, PubMed, Pepsic e em livros de referência sobre Psicologia do Esporte, identidade e lesões esportivas.

Resultados e discussões: A literatura mostra que as lesões esportivas afetam não só o corpo, mas também o lado emocional e a forma como o atleta se percebe. Brewer, Van Raalte e Linder (1993) apontam que, quando a identidade está restrita ao papel esportivo, a lesão é vivida como perda de si mesmo, gerando frustração, insegurança e desmotivação. O modelo de Wiese-Bjornstal et al. (1998) reforça que fatores emocionais, cognitivos e sociais influenciam fortemente na reação ao afastamento. No Brasil, Medeiros (2016) evidencia como a cultura do atleta-herói valoriza a superação da dor a qualquer custo, levando muitos a silenciar o sofrimento e retornar precocemente, o que agrava tanto a recuperação física quanto o aspecto psicológico. Silva, França e Oliveira (2021) acrescentam que estados emocionais como ansiedade e estresse aumentam a probabilidade de lesões, mostrando que

a saúde mental também é fator de prevenção. Estudos recentes, como o de Reinebo (2024), indicam que intervenções psicológicas — mindfulness, ACT e treino de habilidades mentais — ajudam não só no desempenho, mas também no enfrentamento de momentos difíceis. No mesmo sentido, Rubio, Costa e Lima (2018) defendem a presença constante do psicólogo do esporte na reabilitação, oferecendo apoio e segurança emocional. Ao reconhecer que quedas de rendimento podem ter origem física, mental ou emocional, a identidade mais flexível possibilita ressignificação: o atleta compreende que o desempenho não define sua totalidade, o que reduz o sofrimento e favorece a adaptação (Sun et al., 2021). Dessa forma, identidades rígidas aumentam a vulnerabilidade emocional diante das lesões, enquanto identidades mais amplas e flexíveis promovem equilíbrio e resiliência, reforçando a importância de práticas preventivas em saúde mental ao longo da carreira esportiva.

Conclusão: A revisão da literatura confirma que as lesões esportivas ultrapassam o campo físico, afetando profundamente a identidade e o equilíbrio emocional dos atletas. Quando a identidade esportiva é construída de forma rígida e limitada ao desempenho, o afastamento pode representar uma ruptura de sentido, marcada por frustração e perda de pertencimento. Em contrapartida, identidades mais flexíveis permitem que o atleta ressignifique a pausa, compreendendo o esporte como parte, e não totalidade de sua existência. Os estudos analisados demonstram que a atuação psicológica preventiva é um fator essencial para fortalecer a resiliência e promover um retorno mais saudável à prática esportiva. Assim, a Psicologia do Esporte assume um papel estratégico: não apenas intervir diante da lesão, mas preparar atletas profissionais e amadores para lidar com as inevitáveis oscilações do percurso esportivo. Investir nessa abordagem é, portanto, investir em saúde integral, em bem-estar e em uma vivência mais humana do esporte.

Referências

- BREWER, B. W.; VAN RAALTE, J. L.; LINDER, D. E.** *Athletic identity: Hercules' muscles or Achilles heel? International Journal of Sport Psychology*, v. 24, n. 2, p. 237–254, 1993.
- CLEMENT, D.; GRANQUIST, M. D.; ARVINEN-BARROW, M.** *Psychosocial aspects of athletic injuries as perceived by athletic trainers. Journal of Athletic Training*, v. 48, n. 4, p. 512–521, 2013. DOI 10.4085/1062-6050-48.3.21.
- MEDEIROS, C.** *Lesão e dor no atleta de alto rendimento: o desafio do trabalho da psicologia do esporte. Psicologia Revista, São Paulo*, v. 25, n. 2, p. 355–370, 2016.
- REINEBO, G. et al.** *Effects of psychological interventions to enhance athletic performance: a systematic review and meta-analysis. Psychology of Sport and Exercise*, v. 72, p. 102584, 2024. DOI 10.1016/j.psychsport.2024.102584.
- RUBIO, K.; COSTA, M. R. L.; LIMA, L. T.** *Quando a dor não faz parte do uniforme: os necessários cuidados com atletas e cuidadores no processo de reabilitação. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, v. 8, n. 2, 2018.
- SILVA, T. F.; FRANÇA, T. A.; OLIVEIRA, R.** *Análise da relação entre estado de saúde mental e ocorrência de lesões nos atletas profissionais de futebol no Campeonato Brasileiro (Candangão). Brazilian Journal of Development*, v. 7, n. 9, p. 84763–84779, 2021.
- SUN, H.; SOH, K. G.; ROSLAN, S.; WAZIR, M. R. N.; SOH, K. L.** *Does mental fatigue affect skilled performance in athletes? A systematic review. PLoS ONE*, v. 16, n. 10, p. e0258307, 2021.
- WEINBERG, R. S.; GOULD, D.** *Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- WIESE-BJORNSTAL, D. M. et al.** *An integrated model of response to sport injury. Journal of Applied Sport Psychology*, v. 10, n. 1, p. 46–69, 1998. DOI 10.1080/10413209808406377

A DESTRUIÇÃO DA HISTÓRIA DA ONTOLOGIA E A PROPOSTA DE UMA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Misael Winckler Barbosa¹; Thais Helena Regangan dos Santos²; João Paulo Martins³

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – misael.winckler.psi@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB psithaisregangan@gmail.com;

³Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: ontologia, natureza, ser, fenomenologia, Heidegger.

Introdução: A história do termo "ontologia" remonta à filosofia antiga e tem evoluído ao longo dos séculos. A palavra deriva do grego antigo, que é composta por "ontos", que significa "ser", e "logos", que pode ser traduzido como discurso. Assim, a ontologia é frequentemente considerada como o estudo do ser, da existência e da realidade sendo esse ser detentor de uma natureza. O conceito de ontologia começou a se desenvolver na Grécia Antiga, principalmente com os filósofos pré-socráticos, que exploravam questões fundamentais sobre a natureza da realidade. Parmênides, por exemplo, foi um dos primeiros filósofos a se debruçar sobre o tema, argumentando que o ser é imutável e eterno, enquanto o não-ser é inexistente. Platão, em sua teoria das Formas ou Ideias, também contribuiu significativamente para o desenvolvimento da ontologia ao discutir a natureza do ser e da realidade (Heidegger, 1998; Zuben, 2011). A noção de uma ontologia natural, observada na psicologia, também perpetua essa visão de uma essência do "ser humano", passível de mensuração. Heidegger, no entanto, se distancia ao estabelecer que o ser não há propriedade, entendendo que o ser é a "possibilidade de manifestação dos entes" e que, a partir disso, se tem o pluralismo ontológico modal, buscando não se limitar a um conjunto fixo de prescrições. (Heidegger, 2011)

Objetivos: O presente resumo visa destacar a história da naturalização do ser ao longo do tempo, decorrido de diferentes perspectivas filosóficas, propondo uma compreensão existencial do ser, sem ontologias naturais.

Relevância do Estudo: A displicência na produção literária tem-se intensificado quanto à epistemologia abarcada em conceitos chaves no cotidiano, como "ser humano", é de extrema notoriedade repensar sobre a semântica dos mesmos.

Materiais e métodos: O trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e abordagem explicativa, para os parâmetros de inclusão foram utilizadas literaturas completas clássicas e/ou relevantes ao tema.

Resultados e discussões: O termo "ontologia" em si não foi formalmente cunhado até o século XVII, com o filósofo alemão Jacob Lorhard, que usou a palavra "ontologia" em sua obra "Ogdoas Scholastica". O uso moderno do termo se popularizou principalmente com o filósofo alemão Christian Wolff, que empregou "ontologia" para se referir à parte da filosofia que estuda o ser em geral com propriedades (ex. ser humano). Desde então, a ontologia tem sido uma área central da filosofia, abordada por diversas correntes filosóficas e influenciando várias disciplinas, como a lógica, a metafísica, a filosofia da mente e a filosofia da ciência tais quais: idealismo, materialismo, dualismo, entre outras (Lorhard, 1606). Heidegger, no primeiro parágrafo de ser e tempo compreende uma ontologização da condição "humana", na qual o "homem" é definido de maneiras diversas, mas todas com bases metafísicas, pressupondo

uma essência prévia ao ser, algo substancial e a priori, ele crítica a essência como um esquecimento do ser (*Seinsvergessenheit*). Heidegger inicia afirmando que a pergunta pelo sentido do ser (*die Frage nach dem Sinn von Sein*), é a pergunta fundamental da filosofia, e aponta para o esquecimento da mesma. Parmênides primeiramente explora o conceito de Aletheia (ἀλήθεια), e Heidegger a posteriori munido desse conceito pré-socrático traz para a crítica supracitada umas das semânticas de Aletheia como “desvelamento”. Nesse contexto as epistemologias que derivam de ontologias naturais contribuíram para esse esquecimento ao sugerir que a realidade vai além do que se percebe, levando ao velamento do sentido do ser. A noção de uma ontologia natural, como observado desde o surgimento da psicologia, também perpetua essa visão de uma essência do ser humano, passível de mensuração. Heidegger, ao elaborar sua própria concepção de fenomenologia com leituras hermenêuticas, reconhece a influência fundamental de Husserl, cujas investigações fenomenológicas abriram caminho para o desenvolvimento desse campo. No entanto, ele distancia sua abordagem ao compreender a fenomenologia não como uma disciplina particular, mas busca compreender suas possibilidades, não limitando-se a um conjunto fixo de prescrições. Heidegger surge com conceitos como Ser-no-Mundo (*In-der-Welt-sein*) e Cuidado (*Sorge*) demonstram que o ser não é um algo isolado que posteriormente se relaciona com um mundo, mas um ser cuja existência fundamental é já estar lançado e envolvido em uma teia de significados. As implicações dessa revolução ontológica para a psicologia são monumentais. Ao deslocar o eixo da substância para a existência, Heidegger fornece o arcabouço filosófico para destruir o modelo ontológico médico-mecanicista que dominou por tanto tempo a compreensão do sofrimento psíquico. Se o ser não é uma coisa, mas uma existência sem natureza, então a psicopatologia não pode ser reduzida a um mau funcionamento de um aparato psíquico ou a um desequilíbrio neuroquímico entendido como causa última (Heidegger, 1998, 2011, 2012).

Conclusão: Ao rejeitar a noção de consciência e a redução transcendental de Husserl, substituindo o sujeito transcendental pelo Dasein e a epoché pela análise da facticidade existencial, Heidegger transforma a fenomenologia de uma teoria do conhecimento (Husserl) em uma ontologia existencial. Se Husserl buscava o fundamento absoluto na consciência pura, Heidegger demonstra que todo fundamento só pode emergir do solo existencial do Ser-no-Mundo. Esta virada, que desloca a filosofia da esfera transcendental para o horizonte da historicidade e finitude, constitui o gesto mais radical de uma desconstrução da metafísica em toda a filosofia do século XX. Heidegger esmiúça substituir a descrição fenomenológica das essências pela ontologia da compreensão (*Verstehen*). Exemplificando a desconstrução, ele estabelece que o Dasein (ser-ai) não pode ser enclausurado nos domínios do “humano”. No decorrer do tempo a destruição da história da ontologia é um processo intrínseco ao próprio desenvolvimento filosófico.

Referências:

- HEIDEGGER, M. **Os conceitos fundamentais da metafísica**. 2011
- HEIDEGGER, M. **Parmênides**. Bloomington: Indiana University Press, 1998.
- HEIDEGGER, M.; **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. 1200p.
- LORHARD, J. **Ogdoas Scholastica continens diagraphen typicam artium Grammatices, Logices, Rhetorices**. 1606.
- ZUBEN, N. A. V. A Fenomenologia como retorno à ontologia em Martin Heidegger. **Trans/Form/Ação**, v. 34, p. 85–102, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732011000200006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/S88GZKLhd9TXk4b9w4vQYcr/?format=html&lang=pt>. Acessado em 17 de out. 2025.

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DE UM ESTAGIÁRIO DE PSICOLOGIA NO CRAS

Misael Winckler Barbosa¹; Thais Helena Regangnan dos Santos²; Beatriz Fernandes Carvalho³;
Marta Alice Nelli Bahia⁴

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – misael.winckler.psi@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB psithaisregangnan@gmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB tricecarvalho@gmail.com;

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: CRAS, estagiário, social e psicologia

Introdução: O CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) desempenha um papel fundamental no Brasil ao oferecer serviços socioassistenciais às comunidades em situação de vulnerabilidade social. Esses centros têm como objetivo promover o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, prevenir situações de risco, e garantir o acesso a direitos sociais, como assistência social, saúde, educação e cultura. Além disso, o CRAS atua na identificação e no acompanhamento de famílias em situação de vulnerabilidade, oferecendo orientação e encaminhamento para programas e benefícios sociais. No CRAS, o estagiário de psicologia pode auxiliar ao oferecer apoio psicológico em grupo para os usuários, ajudando-os a enfrentar desafios emocionais, familiares e sociais junto ao profissional supervisor, auxiliando famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade a promover mudanças positivas em suas vidas (Santos *et al.*, 2013). A equipe é formada por dois profissionais de assistência social, um agente administrativo, um gestor, um coordenador (psicólogo) e 6 monitores de oficinas do serviço de convivência. Trabalhando em equipe multidisciplinar, os estagiários participam ativamente de projetos e ações em conjunto com outros profissionais do CRAS, como assistentes sociais e pedagogos, para garantir o bem-estar e a inclusão social das comunidades atendidas (Dias, 2022).

Objetivos: O presente trabalho visa focar nas áreas de atuação do psicólogo no CRAS, identificar as necessidades vigentes do local de estágio e a demanda dos usuários, propondo a inclusão do estagiário em psicologia, colaborando com as diretrizes do SUAS na atuação dos profissionais psicólogos.

Relevância do Estudo: O setor social muitas vezes não possui recursos financeiros suficientes para contratação e formação de uma equipe de ensino superior recomendada, acarretando falta de profissionais formados para atuação, dificultando o enfrentamento das demandas do fluxo de atendimento como um todo. Ao contar com uma equipe reduzida, esse projeto mostra-se relevante na busca de uma alternativa de baixo custo e a curto prazo, o que torna fundamental a contribuição do estagiário na viabilização no enfrentamento dessas demandas.

Materiais e métodos: A presente pesquisa de cunho exploratório, trata-se de um relato de experiência durante a graduação de bacharel em psicologia, na matéria de “Estágio Básico IV”. Os alunos apresentaram o projeto finalizado a profa. supervisora da disciplina e foi discutido a viabilização do mesmo com a equipe local da área da saúde no CRAS da cidade de DUARTINA - SP, cuja participação em entrevistas não estruturadas, permitiu a coleta de dados e análise da mesma, sendo desenvolvida durante o 8º semestre.

Resultados e discussões: Os principais serviços oferecidos dos quais o estagiário de psicologia poderia corroborar são: **Proteção Social Básica**, voltada para a prevenção de situações de risco, por meio de ações que visam a inclusão social, a promoção da cidadania

e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. **Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV):** Atividades coletivas voltadas para o desenvolvimento pessoal e social de diferentes faixas etárias, com enfoque no fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. **Acompanhamento Familiar:** O CRAS acompanha famílias em vulnerabilidade por meio do Programa de Atenção Integral à Família (PAIF), desenvolvendo ações que promovam a melhoria da qualidade de vida e a superação de desafios sociais. O **Programa Criança Feliz/Primeira Infância** no SUAS é um exemplo de ação de estagiários, em que promove o desenvolvimento integral de crianças nos primeiros anos de vida, priorizando famílias em vulnerabilidade. Integrando ações interdisciplinares, como visitas domiciliares, fortalece a função protetiva familiar (Marques *et al.*, 2020). Seu reordenamento recente, alinhado com recomendações do CNAS, visa ampliar sua eficácia, refletindo um compromisso renovado com políticas públicas mais abrangentes e efetivas (Silva; Corgozinho, 2011; SNAS, 2016).

Conclusão: Em resumo, o CRAS desempenha um papel crucial na promoção da inclusão social e na garantia dos direitos das populações mais vulneráveis no Brasil. O estágio acadêmico é essencial para a formação profissional, oferecendo ao estudante a oportunidade de vivenciar a função do psicólogo social e aplicar o conhecimento teórico em situações reais. Para garantir um estágio de qualidade, onde os alunos possam desenvolver habilidades e enfrentar as demandas sociais de forma eficaz, embasados em conhecimentos teóricos e práticos. Com supervisão adequada, os estagiários puderam implementar intervenções complementares que aliviaram a sobrecarga dos profissionais permanentes e enriqueceram as atividades desenvolvidas. Entre as contribuições dos estagiários de psicologia, destacaram-se as possibilidades de implementação de dinâmicas de grupo, oficinas temáticas e atividades interessantes que visam potencializar as capacidades emocionais e sociais dos usuários.

Referências:

DIAS, D. Papel do psicólogo no CRAS: sobre suas atuações em serviços sociais. **Revista De Trabalhos Acadêmicos – UNIVERSO – GOIÂNIA**, 2022. Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=3GOIANIA4&page=article&op=view&path%5B%5D=3977>. Acesso em 27 nov. 2024.

Manual de estágio do curso de Psicologia. Faculdades integradas de Bauru. Bauru. mar. 2023

MARQUES, L. C. S. *et al.* A importância do brincar na Educação Infantil. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 05, Ed. 11, Vol. 08, pp. 103-114. Nov. de 2020. ISSN: 2448-0959, Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/brincar-na-educacao>. Acesso em: 27 de nov. 2024.

SANTOS, E. M. *et al.* A importância do estágio curricular na formação profissional do assistente social. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 1, n. 3, p. 51–60, 2013. DOI: 10.17564/2316-3801.2013v1n3p51-60. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/772>. Acesso em: 5 maio. 2024.

SILVA, J. V. da; CORGOZINHO, J. P. Atuação do psicólogo, SUAS/CRAS e Psicologia Social Comunitária: possíveis articulações. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/hfMzSBCwb3sMh5cShTYqLzD/abstract/?lang=pt>. Acesso em 27 nov. 2024.

PSICOLOGIA POSITIVA NAS ORGANIZAÇÕES

Letícia Rodrigues Dias¹; Júlia Pereira Ribeiro²; Profa. Ma. Danielle Augusto Zacaib de Oliveira³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – ;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – pereiraribeirojulia17@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia positiva; psicologia organizacional e do trabalho; psicologia organizacional positiva.

Introdução: A Psicologia Positiva surgiu como uma proposta de mudança no direcionamento da psicologia, deslocando o olhar que antes se concentrava principalmente na doença, na patologia e em estratégias remediativas, para uma perspectiva que enfatiza a valorização das forças, virtudes e potencialidades humanas. Essa abordagem prioriza uma compreensão voltada à prevenção e ao fortalecimento das qualidades positivas do indivíduo (Reppold *et al.*, 2019). Segundo estes mesmos autores, desde o seu surgimento, o movimento da Psicologia Positiva tem buscado desenvolver-se em diversas esferas sociais e científicas, contemplando o desenvolvimento integral do ser humano e das instituições. Como consequência do avanço científico nas pesquisas em ciências humanas e sociais, surgiu um interesse pelo lado positivo da vida organizacional, especialmente com relação aos fenômenos psicossociais positivos como a satisfação no trabalho e experiências afetivas e positivas relacionadas ao ambiente organizacional (Darosci; Silva, 2018).

Objetivos: O objetivo do presente estudo foi revisar a literatura sobre a Psicologia Positiva no âmbito das organizações, visando a construção de ambientes de trabalho mais saudáveis e produtivos.

Relevância do Estudo: No contexto contemporâneo do trabalho, marcado por transformações, alta competitiva e crescente preocupação com a saúde mental dos colaboradores, o estudo da Psicologia Positiva se torna relevante, na medida que valoriza o desenvolvimento das potencialidades humanas, o fortalecimento das virtudes individuais e coletivas e a criação de ambientes laborais mais saudáveis e produtivos.

Materiais e métodos: Foi realizada uma pesquisa em bases de dados Scielo (Scientific Electronic Library Online) e Google Acadêmico, bem como a utilização de livros de referência na área.

Resultados e discussões: A psicologia positiva propôs um novo enfoque, passando da atenção à doença mental para a promoção do bem-estar psicológico. Essa perspectiva direciona seus esforços para a construção sustentável da felicidade ao longo da vida, promovendo o cultivo de emoções positivas, que melhoram o estado emocional no momento presente, além de contribuir para o desenvolvimento de uma mentalidade mais otimista e resiliente. Incentivam, assim, maior engajamento nas experiências cotidianas e o emprego das habilidades individuais para conferir significado mais profundo a existência (Seligman; Csikszentmihalyi, 2000). A Psicologia Positiva aplicada ao contexto organizacional e laboral constitui-se como um campo de conhecimento com caráter multidisciplinar e interprofissional. Essa perspectiva tem como propósito analisar estruturas, processos e condutas dos indivíduos no ambiente de trabalho, com o intuito de estimular práticas pautadas na autenticidade, integridade e positividade. Em essência, essa abordagem busca favorecer o pleno desenvolvimento humano diante das múltiplas e complexas demandas do mundo do

trabalho (Silva *et al.*, 2017). Segundo Souza e Santos (2024), através da psicologia positiva no trabalho visa-se promover o bom relacionamento entre colegas e lideranças, fortalecendo a harmonia do ambiente e a construção de equipes mais coesas e eficientes, bem como promover o pensamento criativo e inovador. Entende-se que o bem-estar no trabalho depende da existência de experiências afetivas relacionadas às emoções positivas, e, quanto mais intensas essas experiências, maior é o nível de bem-estar do trabalhador. Para que o bem-estar seja efetivamente alcançado, é fundamental a participação ativa dos gestores, cuja liderança deve se basear em uma vida dotada de significado. Esse tipo de liderança é capaz de promover experiências significativas e impulsionar o desenvolvimento exponencial dos trabalhadores, alinhando o bem-estar individual aos propósitos e às necessidades da organização (Vingi *et al.* 2023).

Conclusão: A Psicologia Positiva aplicada ao contexto organizacional representa uma abordagem promissora para o fortalecimento do bem-estar e da saúde mental dos trabalhadores. Ao valorizar as potencialidades humanas e estimular a construção de ambientes laborais mais saudáveis, essa perspectiva contribui significativamente para o desenvolvimento pessoal e profissional, bem como para o aumento da produtividade e da satisfação no trabalho. Além disso, evidencia-se que a atuação de gestores e líderes é essencial para a promoção de uma cultura organizacional pautada em valores positivos, como empatia, engajamento e propósito. Assim, a Psicologia Positiva consolida-se como uma importante ferramenta para a promoção de ambientes organizacionais mais humanos, sustentáveis e significativos.

Referências:

- DAROSCI, A. S. R.; SILVA, N. Significados de Felicidade orientados pela Psicologia Positiva em Organizações e no Trabalho. **Psicología del Caribe**, v. 35, n.1, p 60-80, 2018. ISSN 0123-417X. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0123-417X2018000100060&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 04 set. 2025.
- REPPOLD, C. T. *et al.* Avanços da psicologia positiva no Brasil. **Psicologia para América Latina**, n.32, p. 133-141, out/2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psilat/n32/a05n32.pdf> Acesso em: 04 set. 2025.
- SELIGMAN, M. E. P.; CSIKSZENTMIHALYI, M. Positive psychology: An introduction. **American Psychologist**, v. 55, n.1, p. 5-14, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.55.1.5>. Acesso em: 03 out. 2025.
- SILVA, N.; BOEHS, S. T. M.; CUGNIER, J. S. Psicologia positiva: aplicada às organizações e ao trabalho. In: Boehs, S. T. M.; Silva, N. **Psicologia positivas nas organizações e no trabalho: conceitos fundamentais e sentidos aplicados**. São Paulo: Vetor editora, 2017, p.42 – 60.
- SOUZA, A. T.; SANTOS, T. O. F. **Psicologia positiva no trabalho: bem-estar e qualidade de vida nas organizações**. 2024. 23 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Administração) - Departamento de Ciências Humanas (DCH), Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Salvador, 2024. Disponível em: <https://saberaberto.uneb.br/items/e67e602f-e9d3-431d-be1b-f7de695f0821> Acesso em: 09 out. 2025.
- VINGI, J. V. C. *et al.* O surgimento da Psicologia Positiva e suas contribuições no ambiente organizacional. **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, v. 5, n. 1, 2023. Disponível em: <https://remunom.ojsbr.com/multidisciplinar/article/view/1289> Acesso em: 09 out. 2025.

NOMOFOBIA E DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA: IMPACTOS DO USO EXCESSIVO DO TELEFONE CELULAR

Elaine Cristina Gomes de Moraes¹; Fabiane Valentini Francisqueti Ferron²; Daniela Garcia Bandeca Schwingel³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – moraes.e@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – fabiane.ferron@fibbauru.br

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
danibandeca@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: dependência de tecnologias, nomofobia, ansiedade, depressão.

Introdução: Nas últimas décadas, o avanço das tecnologias digitais transformou profundamente a forma como os indivíduos se comunicam e se relacionam. Por um lado, as tecnologias digitais, como o telefone celular, proporcionam autonomia, mobilidade, liberdade e praticidade, constituindo-se meio de autoexpressão, bem como a possibilidade de se estabelecer relações à distância, diversão, e que se amplificam para diversas áreas, como saúde, educação, comunicação, cultura, dentre outras, tudo isso, em tempo real (Nardi; King, 2023). Se por um lado, essas tecnologias proporcionam conforto, segurança e prazer, elas podem também indicar transtornos, ansiedade, isolamento social e dependência patológica, dependendo do uso (King; Nardi, 2023). A dependência de tecnologias pode ser definida como uma dependência sem substância e comparada a comportamentos compulsivos; o cérebro aprende rapidamente que algumas atividades, como jogos, liberam neurotransmissores específicos que proporcionam sensações de bem-estar (Nardi; King, 2023). A nomofobia é uma condição mental resultante do medo de ficar sem o telefone celular (Kubrusly *et al.*, 2021). O termo deriva da junção dos termos *no mobile* (sem celular) e *fobos* (fobia) (Gonçalves, 2023), e se refere à dependência do telefone celular, que provoca sintomas e prejuízos semelhantes aos indivíduos com outros tipos de dependência, químicas e comportamentais, decorrentes do uso excessivo desse dispositivo (Picon *et al.*, 2015).

Objetivos: Compreender os impactos psicológicos nos indivíduos, decorrentes da dependência de tecnologias, como a dependência do telefone celular.

Relevância do Estudo: Com o desenvolvimento da era digital, em algum nível os indivíduos se tornaram dependentes das tecnologias digitais, mas é a forma com que se relacionam com esses dispositivos que irá determinar o grau e tipo de dependência. Quando a dependência se torna patológica, resulta na sensação de desconforto ou ansiedade resultante da privação de qualquer meio de comunicação virtual (Gonçalves, 2023).

Materiais e métodos: Realizou-se uma pesquisa bibliográfica, utilizando-se de materiais já publicados, como livros, artigos e entrevistas com pesquisadores do tema. Buscou-se, ainda trabalhos na base de dados Scielo, com os descritores 'nomofobia', 'nomophobia' e 'dependência de tecnologias'.

Resultados e discussões: Estudos demonstram que o uso excessivo de smartphones está associado à manifestação de sintomas e prejuízos semelhantes aos observados em indivíduos com outros tipos de dependência, sejam elas químicas ou comportamentais, incluindo abstinência, tolerância e saliência. Uma particularidade desse dispositivo consiste em sua constante proximidade física ao usuário, permanecendo ao alcance imediato das

mãos em praticamente qualquer contexto. Tal característica favorece a percepção de controle sobre estados emocionais, como solidão, frustração e tédio (Picon *et al.*, 2015). Foi realizado um estudo por Kubrusly *et al.* (2021), com 292 estudantes de Medicina de um Centro Universitário de Fortaleza, CE, para conhecer o efeito da nomofobia nesses indivíduos e sua associação com ansiedade, depressão e estresse acadêmico. Para mensurar a nomofobia, foi utilizado o Questionário sobre Nomofobia (NMP-Q), enquanto a depressão, ansiedade e estresse foram mensurados pelo instrumento DASS-21, ambos validados para o português brasileiro. Mensurou-se o rendimento acadêmico por meio do Índice de Referência para o Acompanhamento Pedagógico (IRA). Os resultados mostraram que 99,7% dos estudantes apresentaram algum grau de nomofobia, sendo que 64,5% demonstraram nível moderado ou grave. Além disso, mais de 50% apresentaram graus superiores ao nível de estresse, e 19,5% e 11,2% apresentaram ansiedade e depressão graves ou muito graves. Os resultados sugerem que a nomofobia pode provavelmente aumentar a ansiedade, estresse e depressão e, conseqüentemente diminuir o rendimento acadêmico. Fazendo uso do mesmo instrumento de avaliação, o Questionário NMP-Q, Albuquerque, França e Camargo (2023) realizaram um estudo para verificar a prevalência da nomofobia entre estudantes do curso de Enfermagem de uma instituição do Distrito Federal. Participaram 271 estudantes, e os resultados apontaram que os participantes apresentam nível moderado de nomofobia, mas os alunos do quarto ano apresentaram pontuação mais elevada que os dos outros anos, destacando os efeitos prejudiciais, como o aumento da ansiedade, depressão, baixa autoestima, dependência emocional e insegurança.

Conclusão: Diante do exposto, entende-se que a dependência do telefone celular não é necessariamente prejudicial à saúde, considerando seus benefícios em um contexto social permeado por essas tecnologias. No entanto, quando se trata da nomofobia, os impactos psicológicos estão presentes, principalmente no aumento da ansiedade e depressão.

Referências

- ALBUQUERQUE, R. N.; FRANÇA, T. A.; CAMARGO, H. D. Prevalência da nomofobia entre acadêmicos de Enfermagem. **HU Revista**, v. 49, [s.n.], p. 1-8, 2023. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/index.php/hurevista/article/view/42112/27113>. Acesso em: 18 abr. 2025.
- GONÇALVES, L. L. Novos humanos em uma nova era digital. In: NARDI, A. E.; KING, A. L. S. (Orgs.). **Cuidado com a Nomofobia: maravilhas e prejuízos na interatividade com o mundo digital** Rio de Janeiro: Atheneu, 2023. p. 35-40.
- KING, A. L. S.; NARDI, A. E. O que é Nomofobia? Histórico e conceito. In: NARDI, A. E.; KING, A. L. S. (Orgs.). **Cuidado com a Nomofobia: maravilhas e prejuízos na interatividade com o mundo digital** Rio de Janeiro: Atheneu, 2023. p. 9-34.
- KUBRUSLY, M. *et al.* Nomofobia entre discentes de medicina e sua associação com depressão, ansiedade, estresse e rendimento acadêmico. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 3, p. 1-8, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/NLhRvmVdfm5z9MnfbLvJZFJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2025.
- NARDI, A. E.; KING, A. L. S. Cuidado com a Nomofobia! Maravilhas e prejuízos na interatividade com o mundo digital. In: NARDI, A. E.; KING, A. L. S. (Orgs.). **Cuidado com a Nomofobia: maravilhas e prejuízos na interatividade com o mundo digital** Rio de Janeiro: Atheneu, 2023. p. 1-8.
- PICON, F. *et al.* Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, v. 17, n. 2, p. 44-60, ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/NLhRvmVdfm5z9MnfbLvJZFJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2025.

AS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS ATÍPICAS

Thaís Fernanda da Silva¹; Ms. Vera Lucia Luvizutto Okubo²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – tfsilva16.11@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – veraokubo@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia escolar, inclusão, educação especial, crianças atípicas, desenvolvimento humano.

Introdução: A inclusão escolar garante o direito de acesso, permanência e aprendizagem a todos os estudantes, respaldada por legislações nacionais e internacionais, como a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (2015) e a Declaração de Salamanca (1994). Apesar disso, barreiras estruturais, formativas e atitudinais dificultam sua efetivação. A Psicologia escolar atua mediando processos de ensino e aprendizagem, oferecendo suporte a estudantes, professores e famílias, e promovendo práticas educativas que valorizam as singularidades de crianças atípicas (Vygotsky, 1991).

Objetivos: Analisar a contribuição da Psicologia para a inclusão escolar de crianças atípicas, promovendo desenvolvimento integral e equidade. Especificamente: compreender fundamentos legais e pedagógicos, identificar estratégias do psicólogo escolar, refletir sobre desafios da inclusão e destacar a importância da atuação interdisciplinar.

Relevância do Estudo: O estudo destaca a importância de ampliar o conceito de inclusão escolar, que não deve se limitar à presença física do aluno em sala, mas garantir sua real participação nas aprendizagens e interações sociais. Apesar das leis e avanços, ainda há professores despreparados, falta de políticas eficazes e equipes de apoio, além de preconceitos e práticas excludentes. Nesse contexto, a Psicologia tem papel essencial ao promover sensibilização, oferecer suporte técnico e fortalecer vínculos entre os membros da comunidade escolar, contribuindo para transformar as relações e tornar a escola um espaço verdadeiramente inclusivo.

Materiais e métodos: A presente pesquisa caracteriza-se como uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa e caráter exploratório. O levantamento iniciou-se em março de 2025 e estendeu-se ao longo dos meses seguintes, em bases como SciELO e outros repositórios acadêmicos. Foram utilizados descritores como “psicologia escolar”, “educação inclusiva”, “educação especial”, “crianças atípicas” e “intervenção psicológica”. Incluíram-se textos publicados entre 2015 e 2025, disponíveis na íntegra, revisados por pares, além de documentos legais e diretrizes do Conselho Federal de Psicologia. A análise foi fundamentada em referenciais da Psicologia e Educação Inclusiva, destacando-se, por exemplo, as diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (2021), que orientam práticas colaborativas e interdisciplinares. A partir disso, foi possível identificar três eixos centrais: os desafios estruturais da inclusão, a mediação do psicólogo no processo pedagógico e a transformação da cultura escolar.

Resultados e discussões: A revisão bibliográfica evidenciou que a atuação do psicólogo escolar é fundamental para a promoção da inclusão, pois possibilita a mediação entre estudantes, professores e famílias. Os estudos analisados apontam que esse profissional atua na orientação docente, no acompanhamento de alunos, na intervenção em conflitos e no

planejamento institucional. Conceição *et al.* (2021) ressaltam seu papel no rompimento de barreiras pedagógicas e atitudinais, enquanto o Conselho Federal de Psicologia (2021) reforça a importância de práticas colaborativas e interdisciplinares. Persistem desafios, como a falta de formação continuada, escassez de recursos e preconceito velado. Contudo, a literatura também destaca avanços, como a diversificação de metodologias, projetos coletivos de inclusão e maior engajamento das famílias. Assim, a Psicologia contribui não apenas com apoios pontuais, mas com a transformação estrutural da escola rumo a uma cultura inclusiva.

Conclusão: A Psicologia exerce papel estratégico na inclusão de crianças atípicas, oferecendo suporte que transforma práticas pedagógicas e relações institucionais. Sua atuação vai além da adaptação de conteúdos, promovendo uma cultura escolar inclusiva, fortalecendo vínculos interpessoais e estimulando relações mais humanas e democráticas. A articulação com outros profissionais da educação é essencial para superar barreiras estruturais e garantir o direito à educação inclusiva.

Referências

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 3 out. 2025.

CONCEIÇÃO, P. W. R. *et al.* Prática da psicologia escolar e sua contribuição na inclusão escolar de crianças atípicas. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 4, e29110414026, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/download/14026/12693/184408>. Acesso em: 3 out. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na Educação Básica**. Brasília: CFP, 2021. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Referencias-Educacao-Basica.pdf>. Acesso em: 3 out. 2025.

MORI, N. N. R. Psicologia e educação inclusiva: ensino, aprendizagem e desenvolvimento de alunos com transtornos. **Acta Scientiarum. Education**, v. 38, n. 1, p. 51–59, 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/26236>. Acesso em: 3 out. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 182 p.

BURNOUT NO AMBIENTE DE TRABALHO E INTERVENÇÕES PSICOLÓGICAS

Natália Alves¹; Marta Alice Nelli Bahia²

¹ Natália Alves – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – nataliaalves1992@live.com

² Marta Alice Nelli Bahia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: saúde mental, burnout, psicologia, organização.

Introdução: A saúde mental tem se tornado uma preocupação central no ambiente corporativo, especialmente pelo aumento do estresse ocupacional e da Síndrome de Burnout, caracterizada por exaustão emocional, distanciamento mental e diminuição da realização profissional (Oliveira *et al.*, 2025). Essa condição, segundo Diehl e Carlotto (2015), não é apenas um problema individual, mas ocupacional, pois está diretamente relacionada às condições de trabalho, como sobrecarga, pressões excessivas, falta de reconhecimento e conflitos interpessoais. Desenvolve-se de forma gradativa e silenciosa, comprometendo a saúde física e emocional do trabalhador. Diante disso, compreender o impacto da Síndrome de Burnout é essencial, uma vez que seus efeitos prejudicam a produtividade, a motivação e o clima organizacional. Por tanto é importante destacar a necessidade de ações preventivas e de tratamento, com suporte institucional e intervenções psicológicas adequadas (Silva e Silva, 2024).

Objetivos: Investigar estratégias psicológicas e organizacionais para a prevenção e redução do Burnout em profissionais do ambiente corporativo.

Relevância do Estudo: O trabalho tem o intuito de abordar a crescente preocupação com a saúde mental no ambiente de trabalho e os efeitos da Síndrome de Burnout sobre o bem-estar e o desempenho dos profissionais. Ao apresentar estratégias preventivas e terapêuticas, especialmente sob a perspectiva da psicologia analítica junguiana, o estudo busca contribuir para a construção de ambientes organizacionais mais equilibrados e para o fortalecimento emocional dos trabalhadores.

Materiais e métodos: Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, realizada por meio do levantamento de artigos e pesquisas clínicas publicados em periódicos indexados nas bases de dados dos sites, SCIELO (Scientific Eletronic Library Online) e Google Acadêmico. Foram incluídos nesta revisão estudos da língua portuguesa, publicados nos últimos onze anos (2014 a 2025). Foram excluídos estudos que não apresentaram informações pertinentes ao tema, artigos duplicados, e aqueles não apresentados na íntegra.

Resultados e discussões: Na literatura, destacam-se as Estratégias Integradas, que combinam intervenções psiquiátricas e psicoterapêuticas, como a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC) e o Mindfulness. Outras estratégias eficazes incluem mudanças organizacionais, como flexibilização da jornada, suporte psicológico e capacitação de líderes, promovendo ambientes de trabalho mais saudáveis e produtivos (Oliveira *et al.*, 2025). Um dos recursos para o tratamento da Síndrome de Burnout é a psicoterapia, que pode adotar diferentes abordagens e esse estudo apresenta a psicologia analítica junguiana, que busca promover a saúde mental e o equilíbrio emocional por meio do trabalho com símbolos, inconsciente e individuação, colaborando para o desenvolvimento da resiliência e a adaptação no controle do estresse no ambiente de trabalho (Silva *et al.*, 2024). A intervenção baseada na individuação busca integrar o consciente e o inconsciente, iniciando pelo reconhecimento da própria singularidade, o que pode gerar experiências de solidão e sensação de não

pertencimento e em seguida, ocorre a reconexão com os outros de maneira autêntica, preservando a própria identidade. Esse processo contribui com a forma como o indivíduo lida com o estresse, pois promove uma reorganização interna, fortalecendo o self, ressignificando experiências e trazendo maior sentido pessoal e equilíbrio à vida (Sant'Anna, 2019).

Conclusão: Diante do exposto, conclui-se que a Síndrome de Burnout é um problema relevante e crescente no contexto corporativo, impactando diretamente a saúde mental, o desempenho e a qualidade de vida dos trabalhadores. A pesquisa evidenciou que o enfrentamento dessa condição exige a integração entre estratégias psicológicas e medidas organizacionais que promovam ambientes mais saudáveis. Entre as abordagens analisadas, destacam-se a Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), o Mindfulness e, principalmente, a psicologia analítica junguiana, que contribui para o fortalecimento da resiliência, do autoconhecimento e do equilíbrio emocional. Portanto, investir em ações preventivas, suporte institucional e intervenções terapêuticas voltadas ao bem-estar do trabalhador é essencial para reduzir os impactos do Burnout e favorecer relações de trabalho mais humanas e sustentáveis.

Referências

- DIEHL, L.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout: indicadores para a construção de um diagnóstico. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 161-179, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2910/291044011009.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2025.
- OLIVEIRA, A. L. A.; SILVA, A. R.; TIEPPO, G.R.; ALMEIDA, F. W. Burnout e estresse ocupacional: intervenções psiquiátricas e mudanças organizacionais para um ambiente de trabalho saudável. **Revista FT: Ciências da Saúde**, v. 29, n. 143, p. 1–2, fev. 2025. Disponível em: <https://revistaft.com.br/burnout-e-estresse-ocupacional-intervencoes-psiquiatricas-e-mudancas-organizacionais-para-um-ambiente-de-trabalho-saudavel/>. Acesso em: 10/09/2025.
- SANT'ANNA, P, A. Arquétipo, individuação e intersubjetividade: a dimensão psicossocial do sofrimento humano. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 14, n. 4, p. 1-12, 2019. Disponível em: https://seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/e3353. Acesso em: 25 set. 2025
- SILVA, A. B; BENTO, C.R; PINHEIRO, N.R.S; SILVA, R.T; SILVA, M.N. A psicologia analítica e suas contribuições psicoterapêuticas diante das emoções, autoconhecimento e no desenvolvimento da personalidade na busca da alostase. **Processos psicoterapêuticos: abordagens clínicas em psicologia**, v. 1, n. 57, 2024. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/939/791>. Acesso em: 19 set. 2025.
- SILVA, C. M. A., SILVA, J. S. Síndrome de Burnout: o impacto na saúde mental do colaborador no ambiente de trabalho. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, São José dos Pinhais, v. 17, n. 12, p. 01-18, jan. 2024. Disponível em: <https://ojs.revistacontribuciones.com/ojs/index.php/clcs/article/view/13173/7660>. Acesso em: 15/09/2025

A IMPORTÂNCIA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO NA INFÂNCIA

Letícia de Paula Santos¹; Ms. Vera Lucia Luvizutto Okubo²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – leticiaadepaula24@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – veraokubo@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: brincar, desenvolvimento cognitivo, infância, psicologia do desenvolvimento, aprendizagem.

Introdução: O desenvolvimento infantil é um campo essencial para compreender as transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais vivenciadas pelas crianças desde o nascimento até a adolescência (Souza; Veríssimo, 2015). Com o avanço da psicologia e da pedagogia, a infância passou a ser reconhecida como uma fase crucial do desenvolvimento humano (Cia *et al.*, 2005). Autores como Piaget, Vygotsky e Winnicott destacaram a importância do brincar como elemento central para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, sendo necessário investigá-lo sob diferentes perspectivas teóricas.

Objetivos: Analisar a importância do brincar no desenvolvimento cognitivo das crianças, investigando as contribuições de Piaget, Vygotsky e Winnicott, além de discutir as implicações práticas do brincar no contexto educacional e familiar.

Relevância do Estudo: O brincar é reconhecido como direito fundamental da criança, assegurado pela Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989). Sua relevância ultrapassa o lazer, pois contribui para o desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Pesquisas indicam que a ausência de oportunidades adequadas de brincar pode comprometer a aprendizagem e a saúde mental (Miller; Almon, 2019).

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, fundamentada em obras clássicas da Psicologia do Desenvolvimento, como Piaget (1972), Vygotsky (1987) e Winnicott (1971), além de artigos científicos, incluindo produções nacionais e internacionais. Foram consultadas bases como SciELO, PePSIC e Google Scholar, priorizando estudos publicados entre 2014 e 2024 que abordassem a relação entre brincar e desenvolvimento cognitivo.

Resultados e discussões: O brincar, ao longo da história, foi gradualmente reconhecido como essencial ao desenvolvimento infantil (Cia *et al.*, 2005). Na perspectiva de Piaget (1972), ele favorece a evolução das estruturas cognitivas, estimulando o raciocínio lógico e a criatividade. Para Vygotsky (1987), o brincar é mediado pelas interações sociais, possibilitando que a criança avance além de suas capacidades individuais por meio da Zona de Desenvolvimento Proximal. Já Winnicott (1971) entende o brincar como experiência emocional e criativa, importante para a constituição subjetiva e para a elaboração de conflitos. Estudos recentes, como o relatório da UNICEF (2023), reforçam que o brincar continua sendo indispensável para o desenvolvimento global da criança, especialmente em aspectos cognitivos e socioemocionais. Dessa forma, deve ser reconhecido não apenas como atividade recreativa, mas como prática fundamental para a formação integral.

Conclusão: Conclui-se que o brincar exerce papel indispensável no desenvolvimento infantil, integrando dimensões cognitivas, emocionais e sociais. As perspectivas de Piaget, Vygotsky

e Winnicott, associadas a pesquisas contemporâneas, evidenciam que brincar favorece a aprendizagem, a criatividade e a socialização. É fundamental que famílias, escolas e políticas públicas garantam às crianças espaços e oportunidades de brincar, reconhecendo-o como um direito e como recurso essencial para o crescimento saudável.

Referências:

CIA, F. *et al.* O brincar e o desenvolvimento infantil: uma análise histórica e cultural. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 29, p. 33-45, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/cdKm3zpmzpzpBZfM8cM5xsch>. Acesso em: 12 set. 2025.

MILLER, E.; ALMON, J. **Crisis in the kindergarten: why children need to play in school.** **College Park: Alliance for Childhood**, 2019. 124 p. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED504839.pdf>. Acesso em: 03 set. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos da Criança. Nova Iorque: ONU**, 1989. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 25 ago. 2025.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1972. 464 p.

UNICEF. **O direito de brincar: relatório global sobre infância e lazer.** Genebra: UNICEF, 2023. 85 p. Disponível em: <https://www.unicef.org/reports/state-of-play>. Acesso em: 10 set. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 182 p.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago, 1971. 217 p.

ALIENAÇÃO E ESVAZIAMENTO DO TRABALHO: CAMINHOS DO ADOECIMENTO

José Zanelli Neto¹; João Paulo Martins².

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – josezanellibeto@gmail.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Trabalho; saúde mental; adoecimento laboral; sofrimento psíquico.

Introdução: O trabalho tem demonstrado ser uma categoria inseparável da existência humana ao longo da história (Netto; Braz, 2006). Pode-se dizer que o trabalho é um elemento central na vida social, já que está associado à subsistência, ao pertencimento e à realização dos trabalhadores. Por outro lado, a aceleração tecnológica e a intensificação produtiva têm ampliado o estresse, a ansiedade e outras formas de sofrimento psíquico vinculadas ao contexto laboral. No Brasil, os afastamentos laborais por transtornos ansiosos e depressivos cresceram expressivamente entre 2021 e 2023 (INSS, 2024), além de outras condições que pertencem ao grupo dos transtornos mentais e comportamentais que juntas foram responsáveis pelo afastamento de 288.041 trabalhadores em 2023 (INSS, 2024). Ocorre que, sob as formas contemporâneas de organização capitalista, o trabalho se revela como estranho ao trabalhador, que se sente distante, como se não tivesse qualquer relação com os efeitos ou o processo do seu trabalho (Marx, 2004). Para Marx (2004), cuja perspectiva orienta esta pesquisa, esse processo resulta em um esvaziamento do trabalho e do trabalhador, que frequentemente se materializa como perda de sentido, estranhamento em relação ao produto e vivências de não pertencimento no trabalho. Diante desse quadro, esta pesquisa pretende analisar a relação entre as dinâmicas contemporâneas de trabalho e o adoecimento dos trabalhadores, tomando a alienação como pano de fundo interpretativo e relacionando o conceito marxista à realidade laboral contemporânea.

Objetivos: Analisar como as dinâmicas contemporâneas de organização do trabalho contribuem para o sofrimento psíquico e o adoecimento de trabalhadores, tomando a alienação como eixo interpretativo central.

Relevância do Estudo: O crescente aumento dos afastamentos por transtornos mentais no Brasil evidencia um problema coletivo que exige análises que relacionem saúde e organização do trabalho. Ao adotar a perspectiva marxista, o estudo recoloca o trabalho e as condições materiais, e não apenas o indivíduo, no centro da explicação do adoecimento, considerando a alienação e o esvaziamento do trabalho como chaves interpretativas. Por consequência, contribui para deslocar leitura psicologizantes, que frequentemente resultam na responsabilização do próprio trabalhador pelo estado de saúde em que se encontra.

Materiais e métodos: Trata-se uma revisão integrativa, de abordagem qualitativa e exploratória, para identificar e sintetizar produções sobre a relação entre trabalho e adoecimento, com ênfase em eventos psíquicos, sofrimento mental e processos de alienação. A busca ocorreu na base de dados SciELO, utilizando os descritores: “saúde mental”, “adoecimento” e “trabalho”, combinados pelo conector booleano “and”, para encontrar estudos publicados entre os anos de 2015 e 2025. A seleção deu-se em duas etapas: (1) triagem de títulos e resumos; (2) leitura integral dos elegíveis, com extração de informações e avaliação crítica da relevância do estudo, bem como do enfoque em processos de alienação. A síntese foi organizada em categorias temáticas emergentes, conforme análise de conteúdo (Bardin, 2016), orientando a discussão dos achados sobre as dinâmicas contemporâneas de trabalho e suas implicações psicossociais.

Resultados e discussões: A partir da análise categorial temática, cinco categorias foram abertas a fim de apresentar e discutir os resultados encontrados: (1) Organização e precarização do trabalho como gatilho central do adoecimento; (2) Sentido, identidade e reconhecimento profissional; (3) Condições materiais, riscos e segurança no trabalho; (4) Determinação social no processo saúde-doença. Ressalta-se, entretanto, que as categorias e os resultados apresentados são parciais, podendo sofrer modificações a depender do desenvolvimento da pesquisa. De modo geral, a análise mostrou que o trabalho aparece como elemento estruturante do adoecimento, com padrões recorrentes de intensificação de ritmos, metas e cobranças; precarização de vínculos e recursos e remuneração insuficiente e incompatível com o custo humano do trabalho em diferentes ocupações e setores, produzindo desfechos que vão do adoecimento físico ao mental. Por outro lado, à luz da concepção marxiana, não é o trabalho em si o agente do adoecimento, mas a forma que este assume quando subordinado ao sistema capitalista: alienado, externo, de auto-sacrifício, que fortalece o poder econômico na mesma medida em que retira a potência e empobrece o espírito humano (Marx, 2004). Apesar disso, parte considerável dos estudos sequer inclui a questão econômica em suas análises. Tampouco consideram a categoria da alienação e o fenômeno do esvaziamento do trabalho para articular os processos de adoecimento relacionados ao trabalho.

Conclusão: Diante desse cenário, destaca-se a necessidade de avançar em pesquisas que articulem criticamente saúde, processos de adoecimento e trabalho. Nesse sentido, partindo da inevitabilidade do trabalho e da intrinsecidade da alienação nas relações de produção estabelecidas, propõe-se um aprofundamento teórico para futuros estudos relacionados ao mundo do trabalho, de modo a recolocar as determinações sociais no centro da análise, possibilitando superar leituras reducionistas e pensar reformas que impactem significativamente o mundo do trabalho.

Referências:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016. 141 p. Disponível em: <<https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>> Acesso em: 20 maio 2025.

INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL-INSS. **Transtornos mentais podem garantir estabilidade de 12 meses no emprego após alta médica**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inss/pt-br/noticias/transtornos-mentais-podem-garantir-estabilidade-de-12-meses-no-emprego-apos-alta-medica-2?utm_source=chatgpt.com> Acesso em: 05 abr. 2025.

INSTITUTO NACIONAL DO SEGURO SOCIAL-INSS. **Rol de doenças para requerer benefício por incapacidade não foi alterado**. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/inss/pt-br/noticias/rol-de-doencas-nao-foi-alterado?utm_source=chatgpt.com> Acesso em: 05 abr. 2025.

MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2004. 175 p. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2011/08/manuscritos-econc3b4mico-filosc3b3ficos.pdf>> Acesso em: 22 mar. 2025.

NETTO, J.P.; BRAZ, M. **Economia Política: uma introdução crítica**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 258 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/584288393/NETTO-Jose-Paulo-BRAZ-Marcelo-Economia-Politica-Uma-Introducao-Critica>> Acesso em: 20 fev. 2025.

A FAMÍLIA MEDIANTE A HOSPITALIZAÇÃO DE UM FAMILIAR NA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA (UTI): ANSIEDADE E EXPECTATIVAS

Ana Beatriz Marques dos Santos Mendes¹; Andréia Barbosa de Lima²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – abeatriz.mdsmd@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB deialimafib@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: ansiedade, familiares, unidade de terapia intensiva, pacientes.

Introdução: A doença é um processo comum ao longo da vida do ser humano. Ela está interligada a experiência individual do paciente e ao contexto social, mostrando como a doença será enfrentada e compreendida na sociedade em que esse indivíduo está inserido (Oliveira *et al.*, 2017). Ao ser hospitalizado o indivíduo encontra-se em um estado de vulnerabilidade pois está afastado de sua rotina, esse processo leva ao distanciamento de sua família, amigos, trabalho e lazer (Silva; Ferreira, 2021). Alguns estudos apontam os principais fatores de estresse para os familiares, sendo: a aparência do paciente, ventilação mecânica, aparelhos e fios que estão ligados ao paciente e os ruídos da Unidade de Terapia Intensiva (UTI). O quadro clínico e sua gravidade, assim como a falta de comunicação com o paciente, seja ela por dificuldade ou ausência e a alteração do nível de consciência são apontados como contribuintes de estresse nesse ambiente (Barth *et al.*, 2016).

Objetivos: O objetivo geral da pesquisa identificar o que a família pensa, sente e compreende ao estar com um familiar hospitalizado na UTI. E como objetivo específico, entender o impacto da hospitalização na dinâmica familiar e como o ambiente impacta as fantasias e expectativas do familiar.

Relevância do Estudo: A hospitalização de um familiar na UTI envolve diversos desafios emocionais e psicológicos. O ambiente de UTI é estressor e associado a própria condição clínica do paciente faz com que a família lide com sentimentos, como medo, angústia, ansiedade e temor diante do prognóstico e risco iminente de um paciente crítico. Pode causar impactos no imaginário da família que tende a acreditar na possibilidade da morte sem pensar na evolução positiva, outros imaginam a cura mesmo quando o quadro do paciente é delicado e não possui bom prognóstico. Assim, esse estudo irá contribuir para a compreensão de todos esses aspectos.

Materiais e métodos: Revisão de literatura nas bases de dados eletrônicas: SCIELO e BVS, realizada durante os meses de março a maio de 2025. Utilizado as palavras-chave “Ansiedade, familiares, UTI, pacientes” e encontrados 14 estudos no SCIELO e 51 na BVS. Na sequência, foi utilizado filtros como: artigos em português com livre acesso publicados no período de 10 anos (2015 – 2025), em cada base de dados. Após o filtro foram encontrados 22 no SCIELO e 5 na BVS estudos e selecionados para esta pesquisa após leitura 9 artigos e para o presente trabalho foi selecionado 5 artigos. Foram excluídos artigos em outros idiomas, artigos com acesso restrito e duplicados. Teses e capítulos de livros foram incluídos quando se tratou de clássicos ou publicações importantes e relevantes ao tema e cujos conteúdos foram utilizados para complementar os conceitos apresentados nesta revisão.

Resultados e discussões: O processo de hospitalização de um familiar na UTI é marcado por uma experiência emocionalmente intensa para a família, gerando sentimentos diversos como insegurança, impotência, medo e angústia, sendo exacerbados diante do impacto do

processo de adoecimento e pelas incertezas quanto ao prognóstico e possibilidade de morte. Em alguns estudos foi observado o aparecimento de sintomas psicológicos que podem evoluir para quadros de ansiedade, depressão e transtornos de estresse, estes que podem persistir mesmo após alta hospitalar. Além destas questões o sofrimento dos acompanhantes pode ultrapassar aspectos psicológicos afetando diretamente sua condição física como uma resposta para a má elaboração das emoções desencadeadas pela hospitalização (Neves *et al.*, 2018). Por outro lado, alguns familiares apresentam maior preparo emocional diante da possibilidade de morte do paciente sobretudo quando recebem informações claras e frequentes da equipe de saúde (Nobukuni, 2024).

Conclusão: O processo de hospitalização na UTI repercute no paciente e familiares medos e angústias diante de um quadro clínico grave, causando maior fragilidade emocional, afetando diretamente na saúde mental e física desse familiar. A comunicação clara e efetiva com a equipe de saúde e o suporte emocional são de extrema importância para promover expectativas mais realistas e estratégias de enfrentamento mais saudáveis. Por isso, uma equipe interdisciplinar com a presença do psicólogo pode favorecer de forma integral apoio e suporte aos familiares que vivenciam esse processo de adoecimento e hospitalização de um familiar em UTI.

Referências

BARTH, A. A. et al. Estressores em familiares de pacientes internados na unidade de terapia intensiva. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, São Paulo, v. 28, n. 3, p. 323–329, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/0103-507X.20160055>. Acesso em: 16 maio 2025.

NEVES, L. et al. Escola Anna Nery Revista de enfermagem. O impacto do processo de hospitalização para o acompanhante familiar do paciente crítico crônico internado em Unidade de Terapia Semi-Intensiva. **Escola Anna Nery**, Fortaleza, v. 22, n. 2, e20170304, 2018. DOI 10.1590/2177-9465-EAN-2017-0304. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/J8c759Q7bqntF6VfbbtxrQr/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 abril 2025.

NOBUKUNI, M. C. **Necessidades, ansiedade e depressão em familiares de pacientes internados em Unidade de Terapia Intensiva**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu, 2024. Link e data de acesso

OLIVEIRA, C. B. B. DE et al. Experiências de adoecimento por condições crônicas transmissíveis: revisão integrativa da literatura. **Saúde e Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 510–520, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/CQ7JpHHFqqJTDRk7rbMMVgC/>. Acesso em: 05 maio 2025.

SILVA, P. N.; FERREIRA, L. A. Percepção dos pacientes sobre a internação hospitalar em diferentes clínicas: uma revisão integrativa. **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no contexto Social**, Uberaba, v. 1, Sup., 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497969745013/497969745013.pdf>. Acesso em: 04 abril 2025.

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE NARCISISTA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Bruna Cristina dos Santos¹; Cristiane Dameto²

¹Discente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – brusandeiro@gmail.com;

²Docente e orientadora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – crisdameto@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Transtorno de personalidade narcisista; Psicanálise; Narcisismo; Revisão integrativa; Clínica psicanalítica.

Introdução: O conceito de narcisismo, formulado por Freud (1914), constitui um eixo fundamental da teoria psicanalítica, ao descrever o investimento libidinal voltado ao próprio eu e sua importância na formação do ego. Klein (1935) amplia essa compreensão ao destacar as relações precoces de amor, inveja e agressividade, enquanto Winnicott (1965) introduz o conceito de *falso self*, evidenciando a influência das falhas ambientais na constituição do self. Kohut (1971) reformula o narcisismo como expressão de uma busca de espelhamento e empatia, cuja ausência pode gerar fragilidade e dependência do olhar do outro. Kernberg (1975) descreve o Transtorno de Personalidade Narcisista (TPN) como uma organização marcada por cisão e idealização, e Lacan (1949, 1958) o relaciona à alienação do sujeito em sua própria imagem, no *estádio do espelho*. No campo diagnóstico, o DSM-5 (APA, 2014) define o TPN pela grandiosidade e falta de empatia, porém estudos (Pincus; Cain; Wright, 2014; Schalkwijk *et al.*, 2021) revelam a coexistência entre vulnerabilidade e onipotência. Autores contemporâneos, como Mendes (2023), ampliam essa discussão ao situar o narcisismo como expressão do mal-estar na cultura, marcado pela busca incessante de reconhecimento e pela fragilidade dos vínculos.

Objetivos: Analisar o Transtorno de Personalidade Narcisista a partir da psicanálise, articulando fundamentos metapsicológicos clássicos e contribuições contemporâneas, para discutir suas manifestações clínicas, diagnósticas e implicações terapêuticas.

Relevância do Estudo: A crescente procura por tratamento de pessoas com TPN exige dos profissionais de psicologia uma compreensão teórico-clínica consistente. A psicanálise oferece um olhar que ultrapassa a descrição fenomenológica e permite sustentar a singularidade do sujeito, ampliando o manejo clínico e as reflexões éticas sobre sofrimento psíquico e cultura.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, qualitativa e exploratória, realizada entre abril e setembro de 2025 nas bases SciELO, PsIC, BVS-Psi e Google Scholar. Foram utilizados descritores em português e inglês, com recorte temporal de 2014 a 2025. Dos 72 textos inicialmente identificados, 24 atenderam aos critérios de inclusão (ênfase psicanalítica, textos teóricos e clínicos). A análise seguiu a técnica de análise de conteúdo temática (Bardin, 2011).

Resultados e discussões: Os achados revelam que o Transtorno de Personalidade Narcisista (TPN) não pode ser reduzido ao padrão grandioso descrito nos manuais diagnósticos. A clínica mostra sujeitos fragilizados, atravessados pela tensão entre o desejo de reconhecimento e o medo do vazio. Estudos contemporâneos (Pincus *et al.*, 2014; Schalkwijk *et al.*, 2021; Mendes, 2023) confirmam que grandiosidade e vulnerabilidade coexistem em um mesmo continuum, exigindo do clínico abordagens que integrem empatia, manejo da agressividade e abertura a dimensões existenciais do sofrimento. A literatura

revisada foi organizada em cinco eixos interligados que evidenciam a complexidade estrutural do narcisismo. O primeiro, referente ao narcisismo primário e secundário, formulado por Freud (1914) e ampliado por Klein (1935), destaca a constituição do ego e o papel das primeiras relações objetais na formação da identidade. O segundo eixo, do falso self e do espelhamento, desenvolvido por Winnicott (1965) e aprofundado por Kohut (1971), mostra como falhas no ambiente e na resposta empática conduzem à construção de um self dependente do olhar e da validação do outro. O terceiro eixo aborda a grandiosidade e a fragmentação do self idealizado, conforme Kohut (1971) e McWilliams (2011), descrevendo a oscilação constante entre vulnerabilidade e defesas onipotentes que caracteriza o funcionamento narcísico. O quarto eixo, centrado no narcisismo maligno e sua relação com as organizações borderline, descrito por Kernberg (1975), ressalta a predominância de mecanismos de cisão, agressividade e inveja que sustentam um self idealizado e persecutório. Por fim, o quinto eixo contempla o narcisismo estrutural em Lacan (1949, 1958), que, ao propor o estágio do espelho e a distinção entre eu ideal e ideal do eu, revela a alienação constitutiva do sujeito em sua imagem e no desejo do Outro. Essa leitura integrativa demonstra que o TPN expressa uma organização psíquica vulnerável, sustentada por mecanismos defensivos complexos e por uma busca incessante de reconhecimento. As implicações terapêuticas evidenciam que o tratamento requer uma escuta cuidadosa, empática e ética, capaz de acolher tanto a fragilidade quanto as defesas grandiosas do sujeito. A psicanálise, ao oferecer uma compreensão estrutural e relacional do narcisismo, permite ultrapassar a descrição nosográfica e sustentar a singularidade do sofrimento humano, abrindo espaço para a reconstrução simbólica do eu e a elaboração da experiência de vazio.

Conclusão: Conclui-se que o TPN é expressão complexa do narcisismo, atravessado por dimensões defensivas e vulneráveis. A psicanálise, ao sustentar a singularidade do sujeito, oferece recursos clínicos e éticos que superam a lógica classificatória da psiquiatria. O TPN pode ser compreendido como um paradigma do mal-estar contemporâneo, no qual a busca incessante por reconhecimento convive com a angústia do vazio e da fragilidade do eu.

Referências –

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 645–649.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011. p. 121–133.
- FREUD, S. **Introdução ao narcisismo**. In: _____. Obras completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 2010. p. 13–45.
- KERNBERG, O. F. **Borderline conditions and pathological narcissism**. New York: Jason Aronson, 1975. p. 229–275.
- KOHUT, H. **The analysis of the self: A systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders**. New York: International Universities Press, 1971. p. 3–25; 175–198.
- LACAN, J. **O estágio do espelho como formador da função do eu**. In: _____. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 97–104.
- MENDES, E. R. P. Narcisismo na cultura: o ideal do eu. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 45, n. 86, p. 83–92, dez. 2023.
- PINICUS, A. L.; CAIN, N. M.; WRIGHT, A. G. C. Narcissistic grandiosity and narcissistic vulnerability in psychotherapy. **Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment**, Washington, v. 4, n. 4, p. 1–14, 2014.
- SCHALKWIJK, F. et al. Narcissistic personality disorder: Are psychodynamic theories and the alternative DSM-5 model for personality disorders finally going to meet? **Frontiers in Psychology**, Lausanne, v. 12, n. 676733, p. 1–12, 2021.

A IMPORTÂNCIA DOS OBJETOS TRANSICIONAIS NO INÍCIO DA VIDA ESCOLAR: UMA PERSPECTIVA DA TEORIA PSICANALÍTICA DE DONALD WINNICOTT

Keli C. M. Saes¹; Cristiane Araújo Dameto²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – kcmsaes@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
crisdameto@gmail.com

Grupo de Trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Objeto transicional; primeira infância; Educação infantil; Psicanálise de Winnicott.

Introdução: A entrada da criança na escola representa um marco importante no desenvolvimento emocional e social, frequentemente atravessado por ansiedades relacionadas à separação da figura materna e à adaptação a um novo ambiente. A psicanálise, especialmente a teoria de Donald Winnicott, oferece contribuições relevantes para a compreensão dessas vivências infantis. O conceito de objeto transicional, como paninhos, fraldas ou brinquedos, permite compreender como esses elementos funcionam como suporte psíquico durante a transição da criança do ambiente familiar para o escolar (Winnicott, 1951/1975). Winnicott abordou conceitos importantes sobre o desenvolvimento humano como: a relação de dependência, amadurecimento, os fenômenos e objetos transicionais, o comportamento social e a mãe suficientemente boa. Suas teorias tratam da relação de confiança tendo como alicerce a interação social e o papel da afetividade. Todos esses elementos estão presentes na fase inicial do desenvolvimento (Moraes, 2017). Para Ribeiro (2008) dentro do contexto em que se reconhecia familiar, onde suas necessidades eram atendidas, começa a oportunidade de transição, da primeira passagem de mudança, partindo do seio familiar para a entrada no mundo social, a oportunidade de estar, brincar e se relacionar com outras crianças sob a supervisão de outra pessoa. A inserção da criança no ambiente educacional pode ser compreendida como a entrada em um “espaço potencial”, um espaço intermediário entre a realidade interna e externa do sujeito (Almeida e Naffah Neto, 2021). Segundo Ribeiro (2008), a escola deve estar preparada para acolher o processo de separação, respeitando a individualidade da criança e o valor simbólico desses objetos. Nesse contexto, a pesquisa busca refletir sobre a importância dos objetos transicionais na construção da autonomia, socialização e adaptação emocional no início da vida escolar, à luz da teoria psicanalítica de Winnicott.

Objetivos: do estudo traz a importância dos objetos transicionais no início da vida escolar, destacando seu papel como recursos emocionais para enfrentar a separação e favorecer a adaptação escolar.

Relevância do estudo: É a inserção precoce das crianças na escola em uma realidade crescente por motivos familiares e sociais. Compreender os impactos emocionais dessa transição é essencial para práticas pedagógicas e clínicas mais sensíveis. A teoria de Winnicott evidencia a importância do ambiente, da figura materna e dos objetos transicionais no desenvolvimento infantil, oferecendo subsídios para intervenções que promovam acolhimento, segurança e autonomia emocional.

Materiais e Métodos: Essa pesquisa trata-se de uma revisão narrativa de literatura, focada na análise teórica do papel dos objetos transicionais. As buscas foram realizadas nas bases SciELO, PePSIC, LILACS e Google Acadêmico, utilizando os descritores “Psicanálise”, “Infância”, “Objeto de Apego” e “Trauma Infantil”. Foram selecionados 10 artigos e livros

publicados entre 2015 e 2025, além de três textos clássicos considerados fundamentais. Critérios de inclusão foram textos em português que abordam objetos transicionais em diálogo com Winnicott; artigos de opinião e sem base empírica foram excluídos.

Resultados e discussões: Para Winnicott (1951/1975), o objeto transicional é o primeiro “não-eu” da criança, funcionando como ponte entre a realidade interna e externa. Objetos como fraldas ou bichinhos permitem à criança lidar com a ausência materna, servindo como suporte emocional frente à ansiedade da separação. Moraes (2017) destaca que esses objetos possibilitam a expressão de sentimentos como medo e saudade, sendo fundamentais para a regulação emocional. Chamond (2010; 2025) reforça que os objetos transicionais promovem continuidade do ser e habitam o espaço potencial, onde o brincar e a criatividade floresce. O ingresso escolar implica na ruptura com o ambiente familiar, gerando insegurança. Ribeiro (2008) ressalta que a construção do “eu” ainda está em consolidação nesse período, e os objetos transicionais funcionam como elementos de continuidade afetiva entre casa e escola. Pedroza (2010) alerta que educadores muitas vezes interpretam erroneamente a presença desses objetos como apego excessivo, quando na realidade constituem recursos essenciais para enfrentar o novo. Vorcaro e Lucero (2015) afirmam que a experiência do objeto transicional antecede a realidade objetiva e possibilita a construção de simbolizações mais complexas.

No contexto escolar, práticas pedagógicas que acolhem o vínculo da criança com seus objetos favorecem a socialização e fortalecem a identidade. Ribeiro (2008) destaca que não obrigar a criança a compartilhar seu objeto permite a preservação de seu espaço pessoal, favorecendo gradualmente a interação com colegas e o desenvolvimento da autonomia emocional.

Conclusão: A teoria de Donald Winnicott oferece uma perspectiva essencial para compreender a adaptação escolar na primeira infância. Os objetos transicionais atuam como recursos emocionais que ajudam a criança a enfrentar a separação da mãe e a entrada em um novo ambiente, favorecendo vínculos, confiança e socialização. Reconhecer a importância desses objetos permite que educadores e profissionais da saúde mental desenvolvam práticas mais sensíveis e humanizadas, respeitando o tempo psíquico da criança e promovendo um ambiente escolar acolhedor e seguro.

Referências:

- ALMEIDA, A. P.; NAFFAH NETO, A. A teoria do desenvolvimento maturacional de Winnicott: novas perspectivas para a educação. *Revista Latino-Americana de Psicologia e Formação*, v.53, n.1, p.59–71, 2021. DOI: 10.11606/issn.1676-3660.v53i1.5rx4wqK63BJqQRmhC3J5rbk.
- CALDWELL, L. Do objeto ao espaço e a natureza desta transição. *Winnicott e-prints*, São Paulo, v.2, n.1, p.1-25, 2007.
- CHAMOND, J. Continuidade do ser e agonia primitiva: o bebê winnicottiano e a psicose. *Winnicott e-prints*, São Paulo, v.5, n.1, p.1-26, 2010.
- MORAES, S. P. Por mais winnicott na pedagogia! *Revista Educação-UNG*, v.12, n.1 ESP, p.102-114, 2017.
- PEDROZA, R. L. S. Psicanálise e educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. *Psicol. educ.*, n.30, p.81-96, 2010.
- RIBEIRO, M. J. O início das vivências escolares: contribuições da obra do psicanalista D. W. Winnicott. *APRENDER*, ano VI, n.11, p.155-177, 2008.
- SVARTMAN, B. Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos. *Rev. SPAGESP*, v.1, n.1, p.117-125, 2000.
- VORCARO, A.; LUCERO, A. O objeto transicional de Winnicott na formação do conceito de objeto em Lacan. *Nat. hum.*, v.17, n.1, p.15-32, 2015.

DO DESOCULTAMENTO DO SER EM SILENT HILL 2: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA HEIDEGGERIANA

Douglas Malaquias da Silva ¹; Andriele Meire Riso Paulino²; Larissa Felício Delasta ³; Wallace de Souza Marques ⁴; Professor Me. João Paulo Martins ⁵;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
douglasmalaquiasdasilva84@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – riso.andriele@yahoo.com;

³ Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lahfdelasta@gmail.com;

⁴ Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – wallacemandarin12@gmail.com;

⁵ Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Silent Hill 2; Heidegger; Fenomenologia; Existência; Jogos eletrônicos.

Introdução: A relação entre fenomenologia heideggeriana e jogos digitais permite deslocar a atenção do enredo para o modo como um jogo instaura um mundo de sentido no qual habitamos, agimos e somos afetados. *Silent Hill 2* tornou-se referência para pensar não apenas medo e horror, mas também modos de aparecer do mundo e da própria existência quando as referências habituais vacilam. Neblina espessa, ruídos sem fonte visível, vazios repentinos, espaços familiares tornados estranhos: tais elementos não constituem apenas recursos narrativos, mas condições de possibilidade de uma experiência que pode ser lida a partir de ser-no-mundo, queda, angústia e a dinâmica de velamento/desvelamento. O objetivo deste estudo é interpretar passagens nucleares de *Silent Hill 2* à luz de Heidegger, de modo a mostrar como a experiência do jogar convoca uma compreensão não-temática da finitude, sem reduzir a análise a juízos morais ou psicologizantes. O foco recai sobre situações que iluminam estruturas existenciais e não sobre biografias fictícias dos personagens.

Objetivos: O objetivo deste estudo é interpretar passagens nucleares de *Silent Hill 2* à luz de Heidegger, de modo a mostrar como a experiência do jogar convoca uma compreensão não-temática da finitude, sem reduzir a análise a juízos morais ou psicologizantes. O foco recai sobre situações que iluminam estruturas existenciais e não sobre biografias fictícias dos personagens.

Relevância do Estudo: Evidencia jogos como laboratórios fenomenológicos, desvelando estruturas heideggerianas na experiência de jogar.

Materiais e métodos: A pesquisa é de abordagem qualitativa, fundamentada na fenomenologia hermenêutica de Martin Heidegger. Realizou-se uma revisão bibliográfica e uma análise interpretativa do jogo *Silent Hill 2* (Konami, 2001), tomado como fenômeno de desvelamento do ser. Foram observados elementos de sua narrativa, ambientação e simbolismo, articulando-os a conceitos heideggerianos como ser-no-mundo, angústia e finitude, buscando compreender de que modo a experiência do jogar manifesta a dinâmica de velamento e desvelamento.

Resultados e discussões: A fenomenalidade de *Silent Hill 2* emerge, antes de tudo, do modo como o mundo aparece. A neblina não é mero cenário: é um velamento que, ao restringir o horizonte e dissolver contornos, desvela a dependência de nosso habitar ao que já é familiar e, por contraste, a estranheza quando esse familiar se perde. O som – estático, passos, portas – funciona como fio de orientação precário, obrigando o jogador a habitar uma abertura rarefeita. Esse jogo de aparecer e retirar-se faz ver a dinâmica de aletheia: aquilo que se

mostra o faz sempre sobre um fundo de ocultação. O que o jogador “vê” não é apenas objeto, mas um mundo em estado de instabilidade que exige novas possibilidades de conduzir-se. Nesse ambiente, a angústia difere do medo. Há momentos de medo dirigido – uma criatura adiante, um ataque iminente –, mas as passagens mais memoráveis são aquelas em que nada determinado ameaça e, ainda assim, o chão existencial falta. Corredores vazios, ruídos sem origem visível, salas onde nada “acontece” e, no entanto, algo pesa: é a experiência na qual o mundo, como conjunto de significados usuais, se retira. Essa disposição não informa sobre monstros; ela nos expõe a nós mesmos enquanto ser-no-mundo finito e, por isso, abre a possibilidade de um ouvir o chamado. “Pyramid Head” pode ser compreendido como figuração da queda e da culpa existencial. Não se trata de moralizar James ou oferecer diagnóstico psicológico; trata-se de reconhecer que a queda grava no mundo figuras que repetem e punem, capturando o Dasein em circuitos de auto-encobrimento. A repetição de encontros com essa figura, sua indiferença à argumentação e sua potência punitiva encenam a força anônima do impessoal que substitui o cuidado. Vê-la sucumbir não significa “superar a culpa” como quem quita uma dívida; antes, indica a possibilidade de interromper padrões de encobrimento e abrir-se a uma assunção mais própria da finitude. Os múltiplos finais fazem ver modos de existir diante da perda. Lidos fenomenologicamente, não são um veredito psicológico sobre o protagonista, mas figurações de respostas à finitude. O final “In Water” encena uma evasão radical: não a coragem de assumir a morte como possibilidade própria, mas a recusa de suportar o peso da perda – um modo inautêntico de lidar com a finitude. Já “Leave” sugere a possibilidade de prosseguir no cuidado, não por negação da morte, mas por assunção de sua significação na tessitura do viver. O mérito do jogo não está em dizer qual é “certo”, mas em fazer experienciável diferentes modos de responder ao chamado. As relações com outras personagens, sobretudo Maria, iluminam o ser-com (Mitsein). Maria aparece como espelho e tentação: a possibilidade sedutora de reinstalar uma familiaridade perdida sem atravessar a verdade da perda. Nessa convivência, vemos as duas faces do com : uma solicitude substitutiva, que toma o outro e a si mesmo como coisas a manejar, e uma solicitude libertadora, que reconhece a possibilidade própria do outro e a própria. *Silent Hill 2* oscila entre esses modos, expondo a dificuldade de passar do primeiro ao segundo.

Conclusão: A análise de *Silent Hill 2* à luz da fenomenologia de Heidegger revela que o jogo é uma rica metáfora dos dilemas existenciais humanos. A cidade de *Silent Hill* atua como um espaço de desocultamento, expondo James Sunderland à sua própria finitude, culpa e angústia. Os conceitos de ser para a morte, angústia e intencionalidade são expressos de forma simbólica e narrativa, permitindo uma reflexão profunda sobre a condição humana. Assim, *Silent Hill 2* exemplifica como a mídia cultural pode funcionar como um campo de articulação filosófica, promovendo novas formas de engajamento com questões fenomenológicas e existenciais.

Referências – Braga, T. B. M., & Farinha, M. G. (2017). Heidegger: **Em busca de sentido para a existência humana**. *Phenomenological Studies*, 23(1), 65-73.

Nehme, M. C. (2019). **Ser-para-a-morte em Heidegger**. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Werle, M. A. (2003). **A angústia, o nada e a morte em Heidegger**. *Trans/Form/Ação*, 26(1), 97-113.

Rodrigues, O. M., & Gondim, E. (2009). **O transcendentalismo de Heidegger: Um resumo**. *Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, 5, 84-89.

AS CONSEQUÊNCIAS DO AGEÍSMO NA VINCULAÇÃO DA PESSOA IDOSA

Letícia de Oliveira Martins¹; Marina Rodrigues Bighetti Godoy²

¹ Aluna do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

leticiaoliveiramartins01@gmail.com

² Orientadora e Docente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

marinabighetti@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Pessoa idosa; ageísmo; vínculos; cuidadores; exclusão social

Introdução: O envelhecimento é um processo natural acompanhado de transformações físicas, emocionais e sociais. Contudo, a velhice ainda é cercada por estigmas que associam a pessoa idosa à dependência e fragilidade (Neri, 2015). Simone de Beauvoir (1970) aponta a marginalização da velhice e Goffman (1963) descreve o estigma como deterioração da identidade social. Nesse contexto, surge o ageísmo, conceito de Robert Butler (1969), que designa preconceito e discriminação por idade. Reconhecido pela OMS como problema global, o ageísmo pode ser estrutural, interpessoal ou internalizado, e compromete a capacidade do idoso de manter vínculos significativos, levando à exclusão social e fragilidade dos laços familiares e comunitários.

Objetivos: Analisar, a partir de revisão bibliográfica, as consequências do ageísmo na vinculação da pessoa idosa, considerando relações familiares, comunitárias, de cuidado e de saúde.

Relevância do Estudo: Os vínculos afetivos e sociais são fundamentais para o bem-estar do idoso, pois fortalecem sua identidade, autonomia e saúde mental. Entretanto, a presença do ageísmo fragiliza esses vínculos, promovendo isolamento, solidão e exclusão social. Pesquisas demonstram que a ausência de conexões significativas aumenta o risco de depressão, ansiedade e declínio cognitivo, além de reduzir a qualidade de vida (Araújo *et al.*, 2023; Dos Reis; Manso, 2025). Refletir sobre as consequências do ageísmo para a vinculação do idoso é relevante não apenas para a psicologia, mas também para áreas afins, pois evidencia como preconceitos sociais comprometem a dignidade e a participação ativa dessa população. Compreender tais impactos é essencial para fomentar práticas e políticas que fortaleçam vínculos, combatam estereótipos e promovam a inclusão social da pessoa idosa.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, realizada nas bases SciELO, Google Scholar e PubMed, com os descritores “ageísmo”, “pessoa idosa”, “vínculos”, “cuidadores” e “exclusão social”. Foram incluídos artigos entre 2010 e 2025, em português, inglês e espanhol, que abordassem impactos do ageísmo nas relações familiares, sociais e de cuidado.

Resultados e discussões: A literatura analisada evidencia que o ageísmo fragiliza diretamente a vinculação da pessoa idosa. Araújo *et al.* (2023) destacam que o preconceito por idade reforça estereótipos que excluem o idoso da participação social. Fernandes, Lira e Ferro (2020) apontam que a infantilização no trato com idosos compromete não apenas sua autonomia, mas também a construção de vínculos respeitosos com familiares e cuidadores. Dos Reis e Manso (2025) relacionam o ageísmo ao aumento de sintomas depressivos, à redução da autoestima e ao isolamento social. Essas consequências revelam que, quando a sociedade enxerga o idoso como um fardo, ele se torna vítima de processos de exclusão que enfraquecem laços familiares e comunitários, além de impactar vínculos de cuidado. O

ageísmo, ao negar esses aspectos, compromete não apenas a saúde física e mental do idoso, mas também sua rede de apoio e sua integração social. Portanto, combater o ageísmo é também fortalecer vínculos que sustentam a dignidade e a qualidade de vida na velhice.

Conclusão: O ageísmo gera consequências profundas para a vinculação da pessoa idosa. Ao reproduzir estereótipos e práticas discriminatórias, ele isola, fragiliza laços afetivos e compromete a inclusão social. O idoso, vítima desse preconceito, perde autonomia, confiança e espaço de participação ativa na sociedade. Promover vínculos respeitosos e inclusivos exige não apenas o enfrentamento do ageísmo em nível individual e institucional, mas também a valorização do idoso como sujeito de direitos, capaz de contribuir, se relacionar e viver de forma plena. A psicologia tem papel central nesse processo, ao reconhecer a importância dos vínculos para a saúde mental e ao propor estratégias de cuidado que combatam preconceitos e fortaleçam relações

Referências:

- ARAÚJO, P. O. de *et al.* Ageísmo direcionado às pessoas idosas em serviços de saúde: uma revisão de escopo. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 31, p. e4019, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1518-8345.0000.4019>>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970. 608p.
- DE CLARA VERGUEIRO, M. E.; DE LIMA, M. P. O ageísmo e os maus-tratos contra a pessoa idosa. **Psychologica**, n. 52-II, p. 185-208, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.14195/1647-8606_52-2_9>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- DOS REIS, F. A.; MANSO, M. E. G. Ageísmo e sua influência na saúde física e mental de pessoas idosas: uma revisão integrativa. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, v. 30, 2025. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/0000>>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- FERNANDES, S.; DE LIRA, N. E. T.; FERRO, A. M. O ageísmo nos cuidados de saúde: uma revisão sistemática. **New Trends in Qualitative Research**, v. 3, p. 720-731, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.36367/ntqr.3.720-731>>. Acesso em: 29 ago. 2025.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1963. Link de acesso: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf .Acesso em: 29 ago. 2025.

ACOLHEM: UM OLHAR DA PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL SOBRE GRUPOS MINORITÁRIOS, DIVERSIDADE E EQUIDADE

Keli C. M. Saes¹; Marta Alice Nelli Bahia²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – kcmsaes@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de Trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: diversidade, inclusão, comitê de afinidade, cultura organizacional; ESG

Introdução: A promoção da diversidade não apenas cumpre um imperativo ético, mas pode constituir um diferencial estratégico para as organizações (Mendes, 2018). Nesse contexto, a empresa reconhecida por suas práticas sustentáveis no setor ambiental adota a implantação de comitês e grupos de afinidade (temas como raça/etnia, gênero, LGBTQIAPN+, pessoas com deficiência e colaboradores com mais de 50 anos) como forma de fortalecer o senso de pertencimento, ampliar a representatividade e construir um ambiente organizacional mais equitativo. Os grupos de afinidade, têm sido destacados na literatura como instrumentos relevantes para promover inclusão, engajamento dos colaboradores e inovação sendo apontados como “uma excelente estratégia para promover uma cultura de respeito e fomentar a formação de lideranças inclusivas” (HSM Management, 2022). Estudos também mostram que a comunicação organizacional assume papel central na mediação dessas iniciativas: no que se refere à diversidade racial, por exemplo, Corrêa e Silva (2023). Em contrapartida, embora as práticas de diversidade estejam em ascensão, persistem lacunas entre o discurso e a realidade: a formação de grupos de afinidade sem estrutura adequada, o baixo engajamento dos participantes e a falta de mensuração de resultados são obstáculos apontados por Forleo (2019). Nesse sentido, Castillo e Pereira (2023) afirmam que “os grupos de afinidade corporativos devem ser reposicionados como parte integrante da estratégia organizacional, e não meramente como iniciativa periférica” (p. 49).

Objetivos: Fomentar uma cultura organizacional inclusiva e inovadora, promovendo a diversidade e a equidade em ambientes seguros, representativos e alinhados às melhores práticas de ESG — com ênfase em grupos minoritários como pessoas de diferentes etnias/raças, mulheres, pessoas LGBTQIAPN+, pessoas com deficiências, e pessoas de diferentes idades.

Relevância do estudo: No cenário contemporâneo, empresas que investem em diversidade e inclusão ganham visibilidade positiva, atraem talentos mais diversos e são percebidas como organizações mais inovadoras e responsáveis. O mercado global e os investidores valorizam práticas alinhadas aos critérios ESG, e a valorização da diversidade integra esse espectro social. Embora a Empresa já seja referência no setor ambiental, a proposição deste projeto aponta para uma visão ampliada de sustentabilidade que engloba tanto o meio ambiente quanto a justiça social interna. Além disso, a prática institucional de grupos de afinidade permite identificar e reduzir barreiras invisíveis que colaboradores minoritários enfrentam, promover diálogos intergrupos e apoiar a construção coletiva de novas práticas inclusivas. No âmbito acadêmico e institucional, esta iniciativa também se coloca como estudo de caso valioso para a gestão de pessoas e cultura organizacional em empresas de base ambiental, contribuindo para pesquisas e reflexões nas intersecções entre sustentabilidade, ética e gestão humana.

Materiais e Métodos: Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa, integrando elementos de levantamento documental do próprio projeto

institucional e outros documentos. As etapas metodológicas incluem: Levantamento documental de coleta de documentos internos das Empresas, relacionados à cultura organizacional, comunicação e práticas de gestão de pessoas. Análise bibliográfica, revisão teórica sobre diversidade, inclusão corporativa, modelos de comitê de afinidade e práticas de ESG (fontes nacionais e internacionais).

Resultados e discussões: Os resultados aqui apresentados são de natureza prospectiva. Conforme HSM Management (2022), “os grupos de afinidade fortalecem a cultura da empresa e fomentam a retenção e contratação de talentos diversos” (p. 10). No tocante à diversidade racial, Corrêa e Silva (2023) destacam que a comunicação organizacional “é parte fundamental [...] e deve englobar toda a dimensão humana” (p. 1) para que a inclusão de pessoas negras seja efetiva. Este insight sugere que, no contexto da Lwart, não basta instituir grupos de afinidade, torna-se imprescindível uma comunicação institucional alinhada, visível e estratégica, capaz de dar voz aos grupos minoritários e aumentar sua representatividade. Além disso, o valor estratégico da diversidade tem sido reconhecido: Mendes (2018) argumenta que a diversidade pode adicionar valor ao negócio “desde que o contexto organizacional favoreça a ocorrência desse fenômeno” (p. 45). Nesse sentido, Castillo e Pereira (2023) chamam a atenção: “os grupos de afinidade corporativos devem ser reposicionados como parte integrante da estratégia organizacional, e não meramente como iniciativa periférica” (p. 49). Isso reforça a necessidade de governança, mensuração e alinhamento. Finalmente, no que tange à inclusão de pessoas com deficiência, apesar de tratada de modo mais específico em outro trabalho (Saes; Del-Masso, 2020), é válido mencionar que a cultura organizacional inclusiva e a acessibilidade estrutural são fatores determinantes para o sucesso.

Conclusão: O Projeto de Diversidade e Inclusão representa uma iniciativa estratégica de reconhecimento interno das diferenças e de promoção da equidade. Ao estruturar comitês e grupos de afinidade, a empresa demonstra que valoriza não apenas a sustentabilidade ambiental, mas também a sustentabilidade social e humana. Embora os resultados concretos dependam do amadurecimento do projeto e da adaptação contínua, espera-se que ele fortaleça o clima de pertencimento, reduza barreiras discriminatórias e favoreça maior representatividade.

Referências:

CASTILLO, M.; PEREIRA, L. Grupos de afinidade corporativos: uma revisão crítica. **Revista de Gestão de Pessoas**, v. 10, n. 2, p. 45–67, 2023.

CORRÊA E SILVA, F. J.; MOURA, F. A. Cultura organizacional e diversidade racial: o papel da comunicação com vistas à inclusão de pessoas negras nas organizações. **Revista Dito Efeito**, v. 14, n. 24, p. 1-16, 2023. DOI: 10.3895/rde.v14n24.16972.

DÍAZ, S.; GÓMEZ, R. Medindo impacto em projetos de diversidade. **Revista de Estudos Organizacionais**, v. 14, n. 1, p. 98–120, 2020.

PACTO GLOBAL – ONU. Os **10 Princípios do Pacto Global**. Mendes. Referência sobre o valor estratégico da diversidade nas organizações, 2018.

FORLEO. Discussão sobre os desafios práticos na implementação de grupos de afinidade, como falta de estrutura e mensuração de resultados, 2019.

SAES, K. C. M.; DEL MASSO, M. C. S. **Qual o olhar que os profissionais de RH devem ter na contratação de pessoas com deficiência?** Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Gestão Estratégica de Pessoas e Psicologia Organizacional e do Trabalho) – Unesp, Bauru, 2020.

NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS APLICADAS EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Davi Negrão Gurgel¹; Ms. Vera Lúcia Luvizutto Okubo²

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – davinegraogurgel@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – veraokubo@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Necessidades Educativas Especiais; Transtorno do Espectro Autista; Psicologia Escolar; Inclusão Escolar.

Introdução: A Inclusão Escolar visa atender alunos com deficiência, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), por meio de Necessidades Educativas Especiais (NEEs), (Silveira,2015). Essas NEEs são adaptações obrigatórias no currículo para criar um ambiente de aprendizagem mais acessível. Um instrumento fundamental são as Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs), que oferecem apoio especializado (Maria, 2017).

Objetivos: O presente trabalho teve objetiva entender às atuais políticas de apoio às Necessidades Educativas Especiais no Brasil, sua correlação com o ensino especializado às crianças que estejam dentro do espectro autista, e como a mesma pode vir a impactar o desempenho e vida social escolar das mesmas.

Relevância do Estudo: Difusão sobre as Salas de Recursos Multifuncionais e das Necessidades Educativas Especiais e como as práticas das NEEs podem vir a influenciar crianças com TEA, seja positivamente ou negativamente.

Materiais e métodos: Foram utilizados artigos disponíveis em pesquisas nas plataformas SciELO BRASIL e Google SCHOLAR e publicados entre os anos de 2015 e 2025. Foram selecionados 5 artigos usando as palavras chaves: NEE; Necessidades Educativas Especiais; Psicologia Escolar; TEA; Transtorno do Espectro Autista. Todos os artigos selecionados e utilizados neste trabalho, correspondem ao tema de Necessidades Especiais, aplicados para crianças com Transtorno do Espectro Autista, e que se encaixassem nos critérios expostos anteriormente.

Resultados e discussões: Foi apresentado forte dependência das Salas de Recursos Multifuncionais, as quais, são espaços localizados dentro das escolas regulares, equipados com materiais e equipamentos específicos, e atendidos por professores especializados. Seu objetivo é oferecer atendimento educacional especializado no contraturno escolar a alunos com deficiência (física, visual, auditiva), transtornos globais do desenvolvimento (como o TEA) ou altas habilidades (Lucas,2024). As SRMs são fortemente e facilmente moduláveis e adaptáveis, o que acaba por gerar uma ferramenta comprovadamente efetiva e que pode se transformar não apenas perante a necessidade do aluno, mas também as habilidades dos responsáveis pelo aprendizado da criança. A sua introdução, popularização e adoção vem a criar um ambiente mais aberto e seguro para que todos os alunos tenham um desenvolvimento saudável e frutífero no futuro (Barreto, 2021).

Conclusão: As Salas de Recursos Multifuncionais (SRMs) demonstraram ser uma ferramenta crucial e altamente eficaz. Sua principal vantagem é a flexibilidade, podendo ser adaptadas tanto às necessidades específicas do aluno quanto às habilidades dos educadores. Essa modularidade comprovada, cria um ambiente escolar mais seguro e acolhedor, promovendo um desenvolvimento saudável e frutífero para todos os estudantes.

Referências

BARRETO, M. F. Alfabetização e letramento de alunos com transtorno do espectro do autismo (TEA). **Escola em Tempos de Conexões** - Volume 01, [S.L.], v. 1, n. [], p. 1427-1445, S 2022. Disponível em: 10.46943/VII.CONEDU.2021.01.075. Acesso em: 21 mar. 2025.

FERREIRA, L. S.; GALINDO, V. M. Ensino de Ciências Biológicas: materiais didáticos para alunos com necessidades educativas especiais. **Ciência & Educação**, v. 25, n. 2, p. 353-374, 2019. <https://doi.org/10.1590/1516-731320190020006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/cKGN5zGwbT9p5tZVXYCH5Nm/?lang=pt&format=html> Acesso em: 06 jun. 2025.

LUCAS, C. D. **Proposta de criação de um centro de explicação que visa à inclusão de alunos com necessidades educativas especiais, na comuna do chinense**. 2024. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Pedagogia, Instituto Superior Politécnico de Caála, Huambo, 2024 . Disponível em: https://sigiisp.ispcaala.com/_repositorio/Arqui_C%C3%82NDIDO%20DAVID%20LUCAS_93254876a277a0fe380b97193a6b8050.pdf. Acesso em: 09 abr. 2025.

MARIA, M. M. V. R.; MANUELA, M. P. S. F. A Inclusão de Crianças com Necessidades Educativas Especiais no Ensino Regular em Portugal: a Opinião de Educadores de Infância e de Professores do 1º Ciclo do Ensino Público e Privado. **Revista Brasileira De Educação Especial**, v. 23, n. 1 p.37-52, 2017. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382317000100004> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/D9XTB8vPXhXQjQ6zWddXLnq/> Acesso em: 06 jun. 2025.

SILVEIRA, S. N.; LUCIA, A. S.; ELIZETE, R. T. Educação Inclusiva: Entre a História, os Preconceitos, a Escola e a Família. **Psicologia Ciência E Profissão**, v. 35, n. 4, p. 1106-1119, 2015. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001312014> Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/qtPdZxy4yHrX9Lz9txCtQ7c/> Acesso em: 06 jun. 2025.

CORINGA: UMA ANÁLISE SOB O PRISMA PSICANALÍTICO

Beatriz Fernandes Carvalho¹; Misael Winckler Barbosa²; Thais Helena Regangan dos Santos³;
Cristiane Araújo Dameto⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – tricecarvalho@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – misael.winckler.psi@gmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psithaisregangan@gmail.com;

⁴Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
crisdameto@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Coringa; Psicanálise; Transtorno de Personalidade; Mecanismo de Defesa

Introdução: Este artigo propõe-se a analisar a dinâmica da personalidade do personagem Arthur Fleck, um homem de meia-idade que vive com a mãe e trabalha como palhaço. Partindo de uma abordagem teórica fundamentada na psicanálise, o estudo investiga as transformações comportamentais do protagonista desencadeadas pela interrupção de seu tratamento farmacológico, após o encerramento de um serviço público de apoio. O termo “defesa” institui o representante mais primordial da ótica psicanalítica (Freud, 1966). A utilização fundadora do termo encontra-se no estudo “As Neuropsicoses de Defesa” (1894), sendo empregado em diversas obras sequenciais de Freud para descrever a luta do ego contra ideais ou afetos considerados dolorosos e insuportáveis (Freud, 1966). O Eu, em sua função de mediação, mobiliza um conjunto de operações psíquicas para defender a organização psíquica de conflitos vindos das exigências pulsionais, às demandas do Supereu e pressões advindas da realidade externa. Dentre os mecanismos de defesa, os quais atuam a fim de evitar a angústia, destacando-se a negação, sublimação, regressão, formação reativa, racionalização, deslocamento, projeção e introjeção (Benson, 2012).

Objetivos: O objetivo do estudo é elucidar a construção psicológica do protagonista, revelando a complexa relação entre repressão, ruptura social e a manifestação de uma nova subjetividade.

Relevância do Estudo: O trabalho centra-se em identificar e discutir os mecanismos de defesa psíquica observados na personagem, correlacionando-os com as situações traumáticas e o contexto social opressivo por ele vivenciados. Na sociedade, é visto o aumento das psicopatologias, conferindo, portanto, a relevância do estudo, ao buscar investigar fatores que são determinantes de tal fenômeno, assim, proporcionando uma contribuição para a compreensão do tema.

Materiais e métodos: O presente trabalho adota uma metodologia de caráter qualitativo e investigativo, estruturando-se como uma análise de obra cinematográfica realizada em âmbito acadêmico durante a disciplina de “Psicologia da Personalidade I”. O objeto de análise deste estudo consiste na produção cinematográfica “Coringa” (2019), dirigido por Todd Phillips, utilizando artigos científicos em português e inglês dos últimos 10 anos, encontrados, analisados e selecionados de acordo com os requisitos anteriores em bases de dados como Scielo, Lilacs, Google Acadêmico.

Resultados e discussões: Dentre os mecanismos de defesa citados na teoria freudiana, houve a identificação de alguns deles no percorrer da longa, o que mostra defesas psíquicas de Arthur Fleck para com as pressões superegoicas e advindas do mundo externo. Uma delas é a negação (*Verneinung*), que atua para que o Ego tenha conhecimento do que é recalcado

sem aceitá-lo, sendo uma suspensão temporária de defesa psíquica (Cathelineau, 1998), a negação do personagem, Arthur Fleck, atua de maneira a reconhecer indiretamente as verdades recalçadas, ao negar tais fatos. Arthur suspende temporariamente o recalque, permitindo a emergência, sem aceitação, de conteúdos inconscientes. A identificação projetiva, também identificado no longa metragem, refere-se a uma gama de eventos psicológicos interpessoais, incluindo as formas iniciais de comunicação entre mãe e bebê, intrusões coercitivas fantasiadas internamente e a ocupação da personalidade de outro indivíduo e um “compartilhamento empático” considerado saudável (Bion, 1962), pois a relação com o personagem principal com sua figura materna, Penny, estrutura-se, de maneira fundamental, na identificação projetiva, já que Penny não consegue reconhecer o filho como um indivíduo que é separado, projetando nele sua própria fantasia de ser amada por Thomas Wayne e sua missão de “espalhar alegria”. Há, também, a fixação, a qual corresponde a uma inibição do desenvolvimento e um ponto privilegiado o qual o indivíduo reincide em função das dificuldades passíveis de encontro. As neuroses teriam seu ponto de fixação em específico, e o processo de regressão explicaria o movimento constitutivo da sintomatologia específica de cada uma (Mezan, 2006), o ponto de fixação específico de Arthur Fleck se localiza na relação simbiótica e traumática com a mãe. Diante das frustrações e violências da realidade da vida adulta, Arthur regride a tal estágio, o qual o símbolo do palhaço e a fantasia de ser reconhecido operam tal como um núcleo constitutivo de seu sofrimento psíquico.

Conclusão: A análise sob o prisma da Psicanálise do filme “Coringa” evidencia a transformação de Arthur Fleck, resultando na interação entre seus traumas infantis, mecanismos de defesa e um contexto social opressivo. Foram identificados três mecanismos de defesa no personagem (Negação, Identificação Projetiva e Fixação) e, com isto, tem-se por certo que o colapso de seus mecanismos, agravados pelo abandono tanto social quanto institucional, culmina com o surgimento do Coringa como uma expressão máxima de uma desintegração psíquica e revolta contra uma realidade insustentável.

Referências –

BENSON, N. C. Entendendo Psicologia. Tradução: Marly N. Peres. São Paulo, SP: LeYa, 2012.

BION, W. R. Group dynamics: a review. In: BION, W. R. Experiences in groups and other papers. New York: Basic Books, 1959. p. 141-192.

CATHELINEAU, P.-C. **Lacan, lecteur d'Aristote**. Paris: Éditions de L'Association Freudienne Internationale, 1998.

FREUD, A. The Mechanisms of Defense: psychoanalytic theory and the mechanisms of defense. In: FREUD, Anna. **The Ego and the Mechanisms of Defence**. Londres: Karnac Books, 1966. Cap. 4. p. 1-191. Acesso em: 14 out. 2025.

MEZAN, Renato. O que significa “Pesquisa” em Psicanálise? Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, São Paulo, v. 9, n. 4, p. 742-752, dez. 2006.

WINNICOTT E A DELINQUÊNCIA: RELAÇÕES ENTRE PSICOLOGIA E CRIMINOLOGIA

Maria Fernanda Barbosa dos Santos¹; Maria Luiza Pereira de Arruda ²; Raffael Hideki Kawabata ³; Larissa Eduarda Guimarães Venâncio ⁴; Cristiane Araujo Dameto ⁵;

¹ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mariafernandabarbosadoss@gmail.com;

² Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – malu.pereira.arruda@gmail.com;

³ Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – raffaelhkr@gmail.com;

⁴ Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – lari.venancio06@gmail.com;

⁵ Professora de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – crisdameto@gmail.com;

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia; psicanálise; winnicott; criminologia; instituições particulares de ensino superior; educação superior;

Introdução: Segundo Kahr (2018), a humanidade sempre teve dificuldade em lidar com formas de violência, ignorando-as ou punindo-as com violência extrema, sendo isso uma forma inconsciente de identificação com o agressor. Apenas no último século, o tema das diversas violências foi levado com maior concatenação e humanidade, junto com isso, existe o surgimento da psicanálise, construindo uma profunda compreensão dos sujeitos e provendo um método de contenção e comunicação com os delinquentes. Para Winnicott (2023), o foco recai sobre a relação entre mãe e filho, visto que esse ambiente é de fundamental importância para o desenvolvimento psicológico e físico da criança. Quando há a ausência ou fragilidade desse vínculo, o indivíduo pode apresentar dificuldades em estabelecer relacionamentos sociais futuros, uma vez que não ocorreu, nesse momento inicial, a transição adequada em direção ao objeto externo (BERTOLDI, 2014).

Objetivos: O presente estudo tem como objetivo geral analisar as contribuições da teoria psicanalítica de Winnicott para a compreensão da delinquência e suas relações com a criminologia contemporânea, enfatizando o impacto da privação emocional e das falhas no ambiente familiar primário sobre o desenvolvimento psíquico do indivíduo, destacando a relevância de seu pensamento na análise e intervenção junto a indivíduos em situação de privação afetiva e vulnerabilidade social.

Relevância do Estudo: A relevância deste estudo está em evidenciar a contribuição de Donald Winnicott para a compreensão das origens psíquicas da delinquência e para o diálogo entre a Psicologia e a Criminologia. Ao relacionar a privação emocional com a tendência antissocial, o pensamento winnicottiano oferece um importante referencial teórico para compreender os aspectos subjetivos envolvidos na formação do comportamento delinquente. A análise proposta amplia a visão tradicionalmente punitiva da criminalidade, ao destacar a importância do cuidado, do ambiente e da relação mãe-bebê no desenvolvimento emocional do indivíduo.

Materiais e métodos: Para a elaboração deste estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica abrangente, contemplando obras de referência, dentre elas Deprivação e Delinquência de Winnicott (2023), além de conteúdos disponíveis em artigos referentes ao tema. O levantamento teve como objetivo reunir aportes teóricos sólidos que possibilitasse uma compreensão mais aprofundada acerca das implicações psíquicas e sociais decorrentes da privação emocional.

Resultados e discussões: Durante a Segunda Guerra Mundial, Winnicott foi nomeado psiquiatra consultor do Plano de Evacuação Governamental, experiência que se mostrou fundamental para o desenvolvimento e a reformulação de sua teoria. Nesse contexto, o autor pôde observar com maior profundidade as relações entre a privação familiar e a delinquência em crianças e adolescentes (ROCHA, 2020).

De acordo com Rocha (2020), a teoria de Winnicott representa uma transformação significativa em certos paradigmas da psicanálise, uma vez que introduz a compreensão de que a tendência antissocial surge como consequência de falhas ou privações no ambiente. Essa concepção destaca a importância da relação dual entre mãe e criança, fundamental para o desenvolvimento emocional saudável.

Para Winnicott (2023), certos casos de crianças com comportamentos antissociais demandam internações, enquanto outros podem ser tratados por meio de intervenções associadas a um cuidado ambiental especializado. Segundo o autor (1967), o ato antissocial não surge inesperadamente, mas tem origem em experiências anteriores que tornaram a criança emocionalmente carente. Esse sentido inicial muitas vezes se perde ao longo de sua trajetória, sendo complexo fazê-la compreender a necessidade de ajuda em suas ações.

Conclusão: Conclui-se que a teoria de Winnicott (2023) oferece uma leitura humanizada sobre a delinquência, compreendendo-a não como mero desvio moral, mas como um pedido de ajuda diante de falhas no ambiente primário, que foi consequência de privações. A tendência antissocial, segundo o autor, revela um potencial de esperança no fim, pois indica a persistência do vínculo e o desejo de reparação da perda emocional vivida na infância (WINNICOTT, 1967). Nesse sentido, o estudo reforça a importância do ambiente facilitador e da presença do outro significativo como elementos fundamentais para o desenvolvimento saudável e para a reintegração social do indivíduo.

Ao aproximar a Psicanálise e a Criminologia, reafirma-se a necessidade de um olhar interdisciplinar que ultrapasse o caráter punitivo, priorize a compreensão subjetiva, a escuta e o cuidado. Assim, a contribuição de Winnicott permanece atual e essencial para a construção de práticas clínicas e socioeducativas que promovam a transformação e a possibilidade de reinvenção do sujeito em sociedade.

Referências

BERTOLDI, Maria Eugênia et al. PSICOLOGIA CRIMINAL E PSICOPATIA—CONTRIBUIÇÕES WINNICOTTIANAS. **JICEX**, v. 4, n. 4, 2014.

KAHR, Brett. **Forensic psychotherapy and psychopathology: Winnicottian perspectives**. Routledge, 2018.

ROCHA, Fernanda Carvalho Moura. A execução de medidas socioeducativas diante da perspectiva de Winnicott na obra “Privação e Delinquência”. 2020.

WINNICOTT, Donald W. Delinquency as a sign of hope. **Home is where we start from: Essays by a psychoanalyst**, p. 90-100, 1967.

WINNICOTT, Donald. Deprivação e delinquência. **Ubu Editora**, 2023.

ENTRE O SILÊNCIO E O SENTIDO: ESPIRITUALIDADE, COMUNICAÇÃO E CUIDADO EM PSICO-ONCOLOGIA

Camila Juliana Batista Nakasato¹; Marta Alice Nelli Bahia²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – caju.nakasato@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psico-oncologia, comunicação, conspiração do silêncio, espiritualidade, enfrentamento.

Introdução: O adoecimento oncológico produz impactos emocionais, sociais e existenciais que ultrapassam a dimensão biológica, exigindo uma abordagem integral centrada na pessoa. Nesse cenário, a conspiração do silêncio, entendida como a omissão ou suavização de informações sobre diagnóstico e prognóstico pode comprometer a autonomia do paciente, ampliar sentimentos de medo e solidão e dificultar o enfrentamento saudável da doença. Paralelamente, a comunicação humanizada e a espiritualidade emergem como recursos fundamentais de cuidado e ressignificação, colaborando para a elaboração emocional frente à finitude e às incertezas. Pesquisas em Psico-Oncologia apontam que estratégias comunicacionais efetivas e o acolhimento da espiritualidade contribuem para melhores indicadores de qualidade de vida e saúde mental (Gobatto, Araújo, 2010; Hermes, Lamarca, 2013).

Objetivos: Analisar o papel da comunicação e da espiritualidade no enfrentamento do câncer, destacando os efeitos da conspiração do silêncio e as contribuições da Psico-Oncologia para o cuidado integral.

Relevância do Estudo: A lacuna comunicacional ainda presente nos serviços de saúde revela a necessidade de práticas que favoreçam autonomia, clareza e acolhimento. Compreender tais fenômenos fortalece o exercício profissional do psicólogo, especialmente em um contexto em que a integralidade, o sentido existencial e o manejo do sofrimento são demandas centrais do cuidado oncológico.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão narrativa integrativa da literatura, com consulta a artigos científicos indexados nas bases SciELO, PePSIC e LILACS, utilizando os descritores “psico-oncologia”, “comunicação em saúde”, “conspiração do silêncio”, “enfrentamento” e “espiritualidade”. Devido à escassez de publicações pertinentes ao tema foram utilizados artigos com mais de 10 anos.

Resultados e discussões: A literatura evidencia que a conspiração do silêncio, embora motivada pela intenção de proteger o paciente, intensifica sofrimento psíquico, amplia o sentimento de impotência e dificulta a tomada de decisões conscientes. (Hermes; Lamarca, 2013). Ainda segundo os autores, o psicólogo pode auxiliar no rompimento do pacto de silêncio favorecendo o diálogo aberto sobre a doença, além oferecer informações claras e necessárias para o tratamento. Por outro lado, a postura empática aliada ao uso de protocolos estruturados como o *SPIKES* auxilia profissionais na comunicação de notícias difíceis, promovendo vínculo e acolhimento emocional (Isquierdo *et al.*, 2021). Esses protocolos não substituem a escuta sensível, mas funcionam como dispositivos éticos que organizam o encontro clínico e promovem validação emocional. O diagnóstico de câncer desencadeia intenso sofrimento, tornando necessárias estratégias de enfrentamento que auxiliem no

reequilíbrio psíquico. A espiritualidade compreendida como busca de sentido e propósito, se destaca como um recurso importante utilizado por pacientes oncológicos a fim de aliviar a dor, ressignificar a experiência do adoecimento e sustentar a esperança. Dessa forma, o cuidado espiritual contribui para a redução do sofrimento e maior adesão ao tratamento (Oliveira *et al.*, 2020). Reconhecer e respeitar a espiritualidade dos pacientes contribui para que se sintam acolhidos, favorecendo o aceite de apoio emocional e o fortalecimento dos vínculos terapêuticos. Nesse contexto, o psicólogo exerce um papel fundamental ao oferecer escuta qualificada, compreendendo o significado da fé para cada indivíduo, atuando como mediador entre paciente, família e equipe de saúde e colaborando para o desenvolvimento de estratégias mais eficazes de enfrentamento e suporte (Pallini *et al.*, 2019).

Conclusão: Embora as evidências apontem benefícios consistentes da comunicação qualificada e do cuidado espiritual no contexto oncológico, ainda existem lacunas importantes na literatura. Mostra-se necessário ampliar estudos que investiguem, de forma sistemática, os impactos emocionais da conspiração do silêncio, bem como a efetividade de protocolos de comunicação em diferentes fases do tratamento. A comunicação humanizada e o respeito às dimensões espirituais constituem elementos essenciais para a prática em Psico-Oncologia. Romper com a conspiração do silêncio, acolher narrativas e integrar o sentido existencial amplia o cuidado, favorece autonomia, dignidade e qualidade de vida, especialmente em contextos permeados pela dor. Ao reconhecer o paciente como um indivíduo único em sua subjetividade e não apenas como portador de um diagnóstico, a clínica oncológica se torna mais humanizada, promovendo assim o fortalecendo para o enfrentamento da doença.

Referências

GOBATTO, C. A.; ARAÚJO, T. C. C. F. Coping religioso-espiritual em saúde: reflexões e perspectivas para a atuação do psicólogo em oncologia. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, v. 13, n. 1, p. 52-63, 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582010000100005
Acesso em: 21 de outubro de 2024.

HERMES, H. R.; LAMARCA, I. A. Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das necessidades. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 18, n. 9, p. 2541-2549, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/YXmF5MbX4bxnX9fVtqQ7bPn> Acesso em: 21 de outubro de 2024.

ISQUIERDO, A. P. R. *et al.* Comunicação de más notícias com pacientes padronizados: avaliação de desempenho de estudantes. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, n. 4, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/mBj46qsPfmCm9P7StfbXPSf>
Acesso em: 21 de outubro de 2024.

OLIVEIRA, S. S. W. *et al.* A espiritualidade no enfrentamento da dor em pacientes oncológicos: revisão sistemática. **Brazilian Journal of Pain**, v. 3, n. 4, p. 331-337, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/brip/a/r3GTjGSxbChGsBZqqmdG5VJ/?format=pdf&lang=pt>
Acesso em: 21 de outubro de 2024.

PALLINI, A. C. *et al.* Significados da espiritualidade para pacientes oncológicos. **Psicologia para América Latina**, n. 30, p. 1-12, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2019000100004
Acesso em: 21 de outubro de 2024.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O IMPACTO SOBRE O TRABALHO E SAÚDE MENTAL

Larissa Cristina de Oliveira¹; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – laholiveira_17@hotmail.com;

²Professora e Orientadora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
danizacaib@gmail.com.br;

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: Inteligência artificial; Saúde mental; Saúde; Tecnologia; Organizações; Transformação digital; Bem-estar; Trabalhadores.

Introdução: O mundo do trabalho vem passando por transformações profundas devido aos avanços tecnológicos da chamada Indústria 4.0, marcada pela inteligência artificial (IA), Internet das Coisas, *blockchain* e automação (Kagermann; Wahlster; Helbig, 2013). Esse cenário trouxe novas formas de organização laboral, mas também desafios importantes, sobretudo para a saúde mental. A digitalização intensificou o ritmo de trabalho, ampliou a exigência por adaptação constante e gerou novos fenômenos, como o “tecnoestresse” (Cavalcanti, 2023).

Objetivos: Realizar uma revisão de literatura narrativa sobre os impactos do uso da inteligência artificial no ambiente de trabalho, com foco nas consequências para a saúde mental dos trabalhadores, e discutir estratégias que favoreçam o bem-estar frente às exigências digitais.

Relevância do Estudo: A discussão sobre IA e saúde mental é cada vez mais atual, considerando que empresas no Brasil e no mundo estão incorporando sistemas inteligentes em seus processos (McKinsey, 2023; IBGE, 2022). Compreender como essas mudanças afetam os indivíduos é essencial para propor medidas de prevenção e promoção de saúde ocupacional. Foram incluídos artigos em português, espanhol e inglês, priorizando textos com acesso completo e relevância teórica para o tema

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão de literatura, qualitativo e exploratório. Foram consultadas bases como PePSIC, SciELO e Google Acadêmico, considerando publicações dos últimos dez anos que relacionassem inteligência artificial, trabalho e saúde mental

Resultados e discussões: A partir da revisão feita, a literatura consultada evidencia que a incorporação da IA trouxe benefícios em eficiência, mas também aumentou o estresse, a ansiedade e a insegurança profissional (Tang *et al.*, 2023; Lippi *et al.*, 2024). O *tecnoestresse* surge como uma consequência direta da hiperconexão, da vigilância algorítmica e da pressão por resultados (Salanova, 2003; Cavalcanti, 2023). Além disso, a redução da interação social no ambiente de trabalho mediado por IA pode comprometer o senso de pertencimento e enfraquecer vínculos coletivos (Cremer; Koopman, 2024). A literatura aponta ainda para sintomas como insônia, declínio cognitivo e maior vulnerabilidade emocional, que refletem o impacto do excesso de demandas digitais na qualidade de vida (Moreira, 2020). Por outro lado, pesquisas sugerem que políticas organizacionais adequadas podem reduzir esses impactos. Entre elas destacam-se o incentivo à desconexão digital, programas de saúde ocupacional, educação tecnológica continuada e regulamentações que assegurem limites de uso de ferramentas digitais (OMS, 2022; Lippi *et al.*, 2024). Também é importante que as empresas desenvolvam estratégias preventivas, como protocolos de avaliação de riscos psicossociais,

que permitam identificar precocemente sinais de adoecimento e criar ações voltadas ao bem-estar.

Conclusão: A inteligência artificial representa um marco importante na transformação do trabalho, mas seus efeitos sobre a saúde mental não podem ser ignorados. O estudo aponta que, sem estratégias de proteção, os trabalhadores ficam mais expostos ao tecnoestresse, à ansiedade e à precarização das relações laborais. Conclui-se que é fundamental equilibrar inovação tecnológica com políticas que priorizem o bem-estar, garantindo ambientes de trabalho mais saudáveis e humanos.

Referências –

- CAVALCANTI, F. B. P. S. **A revolução tecnológica e os impactos na saúde mental dos trabalhadores em plataformas digitais**. 2023. 122 p. Monografia (Especialização em Direito do Trabalho) – Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.
- CREMER, D. D.; KOOPMAN, J. **Using AI at Work Makes Us Lonelier and Less Healthy**. Harvard Business Review, 2024. Disponível em: <https://hbr.org/2024/06/research-using-ai-at-work-makes-us-lonelier-and-less-healthy>. Acesso em: 01 de maio 2025.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa de Inovação Semestral 2022**. IBGE. 2022. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37973-84-9-das-industrias-de-medio-e-grande-porte-utilizaram-tecnologia-digital-avancada>. Acesso em: 02 de maio 2025.
- KAGERMANN, H.; WAHLSTER, W.; HELBIG, J. **Recommendations for implementing the strategic initiative INDUSTRIE 4.0**. German Academy of Science and Engineering, 2013. <https://www.din.de/resource/blob/76902/e8cac883f42bf28536e7e8165993f1fd/recommendations-for-implementing-industry-4-0-data.pdf>. Acesso em: 02 de maio 2025.
- LIPPI, F. L. et al. Impactos emocionais e afetivos do uso da inteligência artificial. **Lumen et Virtus**, São José dos Pinhais, v. 16, n. 44, p. 341-355, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/2836> Acesso em: 02 de maio. 2025.
- MCKINSEY, J. O. **The state of AI in 2023: Generative AI's breakout year**. 2023. Disponível em: https://www.mckinsey.com/~media/mckinsey/business%20functions/quantumblack/our%20insights/the%20state%20of%20ai%20in%202023%20generative%20ais%20breakout%20year/the-state-of-ai-in-2023-generative-ais-breakout-year_vf. Acesso em: 01 de maio 2025.
- MOREIRA, T. C. **Algumas considerações sobre segurança e saúde dos trabalhadores no trabalho 4.0**. In: CARELLI, R. L.; CAVALCANTI, T. M.; FONSECA, V. P. (Orgs). Futuro do trabalho: os efeitos da revolução digital na sociedade. Brasília: ESMPU, 2020. p. 273-290.
- OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Diretrizes sobre saúde mental no trabalho**. Genebra:OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240053052>. Acesso em: 02 de maio 2025.
- SALANOVA, M. Trabajando con tecnologías y afrontando el tecnoestrés: El rol de las creencias de eficacia. **Revista de Psicología del Trabajo y de las Organizaciones**, v. 19, n. 3, p. 225-246, 2003. Disponível em: <https://journals.copmadrid.org/jwop/art/02a32ad2669e6fe298e607fe7cc0e1a0>. Acesso em: 02 de maio 2025.
- TANG, P. M. et al. No person is an island: unpacking the work and after-work consequences of interacting with artificial intelligence. **Journal of Applied Psychology**, v. 108, n. 11, p. 1766–1789, 2023. Disponível em: <https://www.apa.org/pubs/journals/releases/apl-apl0001103> Acesso em: 02 de maio 2025.

ENTRE SONHOS E ESCOLHAS: AS INCERTEZAS DO AMANHÃ

Thais Helena Regangnan dos Santos¹; Misael Winckler Barbosa² Ms.Vera Lúcia Luvizutto Okubo³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psithaisregangnan@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – misael.winckler.psii@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB veraokubo@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia escolar, orientação vocacional, ensino médio

Introdução: A adolescência é uma fase difícil, não somente pelas mudanças hormonais, que os adolescentes precisam lidar diariamente, mas também por causa das tomadas de decisões acerca de carreira e caminhos a seguir. Por isso, é de suma importância que os adolescentes tenham o amparo necessário para auxiliá-los na tomada de decisão sobre o caminho a seguir (CAZATTI, 2022). Como orientador vocacional, é importante considerar as diversas esferas que cada aluno está inserido, para que ele compreenda as possibilidades de escolhas dele e os possíveis impactos de cada escolha. É imprescindível, da parte do profissional que irá acompanhar, ter consciência da realidade que cerca os alunos (CAZATTI, 2022). As emoções e anseios acerca da próxima fase da vida vêm com muita intensidade para os adolescentes, isso dificulta a reflexão calma e clara acerca de si próprios. Com isso o momento de reflexão acerca do futuro e a orientação vocacional não possuem a finalidade de apresentar respostas, mas de promover um amparo maior e um momento propício e orientado para que falem de si, seus medos e anseios (CAZATTI, 2022).

As reflexões sobre o desenvolvimento de carreiras surgem ainda na adolescência, quando começamos a idealizar quem queremos ser e projetamos identidades das quais gostaríamos de nos orgulhar. Esses mesmos anseios costumam permanecer na vida adulta, especialmente quando entendemos que a profissão representa uma extensão da nossa identidade, por refletir a função social que escolhemos como missão (ASSIS; ALVES, 2025).

Objetivos: O objetivo é oferecer uma compreensão clara sobre as diversas possibilidades de carreira, auxiliando o jovem a fazer uma escolha consciente e bem fundamentada, que esteja em sintonia com suas características pessoais e seus objetivos de vida.

Relevância do Estudo: A orientação vocacional é focada para jovens que estão finalizando o ensino médio e precisam decidir qual carreira seguir, está relacionada a alinhar a verdadeira vocação do adolescente, seus talentos e habilidades com as possibilidades oferecidas pelo mercado de trabalho, no entanto, por ser uma fase de incertezas e descobertas, dificulta ter total clareza de quais são, de fato, suas verdadeiras habilidades, pois é uma fase muito exploratória (ASSIS; ALVES, 2025). Com isso se dá a relevância de ter um momento específico para que, em meio a essa fase difícil, os alunos consigam refletir com calma sobre as possibilidades e o caminho que pretendem seguir.

Materiais e métodos: O presente trabalho baseia-se nas contribuições de Carl Rogers com a Abordagem Centrada na Pessoa (ACT), onde explicita que cada indivíduo tem suas potencialidades e, por intermédio do ambiente educacional, pode ser lapidada e é responsabilidade dos educadores fornecer as ferramentas necessárias para que essa evolução ocorra (LAVOR, 2022). Este trabalho caracteriza-se como um projeto de extensão de cunho exploratório, com abordagem qualitativa, voltado à orientação vocacional e ao desenvolvimento pessoal de estudantes. O projeto foi aplicado às turmas da 3ª série do Ensino Médio do Colégio Paraíso Bauru, totalizando 4 encontros durante o período de uma semana, sendo 2 encontros para cada turma e com 2 turmas ao total. Para aplicabilidade do projeto foram utilizados recursos de vídeo e áudio disponibilizados pelo Colégio.

Resultados e discussões: No primeiro encontro iniciaram com a atividade ‘Meu Mapa de Interesses’, onde irão colocar seu nome no centro de uma folha e escrever 4 tópicos acerca deles mesmos, respondendo às seguintes perguntas: Quais são os meus valores? Quais são as minhas habilidades? O que me brilha os olhos? O que eu não gosto de ter que fazer?

Ao serem convidados a refletir sobre si mesmos, podem perceber potencialidades que antes estavam veladas. Para o segundo momento, será lançado o questionamento “Sucesso para mim é...?” onde as respostas serão anotadas na lousa como um brainstorming. Para finalizar o primeiro encontro, foi proposto um bate-papo sobre as respostas ao que é sucesso e as possibilidades de alcançá-lo com base no que descreveram sobre si mesmos. No segundo encontro realizaram a atividade “Linha da Vida”, onde descrevem os fatos marcantes desde o início de sua vida até o momento atual. Essa atividade tem como finalidade esclarecer que o momento atual da vida deles é um ponto na linha da vida. Posteriormente foi passado um vídeo de 3 minutos com dois relatos, o primeiro relato era de uma pessoa que morou em Bauru, se formou na Universidade de São Paulo e atualmente está fazendo mestrado em direito alemão na Alemanha. O outro relato foi de uma ex-aluna do colégio, que se formou em pedagogia em uma universidade particular de Bauru e atualmente mora e trabalha como professora na Itália.

Conclusão: O projeto foi aplicado conforme o planejado e foi possível observar o entusiasmo com relação ao novo campo de possibilidades aberto. Heidegger traz em sua obra “Ser e Tempo” questões acerca de autenticidade, a quebra da relação do ser com o modo superficial de existir e o encontro com a própria existência de uma forma autêntica e singular (HEIDEGGER, 2012). As teorias existenciais e humanistas contribuem significativamente para a compreensão da orientação vocacional, ao considerarem a escolha profissional como um processo subjetivo e complexo (CAMPOS *et al.* 2023). Com isso pode-se concluir que foi muito enriquecedor para os alunos terem esse momento de reflexão e abertura de possibilidades.

Referências

ASSIS, Frederico Azevedo Alvim; ALVES, Gabriela Carvalho Mizuno. Apropriações de instrumentos de orientação profissional, vocacional e de carreiras para a gestão de pessoas. **Revista UniAraguaia** (Online), Goiânia, v. 20, n. 1, p. 265, jan./abr. 2025. Disponível em: <https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

CAZATTI, Vera Lucia. A importância da orientação vocacional no ensino médio: o papel da escola e da família na escolha dos alunos. **Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as Ciências**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 2, p. 136–148, dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22481/rbba.v11i02.10932>.

CAMPOS, D. F. S.; DINIZ, E. C. N.; GONÇALVES, M.; CASTRO, J. .; SOARES, E. R. S. Orientação vocacional/profissional na perspectiva fenomenológica existencial-humanista: um estudo de caso. **Revista Projetos Extensionistas**, Pará de Minas, v. 3, n. 1, 2023.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução, notas e anexos de Fausto Castilho. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LAVOR, Fabrício Cândido Duarte. As atitudes facilitadoras de Carl Rogers no processo de ensino e aprendizagem: um relato de experiência na Educação Profissional. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 2, n. 22, p. 1–16, e10836, ago. 2022. ISSN 2447-1801. DOI: <https://doi.org/10.15628/rbept.2022.10836>

A INFLUÊNCIA DA CONDIÇÃO SOCIOECONÔMICA NO ABANDONO ESPORTIVO DE ATLETAS DE ALTO RENDIMENTO

Ana Julia Ferreira Batista¹; Marina Rodrigues Bighetti Godoy²

¹Aluna de do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
anajfbatista@gmail.com;

²Orientadora e Docente do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
marinabighetti@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Abandono Esportivo; Condição Socioeconômica; Desigualdade Social; Psicologia do Esporte

Introdução: O esporte de alto rendimento exige investimentos significativos de tempo, recursos financeiros e suporte institucional. Atletas de contextos socioeconômicos desfavorecidos enfrentam barreiras estruturais que limitam sua permanência no esporte competitivo (Dias, 2015). Estudos internacionais mostram que alto esforço e recompensas insuficientes aumentam a probabilidade de abandono (Schmid *et al.*, 2025). No Brasil, fatores como custos elevados, falta de políticas públicas e desigualdade de acesso a infraestrutura também influenciam o abandono (Bara Filho; Garcia 2008). Compreender essas influências é essencial para propor medidas de inclusão e democratização no esporte competitivo.

Objetivos: Analisar, a partir da literatura, como a condição socioeconômica influencia o abandono esportivo de atletas de alto rendimento e discutir implicações para políticas públicas e intervenções psicológicas.

Relevância do Estudo: O abandono esportivo precoce compromete o desenvolvimento de talentos e a função social do esporte como instrumento de inclusão (Samulski, 2017; Weinberg; Gould, 2017). A perspectiva da Análise do Comportamento permite compreender o fenômeno como resultado de contingências ambientais passíveis de intervenção, utilizando as políticas e estratégias institucionais como ferramentas.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão narrativa de estudos nacionais e internacionais publicados em bases como SciELO, PubMed e BMC Public Health. Foram analisados artigos sobre abandono esportivo, desigualdades socioeconômicas e Psicologia do Esporte, categorizados em fatores econômicos, suporte social, conciliação estudo/trabalho, invisibilidade esportiva e interseccionalidade. Esta pesquisa também utiliza autores clássicos como Skinner (2003), Baum (2006) e Bara Filho; Garcia (2008). A presença dessas obras se justifica pela relevância teórica que ainda possuem, por fundamentarem conceitos essenciais da Psicologia do Esporte e do Behaviorismo, indispensáveis para a compreensão do abandono esportivo.

Resultados e discussões: A falta de apoio financeiro é um dos principais determinantes do abandono (Dias, 2015). Custos com transporte, alimentação e materiais funcionam como estímulos aversivos. Atletas de classes mais altas têm acesso a patrocínios e infraestrutura, enquanto atletas de classes baixas enfrentam contingências coercitivas. A conciliação estudo/trabalho e treino aumenta a sobrecarga, e a invisibilidade de modalidades menos populares amplia desigualdades (Schmid *et al.*, 2025; Richard *et al.*, 2023). Sob a perspectiva da Análise do Comportamento, o abandono ocorre pela ausência de reforçadores positivos e predominância de estímulos aversivos (Skinner, 2003; Baum, 2006). O abandono não é apenas uma decisão individual, mas resultado de desigualdades estruturais. Questões de

gênero, raça e território somam barreiras adicionais, reforçando a elitização do esporte e a necessidade de políticas inclusivas.

Conclusão: A presente revisão evidencia que a condição socioeconômica exerce papel decisivo no abandono esportivo de atletas de alto rendimento, funcionando não apenas como um fator individual, mas como um determinante estrutural que modela o comportamento esportivo. Portanto, compreender o abandono esportivo no contexto social significa identificar os fatores que dificultam a permanência e orientar políticas e intervenções que promovam a inclusão esportiva. Políticas e intervenções devem, assim, atuar de forma articulada, promovendo não apenas a manutenção da prática esportiva, mas também a inclusão de atletas historicamente excluídos do alto rendimento.

Referências:

BARA FILHO, M. G.; GARCIA, F. G. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 22, n. 4, p. 293-300, 2008.

BAUM, W. M. **Compreender o behaviorismo: ciência, comportamento e cultura**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIAS, R. M. Motivos do abandono no esporte competitivo: um estudo retrospectivo. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 29, n. 4, p. 543-555, 2015.

RICHARD, V.; PIUMATTI, G.; PULLEN, N. et al. Socioeconomic inequalities in sport participation: pattern per sport and time trends – a repeated cross-sectional study. **BMC Public Health**, v. 23, p. 785, 2023.

SAMULSKI, D. **Psicologia do esporte**. 2. ed. Barueri: Manole, 2017.

SCHMID, J. et al. Too much effort, too little reward? Dropout considerations of German elite athletes. **German Journal of Exercise and Sport Research**, v. 55, p. 25-40, 2025.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

PSICOSSOMÁTICA SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Ana Vitoria Jacob¹; Marta Alice Nelli Bahia

Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anajacob@gmail.com

Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicossomática, psicossomática e Jung, psicossomática na visão analítica

Introdução: A psicossomática surge como um campo de investigação que analisa a influência recíproca entre fenômenos psíquicos e somáticos, mostrando como experiências emocionais, afetivas e inconscientes podem repercutir no corpo e, ao mesmo tempo, como alterações fisiológicas podem impactar o estado mental.(RAMOS, 2011)

Objetivos: Explicar a psicossomática pela ótica da psicologia analítica junguiana.

Relevância do Estudo: A psicossomática, na visão analítica junguiana, não busca apenas eliminar sintomas, mas interpretá-los e integrá-los. Essa compreensão dobra o olhar sobre o adoecimento, indo além de um olhar da medicina e revelando que cada doença pode ser uma oportunidade de reintegração de aspectos negligenciados da psique.

Materiais e métodos: Metodologicamente, trata-se de uma revisão bibliográfica, de natureza teórica, realizada por meio de levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicos: PubMed (National Library of Medicine), SciELO (Scientific Eletronic Library Online), PePSIC (BVSaLud), que são bases e ferramentas de busca de produção científica, Google Acadêmico e livros. Foram incluídos textos em português, inglês e espanhol, além de referências clássicas.

Resultados e Discussões: Segundo Ramos (2011), o adoecimento psicossomático é resultado de um processo de autorregulação da psique, que manifesta no corpo aquilo que ainda não pôde ser simbolizado ou integrado à consciência. Na abordagem da psicologia analítica, os sintomas físicos devem ser entendidos como expressões simbólicas de conflitos psíquicos não elaborados, tornando o corpo um canal através do qual a psique se manifesta quando não encontra outras vias de expressão (Jung, 1991). Assim, o sintoma não deve ser visto apenas como algo a ser eliminado, mas como um sinal da psique em busca de reconhecimento e integração. Jung propôs que, além do consciente e do inconsciente individual, existe uma dimensão mais profunda: o inconsciente coletivo. Essa concepção amplia a compreensão do ser humano, ao mostrar que a vida psíquica não se limita às experiências pessoais, mas envolve também conteúdos universais que podem se manifestar no corpo.

F.Morais (2022) se baseia neste pensamento ao tratar dos complexos, compreendidos como “portadores de significado” que agem sobre a consciência, subtraindo-lhe o controle. São conjuntos de pensamentos e emoções interligados que podem se ativar de forma inesperada, alterando a forma de agir de um indivíduo, já que carregam experiências marcantes e não totalmente elaboradas. Assim, os complexos influenciam pensamentos e comportamentos mesmo sem o controle consciente. Okumura, Serbena e Dóro (2021) complementa afirmando que tanto o ego quanto os complexos possuem ligação estreita com o corpo: ao se constelar, um complexo pode gerar não apenas mudanças psicológicas, mas também sintomas físicos.

Nas neuroses, eles se mantêm flexíveis, permitindo adaptação, enquanto nas psicoses tornam-se rígidos, dificultando o desenvolvimento saudável. Quanto maior sua intensidade e autonomia, mais forte será sua repercussão, podendo até desencadear doenças. F. Moraes (2022), diz que os complexos são núcleos afetivos que, quando não integrados à consciência, podem manifestar-se através do corpo, podemos ver e essa mesma perspectiva compartilhada por Souza, *et al.* (2021), que enfatizam a interdependência entre psique e corpo, considerando os complexos como mediadores simbólicos entre os conteúdos inconscientes e as manifestações físicas.

Conclusão: Quando confrontamos um artigo com o outro, conseguimos afirmar que o corpo é um mediador simbólico essencial, e que o adoecimento não deve ser visto como apenas uma falha biológica. Ao relaciona-los, podemos entender que, a análise simbólica da doença amplia a compreensão de que o corpo não adocece isoladamente, mas em diálogo constante com a história pessoal, os vínculos afetivos e o ambiente cultural.

Referências

MORAIS, F. Os complexos na teoria junguiana. **Psicologia Analítica**, 2022. Disponível em: <https://psicologiaanalitica.com/os-complexos-na-teoria-junguiana/>. Acesso em: 21 out. 2025.

OKUMURA, I. M.; SERBENA, C. A; DÓRO, M. P. Adoecimento psicossomático na abordagem analítica: uma revisão integrativa da literatura. **Psicologia: Teoria e Prática**. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v22n2/pt_v22n2a13.pdf. Acesso em: 21 out. 2025.

SANT'ANNA, P. A. Uma contribuição para a discussão sobre as imagens psíquicas no contexto da Psicologia Analítica. **Revista Junguiana**, v. 8, n. 2, p. 45-60, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642005000200003>. Acesso em: 21 out. 2025.

SANTOS, M. P. As doenças do coração e as emoções: conversações entre a psicossomática e a psicologia analítica. **Revista Marília Unesp**. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogos/article/view/13804>. Acesso em: 26 set. 2025.

SERBENA, C. A. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 12, n. 1, p. 97–107, 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-68672010000100010&script=sci_arttext. Acesso em 24 Out 2025.

DISPOSITIVO AMOROSO NA VIVÊNCIA DE MULHERES EM APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO

Francislene R. Marques da Silva¹; Florêncio M. da Costa Junior²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – francislene.marques.psi@gmail.com;

²Professor de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB florencio.junior@fibbauru.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: gênero; aplicativos de relacionamento; subjetividade feminina; tecnologias de gênero; dispositivo amoroso

Introdução: Os aplicativos de relacionamento ampliaram as possibilidades de conexão, mas também passaram a regular as formas de experimentar amor, desejo e intimidade, funcionando como dispositivos culturais que reforçam normas de gênero, sexualidade e aparência, frequentemente associadas a padrões excludentes (Silva-Júnior, 2020). Valeska Zanello (2018), relaciona o sofrimento psíquico feminino às desigualdades históricas de gênero, propondo o conceito de dispositivo amoroso: conjunto de práticas e discursos que ensinam às mulheres como devem amar, sentir e sofrer, por meio da colonização afetiva. A autora utiliza a metáfora da “prateleira do amor” para descrever como as mulheres são expostas como mercadorias à espera de serem escolhidas segundo critérios hegemônicos de beleza e feminilidade. Dialogando com esse referencial, Butler (2003) entende o gênero como construção social e performativa, sustentada por normas que se apresentam como naturais. Foucault (1984), por sua vez, evidencia que o poder atua de modo difuso e constitutivo, incitando os sujeitos a se regularem conforme expectativas normativas. Já Lauretis (1987) amplia essa perspectiva ao propor o conceito de tecnologias de gênero, destacando como cinema, mídias e práticas sociais produzem representações que moldam identidades e afetos.

Objetivos: Apresentar categorias estruturadas a partir de relatos espontâneos de mulheres sobre o uso de aplicativos de relacionamento, publicados na plataforma Reddit, buscando compreender seus impactos nos comportamentos, nos relacionamentos e na autoestima, bem como explorar de que modo essas experiências reforçam normas sociais sobre o desejo e o papel feminino nos vínculos amorosos. O trabalho fundamenta-se, principalmente, nas contribuições de Valeska Zanello (2018) e sua formulação do dispositivo amoroso.

Relevância do Estudo: Em um contexto em que os aplicativos de relacionamento ocupam papel central nas interações afetivas, esta pesquisa contribui para o campo da Psicologia ao oferecer subsídios para compreender como tais dinâmicas impactam a experiência emocional das mulheres.

Materiais e métodos: Pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, fundamentada na etnografia digital, voltada a compreender vivências de mulheres em aplicativos de relacionamento a partir de narrativas espontâneas em ambientes online. Foram selecionados dezenove relatos, em primeira pessoa, publicados nos últimos cinco anos na plataforma Reddit, por usuárias identificadas como mulheres e que abordassem experiências afetivas em aplicativos voltados ao público heterossexual. As narrativas foram interpretadas por meio da análise de conteúdo Bardin (1977).

Resultados e discussões: A análise dos dezenove relatos permitiu agrupar as experiências afetivas em cinco categorias;

Esperança romântica e papéis de gênero - A persistência no ideal de amor como projeto identitário mostra-se central para mulheres que, mesmo diante de distanciamento afetivo,

continuam desejando laços significativos. Isso porque o dispositivo amoroso orienta a identidade feminina pelo amor heterossexual, tornando a ausência desse vínculo um “fracasso existencial” (Zanello, 2018). Butler (2003) evidencia que tais papéis são performativos, enquanto Foucault (1984) analisa como dispositivos de poder produzem subjetividades.

Vínculos assimétricos e auto responsabilização - Os relatos revelam vínculos marcados por assimetrias, com maior investimento afetivo feminino. As mulheres expressam frustração, e auto responsabilização frente à ausência de retorno emocional ou desvalorização do vínculo, reproduzindo a colonização afetiva que atribui a elas a responsabilidade pela manutenção da relação (Zanello, 2018).

Pressão estética e vulnerabilização da autoestima - O corpo feminino aparece como critério de valor, visibilidade e reconhecimento afetivo, funcionando como capital relacional. Zanello (2018) aponta que a estética deixou de ser opcional para tornar-se um dever ético, intensificado pelo mercado da beleza e pelos padrões hegemônicos como juventude, magreza e branquitude. Esse processo reforça sentimentos de inadequação e insegurança, atravessando diretamente a autoestima e a forma como as mulheres se percebem.

Objetificação e invisibilização do sujeito feminino - Nos aplicativos, a mulher é frequentemente reduzida a objeto de prazer, tendo sua subjetividade desconsiderada. Lauretis (1987) explica que as tecnologias de gênero naturalizam a associação entre feminilidade, corpo e disponibilidade erótica. Segundo Zanello (2018), o dispositivo amoroso reforça a posição da mulher como julgável, pública e consumível, sujeita à punição quando escapa às normas de desejabilidade.

Inversão de papéis e estruturas de poder - Em situações em que mulheres assumem posições historicamente atribuídas aos homens, como expressar desejo ativamente ou estabelecer critérios de vínculo, elas são penalizadas socialmente. O dispositivo amoroso ensina que a mulher deve ser passiva e desejada, não desejante. Quando esse script é subvertido, a reação masculina tende a ser negativa, revelando a manutenção de estruturas de poder que privilegiam os homens (Zanello, 2018).

Conclusão: A análise dos relatos evidencia que aplicativos de relacionamento funcionam como dispositivos de subjetivação que reforçam normas históricas de gênero, vinculando o valor da mulher à sua aparência e capacidade em corresponder aos roteiros afetivos tradicionais. Essas experiências geram impactos significativos, como insegurança corporal, frustrações e dificuldade de se reconhecer como sujeito desejante. Os sofrimentos relatados são expressões de processos estruturados e difundidos por tecnologias de gênero que colonizam os afetos femininos. Para a Psicologia, os achados reforçam a necessidade de práticas críticas e éticas, sensíveis aos determinantes culturais do sofrimento feminino. Os resultados destacam a importância de pesquisas futuras que ampliem recortes e métodos.

Referências

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70 ed. Lisboa, 1977. 277 p.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução: Renato Aguiar. 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. 271 p.
- LAURETIS, T. A Tecnologia de Gênero. In: HOLLANDA, H. B. **Tendências e Impasses: O feminino como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- SILVA-JÚNIOR, A. O. **Deu Match no Tinder!: aplicativo virtual de paquera como pedagogia cultural**. 2020. 233 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/19971>. Acesso em: 08 abr. 2025.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. 1 ed. Curitiba: Appris, 2018. 301 p.

ENTRE MÁSCARAS E DESAFIOS: MULHERES COM TEA NO MERCADO DE TRABALHO

Carolina Cristo Simões¹; João Paulo Martins²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – carolcristo01@gmail.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: TEA; Autismo; Mulheres; Mercado de trabalho; Inclusão; Neurodiversidade.

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por padrões restritos e repetitivos de comportamento e dificuldades persistentes na comunicação e na interação social (APA, 2013; WHO, 2022). Embora os avanços diagnósticos tenham ampliado o reconhecimento do TEA, as particularidades de sua manifestação em mulheres ainda são pouco compreendidas. Essa lacuna contribui para diagnósticos tardios, estratégias de mascaramento social e maior vulnerabilidade emocional, sobretudo no contexto laboral (Hervas, 2022; Bargiela; Steward; Mandy, 2016). No mercado de trabalho, as mulheres com TEA se deparam com múltiplos desafios. Além das demandas típicas dos ambientes organizacionais, enfrentam normas de gênero, padrões comunicacionais e estímulos sensoriais que podem agravar seu sofrimento psíquico e dificultar sua permanência e progressão profissional (Ochoa-Lubinoff; Makol; Dillon, 2023). Apesar de recentes avanços legais, como a Lei nº 12.764/2012 (Brasil, 2012), há uma distância entre a garantia de direitos e a efetivação de práticas inclusivas no cotidiano das organizações. Nesse contexto, torna-se necessário investigar como mulheres com TEA percebem suas condições de trabalho e quais estratégias podem favorecer ambientes mais previsíveis, claros e respeitosos.

Objetivos: Este estudo tem como objetivo compreender os desafios enfrentados por mulheres com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no mercado de trabalho, investigando as barreiras comunicacionais, sensoriais e organizacionais que dificultam sua inserção e permanência, bem como analisando as estratégias de adaptação e inclusão capazes de promover ambientes profissionais mais justos e acolhedores.

Relevância do Estudo: A investigação da experiência de mulheres autistas no mercado de trabalho é relevante tanto no campo acadêmico quanto social. Em termos científicos, amplia-se o entendimento sobre a manifestação do TEA sob a perspectiva feminina, ainda pouco explorada. No aspecto social, o estudo contribui para o fortalecimento de estratégias de inclusão laboral, capazes de reduzir desigualdades históricas e promover maior representatividade. Assim, este trabalho oferece subsídios para novas práticas profissionais e políticas públicas comprometidas com a equidade.

Materiais e métodos: Esta pesquisa apresenta abordagem quali-quantitativa e caráter descritivo. Foram reanalisados dados de 75 questionários previamente aplicados a mulheres cisgênero e trans com diagnóstico de TEA e experiência profissional mínima de um ano. O estudo original foi aprovado por Comitê de Ética (CAAE 67890823.8.0000.5423). A análise quantitativa utilizou estatística descritiva para caracterizar as frequências das respostas. A análise qualitativa foi conduzida com base na Análise de Conteúdo de Bardin (2011), identificando categorias temáticas emergentes. Por fim, os dados foram integrados para permitir uma visão mais ampla das dificuldades e estratégias relatadas pelas participantes.

Resultados e discussões: Os resultados evidenciam que 33,3% das participantes relataram desconforto com a forma de transmissão das orientações laborais, destacando falta de clareza, alterações sem aviso prévio e ausência de registros escritos. Além disso, 36% afirmaram já ter passado por crises no ambiente profissional, associadas principalmente à sobrecarga sensorial e à pressão por prazos. A análise qualitativa revelou quatro categorias centrais: pressão e sobrecarga, comunicação e clareza, sensibilidade sensorial e validação e inclusão. Esses eixos indicam que as dificuldades vividas não se restringem a competências individuais, mas refletem contextos organizacionais pouco preparados para lidar com a neurodiversidade. Em linha com estudos recentes (Bargiela; Steward; Mandy, 2016; Ochoa-Lubínoff; Makol; Dillon, 2023), os achados sugerem que o mascaramento social, frequentemente adotado para atender expectativas profissionais, pode agravar estresse e dificultar solicitações de adaptações. A comunicação escrita, ambientes sensorialmente adequados e a validação das demandas autistas emergem como estratégias centrais para inclusão efetiva.

Conclusão:

O estudo aponta que a permanência e o bem-estar de mulheres com TEA no mercado de trabalho dependem não apenas de sua qualificação profissional, mas também de ambientes organizacionais claros, previsíveis e sensorialmente adaptados. Políticas institucionais, capacitação de equipes e promoção de uma cultura de respeito à neurodiversidade são passos fundamentais para reduzir desigualdades e fomentar inclusão real.

Referências:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION - APA. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, p. 54-59, 2014.

BARGIELA, S.; STEWARD, R.; MANDY, W. As experiências de mulheres com diagnóstico tardio de transtornos do espectro autista. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 46, p. 3281–3294, 2016. Acesso em: <https://doi.org/10.1007/s10803-016-2872-8>.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. *Diário Oficial da União*, 2012. Acesso em: <https://iparadigma.org.br/wp-content/uploads/GP-20.pdf>.

HERVAS, A. Female gender and autism: under detection and my diagnoses. *Medicina*, v. 82, p. 37-42, 2022. Acesso em: https://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0025-76802022000200037&lng=es&nrm=iso.

OCHOA-LUBINOFF, C.; MAKOL, B. A.; DILLON, E. F. Autism in women. *Neurologic Clinics*, v. 41, n. 2, p. 381-397, 2023, p. 381-397.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. International Classification of Diseases (ICD-11). Geneva: WHO, 2022. Acesso em: <https://doi.org/10.1186/s12911-021-01534-6>.

SAÚDE MENTAL NA ATENÇÃO BÁSICA: PSICOEDUCAÇÃO E BEM-ESTAR COMO CAMINHOS PARA O CUIDADO COLETIVO

Suelen Juliana Moraes Felisberto¹; Isabela da Silva Ribeiro²; Marta Alice Nelli Bahia³;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – suelenmoraes81@gmail.com;

²Supervisora de Estágio – ESF Dr. Rowilson Roselli Abiuzzi - isabeladsr53@gmail.com;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - marta@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: saúde mental, atenção básica, psicoeducação, bem-estar, promoção de saúde.

Introdução: O projeto foi realizado na unidade básica de saúde ESF Dr. Rowilson Roselli Abiuzzi, mediante ao aumento das demandas em saúde mental na Atenção Básica evidencia a importância de ações preventivas e psicoeducativas voltadas ao bem-estar e ao autocuidado. Essas práticas confirmam o que Dimenstein (2009) descreve sobre o papel do psicólogo na atenção básica: um profissional que ultrapassa a clínica individual e atua como mediador de vínculos e promotor de autonomia. Evangelista e Silva (2020) e Ravaioli (2019), destacam o papel da Psicologia na promoção da saúde integral e preventiva. Velloso e Costa (2007) destacam que a psicologia na atenção básica deve atuar na promoção da saúde e prevenção de agravos, por meio da escuta e da criação de espaços que valorizem o sujeito em sua integralidade.

Objetivos: Promover a saúde mental na Atenção Básica por meio de ações psicoeducativas que incentivem o autocuidado e o bem-estar, fortalecendo vínculos entre usuários e profissionais.

Relevância do Estudo: Reconhecer a Atenção Básica como espaço essencial para ações preventivas e psicoeducativas, promovendo o bem-estar e fortalecendo o cuidado em saúde mental.

Materiais e métodos: Trata-se de um projeto de baixa complexidade que conta com base teórica sobre ações preventivas e psicoeducativas. Este trabalho propõe uma intervenção com materiais informativos e reflexivos para fortalecer vínculos e aproximar a comunidade dos serviços. A aplicação do projeto está sendo realizada no atual semestre, com alguns pacientes atendidos pela estratégia de saúde da família, incluindo pessoas de ambos os gêneros. Foi realizada uma revisão de literatura em bases científicas como PubMed, Scopus, Web of Science e SciELO. A busca utilizou descritores para localizar artigos relevantes relacionados ao tema. Foram incluídos estudos em português, publicados entre 2015 e 2025. Com foco nas estratégias de prevenção, promoção do bem-estar e acolhimento de usuários na atenção básica.

Resultados e discussões: O trabalho foi desenvolvido a partir da necessidade observada no campo de estágio de ampliar o acesso à informação sobre saúde mental e fortalecer o vínculo entre a equipe multiprofissional e a comunidade atendida. As intervenções como rodas de conversa, entrega de cartilhas e pílulas informativas, mostraram-se estratégias eficazes de psicoeducação, permitindo que os usuários compreendessem melhor o funcionamento dos serviços e reconhecessem a importância do cuidado emocional (Zorzi; Martins; Macedo; Sangioni, 2024). Segundo Dimenstein *et al.* (2020), a organização do cuidado na atenção básica depende da integração entre ações educativas e clínicas, promovendo uma abordagem intersetorial que envolve toda a rede de apoio. Essa concepção se refletiu na

realização das atividades, que articulou informações sobre o CRAS, CREAS e CAPS, além de incentivar o autocuidado e o engajamento em práticas de bem-estar. O projeto buscou exatamente esse propósito ao utilizar recursos simples, como linguagem acessível, exemplos cotidianos e materiais ilustrativos, que aproximaram o discurso técnico da realidade da população. Conforme Santos, Rocha e Kishimoto (2024), atividades prazerosas e de convivência reduzem o estresse e fortalecem o senso de pertencimento social, outro ponto relevante foi a valorização do lazer e da convivência como dimensões do cuidado emocional. Assim, se reforça que, mesmo em contextos marcados pela sobrecarga dos serviços e escassez de recursos, a psicoeducação e o incentivo a práticas simples podem potencializar o cuidado integral. As ações breves, contínuas e acessíveis favorecem a autonomia dos usuários e consolidam o papel do psicólogo como agente de transformação social e promotor de saúde mental na atenção básica.

Conclusão: O projeto evidenciou que a psicoeducação e o incentivo a práticas de bem-estar são ferramentas fundamentais para fortalecer o vínculo entre usuários e equipe de saúde. As ações educativas, favorecem a autonomia da população e ampliam a compreensão sobre a importância do cuidado emocional. A atuação do psicólogo na atenção básica vai além da escuta clínica individual, assumindo um papel social e preventivo, em consonância com as diretrizes do SUS, reforçando que práticas simples, como rodas de conversa, distribuição de materiais informativos e incentivo ao lazer, podem gerar efeitos duradouros na qualidade de vida e no fortalecimento das redes de apoio. Dessa forma, conclui-se que a integração entre educação em saúde e acolhimento representa um caminho importante para a construção de um cuidado coletivo mais humano, acessível e transformador.

Referências:

DIMENSTEIN, M. D. B. O psicólogo nas Unidades Básicas de Saúde: desafios para a formação e atuação profissionais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 29, n. 3, p. 580–593, jul./set. 2009. DOI: 10.1590/S1413-294X1998000100004. Acesso em: 10 out. 2025.

DIMENSTEIN, M. D. B. *et al.* Saúde mental na Atenção Básica: identificação e organização do cuidado no estado de São Paulo. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 4, e311, 2020. DOI: [10.1590/0103-11042020E311](https://doi.org/10.1590/0103-11042020E311). Acesso em: 11 out. 2025.

VELLOSO, I.; COSTA, M. A Psicologia na Atenção Básica: Reflexões e perspectivas. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, p. 145–152, 2007. Acesso em: 14 out. 2025.

ZORZI, V. N., MARTINS, S. S., MACEDO, D. A., SANGIONI, L. A. Promoção de saúde mental na atenção primária: o papel dos grupos de saúde na perspectiva de usuários e profissionais. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 28, e230447, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/frwSGcmyj4WQQNSSfShMytb/>. Acesso em: 15 out. 2025.

SANTOS, E. J. B., ROCHA, N., KISHIMOTO, S. T. A influência das práticas de lazer na saúde mental da população brasileira durante a pandemia da Covid-19. **Licere**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, mar. 2024. DOI: [10.35699/2447-6218.2024.52144](https://doi.org/10.35699/2447-6218.2024.52144). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/52144>. Acesso em: 17 out. 2025.

TEA: PERCEPÇÕES DOS CUIDADORES DE CRIANÇAS AUTISTAS NO USO DO SERVIÇO DE CABELEIREIRO

Paulo Renato Fidelis Costa¹, Me. João Paulo Martins²

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – paulo_amies@hotmail.com

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
joao.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Autismo; Cuidador; Atividades cotidianas; Cabeleireiro.

Introdução: O transtorno do espectro autista (TEA) é um tema amplamente discutido e de grande relevância dentro do contexto dos transtornos do neurodesenvolvimento. Os indivíduos que se encontram no espectro, apresentam déficits e necessitam de intervenções específicas e efetivas que são possíveis, predominantemente, por meio de um diagnóstico precoce (Gonçalves, *et al.* 2021). Para Lord *et al.* (2018), é necessário considerar cada pessoa de forma singular para o processo avaliativo no diagnóstico do TEA, pois apesar da existência de critérios diagnósticos pré-estabelecidos por manuais, é necessária a complementação com informações sobre a sua história de vida em todas as fases de desenvolvimento. A ausência de marcadores biológicos para a avaliação, reforça a importância da análise de aspectos comportamentais passíveis de identificação no contexto clínico. É pertinente levar em conta que as pessoas com TEA tem uma predisposição a hiper ou hipo reatividade sensorial tátil, olfativa, auditiva e visual quando expostos a ambientes sensoriais complexos (Scheerer, 2021). Essa exposição pode promover comportamentos desafiadores e de sofrimento nessas pessoas, com reações atípicas e em alto grau de variabilidade, necessitando algumas vezes de intervenções. Dessa forma frequentar o salão de beleza pode ser um momento de sofrimento para a pessoa com TEA, pois trata-se de um ambiente carregado de estímulos auditivos, visuais, olfativos e táteis que pode a qualquer momento desregular esse sujeito emocionalmente, tornando essa experiência traumática para todos os envolvidos no processo.

Objetivos: Entender as necessidades percebidas pelos(as) cuidadores(as) na utilização do serviço de cabeleireiro, identificando as possíveis causas que levam a essas percepções.

Relevância do Estudo: O resultado dessa pesquisa permite uma análise detalhada de cada fator, que de alguma forma pode contribuir para uma possível mudança de entendimento tanto para o(a) cuidador(a) como para o cabeleireiro sobre o atendimento de crianças autistas, pois sabemos que o TEA traz limitações não apenas para a pessoa que está dentro do espectro, mas também para todos os demais envolvidos no contexto familiar, em especial para as pessoas que tem como atribuição o cuidado do autista, uma vez que pode haver a necessidade de suporte até mesmo para atividades do cotidiano. É preciso considerar que a criança diagnosticada com TEA atualmente terá um longo percurso a seguir durante a sua vida até a sua passagem, sendo que em cada fase haverá uma dificuldade diferente, porém existem necessidades que perduram desde o seu nascimento até a sua morte, como por exemplo manter o asseio pessoal através de atividades rotineiras como a higiene bucal, corporal, aparar os cabelos e até mesmo a barba nos casos de autistas homens.

Materiais e métodos: Essa pesquisa foi realizada através de questionário estruturado pelo Google Forms de forma digital, utilizando os métodos exploratório e qualitativo. A pesquisa exploratória tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de

intuições. A proposta qualitativa tem como intuito mesclar as duas formas de se fazer a análise de dados, ou seja, buscando as formas numéricas e estatísticas, o que é muito significativo para a obtenção de dados da pesquisa, como também a forma qualitativa, que busca uma análise da própria fala ou percepções dos sujeitos da pesquisa (Proetti, 2017).

Resultados e discussões: A pesquisa contou com 68 cuidadores de crianças e adolescentes com média de idade de 8,75 anos, sendo que mais da metade da amostra apresentou alguma comorbidade associada e o TDAH teve a maior incidência entre os participantes, corroborando com Serra, *et al.* (2023). Foram relatados níveis de dificuldades iniciais com tendência a redução dos comportamentos nos atendimentos posteriores, principalmente quando mantém o profissional e ambiente. As questões sensoriais foram as principais dificuldades encontradas devido ao ambiente carregado de estímulos sonoros, visuais e táteis, proveniente do uso de máquinas de corte, tesouras e capas de corte. Alguns participantes relataram que devido às crises causadas por esse ambiente, optaram por cortar os cabelos das crianças na própria residência, deixando de frequentar salões de beleza. Outro resultado relevante foi em relação ao preparo do profissional quanto ao manejo de crianças atípicas, promovendo a empatia e a paciência para a realização do serviço, apesar do resultado apresentar equilíbrio, houve relatos afirmando a necessidade de capacitações específicas para esse tipo de atendimento, assim como uma estrutura adaptada a fim de proporcionar a redução do sofrimento das crianças com TEA.

Conclusão: Em síntese a pesquisa evidenciou que apesar de uso do serviço de cabeleireiro por crianças autistas ser desafiador pelo contexto sensorial, aliada à falta de preparo dos profissionais envolvidos e a ausência de ambientes adaptados para essa prática, ainda assim existe a possibilidade de desenvolvimento de estratégias como a capacitação profissional, criação de ambientes apropriados, utilização de ficha de anamnese, agendamento de atendimento em horários alternativos e principalmente o desenvolvimento de novas pesquisas com uma abordagem mais inclusiva, sensível e humanizada dentro desse contexto.

Referências:

GONÇALVES, A. L. *et al.* Diagnóstico e intervenção precoce no autismo: relatos de práticas profissionais. **Diaphora**, v. 10, n. 1, p. 31-39, Porto Alegre, 2021. <https://doi.org/10.29327/217869.10.1-5> Acesso em 18 out 2025.

LORD, C; *et al* Autism spectrum disorder **The Lancet**, v 392, n 10146, p. 508-520, 2018. <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC7398158/pdf/nihms-1046292.pdf>. Acesso em 25 out 2025.

PROETTI, S. As pesquisas qualitativa e quantitativa como métodos de investigação científica: Um estudo comparativo e objetivo. **Revista Lumen**-ISSN-87: 244717, v. 2, n. 4, p. 6-9, São Paulo, 2017. <https://www.periodicos.unifai.edu.br/index.php/lumen/article/view/60/88> . Acesso em 22 out 2025.

SCHEERER, N. E. *et al.* Explorando fenótipos sensoriais no transtorno do espectro autista. **Molecular Autism** , v. 12, n. 1, p. 67, 2021. <https://rdcu.be/eMHP1> . Acesso em 24 out 2025.

SERRA, A. C. L. *et al.* Perfil sociodemográfico e clínico de crianças com duplo diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 23, n. 3, p. e11909-e11909, 2023. <https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/11909/7325>. Acesso em 24 out 2025.

PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA EM EDMUND HUSSERL: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS DE UMA NOVA PSICOLOGIA

Miguel Augusto Gonçalves¹; Dilson Brito da Rocha².

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – miguel.augon@gmail.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – dilsondarocha@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: fenomenologia, Edmund Husserl, psicologia fenomenológica.

Introdução: Edmund Husserl critica a ciência moderna por sua ingenuidade e pela crise metodológica que acompanha seu desenvolvimento, apesar de seus avanços práticos. Ele aponta que a ciência positivista negligencia a subjetividade e a historicidade da filosofia, reduzindo-se a um caráter técnico e instrumental. Nesse contexto, a Psicologia se apresenta como disciplina central para refletir sobre a razão e seus fundamentos, sendo orientada pela fenomenologia como uma proposta capaz de superar tais limitações e resgatar o sentido da experiência humana.

Objetivos: O estudo tem como objetivo apresentar os fundamentos da Psicologia Fenomenológica em Edmund Husserl, discutindo sua proposta como resposta à crise das ciências e à ingenuidade do método científico. Busca-se esclarecer como a análise fenomenológica dos atos psíquicos e da subjetividade pode oferecer uma base sólida para uma nova psicologia, centrada na reflexão crítica sobre seus próprios pressupostos.

Relevância do Estudo: A relevância da pesquisa está em destacar a atualidade da fenomenologia husserliana, mesmo mais de um século após sua formulação. A proposta de uma psicologia que valorize a subjetividade e a experiência vivida se mostra fundamental para superar reducionismos das ciências positivistas e para construir práticas mais reflexivas no campo da Psicologia contemporânea, especialmente diante das crises epistemológicas, existenciais e sociais do século XXI.

Materiais e métodos: A pesquisa segue uma abordagem qualitativa e bibliográfica, fundamentada na análise da obra original de Husserl e em intérpretes de sua fenomenologia. Apesar de a recomendação metodológica indicar o uso de referências recentes, a escolha por fontes clássicas é indispensável, dado o caráter histórico do autor. Foram ainda incluídos estudiosos contemporâneos, como Goto e Angela Ales Bello, para atualizar o debate e situar a Psicologia Fenomenológica no cenário atual.

Resultados e discussões: A análise evidencia que a Psicologia Fenomenológica conforme proposto por Edmund Husserl oferece uma alternativa à ciência positivista ao se fundamentar na reflexão sobre a subjetividade e no retorno aos significados originais da experiência (Ales Bello, 2004; Goto, 2008; Husserl, 1913/1962). Husserl propõe que a razão não seja tomada como pressuposto, mas como fundamento a ser investigado, superando a ingenuidade da ciência. Essa abordagem amplia as possibilidades da Psicologia, de modo que a superação entre as abordagens presentes no início do Século XX sejam superadas em uma ciência psicológica que, sendo tão rigorosa, é também subjetiva, permitindo assim compreender o ser humano e sua consciência em sua totalidade, ao invés de reduzi-los a dados técnicos ou instrumentais ou tão somente meras vivências psíquicas (Goto, 2004, 2008; Husserl, 1976/1991).

Conclusão: Conclui-se que a Psicologia Fenomenológica de Husserl constitui um marco teórico essencial para repensar os rumos da ciência psicológica, sobretudo ao entender a fenomenologia como disciplina *a priori* da psicologia. Ao recuperar a subjetividade, a historicidade e o sentido humano da experiência, ela propõe uma psicologia mais crítica e reflexiva. Assim, o estudo contribui para o fortalecimento de uma ciência comprometida não apenas com resultados práticos, mas também com a compreensão profunda do existir humano.

Referências –

Ales Bello, A. (2004,a). **Introdução à Fenomenologia**. Bauru: EDUSC, p. 108.

Ales Bello, A. (2004,b). **The controversy about the existence of the world in Edmund Husserl's phenomenological school:** A. Reinach, R. Ingarden, H. Conrad-Martius, E. Stein, in A. Tymieniecka (ed.), *Does the world exist?*, Dordrecht, Kluwer, p. 97-115.

_____. (2020). **O Sentido do Humano**. São Paulo: Paulus, p. 187.

_____. (2022). **Husserl e as Ciências**. São Paulo: Livraria da Física, p. 283.

Fergata, Júlio (1959). **A fenomenologia de Husserl**. Livraria Cruz: Braga, p. 35.

Husserl, Edmund. (1913/1962). **Ideas Relativas a una Fenomenología Pura y una Filosofía Fenomenológica**. Mexico: Fondo de Cultura Económica.

_____. (2009). **A Ingenuidade da Ciência: Die Naivität der Wissenschaft**. São Paulo: Scientiæ Zudia. v. 7, n. 4.

_____. (1976/1991). **La Crisis de las Ciencias Europeas y la Fenomenología Transcendental**. Barcelona: Editorial Critica, p. 369.

_____. (1927-1935/2022). **Psicologia Fenomenológica e Fenomenologia Transcendental**. Petrópolis: Vozes.

Goto, Tommy A. (2008). **Introdução à Psicologia Fenomenológica: a nova psicologia de Edmund Husserl**. São Paulo: Paulus, p. 254.

_____. (2004). **O Fenômeno Religioso: a fenomenologia em Paul Tillich**. São Paulo: Paulus.

ACT COMO ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA NO MANEJO DO TRANSTORNO DO LUTO PROLONGADO

Alessandra Torres Gomes Pato¹; Daniela Garcia Bandeca Schwingel²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – pato.alessandra@gmail.com;

² Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
danibandeca@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: luto; luto prolongado; terapia; ACT

Introdução: O luto pode ser definido como uma resposta emocional à perda de alguém próximo, mas pode ser também pela perda de algo, como um relacionamento, um animal, um emprego. Porém vamos tratar aqui do luto por perda de um ente querido. Ao perder alguém próximo, o enlutado vivenciará um intenso e doloroso leque de respostas emocionais que acabam interferindo no seu funcionamento como um todo, afinal a morte de alguém querido desorganiza profundamente a vida do enlutado, na mesma proporção da ligação que ele mantinha com quem partiu (Torres, 2024).

Objetivos: Este trabalho teve como objetivo apresentar uma das estratégias terapêuticas mais eficazes atualmente utilizadas no manejo do transtorno do luto prolongado (TLP): a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT), pertencente ao grupo das terapias contextuais, também conhecidas como terapias de terceira onda.

Relevância do Estudo: A partir da revisão de literatura disponível, o estudo explora os principais conceitos e aspectos práticos relacionados ao TLP, buscando evidências que sustentem a eficácia das intervenções voltadas à sua abordagem clínica. Além disso, são discutidas outras questões associadas a esse processo complexo, como os impactos emocionais e funcionais do transtorno, bem como a importância de estratégias terapêuticas que promovam flexibilidade psicológica e adaptação diante da perda.

Materiais e métodos: livros e artigos de bases de dados científicas publicados em português, espanhol e inglês como PubMed, SciELO, Pepsic, entre os anos 2014 e 2025, como também livros clássicos que trazem luz ao assunto, como Lewis, 2007. Foram utilizados descritores como “manejo do luto prolongado” OR “terapias contextuais na intervenção do luto prolongado”; “luto prolongado” OR “luto complicado”; “transtorno do luto prolongado” OR “luto persistente” OR “luto traumático”; “Transtorno do luto” NOT “luto normal”;

Resultados e discussões: Por não existir uma linearidade na questão de como “sentir” o luto - afinal ele não é um evento e sim um processo pelo qual o enlutado passa, é importante que os critérios para que o TLP seja diagnosticado fiquem claros, causando prejuízo para a vida cotidiana do indivíduo. É fato que não existe um tempo após o qual esperamos que as pessoas parem de sofrer e cada indivíduo tem suas particularidades e sentimentos, até mesmo comparando o luto com o medo (Lewis, 2007). Na verdade, o luto geralmente é permanente após a morte de alguém que amamos. No entanto, a forma como o nosso luto se manifesta muda com o tempo. O transtorno de luto prolongado passou a integrar o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-5-TR) após estudos por décadas sobre pessoas que estariam com dificuldades incapacitantes e persistentes associadas ao luto que ultrapassam o que consideramos normal no contexto social, religioso ou cultural (APA, 2022). O luto pode ser definido como uma resposta emocional à perda significativa. Segundo o DSM5-TR o diagnóstico diferencial do TLP para o

luto normal é: A presença de reações graves de luto que persistem por pelo menos 12 meses (6 meses em crianças ou adolescentes) após a morte de uma pessoa próxima ao indivíduo enlutado. É somente quando níveis graves de resposta ao luto persistem pela duração especificada após a morte, interferem na capacidade do indivíduo de funcionar e excedem as normas culturais, sociais ou religiosas que o transtorno do luto prolongado é diagnosticado (American Psychiatric Association [APA], 2022). No trabalho com o luto, a Terapia de Aceitação e Compromisso (ACT) foi uma das primeiras a despontar no processo terapêutico do luto e está fundamentada no contextualismo funcional, objetivando a consciência do presente, a aceitação das emoções e também dos pensamentos, identificação de valores e ações vinculadas a ele (Hayes, 2019). Ela ajuda a pessoa enlutada a sentir e lidar com a dor da perda de forma mais aberta e flexível. Ela favorece a aceitação das emoções e reações físicas que surgem nesse processo, e contribui para que o enlutado consiga se adaptar à ausência de quem partiu. Incentiva a busca por uma vida com sentido e compromisso, mesmo que a dor continue presente (Cruz; Reyes; Corona, 2017). Como a ACT foca na flexibilidade psicológica, seu objetivo é auxiliar a pessoa a se ajustar e se integrar ao novo panorama de vida após a perda.

Conclusão: O transtorno do luto prolongado é uma condição psicopatológica caracterizada por uma resposta prolongada e disfuncional à perda significativa e que ultrapassa os limites do luto saudável, trazendo prejuízos e comprometendo significativamente a saúde mental e o funcionamento social do indivíduo, exigindo intervenções específicas. A ACT tem se mostrado efetiva como estratégia clínica no manejo do luto. Deve-se compreender que uma perda significativa muda de modo permanente o mundo do enlutado, por isso a adaptação se faz necessária, lembrando que o luto é permanente, ele não acaba, não passa, apenas é vivenciado em outra intensidade.

Referências

ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA [APA]. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**, 5. ed., Revisão de Texto (DSM-5-TR). Publicações da Associação Psiquiátrica Americana, 2022. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/patients-families/prolonged-grief-disorder>. Acesso em: 25 maio 2025.

CRUZ, J. I. G.; REYES, O. M.; CORONA, C. R. I. Capítulo Quatro. *In: Duelo: tratamiento basado en la Terapia de Aceptación y Compromiso (ACT)*. México: Manual Moderno, 2017.p.13-15.

HAYES, S. C. Acceptance and commitment therapy: towards a unified model of behavior change. **World Psychiatry**, v. 18, n. 2, p. 226, 2019. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&pid=S1808-5687202300010007400023&lng=em. Acesso em: 15 maio 2025.

LEWIS, C. S. Capítulo Um. *In: Anatomia de uma dor: um luto em observação*. Tradução de Alípio Franca. São Paulo: Vida, 2007.p.29-39.

TORRES, N. Luto e manejo terapêutico: um olhar clínico a partir das terapias contextuais. **Jornadas em Análise do Comportamento**, v. 2, [s.n.], p.12-16, 2024. Disponível em: <https://ibac.com.br/wp-content/uploads/2024/12/Revista-IBAC-Vol.2-DEZ-2024.pdf>. Acesso em: 10 maio 2025.

PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Edileine Roque dos Santos Souza¹; Estefanie Mara Candido²; Marta Alice Neli Bahia³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – e.roque0102@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - estefanimdcandido@gmail.com ;

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia evolucionista, teoria de seleção natural, mente humana.

Introdução: A Psicologia Evolucionista (PE), baseada na teoria da evolução proposta por Charles Darwin, é considerada uma abordagem relativamente recente. Surgiu no século XX (1901 a 2000) e, no Brasil, ainda há uma pequena produção científica sobre o assunto. Segundo Polippo, Ferreira e Wagner (2016), esta abordagem busca compreender o comportamento humano, conhecida também como teoria de seleção natural, tendo como perspectiva considerar que a mente humana também evolui, assim como nosso corpo, mediante adaptações que beneficiam a sobrevivência e a reprodução. Desta forma, a PE consolida uma ligação entre a Biologia e Psicologia ao reunir aspectos biológicos, cognitivos e culturais, possibilitando um entendimento mais abrangente do comportamento humano.

Objetivos: O objetivo deste trabalho é analisar, compreender e refletir acerca da PE, seus fundamentos e a sua relação com a Teoria da Seleção Natural, evidenciando os princípios da biologia na explicação do comportamento humano e a relevância dessa abordagem para a formação acadêmica em Psicologia.

Relevância do Estudo: O trabalho é significativo por tratar-se de um assunto pouco explorado no cenário brasileiro, porém com grande potencial para o avanço das ciências psicológicas. Além do mais, a Psicologia Evolucionista (PE) oferece uma visão mais clara e unificada do comportamento humano, levando em conta tanto as dimensões biológicas quanto as culturais e cognitivas. Portanto, o seu debate contribui para o aprimoramento de forma teórico e prático da formação em Psicologia incentivando o surgimento de uma visão interdisciplinar, sobre os elementos que afetam a mente humana no decorrer da evolução.

Materiais e métodos: Este trabalho fez parte dos estudos teóricos desenvolvidos em sala de aula e com a realização de uma entrevista com o professor Rafael Carvalho, psicólogo, mestre e doutor em Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Durante a entrevista, foi utilizado um questionário com cinco perguntas direcionadas a ampliação sobre a PE na atualidade. Foi realizada uma revisão de literatura em bases científicas como PubMed e SciELO. A busca utilizou descritores para localizar artigos relevantes sobre o tema. Foram incluídos estudos em português, com artigos publicados com mais de 10 anos devido à escassez de materiais produzidos sobre o tema.

Resultados e discussões: Através dos artigos e da entrevista com o profissional, foi possível compreender o principal objetivo da Psicologia Evolucionista que de modo geral, busca entender o funcionamento da mente humana sob a ótica da Psicologia Cognitiva e da Teoria da Evolução e seus desenvolvimentos posteriores. De acordo com Yamamoto e Valentova (2018), a PE busca desvendar as raízes evolutivas subjacentes à arquitetura mental humana, ligando conhecimentos eco evolutivos distais aos psicossociais proximais. Para a PE questões ontogênicas, que se refere à história do desenvolvimento do indivíduo pode haver um paralelo e uma conexão com a filogenia, a história da espécie. Alguns autores em PE

trabalham somente com questões filogenéticas, de como a nossa mente evoluiu ao longo do tempo, na nossa espécie e em comparação com outras espécies. A psicologia evolucionista busca compreender o comportamento humano a partir da evolução (COSMIDES; TOOBY, 2024).

Conclusão: Com a realização dos estudos em complemento a entrevista, observou-se o potencial da PE dentro das ciências humanas devido à suas características inovadoras e de integração dentro do âmbito científico, unificando fundamentos da biologia evolutiva assim como os avanços da psicologia cognitiva. Com a visão de o comportamento humano ser a resultante de adaptações evolutivas, herdadas ao longo das gerações e de toda a evolução da espécie, é possível aprofundar o entendimento e a análise da mente e suas funções além do comportamento humano. Com isto, o grupo avaliou que a PE ainda está em ascensão científica, e que necessita de mais divulgação e acesso aos estudantes de psicologia. Para o grupo, este trabalho nos trouxe grande relevância sobre o tema dentro da formação em psicologia, ampliou o horizonte de conhecimento a respeito da PE, tendo em vista as suas ideias centrais e possibilitou novas perspectivas dos estudos sobre o desenvolvimento humano.

Referências

COSMIDES, L.; TOOBY, J. **Uma cartilha de psicologia evolucionista**. Tradução de Luan Rafael Marques. 25 jul. 2024. Disponível em: <https://abpbe.org/revista-indicio/uma-cartilha-de-psicologia-evolucionista/>. Acesso em: 18 out. 2025.

HATTORI, W. T., YAMAMOTO, M. E. Evolução do Comportamento Humano: psicologia evolucionista. Estudos de Biologia, Natal, v. 34; n. 83; p. 101-112. nov. 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/estudosdebiologia/article/view/22906/22007> Acesso em: 18 out. 2025.

POLIPPO, P., FERREIRA, V., WAGNER, M. Produção científica brasileira sobre psicologia evolucionista. Revista Interinstitucional de Psicologia, v. 9, n. 2, p. 277–289, jul./dez. 2016.

SILVA JÚNIOR, Mauro. Psicologia evolucionista: fundamentos epistemológicos e conceituais. **Revista Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 18, n. 3, p. 492–503, 2024. DOI: 10.34019/1982-1247.2024.v18.36467. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/36467>. Acesso em: 24 out. 2025.

YAMAMOTO, M. E.; VALENTOVA, J. **Manual de psicologia evolucionista**. Natal: EDUFRN, 2018.

O CÃO COMO MEDIADOR SIMBÓLICO NO PROCESSO TERAPÊUTICO JUNGUIANO

Camila Juliana Batista Nakasato¹; Marta Alice Nelli Bahia²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – caju.nakasato@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia analítica, terapia assistida por animais, função transcendente, coterapeuta, símbolos

Introdução: A relação entre humanos e cães estrutura-se historicamente como uma das mais antigas, originalmente esse vínculo remonta à pré-história, e, devido à distância temporal, não é possível estabelecer com precisão o momento em que essa relação se iniciou. Evidências arqueológicas indicam que o processo de domesticação ocorreu aproximadamente entre 12.000 e 15.000 a.C., período em que o *Canis familiaris* começou a se diferenciar gradativamente de seu ancestral, o *Canis lupus*. (Albuquerque; Ciari, 2016; Rocha; Muñoz; Roma, 2016; Savalli; Ades, 2016; Beck, 2000, *Apud* Penteado, 2021). As formas de vínculo afetivo entre espécies são marcadas pela lealdade, proteção e companheirismo, em diferentes mitologias e produções imagéticas, o cão aparece como guia, guardião e psicopompo, simbolizando a passagem entre mundos e o contato com conteúdos ocultos da psique. (Ronnberg, 2012). O animal passou a ser incorporado a práticas terapêuticas como agente facilitador de expressão emocional e mediação relacional, especialmente na Terapia Assistida por Animais (TAA), definida como intervenção planejada que utiliza o vínculo humano-animal para fins terapêuticos e de promoção da saúde (Andrade *et al.*, 2021). Na perspectiva junguiana, o cão pode emergir como símbolo do instinto e da afetividade primordial, relacionados à função transcendente, que é definida pelo movimento psíquico que integra conteúdos conscientes e inconscientes (Jung, OC 8/2 §131). Assim, o contexto psicoterapêutico mediado por cães favorece o contato com afetos recalcados, ativação de arquétipos e experiências afetivas reparadoras.

Objetivos: Analisar o papel simbólico e terapêutico do cão enquanto mediador do processo psicoterapêutico sob a ótica da Psicologia Analítica, destacando suas contribuições para a emergência de afetos, o fortalecimento da relação terapêutica e a integração psíquica.

Relevância do Estudo: O estudo apresenta relevância teórica e clínica, pois amplia o olhar sobre as interfaces entre a Psicologia Analítica e a TAA, evidenciando possibilidades interventivas que mobilizam vínculos, reduzindo ansiedade, isolamento, angústia e resistências em psicoterapia. Destaca-se a atual expansão de práticas mediadas por animais no Brasil, herdeiras de abordagens humanistas e afetivas como as desenvolvidas por Nise da Silveira, para quem cães e gatos atuam como coterapeutas capazes de facilitar a expressão simbólica e o restabelecimento do laço com a realidade (Silveira, 2017).

Materiais e métodos: Trata-se de um estudo teórico, de abordagem qualitativa, baseado em revisão bibliográfica narrativa com ênfase na Psicologia Analítica, na Terapia Assistida por Animais e nas contribuições de Nise da Silveira. Foi realizada uma revisão de literatura em bases científicas como LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), SCIELO (Scientific Eletronic Library Online) e PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), além de obras clássicas de Carl Gustav Jung. Incluíram-se nesta revisão estudos da língua portuguesa, espanhola e inglesa publicados com mais de 10 anos, visto a escassez de produção científica sobre o tema proposto pela pesquisa, e excluídos estudos que não

indicaram informações pertinentes ao tema, artigos duplicados, e aqueles não apresentados na íntegra.

Resultados e discussões: Autores como Andrade *et al.* (2021) e Anger Junior e Akins (apud ANDRADE *et al.*, 2020) evidenciam que o cão atua como estímulo emocional seguro, facilitando o reconhecimento e a expressão de conteúdos internos, diante da ausência de julgamento e da comunicação afetiva não verbal. Simbolicamente, a presença do cão convoca aspectos instintivos, intuitivos e afetivos ligados à psique profunda, o que favorece a ativação da função transcendente. (Jung, OC 8/2 §131). Na Psicoterapia Analítica, procura-se estabelecer como meta terapêutica não somente a conscientização dos conteúdos causadores do sofrimento, mas a volta dos instintos primitivos, com o propósito de reestabelecer no indivíduo sua condição primordial. (Jung OC 16/1 §40). No setting terapêutico, o cão pode atuar como ponte entre terapeuta e paciente, contribuindo para fortalecer a transferência, promover regulação emocional e reduzir defesas, criando um campo relacional mais espontâneo. A experiência histórica de Nise da Silveira confirma essa potência clínica: os animais funcionam como catalisadores de afeto autêntico, elemento essencial para reorganização simbólica e promoção da integração psíquica (Silveira, 1998; 2017). Assim, ao favorecer a aproximação e a integração entre os conteúdos conscientes e inconscientes, o cão pode operar como mediador simbólico no processo de individuação, auxiliando o sujeito na reconexão com aspectos originários de si.

Conclusão: Conclui-se que o cão, enquanto mediador simbólico em psicoterapia junguiana, favorece o desenvolvimento do vínculo, o resgate da afetividade e a integração psíquica, operando como facilitador de processos internos e como ponte relacional na clínica. A TAA, articulada ao referencial junguiano e às contribuições de Nise da Silveira, mostra-se um recurso promissor para práticas psicológicas que valorizam o afeto, o símbolo e o processo de individuação. Sugere-se o aprofundamento de estudos empíricos futuros que investiguem resultados clínicos da inserção do cão em diferentes contextos terapêuticos.

Referências

- ANDRADE *et al.* Utilização de animais como coterapeutas na redução de estresse e nos tratamentos de transtornos mentais e emocionais do ser humano. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, [s. l.], v. 24, n. 5-esp., p. 527–535, 2021. DOI: 10.17921/1415-6938.2020v24n5-esp.p527-535. Disponível em: <https://ensaioseciencia.pgsscogna.com.br/ensaioeciencia/article/view/8512>. Acesso em: 24 out. 2025.
- JUNG, C. G. **A natureza da psique**. 10. ed. (OC 8/2). Petrópolis: Vozes, 2013.
- JUNG, C. G. **A prática da psicoterapia**. 10. ed. (OC 16). Petrópolis: Vozes, 2013.
- PENTEADO, M. A. B. Investigações sobre a relação entre o ser humano e os cães no mundo contemporâneo: a memória do ethos. 2021. **Dissertação** (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-09032022-170710/>. Acesso em: 24 out. 2025.
- RONNBERG, A. **O livro dos símbolos: reflexões sobre imagens arquetípicas**. Colônia: Taschen, 2012.
- SILVEIRA, N. **Gatos: a emoção de lidar**. Rio de Janeiro: Leo Cristiano Editorial, 1998.
- SILVEIRA, N. **Imagens do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2017.

O DIÁRIO COLETIVO COMO ESPAÇO DE ESCUTA E ACOLHIMENTO NO CAPS

Livia Padilha de Campos¹; Marcela Jacob Navarro²; Marta Alice Nelli Bahia³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – livia.campos@alunos.fibbauru.br

²Psicóloga – marcelajcbrn@gmail.com

³Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: saúde mental, CAPS, atenção psicossocial, diário coletivo, expressão subjetiva

Introdução: O Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) é um serviço público de saúde mental destinado a oferecer cuidado e acompanhamento a pessoas em sofrimento psíquico, especialmente aquelas com transtornos mentais severos e persistentes (Brasil, 2025). O CAPS tem como objetivo promover o tratamento em liberdade, evitando internações psiquiátricas e favorecendo a reintegração social dos usuários (Zubiaurre *et al.*, 2024). O serviço funciona com uma equipe multidisciplinar composta por profissionais como psicólogos, psiquiatras, enfermeiros, assistentes sociais e terapeutas ocupacionais, que atuam de forma integrada na construção de projetos terapêuticos individualizados (Trevisan, Almeida, Barros, 2023). A promoção da saúde mental no contexto da atenção psicossocial envolve escuta, vínculo, acolhimento e, principalmente, a valorização da subjetividade de cada indivíduo. Nesse sentido, o CAPS representa um espaço privilegiado para o desenvolvimento de práticas terapêuticas que acolham o sofrimento psíquico de forma humanizada. Martins e Costa (2022) afirmam que as oficinas terapêuticas se destacam como uma prática na instituição para a promoção de uma maior integração social e exercício coletivo de cidadania. Dentro do campo da saúde mental, a arte pode proporcionar aos sujeitos empoderamento, trazendo repercussões positivas para as suas vidas. É através dela que o indivíduo pode assumir espaços sociais, ser ativo, contar sua história, viver e produzir vida (Guerreiro *et al.*, 2022).

Objetivos: A proposta do diário coletivo no CAPS tem como finalidade estimular a expressão de sentimentos, pensamentos e vivências por meio de diferentes formas de linguagem. Busca-se também incentivar o autoconhecimento e a reflexão sobre o cotidiano, tanto em nível individual quanto coletivo, possibilitando uma maior compreensão de si e do outro. Além disso, a atividade visa fortalecer o senso de pertencimento dos usuários ao grupo e ao espaço do CAPS, promovendo a construção de vínculos afetivos e sociais. A proposta também tem como objetivo criar um registro afetivo e coletivo das experiências vividas no CAPS, contribuindo para a construção da memória do grupo e do serviço.

Relevância do Estudo: O estudo explora o potencial terapêutico da arte e linguagem como instrumentos de cuidado em saúde mental, a fim de contribuir para o aprofundamento teórico acerca das práticas expressivas no campo da atenção psicossocial.

Materiais e métodos: Trata-se de um projeto de baixa complexidade que conta com base teórica sobre saúde mental, arte e linguagem. A metodologia está sendo desenvolvida de forma participativa, respeitando as singularidades e a liberdade de expressão dos usuários. A atividade teve início com a apresentação do projeto aos participantes, explicando seus objetivos, a proposta de participação voluntária e a confidencialidade do conteúdo registrado. O Diário foi estruturado em um caderno ou pasta, com folhas soltas, permitindo que os usuários escrevam, desenhem ou utilizem outros materiais, como recortes de revistas. Caso

necessário, materiais de apoio como lápis de cor, canetas e tesouras estarão disponíveis, e todos os usuários terão a liberdade de se expressar conforme se sintam confortáveis. A leitura do diário coletivo permitirá que os participantes compartilhem suas experiências, reflexões e emoções, promovendo o fortalecimento dos vínculos e o processo de construção coletiva. Ao final de um período determinado, o diário foi fechado, mas o conteúdo registrado pode ser sintetizado em um resumo das experiências vividas, servindo como um registro simbólico, e pode ser utilizado em atividades futuras ou como recordação dos momentos vivenciados durante o projeto.

Resultados e discussões: O projeto proporcionou aos usuários do CAPS um espaço de expressão de sentimentos, pensamentos e experiências por meio da escrita, da arte e da imaginação. A atividade favorece o autoconhecimento, a reflexão sobre o cotidiano e o fortalecimento de vínculos afetivos e sociais. Ao longo do processo, foi possível construir um registro simbólico das vivências do grupo, valorizando a subjetividade de cada participante e contribuindo para a formação de uma memória coletiva. Além disso, o projeto promoveu a integração social, o senso de pertencimento e práticas de cuidado humanizado, reafirmando a importância da escuta e da criatividade no contexto da atenção psicossocial.

Conclusão: O presente projeto reforçou a importância de espaços terapêuticos que valorizem a expressão subjetiva, o vínculo e o acolhimento no contexto da atenção psicossocial. O projeto não apenas favoreceu o cuidado em liberdade e a humanização do serviço, mas também evidenciou o potencial da arte e da escrita na promoção da saúde mental e do bem-estar social.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Composição da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) - CAPS**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saes/desmad/raps/caps>. Acesso em: 7 ago. 2025.

GUERREIRO, C. *et al.* A arte no contexto de promoção à saúde mental no Brasil. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4, p. e27811422106, 18 mar. 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/rsd/article/view/22106>. Acesso em: 15 out. 2025

MARTINS, T. O., COSTA, J. F. A. Concepções de profissionais dos Centros de Atenção Psicossocial sobre promoção da cidadania. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde, Salvador**, Brasil, v. 11, p. e4054, 2022. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/view/4054>. Acesso em: 18 out. 2025.

TREVISAN, E. R.; DE ALMEIDA, D. T.; DE BARROS, V. A. O trabalho de terapeutas ocupacionais em um Centro de Atenção Psicossocial: para além das fronteiras disciplinares. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO**, v. 7, n. 2, p. 1735–1751, 29 maio 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/56653>. Acesso em: 18 out. 2025.

ZUBIAURRE, P. M. *et al.* Ações do projeto terapêutico singular em Centro de Atenção Psicossocial: Perspectivas de profissionais e usuários. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 33, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2024-0049pt>. Acesso em: 16 out. 2025.

UMA INVESTIGAÇÃO DA DOR SOB A AUTOMUTILAÇÃO

Karen Rufino Ribeiro¹; Carla de Moraes Machado²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – karenerufino@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB -
moraescm90@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: automutilação; percepção da dor; neurobiologia; sofrimento psíquico.

Introdução: A automutilação é definida como qualquer ato intencional de causar lesão ao próprio corpo, sem a intenção de provocar morte imediata (American Psychiatric Association, 2014). Esse comportamento é mais comum em adolescentes e jovens adultos e aparece como forma de enfrentamento frente a estados emocionais avassaladores. Estima-se que de 15 a 20% dos adolescentes já tenham se engajado em algum tipo de automutilação, evidenciando a importância de sua investigação clínica e científica (Nixon; Heath, 2009). Um dos aspectos mais intrigantes é a forma como a dor é percebida nesses contextos. Muitos indivíduos relatam sentir pouca ou nenhuma dor durante o ato, o que se associa à ativação de mecanismos neurobiológicos específicos, como o sistema opioide endógeno, responsável pela liberação de substâncias que reduzem a sensação dolorosa. Nesse sentido, estudar a dor sob a automutilação permite compreender não apenas a dinâmica entre corpo e mente, mas também os processos que mantêm e reforçam o comportamento.

Objetivos: O presente trabalho teve como objetivo investigar como a dor é modulada e percebida em indivíduos que se automutilam, considerando a interação entre aspectos emocionais, comportamentais e neurobiológicos. Pretende-se compreender de que forma a dor física se relaciona ao alívio do sofrimento psíquico e quais mecanismos cerebrais estão envolvidos nesse processo.

Relevância do Estudo: A investigação da dor no contexto da automutilação é relevante porque possibilita ampliar o olhar clínico sobre o fenômeno. Tradicionalmente, a automutilação foi compreendida apenas como comportamento de risco, mas estudos recentes destacam seu papel como estratégia de regulação emocional, na tentativa de lidar com sentimentos intoleráveis (Klonsky; Glenn, 2009). Compreender os mecanismos neurobiológicos e emocionais que modulam a dor nesses casos auxilia na formulação de intervenções mais eficazes, que considerem tanto a dimensão subjetiva quanto os processos fisiológicos envolvidos.

Materiais e métodos: Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com busca nas bases PubMed, Scielo, PsycINFO e LILACS. Foram utilizados os descritores: “automutilação”, “dor”, “neurobiologia”, “self-injury” e “pain perception”. Foram incluídos artigos publicados entre 2010 e 2024, em português e inglês, que relacionassem a percepção da dor à prática da automutilação. Estudos que abordavam apenas tentativas de suicídio, sem foco em automutilação não suicida, foram excluídos.

Resultados e discussões: A literatura analisada mostrou que a percepção da dor em indivíduos que se automutilam difere da população em geral. Muitos experimentam analgesia durante o ato, explicada pela ativação do sistema opioide endógeno, que libera endorfinas e reduz a sensibilidade à dor (Stanley et al., 2010). Essa modulação fisiológica está diretamente relacionada ao alívio temporário do sofrimento psíquico, reforçando o comportamento autolesivo. Além disso, fatores psicossociais, como histórico de trauma e estresse crônico, estão associados a alterações na percepção da dor. Experiências adversas precoces, como abuso físico ou emocional, podem modificar os circuitos cerebrais relacionados à regulação

emocional e à resposta à dor, envolvendo hiperatividade da amígdala e prejuízo na atuação do córtex pré-frontal (Sher; Stanley, 2021). Isso favorece respostas impulsivas e a busca da automutilação como estratégia de enfrentamento. Outro ponto relevante é a diferença entre a dor física e a dor emocional. Para muitos indivíduos, a dor física se mostra mais tolerável, funcionando como forma de distração e alívio em relação ao sofrimento interno (Klonsky; Glen, 2009). Entretanto, trata-se de um ciclo vicioso, pois o alívio é momentâneo e tende a reforçar a repetição do comportamento (Nixon; Heath, 2009).

Conclusão: Conclui-se que a dor, no contexto da automutilação, deve ser analisada como fenômeno multidimensional, no qual se entrelaçam fatores neurobiológicos, emocionais e sociais. Mais do que um ato de risco, a automutilação representa uma tentativa de autorregulação frente ao sofrimento psíquico intolerável. A literatura evidencia que a analgesia experimentada durante o ato é mediada por mecanismos neurobiológicos, mas sustentada por fatores emocionais e ambientais. Assim, compreender como a dor é percebida e modulada nesses contextos contribui para a formulação de práticas clínicas mais eficazes, baseadas em um olhar integrador e humanizado. Isso possibilita tanto a prevenção quanto intervenções mais sensíveis, capazes de oferecer suporte real a indivíduos que enfrentam o sofrimento vinculado à automutilação.

Referências:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais: DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://www.psychiatry.org/> Acesso em: 19 de setembro de 2025.

KLONSKY, E. D.; GLENN, C. R. Assessing the functions of non-suicidal self-injury: psychometric properties of the Inventory of Statements About Self-Injury (ISAS). **Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment**, v. 31, p. 215-219, 2009. Disponível em: <https://selfinjury.bctr.cornell.edu/perch/resources/isas-1.pdf> Acesso em: 19 de setembro de 2025.

NIXON, M. K.; HEATH, N. L. **Self-injury in youth: the essential guide to assessment and intervention**. New York: Routledge, 2009. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC12180354/pdf/IANN_57_2520394.pdf Acesso em: 20 de setembro de 2025.

STANLEY, B.; SHER, L.; WILSON, S.; EKMAN, R.; HUANG, Y. -Y.; MANN, J. J. Nonsuicidal self-injurious behavior, endogenous opioids and monoamine neurotransmitters. **Journal of Affective Disorders**, v. 124, n. 1- 2, p. 134- 140, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2875354/> Acesso em: 20 de setembro de 2025.

SHER, L.; STANLEY, B. H. Biological models of nonsuicidal self-injury. **Current Psychiatry Reports**, v. 23, p. 33-44, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/11875-006> Acesso em: 20 de setembro de 2025.

PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E DO TRABALHO: UM CAMPO EM EXPANSÃO E REDEFINIÇÃO

Mariana Antunes Apolinário Alves¹; Andriele Meire Riso Paulino²; Vitor Augusto Murbach³; Wallace de Souza Marques⁴; Professora Me. Danielle Augusto Zacaib de Oliveira⁵;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – marianaalvaro00@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – riso.andriele@yahoo.com;

³Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vitormurbach626@gmail.com;

⁴Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – wallacemandarin12@gmail.com;

⁵Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia organizacional e do trabalho, Gestão de pessoas, Comportamento organizacional.

Introdução: A Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) é definida como uma divisão aplicada da psicologia, preocupada com o estudo do comportamento humano relacionado com o trabalho, as organizações e a produtividade (Rothmann; Cooper, 2017). Configura-se como uma área em constante transformação, refletindo as demandas sociais contemporâneas. Seu papel vai além das práticas tradicionais, como recrutamento e seleção, abrangendo também a promoção da saúde no trabalho, o bem-estar dos colaboradores e o desenvolvimento humano nas organizações (Bastos *et al.*, 2005). Para Tonetto *et al.* (2008), a POT destaca-se como um dos campos mais relevantes da Psicologia aplicada, em razão de sua capacidade de compreender as dinâmicas nas relações interpessoais e as condições de trabalho. Nos últimos anos, essa área tem apresentado significativo crescimento, consolidando-se como um espaço de produção científica e de atuação social voltado à promoção do bem-estar coletivo e à eficácia organizacional.

Objetivos: O presente artigo tem como objetivo compreender a importância da Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT) frente às constantes transformações sociais, tecnológicas e econômicas que impactam o mundo do trabalho. Busca-se evidenciar como essa área da Psicologia contribui para a construção de uma nova realidade nas organizações, pautada por ações mais saudáveis, éticas e produtivas.

Relevância do Estudo: Este estudo contribui para o fortalecimento do campo, tanto na perspectiva científica quanto na aplicação prática, favorecendo uma atuação profissional mais crítica, contextualizada e comprometida com o desenvolvimento humano e organizacional.

Materiais e métodos: Este trabalho constitui em uma revisão de literatura, na qual foi realizada uma pesquisa nas bases de dados Scielo e em ferramentas para pesquisa como Google Acadêmico, no idioma português, utilizando os seguintes descritores: psicologia organizacional e do trabalho, gestão de pessoas, comportamento organizacional.

Resultados e discussões: Nas últimas décadas, a atuação do psicólogo organizacional tem passado por significativas inovações, refletindo a necessidade de adaptação às complexidades emergentes no mundo do trabalho. Desde os anos 1990, estudos já apontavam para a modernização de práticas tradicionais, o surgimento de novas abordagens e a valorização de competências voltadas à compreensão de fenômenos organizacionais cada vez mais complexos (Bastos *et al.*, 2005). Ainda segundo estes mesmos autores, essa evolução é marcada, entre outros aspectos, pela inserção estratégica do psicólogo nas organizações, pela ampliação do trabalho interdisciplinar, pela atuação como consultor ou assessor, bem como pelo enfrentamento de mudanças estruturais nas formas de gestão.

Além disso, destaca-se o fortalecimento da pesquisa e da intervenção em saúde ocupacional, evidenciando o compromisso da POT com o bem-estar no trabalho. Tais transformações exigem um novo perfil profissional, dotado de competências que o habilitem a atuar criticamente e de forma contextualizada, superando modelos engessados e desconectados da realidade organizacional contemporânea. Neste mesmo sentido Campos *et al.* (2011) traz que a POT sofreu significativas transformações impulsionadas pela globalização e pela sua estreita relação com as práticas administrativas. Essas mudanças direcionaram a área a buscar não apenas o aumento da produtividade, mas também a promoção do bem-estar dos trabalhadores. Paradoxalmente, essas mesmas transformações que impulsionaram o desenvolvimento e a ampliação do campo também impõem desafios significativos à atuação profissional, exigindo respostas cada vez mais integradas e sensíveis à realidade contemporânea. Segundo Tonetto *et al.* (2008), entre os principais desafios enfrentados pela POT está a compreensão das interações complexas entre os diversos fatores que compõem a vida de indivíduos, grupos e organizações em um cenário de constantes transformações sociais, políticas e econômicas. Nesse contexto, torna-se fundamental desenvolver estratégias que favoreçam a promoção, a preservação e a recuperação da qualidade de vida e do bem-estar no ambiente laboral. A complexidade dos fenômenos que compõem o universo do trabalho e das organizações demanda uma abordagem multidisciplinar. Essa articulação permite analisar de que maneira o desempenho das pessoas está associado a fatores sociais, culturais, políticos e econômicos, bem como a processos relacionados à gestão organizacional e à formação dos trabalhadores (Borges-Andrade e Zanelli, 2014).

Conclusão: A Psicologia Organizacional e do Trabalho tem se transformado significativamente para acompanhar as mudanças sociais, tecnológicas e econômicas que impactam o mundo do trabalho. Esse processo exige do profissional uma atuação mais crítica, integrada e adaptada à complexidade das organizações contemporâneas. Conclui-se que a POT exerce um papel essencial tanto na promoção do bem-estar quanto na construção de ambientes organizacionais mais éticos, saudáveis e produtivos, reafirmando sua relevância como campo científico e de intervenção social.

Referências

- BASTOS, A. V. B. et al. **A imagem da Psicologia Organizacional e do Trabalho entre estudantes de Psicologia: o impacto de uma experiência acadêmica.** Psicologia: Ciência e Profissão. v. 25, n. 3, p. 352-369, 2005. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932005000300003. Acesso: 25 abril 2025.
- BORGES-ANDRADE, J. E.; ZANELLI, J. C. Psicologia e produção do conhecimento em organizações e trabalho. In: Zanelli, J.C; Borges-Andrade, J. E. & Bastos, A. V.B. **Psicologia, Organizações e Trabalho no Brasil.** [livro eletrônico]. 2ª. ed. Artmed, 2014. p. 583-608.
- CAMPOS, K. C. L. et al. **Psicologia Organizacional e do Trabalho: retrato da produção científica na última década.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 31, n. 4, p. 702-717, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/NKwfC9mJtLnYGZqc8wCF6mG/abstract/?lang=pt> Acesso: 25 abril 2025.
- ROTHMANN, I.; COOPER, C. L. Introdução a psicologia organizacional e do trabalho. In: **Fundamentos da Psicologia Organizacional e do Trabalho.** 2ª. ed. GEN Atlas: São Paulo, 2017. p.23-41.
- TONETTO, A. M. et al. **Psicologia Organizacional e do Trabalho no Brasil: desenvolvimento científico contemporâneo.** Psicologia & Sociedade, v. 20, n. 2, p. 165-173, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/NCYvXk6K93pZ6ZmV9NJStcC/abstract/?lang=pt> Acesso : 25 abril 2025.

O SCFV COMO ESPAÇO DE ESCUTA, CONVIVÊNCIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NA ADOLESCÊNCIA

Ana Vitória Jacob Cechini¹; Marta Alice Nelli Bahia²;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB anavijacob@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br

Professora do curso de Psicologia - Faculdades Integradas de Bauru – FIB
marina.godoy@fibbauru.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: SCFV, Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos, SCFV com adolescentes, Sistema único de assistência social.

Introdução: O SCFV (Serviço de convivência e fortalecimento de vínculos.) trata-se de um serviço da Proteção Social Básica do SUAS, ele é ofertado de forma complementar ao trabalho social com as famílias que são acompanhadas pelo PAIF (Serviço de Proteção e Atendimento Integral à Família) e PAEFI (do Serviço de Proteção e Atendimento Especializado às Famílias e Indivíduos). O SCFV possui caráter preventivo, protetivo e proativo diante de situações de vulnerabilidades e riscos sociais e relacionais que possam comprometer as relações e ocasionar o rompimento dos vínculos familiares e comunitários. É um dos serviços que mantém as seguranças socioassistenciais de acolhida, favorecendo a convivência familiar e comunitária, e promovendo o desenvolvimento da autonomia dos participantes, por meio de ações voltadas à construção de competências pessoais, sociais e relacionais. Nascimento e Villela (2016).

Objetivos: Analisar como o SCFV contribui para o relacionamento comunitário e desenvolvimento de adolescentes em situação de vulnerabilidade.

Relevância do Estudo: A pesquisa tem sua relevância por analisar a contribuição do SCFV na promoção de vínculos sociais, na ampliação da cidadania e no fortalecimento das redes de apoio.

Materiais e métodos: Metodologicamente, trata-se de uma revisão bibliográfica, de natureza teórica e prática, por meio dos artigos científicos, realizada por levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicos Google Acadêmico e SciELO (Scientific Eletronic Library Online), que são bases e ferramentas de busca de produção científica e revistas. Foram incluídos textos em português e espanhol, artigos pertinentes ao tema, entre o período de 2015 e 2025.

Resultados e discussões: O Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) se mostra um espaço de grande relevância social por promover experiências de convívios que contribuem para o desenvolvimento integral dos adolescentes. Sua proposta ultrapassa a simples oferta de atividades, buscando criar um ambiente de pertencimento, acolhimento e participação, no qual os adolescentes possam se reconhecer e interagir com a própria realidade. Souza (2016) reforça este caráter do serviço ao mostrar que o SCFV é benéfico por oferecer aos adolescentes um espaço de escuta e reconhecimento. Mesmo diante de limitações institucionais, Souza (2016) identifica que o convívio coletivo estimula a autonomia, o senso crítico e o protagonismo juvenil, principalmente quando os profissionais conseguem estabelecer relações horizontais e promover atividades que dialogam com as realidades e interesses dos jovens. Para a autora, o SCFV cumpre uma função simbólica e importante, que é resgatar o valor social dos adolescentes, muitas vezes invisibilizados em seus contextos familiares e comunitários. O artigo de Laredo *et al.* (2017) contribui ao evidenciar que o SCFV atua como instrumento de proteção integral e de promoção de direitos. O estudo destaca que as ações desenvolvidas nos grupos fortalecem a convivência familiar e social, prevenindo situações de isolamento e conflito. A convivência mediada por educadores possibilita que os adolescentes aprendam a lidar com diferenças, a resolver conflitos de forma construtiva e a participar de espaços coletivos com responsabilidade. Nascimento e Villela (2016) abordam o SCFV sob uma perspectiva mais ampla, destacando sua relevância para o desenvolvimento

comunitário. Quando o serviço é articulado à uma gestão participativa o SCFV não apenas previne vulnerabilidades, mas cria condições para que os sujeitos se tornem agentes de sua realidade social. Segundo Alcarria, Martins e Costa (2022), a inserção do psicólogo nos serviços de Assistência Social é de extrema importância no desenvolvimento emocional, afetivo, cognitivo e social do público adolescente, o trabalho possibilita a construção e ressignificação dos vínculos no ambiente do SCFV, proporcionando autonomia e protagonismo. O psicólogo contribui no desenvolvimento dessas múltiplas dimensões que são praticadas na convivência em grupo. Para os autores a dimensão associada a vida social permite o desenvolvimento das potencialidades, subjetividades coletivas, construções culturais, políticas e, sobretudo, os processos civilizatórios. A escuta ativa, o diálogo e o afeto promovido no contexto do SCFV podem agenciar transformações significativas na vida desses adolescentes. As atividades desenvolvidas em grupo possibilitam a expressão de sentimentos, a construção da identidade e o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários. Brenda, Martini, Zasso (2019).

Conclusão: De modo geral, todos esses estudos dialogam e apontam o SCFV como espaço de convivência, pertencimento e aprendizado. Todos reconhecem que a adolescência é um período de intensas mudanças e vulnerabilidades, exigindo do serviço práticas que integrem dimensões subjetivas, educativas e sociais.

Referências:

ALCARRIA, E. R.; COSTA, A. F.; MARTINS, T. C.

A atuação do profissional de Psicologia no serviço de convivência e fortalecimento de vínculos junto a crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. *Akrópolis – Revista de Ciências Humanas da UNIPAR*, [S. l.], v. 30, n. 2, 2022.

DOI: 10.25110/akropolis.v30i2.8307.

Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/8307>. Acesso em: 26. 20 Out. 2025

BREDA, T.; MARTINI, F.; ZASSO, I. Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos com grupo de adolescentes: um relato de experiência. In: **Congresso de Educação da Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz (FAG)**, 7., 2019, Cascavel. Anais...

Cascavel: FAG, 2019. Disponível em:

<https://www.fag.edu.br/novo/pg/congressoeducacao/arquivos/2019/SERVICO-DE-CONVIVENCIA-E-FORTALECIMENTO-DE-VINCULOS-COM-GRUPO-DE-ADOLESCENTES-UM-RELAT> acesso em: 21 Out 2025

LAREDO, L. *et al.* Um olhar para o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos junto a adolescentes. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 109-127, abr. 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/80> Revista Pesquisa Qualitativa+1. Acesso em: 18 Out 2025

NASCIMENTO, C. A. S.; VILLELA, L. E. Análise da efetividade da política pública socioeducativa do Governo Federal nas regiões com vulnerabilidade social: o caso do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV) no município de Itaguaí (RJ). **COLÓQUIO – Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 13, n. 2, 2016. Disponível em: https://seer.faccat.br/index.php/coloquio/user/setLocale/en_US?source=%2Findex.php%2Fcoloquio.v13i2%2F496 Seer+1. Acesso em: 18 Out 2025

SOUZA, R. K. O olhar dos adolescentes em situação de vulnerabilidade social sobre o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV). **Dissertação (Mestrado em Educação)** – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Corumbá-MS, 2016. Disponível em: <https://ppgecpn.ufms.br/files/2017/02/Disserta%C3%A7%C3%A3o-Renata-Kerr-de-Souza-vers%C3%A3o-final.pdf> PPGECPAN+1. Acesso em: 19 Out 2025

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PARA A FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES DE MEDICINA

Felipe Braga Raffaeli¹; Andreia Barbosa de Lima²;

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – raffaelifelipe@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB deialimafib@gmail.com.

Grupo de trabalho: Psicologia.

Palavras-chave: Saúde mental; Estudantes de medicina; Burnout; Psicologia; Estresse.

Introdução: A medicina evoluiu como ciência ao longo dos séculos e a relação médico-paciente também se transformou. Atualmente, o médico deve desenvolver atributos como confiança, lealdade, respeito e conhecimento do paciente para uma boa prática (Dario, 2019). Apesar das mudanças históricas, o desejo do médico de ajudar, salvar, curar e cuidar permanece constante ao longo do tempo (Grossemann; Patrício, 2020). Entretanto, além de ser uma profissão aclamada, durante a graduação, estudantes de medicina enfrentam estresse e impactos na saúde mental, decorrentes de excesso de matérias, privação de sono, cobrança por desempenho, pouco tempo para lazer, distância da família e competição no mercado (Arnold; De Carvalho, 2015; De Andrade, 2024). Outro problema recorrente é a síndrome de Burnout, caracterizada por exaustão, ineficácia e afastamento do trabalho. Nos médicos, ela pode surgir ainda na graduação, quando as demandas emocionais são negligenciadas e a formação não os prepara para lidar com o estresse da profissão (Nassar; De Carvalho, 2021). Diante desse cenário, evidencia-se a necessidade de estratégias que auxiliem os estudantes de medicina a lidarem com as demandas emocionais da formação. Nesse contexto a psicologia se mostra indispensável, tanto para prevenir danos à saúde mental quanto para capacitar os futuros médicos com habilidades emocionais e sociais essenciais para a prática profissional.

Objetivos: Este trabalho teve como objetivo geral investigar por meio de questionário como o estudante de medicina avalia sua saúde mental. Como objetivo específico, verificar se o estudante de medicina considera importante a atenção a sua saúde emocional por meio da psicologia e verificar se a faculdade oferece suporte emocional ao aluno.

Relevância do Estudo: A relevância do estudo se dá por investigar a saúde mental de estudantes de medicina, público vulnerável ao estresse e outras complicações. Seus resultados podem subsidiar políticas institucionais de suporte psicológico e contribuir para uma formação médica mais humanizada.

Materiais e métodos: Estudo realizado com estudantes do 1º ao 6º ano matriculados em faculdades de medicina. A participação foi voluntária mediante aceite do TCLE, totalizando 59 participantes. A presente pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética da Faculdade Integradas de Bauru (FIB) Bauru, SP e aprovado pelo CEP (CAAE 90957525.4.0000.5423), conduzido em conformidade com a Resolução 466/12 e 510/16. Utilizou-se um questionário sociodemográfico e um formulário online (Google Forms) com 12 questões de múltipla escolha sobre saúde mental e suporte psicológico, além de espaço opcional para respostas abertas. Os dados foram coletados de forma anônima e analisados por estatística descritiva (frequência e porcentagem) no Google Forms e Excel.

Resultados e discussões: A pesquisa, de caráter quantitativo e descritivo, foi realizada com 59 estudantes de medicina de diferentes instituições, por meio de questionário online composto por doze questões objetivas e uma dissertativa. Os resultados revelaram que 45,8%

dos alunos se sentem frequentemente sobrecarregados pela rotina de estudos e 32,2% afirmaram que a graduação afeta negativamente sua saúde mental. As emoções e sintomas mais citados foram ansiedade (89,8%), irritabilidade (79,7%), cansaço extremo (74,6%) e insônia (69,5%). Entre os principais fatores desencadeadores de estresse estão o excesso de conteúdo teórico, a insegurança profissional e a comparação entre colegas. Apesar de 88,1% das instituições oferecerem apoio psicológico, apenas 30,5% dos alunos afirmam buscar ajuda profissional, optando por estratégias individuais como atividades físicas e conversas informais. Esses dados reforçam a urgência de integrar o suporte psicológico ao cotidiano acadêmico, não apenas como um serviço disponível, mas como parte ativa do processo formativo.

Conclusão: Com base nos resultados evidencia-se que a graduação em medicina exerce forte impacto sobre a saúde mental dos estudantes, marcada por altos índices de ansiedade, estresse, cansaço e insegurança. Apesar de muitas instituições oferecerem apoio psicológico, a baixa adesão a esse serviço demonstra que ainda há barreiras culturais e estruturais na busca por cuidado emocional. Desta forma, é importante repensar as práticas institucionais e incluir a Psicologia como parte integrante do processo formativo, não apenas como um recurso eventual, mas como um eixo permanente de promoção da saúde mental, prevenção de sofrimento psíquico e desenvolvimento de competências socioemocionais. Nesse sentido, a Psicologia pode contribuir de maneira significativa para a formação de médicos mais conscientes, empáticos e preparados para lidar com as exigências emocionais da profissão, fortalecendo tanto o bem-estar individual quanto a qualidade do cuidado oferecido aos pacientes.

Referências:

ARNOLD, S. S.; DE CARVALHO, E. A. Predomínio do estresse em acadêmicos de medicina. **Uningá Review**, v.24, n.1, p.85-89, 2015. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1668>.

DARIO, P. A relação médico-doente: Breve revisão da antiguidade à atualidade. **Revista de Medicina**, v.98, n.3, p.216-221, 2019. Disponível em: <https://revistas.usp.br/revistadc/article/view/154792>.

DE ANDRADE, F. M. Sobre a saúde mental dos estudantes de medicina no Brasil. **Revista aSEPHallus**, v.19, n.38, p.6-19, 2024. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/pdf/02-ANDRADE-COELHO-DOS-SANTOS-FARNETANO.pdf>.

GROSSEMAN, S.; PATRÍCIO, Z. M. A relação médico-paciente e o cuidado humano: subsídios para promoção da educação médica. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v.28, n.2, p.99-105, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/YnNgZm4vRCgPxbQhvwNWgj3k/?lang=pt>.

NASSAR, L. M.; DE CARVALHO, J. P. Síndrome de Burnout em estudantes de graduação de medicina no Brasil: uma revisão do panorama brasileiro. **Espaço para a Saúde**, v.22, n.72, p.1-12, 2021. Disponível em: <https://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosauade/article/view/721>.

TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE E SEUS REFLEXOS NA VIDA RELACIONAL E SEXUAL

Livia Padilha de Campos¹; Florêncio Mariano da Costa Jr.²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – livia.campos@alunos.fibbauru.br

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – florencio.junior@fibbauru.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: transtorno de personalidade borderline, relacionamentos interpessoais, reddit, teoria dos cinco fatores

Introdução: O transtorno da personalidade (TP) é caracterizado como um padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente das expectativas da cultura do indivíduo, é difuso e inflexível, começa na adolescência ou início da fase adulta, é estável ao longo do tempo e leva a sofrimento ou prejuízo (APA, 2014). A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) reúne TP semelhantes em três grupos: A, B e C. O grupo A é composto pelos transtornos do tipo paranoide, esquizoide e esquizotípico, o grupo B engloba os transtornos antissocial, borderline, transtorno da personalidade narcisista, e histriônica. O grupo C, por sua vez, é composto pelo transtorno evitativo, transtorno da personalidade dependente e obsessivo-compulsivo (APA, 2014). O Modelo dos Cinco Grandes Fatores desempenha um papel relevante no diagnóstico dos transtornos de personalidade. Desenvolvida a partir de um conjunto de pesquisas sobre personalidade, a teoria foi consolidada entre as décadas de 1940 e 1990, e sugere que a personalidade pode ser compreendida em cinco traços principais, que variam em um espectro de intensidade para cada indivíduo, sendo esses a Abertura à Experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo (McCrae; Costa, 1985). Estudos indicam que os traços podem servir como fatores de risco ou de proteção no desenvolvimento e manutenção de transtornos mentais (Zhang; Takahashi, 2024).

Objetivos: O objetivo desse trabalho foi realizar uma análise das influências do transtorno de personalidade nas relações e na sexualidade dos indivíduos, e suas relações com o Modelo dos Cinco Fatores.

Relevância do Estudo: A relevância deste estudo se justifica pela necessidade de expandir a compreensão dessas relações, a fim de contribuir para o aprofundamento teórico acerca dos transtornos de personalidade, assim como agregar conhecimento à literatura científica.

Materiais e métodos: Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa exploratória com dados públicos extraídos das comunidades da plataforma de mídia social Reddit, obtidos de uma comunidade virtual de pessoas que se reconhecem com Transtorno de Personalidade Borderline. A análise de conteúdo seguiu a metodologia de Bardin (2016), estruturada em três etapas: Leitura e pré-análise, agrupamento e exploração do material, e tratamento dos resultados. O Modelo dos Cinco Grandes Fatores foi utilizado como base para análise das postagens, sendo cada uma codificada quanto à expressão relativa de cada traço, classificando tendências como “mais evidentes” ou “menos evidentes”, sem finalidade diagnóstica.

Resultados e discussões: A análise dos posts indica que o neuroticismo se apresenta como o traço predominante em indivíduos com transtorno de personalidade Borderline, manifestando-se por meio de ansiedade intensa, medo de abandono, instabilidade emocional

e ruminação. Essa conclusão foi obtida a partir da recorrência de relatos nos quais os participantes descrevem experiências de sofrimento emocional acentuado, crises frequentes de humor, preocupação constante em perder vínculos afetivos e pensamentos repetitivos sobre situações negativas. Em contraste, extroversão e conscienciosidade aparecem geralmente como menos evidentes. A análise dos posts revelou uma frequência menor de comportamentos sociais ativos e dificuldade em organizar e planejar, sugerindo tendências ao isolamento social e à impulsividade. A amabilidade mostra-se relativamente mais evidente, se manifestando nas postagens principalmente na preocupação e cuidado com parceiros ou pessoas próximas, mesmo em contextos de instabilidade emocional. Já a abertura à experiência é observada com menor frequência, sendo associada principalmente à reflexão sobre identidade e à busca por novas formas de vivência afetiva. Guimarães, Ferreira e Pereira (2019) afirmam que, no caso do Transtorno de Personalidade Borderline, um nível alto de neuroticismo em conjunto com baixa conscienciosidade parecem aumentar as chances de lidar de forma ineficaz com as emoções e criar relacionamentos interpessoais insatisfatórios, o que pode estar relacionado ao desenvolvimento do transtorno. Além disso, ressaltam que o padrão de crenças, cujo desenvolvimento pode ser o resultado de uma associação entre traços de personalidade e uma história de vida marcada por estressores, são condições antecedentes importantes para compreender o desenvolvimento do transtorno de personalidade borderline.

Conclusão: Os resultados apresentados permitem compreender de que maneira os traços de personalidade se articulam no contexto do transtorno de personalidade borderline, contribuindo para futuras investigações e para a elaboração de intervenções mais eficazes voltadas ao manejo das dificuldades emocionais e relacionais características dos transtornos de personalidade.

Referências

APA - American Psychological Association. **Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais** – 5ª ed. (DSM-5): Editora, Artmed; 2014.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. 3. reimp. da 1. ed. de 2016. São Paulo: Edições 70, 2016.

GUIMARÃES, M.; FERREIRA, M. C.; PEREIRA, M. Evidências iniciais de validade da escala de liderança virtuosa. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 36, p. e170101, 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e170101>. Acesso em: 01 maio 2025.

McCRAE, R. R.; COSTA, P. T. Updating Norman's "adequacy taxonomy": intelligence and personality dimensions in natural language and in questionnaires. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 49, n. 3, p. 710–721, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.49.3.710>. Acesso em: 01 maio 2025.

ZHANG, L.; TAKAHASHI, Y. Relationships between obsessive-compulsive disorder and the big five personality traits: A meta-analysis. **Journal of Psychiatric Research**, v. 177, p. 11–23, set. 2024. DOI: 10.1016/j.jpsychires.2024.06.033. Acesso em: 01 maio 2025.

PACIENTE QUEIMADO APÓS TENTATIVA DE SUICÍDIO: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DURANTE A HOSPITALIZAÇÃO

Rafael Augusto da Cunha¹; Andréia Barbosa de Lima²;

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – rafzcunha@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – deialimafib@gmail.com

Grupo de trabalho: Psicologia

Palavras-chave: tentativa de suicídio, queimadura auto infligida, hospitalização, estratégias de enfrentamento, Psicologia.

Introdução: A compreensão sobre o fenômeno do suicídio e seus impactos psicossociais, estruturam a base dos estudos sobre a saúde mental desde os primórdios do pensamento filosófico (Alves, 2024). No Brasil, conforme registros dos Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) e o Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), de 2021 a 2023 houve um aumento de 4,7% de óbitos notificados por lesões autoprovocadas intencionalmente. Desse modo, categorizado de acordo com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID-10) pelo código nosológico X76 - Lesão Autoprovocada Intencionalmente pela Fumaça, pelo Fogo e por Chamas, a tentativa de suicídio por queimaduras exige um olhar atento ao contexto multifatorial que envolve essa prática, incluindo aspectos biopsicossociais (OMS, 2019).

Objetivos: Esta pesquisa teve como objetivo realizar uma revisão de literatura sobre estudos relacionados as estratégias de enfrentamento para recuperação de pacientes queimados por tentativa de suicídio hospitalizados.

Relevância do Estudo: De acordo com dados obtidos pela Organização Mundial de Saúde (OMS), o número anual de óbitos por suicídio ultrapassa 720.000 pessoas, evidenciando esse fenômeno como um dilema mundial de saúde pública. Além disso, tendo em vista a complexidade da internação do paciente queimado por tentativa de suicídio e os impactos nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, este trabalho visa contribuir para reflexão sobre a importância do papel do psicólogo na atuação frente aos enredamentos clínicos que permeiam esses pacientes.

Materiais e métodos: Foram utilizadas as bases de dados Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), National Library of Medicine (NCBI – PubMed), e a Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram selecionados artigos em inglês e português e as palavras-chaves utilizadas foram “tentativa de suicídio”, “queimadura auto infligida”, “hospitalização”, “estratégias”, “enfrentamento”, “coping”, “Unidade de Terapia Intensiva”, “Psicologia” em ambas as bases de dados. Após palavras chaves e filtros, foram selecionados 15 artigos, mas para o presente estudo foram elencados 6 trabalhos.

Resultados e discussões: As queimaduras são lesões teciduais causadas por agentes térmicos (calor ou frio extremo), químicos, elétricos, por radiação ou por fricção e podem variar em gravidade, dependendo da profundidade, extensão e localização do corpo afetado. Os impactos imediatos variam desde a perda de barreira cutânea e choque hipovolêmico até falência de órgãos (Silva *et al.*, 2021). Nesse sentido, diversas demandas surgem nesse cenário, como questões relacionadas à hospitalização e necessidade intensiva de cuidados médicos, problemas ligados ao controle da dor, reabilitação e tratamentos das queimaduras.

Aspectos emocionais fazem parte dessa condição, como o sentimento de vergonha e culpa, associado ao estigma social e a dificuldade em lidar com a imagem corporal, podem ser encontrados no processo de tratamento (Rosa; Lima, 2021; Gondim *et al.*, 2024). Pensando na tentativa de suicídio por queimaduras como um problema de saúde pública mundial, as estratégias de enfrentamento têm como intuito auxiliar o sujeito a administrar, reduzir ou tolerar situações de estresse, manter o equilíbrio psicológico e adaptar-se ao processo de recuperação. Neto *et al.* (2020) apontam que as estratégias de enfrentamento se estruturam em três níveis integrados: individuais representada por aspectos intrínsecos ao indivíduo, como a resiliência; relacionais que vinculam-se à rede de apoio familiar e social ampliadas, que favorecem o vínculo afetivo e mitigam os impactos do isolamento e institucionais que representam os protocolos de atendimento adequados para atenuarem dor, medo e insegurança das vítimas, onde a equipe transdisciplinar tem fundamental importância no processo de recuperação.

Conclusão: Foi possível compreender a complexidade do fenômeno do suicídio e seu impacto na saúde pública. No que se refere a tentativa de suicídio devido a queimadura, o impacto envolve uma complexidade de danos físicos, ocasionando na maioria das vezes a hospitalização em UTI. Desta forma, trabalhar as estratégias de enfrentamento auxilia mitigar os impactos biopsicossociais ocasionados. Dentre essas estratégias pode-se destacar a resiliência, a presença da rede de apoio ampliada e o trabalho transdisciplinar. No entanto, para ampliar esse estudo complexo, é importante novas pesquisas e estudos acadêmicos sobre a recuperação de pacientes queimados por tentativa de suicídio.

Referências

- ALVES, A. Ensaio sobre o Estoicismo e a razão prática em Schopenhauer. **Revista Paranaense de Filosofia**, v.4, n.1, p.01–21, jan./jun., 2024. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/rpfilo/article/view/8374/6254>. Acesso em: 06 de jan. de 2025.
- GONDIM, B. A. *et al.* Queimaduras: aspectos biopsicossociais, autoestima e imagem corporal pós-trauma. **Revista Caderno Pedagógico**, v.21, n.1, p.2448-2458, 2024. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/921d/203d81ea55259277a407aed4bd1afa165a1d.pdf>. Acesso em: 07 de fev. de 2025.
- NETO, P. J. A. V. *et al.* Tentativa de suicídio, transtorno de estresse pós-traumático e fatores associados em mulheres do Recife. **Rev. Bras. Epidemiol.**, v.23, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/RLhTKKbDZgWR9Z9Tgs9Ltgr/?lang=pt>. Acesso em: 10 de abr. de 2025.
- ROSA, Z.; LIMA, T. H. Perfil epidemiológico de pacientes vítimas de queimadura. **Brazilian Journal of Health Review**, v.4, n.5, p.19832-19853, set./out., 2021. Disponível em: <https://scholar.archive.org/work/w3jkndgq65bitjneor32mqezvm/access/wayback/https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/download/36277/pdf>. Acesso em: 07 de fev. de 2025.
- SILVA, J. O. *et al.* O tratamento de queimaduras: uma revisão bibliográfica. **Brazilian Journal of Development**, v.7, n.4, p.37061-37074, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/27982/22149>. Acesso em: 20 de mar. de 2021.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **CID-10: Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde** [online]. 2019. Disponível em: <https://icd.who.int/browse10/2019/en>. Acesso em: 30 de abr. de 2025.

CONCEPÇÕES DE HOMENS TRANS E TRANS MASCULINOS SOBRE MÉTODOS DE PROFILAXIA E PREVENÇÃO AO HIV

Giullia Silva Sampaio¹; Florêncio M. da Costa Junior²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – giullia.sampaio@alunos.fibbauru.br

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mcostajunior@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: infecções sexualmente transmissíveis, prevenção combinada, políticas públicas, trans masculinos

Introdução: As Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) permanecem como um problema de saúde pública, entre os anos 2022 e 2023, ocorreu um acréscimo de 4,5% nos casos de HIV (em inglês, *human immunodeficiency virus*) no Brasil (2024). Atualmente a política brasileira de enfrentamento ao HIV/aids compreende que a prevenção não pode ser feita de maneira isolada, sendo necessário uma abordagem profissional que considere variáveis como condições sociais, econômicas, políticas e fatores de risco para a exposição (Brasil, 2022). Dessa necessidade surge a prevenção combinada, uma estratégia de saúde que combina métodos preventivos e ofertas assistenciais para combater a transmissão de ISTs, HIV e hepatites virais, é composta por um conjunto de estratégias biomédicas, comportamentais e estruturais (Brasil, 2022). As políticas públicas de prevenção ao HIV no Brasil tiveram o foco em diferentes grupos ao longo do tempo, considerando a incidência da época. Estudos sobre a população trans masculina e a prevalência do HIV são escassos, sendo difícil consolidar quais são os perfis de homens trans que apresentam maior risco de exposição às ISTs (Radix, 2022).

Objetivos: A presente pesquisa buscou investigar as práticas preventivas da população trans masculina e não binária em comparação com homens cis; como acessam as informações de prevenção; se já tiveram contato com a prevenção combinada; e o que compreendem dessa. Além disso, buscou-se analisar a relação entre os homens trans e serviços de saúde na atenção ao HIV considerando o acesso, e a relação com a equipe profissional.

Relevância do Estudo: A escassez de estudos acerca das identidades trans masculinas e a dificuldade em identificar as demandas em saúde sexual destes indivíduos prejudica o planejamento de estratégias de prevenção e cuidado adequadas às suas especificidades (Radix, 2022). Essa pesquisa busca contribuir com dados que ampliem a compreensão integral da saúde de homens trans, auxiliando na construção de políticas mais inclusivas e eficazes.

Materiais e métodos: Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com delineamento descritivo e transversal, realizado por meio de entrevistas com material semiestruturado. O método utilizado para análise de dados foi fundamentado na teoria de Bardin (2016). Este estudo foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da 22386619.9.0000.5423, sob parecer nº 3.948.694. A participação foi voluntária e os dados foram coletados de forma anônima.

Resultados e discussões: Por meio da análise das entrevistas, foi possível identificar aspectos que evidenciam lacunas no acesso à educação sexual, especialmente em relação ao conhecimento limitado sobre as ISTs e os métodos de prevenção por parte dos participantes. Estratégias de prevenção, como a vacinação contra o HPV e as hepatites, não

foram mencionadas. Entretanto, ao longo das entrevistas, os participantes reconheceram a importância de campanhas que enfatizem a necessidade da prevenção e que abranjam outros métodos além do uso da camisinha, relatando a falta de acesso a uma educação sexual abrangente. Jiménez (2023) evidencia a importância do desenvolvimento do pensamento crítico acerca da sexualidade como meio de promover comportamentos saudáveis, ressaltando que isso só é possível por meio de uma educação sexual ampla, que não se limite a abordar apenas gravidez ou prevenção de ISTs. Essa educação deve ter como objetivo aprimorar as vivências e as relações dos sujeitos, respeitando suas vontades e direitos. Diante disso, é possível correlacionar a falta de acesso à educação sexual entre os participantes com o conhecimento limitado sobre estratégias de prevenção e o acesso restrito a essas práticas. Apenas um participante relatou fazer acompanhamento voltado à saúde sexual. De forma comparativa com outros estudos com homens, observou-se que a limitação no cuidado à saúde entre homens cis, trans e pessoas não binárias se apresentava de maneira semelhante. Persson (2023) destaca que aspectos de gênero relacionados à masculinidade podem ser responsáveis pela baixa procura dessa população por assistência à saúde.

Conclusão: Os resultados da pesquisa evidenciam a necessidade de práticas educativas em saúde sexual que abordem mais do que apenas medidas de prevenção, considerando também os fatores ligados à masculinidade que afastam homens cis, homens trans e pessoas não binárias do acesso aos serviços de saúde.

Referências:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde Secretaria de Vigilância em Saúde**. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para Profilaxia Pré-Exposição (PrEP) de risco à infecção pelo HIV. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/pcdts/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-profilaxia-pre-exposicao-prep-oral-a-infeccao-pelo-hiv.pdf/view>. Acesso em 09 out. 2025

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. 3. reimp. da 1. ed. de 2016. São Paulo: Edições 70, 2016.

JIMÉNEZ-RÍOS, F. J.; GONZÁLEZ-GIJÓN, G.; MARTÍNEZ-HEREDIA, N.; AMARO AGUDO, A. Sex education and comprehensive health education in the future of educational professionals. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [S.l.], v. 20, n. 4, p. 3296, 2023. Disponível em: <https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC9966341/>. Acesso em: 09 out. 2025.

PERSSON, T.; LÖVE, J.; TENGELIN, E.; HENSING, G. Healthcare professionals' discourses on men and masculinities in sexual healthcare: a focus group study. **BMC Health Services Research**, [S.l.], v. 23, n. 1, p. 535, 24 maio 2023. Disponível em: <https://bmchealthservres.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12913-023-09508-2>. Acesso em: 09 out. 2025.

RADIX, A. E.; LARSON, E. L.; HARRIS, A. B.; CHIASSON, M. A. HIV prevalence among transmasculine individuals at a New York City Community Health Centre: a cross-sectional study. **Journal of the the International AIDS Society**, [S.l.], v. 25, suppl. 5, art. e25981, out. 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC9557011/>. Acesso em: 09 out. 2025.

A ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO NA PREPARAÇÃO EMOCIONAL DE CRIANÇAS PARA A ADOÇÃO

Caroline Mees Alexandre¹; Ana Roberta Prado Montanher²

¹Aluno do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
carolinem.alexandre@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia das Faculdades Integradas de Bauru – FIB
montanher_arp@hotmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Adoção; Preparação Emocional; Psicólogo; Crianças Institucionalizadas; Intervenção Psicológica.

Introdução: A adoção é um processo emocionalmente complexo, marcado por vivências de abandono, negligência e ruptura de vínculos familiares. As crianças em acolhimento institucional enfrentam perdas afetivas e a ausência de referenciais estáveis de cuidado (Bowlby, 1989). Nesse contexto, a atuação do psicólogo torna-se essencial, oferecendo escuta qualificada e apoio emocional que favorecem a construção de novos vínculos (Winnicott, 2000). A preparação emocional é determinante para o sucesso da adoção, pois permite a ressignificação da história e o desenvolvimento da confiança em novas figuras parentais (Santos; Souza; Almeida, 2021).

Objetivos: O estudo teve como objetivo compreender a atuação do psicólogo na preparação emocional de crianças em acolhimento institucional para a adoção, destacando os benefícios do acompanhamento psicológico e as dificuldades quando este é insuficiente. Especificamente, buscou descrever estratégias de intervenção, analisar os impactos da institucionalização, investigar os benefícios do suporte psicológico e refletir sobre a importância da preparação emocional para uma adoção bem-sucedida emocionalmente.

Relevância do Estudo: O estudo apresenta relevância social e acadêmica, considerando fragilidades das crianças afastadas de suas famílias, vivendo em acolhimento e a escassez de preparo emocional adequado para a adoção. O acompanhamento psicológico adequado proporciona segurança emocional, fortalecimento da autoestima e confiança em novas figuras parentais (Fonseca *et al.*, 2020). Entretanto, observa-se que a atuação do psicólogo ainda é limitada, o que dificulta o preparo das crianças e aumenta o risco de rupturas emocionais (Alexandre, 2022). Assim, o estudo contribui para a reflexão sobre os benefícios do acompanhamento e sobre as falhas nas práticas profissionais.

Materiais e métodos: Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter exploratório. A busca foi realizada nas bases SciELO e Google Acadêmico, com publicações entre 2014 e 2024, nos idiomas português e inglês. Foram utilizados os descritores: “Adoção”, “Preparação Emocional”, “Psicólogo” e “Crianças Institucionalizadas”. Além de obras de autores consagrados e legislações pertinentes (ECA e Lei nº 12.010/2009). Ao final, sete estudos foram selecionados para análise.

Resultados e discussões: A literatura mostra que a preparação emocional da criança é frequentemente negligenciada, sendo o foco voltado aos adotantes. Essa omissão limita a participação ativa da criança e compromete sua condição de sujeito de direitos (Bowlby, 1989). A institucionalização prolongada tende a fragilizar a segurança emocional devido à rotatividade de cuidadores e à ausência de vínculos estáveis. Quando o acompanhamento psicológico é efetivo, observa-se maior capacidade de ressignificar experiências traumáticas

e fortalecer relações (Winnicott, 2000; Santos *et al.*, 2021). Contudo, a escassez de profissionais e a priorização do preparo dos adotantes em detrimento da escuta da criança ainda são desafios (Fonseca *et al.*, 2020). Além disso, verificou-se que o trabalho do psicólogo auxilia na reconstrução da autoestima e no fortalecimento do sentimento de pertencimento, fatores essenciais para a formação de vínculos afetivos duradouros. O acompanhamento contínuo contribui para que a criança compreenda e elabore sua história de vida, evitando idealizações irreais sobre a família adotiva. Estudos recentes também destacam a importância da inserção da criança em atividades lúdicas e psicoterapêuticas, que facilitam a expressão de sentimentos e promovem maior abertura emocional (Alexandre, 2022). Outro ponto relevante diz respeito à necessidade de integrar as práticas psicológicas com a equipe multidisciplinar das instituições, garantindo um preparo emocional mais abrangente e consistente. O envolvimento dos cuidadores e a capacitação dos profissionais das casas de acolhimento também se mostraram fundamentais para reduzir a ansiedade da criança e melhorar sua adaptação ao ambiente familiar pós-adoção. Esses aspectos reforçam que o papel do psicólogo deve ir além da avaliação inicial, abrangendo intervenções de acompanhamento e monitoramento após a efetivação da adoção.

Conclusão: Conclui-se que a preparação emocional representa uma etapa fundamental para que o processo de adoção ocorra de forma saudável e estável. O psicólogo desempenha papel essencial nesse percurso, auxiliando a criança na elaboração de suas vivências e na construção de vínculos de confiança. Destaca-se a necessidade de ampliar a presença e o reconhecimento desse profissional nas instituições, assegurando um acompanhamento efetivo. Investir nesse cuidado é indispensável para favorecer a adaptação das crianças e o fortalecimento de famílias mais emocionalmente preparadas.

Referências –

- ALEXANDRE, C. M. **O trabalho do psicólogo na preparação do processo de adoção em acolhimento institucional**. 2022. ...p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/45830>. Acesso em: 21 maio 2025.
- BOWLBY, J. Apego: a natureza do vínculo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. p.45–63.
- BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 15 mar. 2025.
- BRASIL. Lei nº 12.010, de 3 de agosto de 2009. **Dispõe sobre adoção e altera o Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 4 ago. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12010.htm. Acesso em: 15 mar. 2025.
- FONSECA, F. M. M. da; MOURA, G. M. L.; LIMA, P. R. A contribuição da psicologia no processo de adoção. **PubSaúde**, v. 3, p. a036, 2020. DOI: 10.31533/pubsau3.a036. Acesso em: 31 ago. 2025.
- SANTOS, F. A.; SOUZA, M. G.; ALMEIDA, P. R. Desenvolvimento emocional de crianças que vivenciaram o processo adotivo: revisão integrativa da literatura. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 3, e34510312868, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i3.12868. Acesso em: 06 jun. 2025.
- WINNICOTT, D. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 2000. p. 55–72.

IMERGÊNCIA NA TERAPIA DE EXPOSIÇÃO: EVOLUÇÃO CONCEITUAL, APLICAÇÕES E EVIDÊNCIAS DE EFETIVIDADE

Elisa Mariana Passos de Oliveira¹; Ana Vitória Jacob Cecini ²; Camila Juliana Batista Nakasato³;

Florêncio Mariano da Costa Júnior⁴

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – elisampo987@gmail.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB - anavijacob@gmail.com;

³Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – caju.nakasato@gmail.com;

⁴Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB mcostajunior@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Terapia de Exposição; Terapias de Terceira Onda; Transtornos de Ansiedade; TOC; Transtorno de Estresse Pós-Traumático; Dessensibilização Sistemática.

Introdução: O desenvolvimento das terapias comportamentais é marcado por três gerações ou ondas das terapias comportamentais, e representam marcos teóricos e práticos importantes na evolução das intervenções em psicoterapia comportamental. A terceira onda das terapias comportamentais se desenvolve como uma resposta à limitação de intervenções centradas nos processos cognitivos. Essa nova geração de terapias passou a integrar estratégias de aceitação, mindfulness, regulação emocional e análise funcional, propondo um olhar mais contextual e experiencial sobre o sofrimento humano (Azevedo et al., 2022; Souza, 2022). É nesse cenário que a Terapia de Exposição (TE) ganha nova importância. Antes utilizada apenas como uma técnica para dessensibilização de estímulos aversivos, ela passa a ser compreendida como uma oportunidade para que o indivíduo entre em contato com experiências internas difíceis, de forma segura e guiada, favorecendo o fortalecimento da flexibilidade psicológica. A terapia é indicada para casos de Transtorno de pânico, fobias, Transtorno de ansiedade social, Transtorno obsessivo-compulsivo, Transtorno de estresse pós-traumático e Transtorno de ansiedade generalizada. (Associação Americana De Psicologia, 2017). Na terapia, o cliente é exposto várias vezes às situações que provocam desconforto ou ansiedade, aumentando-se gradativamente o caráter aversivo dos estímulos aos quais o paciente é exposto a cada sessão (Barbosa & Lima, 2014).

Objetivos: investigar e pontuar as evidências de efetividade da Terapia de Exposição, correlacionando com os tipos de demandas que mais foram beneficiadas de seu uso.

Relevância do Estudo: Com o avanço da tecnologia e a disseminação das terapias baseadas em evidências, a exposição passou a ser utilizada de diferentes maneiras, surgindo, então, a necessidade de investigação e validação de sua eficácia. Assim, o artigo surge como meio de explorar as evidências de efetividade da terapia em seu uso clínico.

Materiais e métodos: Revisão bibliográfica acerca do uso da Terapia de Exposição no contexto clínico, produzida entre março e abril de 2025. A coleta de dados foi realizada nas bases de dados: PubMed, BVS, Cochrane Library e APA PsycNet e a triagem se deu a partir do uso das palavras-chave com operador booleano “AND” em todos os campos de consulta. Também foram utilizados os filtros de língua portuguesa e inglesa, livre acesso e material completo.

Resultados e discussões: Os resultados demonstraram consistentemente que a terapia de exposição é altamente eficaz no tratamento de diversos transtornos. Esses achados são corroborados por diversas metanálises que indicam a técnica como um método mais eficaz para tratar ansiedade e fobias, especialmente quando combinada com estratégias cognitivas e psicoeducação. Pesquisas sobre a TE no transtorno do pânico indicam que essa técnica é

eficaz quando combinada com a psicoeducação e estratégias de enfrentamento. Barlow et al. (2000) apontam que pacientes tratados com exposição interoceptiva apresentam redução significativa na frequência e intensidade dos ataques de pânico, favorecendo uma melhora na qualidade de vida. De maneira semelhante, Franklin et al. (2000) relataram que a exposição com prevenção de resposta é o tratamento mais eficaz para o TOC, reduzindo significativamente os sintomas obsessivo-compulsivos e promovendo a extinção do comportamento compulsivo. Em outro estudo realizado por Öst (1997), verificou-se que a exposição prolongada e intensiva a estímulos fóbicos reduziu de forma significativa os sintomas de fobia específica. Além dessas evidências, Galery & Haang (2010) investigaram a efetividade da terapia de exposição no tratamento do TEPT, destacando que a técnica promove uma redução significativa nos sintomas traumáticos, como flashbacks, pesadelos e hipervigilância. Os autores reforçam que a exposição permite a reestruturação das associações emocionais negativas com o evento traumático, auxiliando os pacientes a reduzirem a ansiedade e a evitarem comportamentos de esquiva.

Conclusão: A partir dos presentes achados, tornou-se evidente o caráter efetivo da terapia, contudo para que ela se mantenha há a necessidade de supervisão adequada dos terapeutas, tendo em vista que os materiais indicaram o treinamento de qualidade como fator de estímulo à adesão ao tratamento e para minimizar o desconforto do paciente durante o processo. A incorporação de técnicas motivacionais, como a entrevista motivacional, pode potencializar os efeitos positivos da exposição, ajudando os pacientes a enfrentarem seus medos de maneira mais eficaz. Além disso, a adaptação das técnicas de exposição às particularidades de cada paciente pode ser um fator determinante para o sucesso terapêutico.

Referências

- AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION. *O que é terapia de exposição?* Sociedade de Psicologia Clínica – Divisão 12, 2017. Disponível em: <https://www.apa.org/ptsd-guideline/patients-and-families/exposure-therapy>. Acesso em: 29 mar. 2025.
- AZEVEDO, M. L. de; BORTOLATTO, M. de O.; BIZARRO, L.; LOPES, F. M. Terapias comportamentais e cognitivas: ondas do mesmo mar ou praias diferentes? *Psicologia em Pesquisa*, Juiz de Fora, v. 16, p. 1–23, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/psicologiaempesquisa/article/view/30871>. Acesso em: 1 abr. 2025.
- BARBOSA, J. I. C.; LIMA, L. S. Terapia de exposição ao estímulo fóbico com uso de realidade virtual: uma revisão bibliográfica. *Revista Comportamento em Foco*, Fortaleza, v. 4, 2014. Universidade Federal do Ceará.
- CORDIOLI, A. V. *A terapia de exposição e prevenção de resposta: histórico, fundamentos e técnicas*. TOC – Transtorno obsessivo-compulsivo. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- RAFIHI-FERREIRA, R.; SANTOS, D. R. dos; ALCKMIN-CARVALHO, F.; SOARES, M. R. Z. Clínica analítico-comportamental no Brasil: histórico, treinamento e supervisão. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, v. 7, n. 2, p. 183–196, 2016. DOI: 10.18761/pac.2016.001. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/325355838>. Acesso em: 1 abr. 2025.

TIPOS PSICOLÓGICOS E A DINÂMICA CONJUGAL: UMA ANÁLISE JUNGUIANA

Fabiani Martinez¹; Monica Perri Kohl Greggi²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – fabianimartinez18@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
mgreggi23@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Psicologia Junguiana; Conflitos conjugais; Tipos psicológicos.

Introdução: Na obra Tipos Psicológicos, Carl Gustav Jung (2015) apresenta uma classificação sobre as diferenças tipológicas de personalidade com base em suas observações clínicas. Ele divide os indivíduos em dois grupos principais: extrovertidos e introvertidos, cuja principal diferença está na direção da energia psíquica — voltada para o mundo externo no caso dos extrovertidos, e para o mundo interno nos introvertidos. Além disso, Jung descreve quatro funções psicológicas: pensamento, sentimento, sensação e intuição, que podem se manifestar tanto de forma introvertida quanto extrovertida. Essas tipologias ajudam a compreender as diferenças individuais e como elas influenciam nossas atitudes, escolhas e comportamentos.

Objetivos: Este trabalho analisa como a proposta tipológica de Jung influencia a convivência conjugal, abordando seus conceitos, manifestações nas relações afetivas, combinações que favorecem ou dificultam o convívio, o papel do autoconhecimento na harmonia e a importância desse conhecimento para a atuação clínica com casais.

Relevância do Estudo: Com o aumento dos divórcios no Brasil (IBGE, 2024), a atuação do psicólogo de casal se torna fundamental. A teoria dos tipos psicológicos de Jung ajuda a identificar comportamentos, conflitos e afinidades entre parceiros, favorecendo intervenções que promovem autoconhecimento, empatia e relações conjugais mais saudáveis e duradouras.

Materiais e métodos: Esta pesquisa foi de natureza qualitativa e bibliográfica, com foco na compreensão aprofundada da teoria dos Tipos Psicológicos de Carl Gustav Jung e sua aplicação nas relações conjugais. A abordagem qualitativa permitiu interpretar os aspectos teóricos, simbólicos e subjetivos do tema, enquanto a pesquisa bibliográfica analisou contribuições já publicadas em livros, artigos, dissertações e teses. As fontes foram selecionadas em bases acadêmicas reconhecidas, priorizando publicações dos últimos dez anos, mas incluindo também obras clássicas devido à escassez de estudos recentes sobre a temática. A análise dos dados foi realizada por meio da identificação de categorias temáticas emergentes, como compatibilidade e divergência entre a tipologia junguiana nos relacionamentos, orientado pelo referencial da Psicologia Analítica.

Resultados e discussões: Os tipos psicológicos, divididos em atitudes extrovertidas e introvertidas com manifestações conscientes e inconscientes, influenciam a dinâmica conjugal ao moldar como cada indivíduo se relaciona. O extrovertido consciente foca no mundo externo, enquanto seu inconsciente assume uma postura introvertida compensatória; o introvertido consciente valoriza o mundo interno, e seu inconsciente pode gerar afastamento do objeto externo, causando conflitos. As funções psicológicas — pensamento, sentimento, sensação e intuição — manifestam-se diferentemente conforme a atitude predominante, guiadas por normas sociais ou valores internos (JUNG, 2015). Além disso, os arquétipos anima e animus influenciam inconscientemente as projeções afetivas, fundamentais para a análise dos vínculos conjugais (GOTO; KAMEI; FUJII, 2007). Muitos casais se formam por

parceiros de naturezas opostas, como extrovertidos e introvertidos, ou racionais e afetivos numa relação inicialmente marcada pela complementariedade e projeção de aspectos não desenvolvidos em si no outro, gerando sensação de completude (GIMAEI, 2008). Conforme Sanford (1987), com o tempo, essas diferenças podem causar conflitos, exigindo que os parceiros reconheçam que as projeções lançadas no outro também pertencem à própria psique. A teoria junguiana enfatiza o processo de individuação como essencial para relações saudáveis, permitindo que cada parceiro desenvolva sua singularidade e evite padrões simbióticos patológicos (JUNG, 2008). Quando as diferenças são reconhecidas e integradas de forma construtiva, cria-se uma simbiose criativa, que promove o crescimento mútuo e fortalece o vínculo (GIMAEI, 2008). Portanto, a proposta tipológica de Jung oferece base sólida para compreender como as diferenças individuais influenciam os vínculos afetivos e como a consciência dessas diferenças contribui para relacionamentos mais maduros e equilibrados (JUNG, 2008).

Conclusão: A análise dos tipos psicológicos de Jung é essencial para compreender as dinâmicas conjugais, pois os perfis influenciam as interações entre os parceiros. A atração por opostos cria complementariedade, mas pode gerar conflitos se as projeções não forem reconhecidas. O reconhecimento das diferenças favorece a individuação, que é fundamental para relações mais saudáveis e harmoniosas, baseadas no respeito e crescimento mútuo. Assim, o estudo da tipologia junguiana fortalece os vínculos afetivos.

Referências:

GIMAEI, E. R. D. A. Conflitos conjugais: uma leitura a partir da psicologia analítica, tomando como base os tipos psicológicos. 2008. 258 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/15754>. Acesso em: 8 set. 2025.

GOTO, T. A.; KAMEI, H.; FUJII, S. A influência dos tipos psicológicos no relacionamento de casal. *Psicologia Argumento*, Curitiba, v. 25, n. 48, p. 3–10, jan./mar. 2007. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19793>. Acesso em: 18 mar. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas do Registro Civil: 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2024.
Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html>. Acesso em: 29 mar. 2025.

JUNG, C. G. Da formação da personalidade. In: —. *Realidade da alma*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 148–78.
Disponível em: <https://www.unijales.edu.br/library/downebook/id:700>. Acesso em: 13 set. 2025.

JUNG, C. G. Tipos psicológicos. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2015. Ebook. (Obras completas de C. G. Jung; v. 6).

SANFORD, J. A. Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós. Tradução de I. F. Leal Ferreira. São Paulo: Paulus, 1987. 171 p. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/516914519/Os-Parceiros-Invisiveis-John-Sanford>. Acesso em: 13 set. 2025.

DESAFIOS EMOCIONAIS E FISIOLÓGICOS: O SISTEMA LÍMBICO NO MUNDO DE HARRY POTTER

Andriele Meire Riso Paulino¹; Mariana Antunes Apolinário Alves ²; Vitor Augusto Murbach ³; Douglas Malaquias da Silva ⁴; Professor Me. João Paulo Martins ⁵;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – riso.andriele@yahoo.com;

²Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – marianaalvaro00@gmail.com;

³ Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vitormurbach626@gmail.com;

⁴ Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

douglasmalaquiasdasilva84@gmail.com;

⁵ Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –

joao.martins.psi@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Sistema Límbico, Emoções, Harry Potter, Interações

Introdução: A análise das emoções humanas tem elo intenso entre mente e corpo. Iniciar uma jornada científica para explorar territórios inexplorados, cheios de obstáculos e descobertas. Mediante Esperidião-Antonio *et al.* (2008), o sistema límbico tem, portanto, apesar de ser subestimado ao longo do tempo, um papel crucial, interligando as áreas de armazenamento da memória, cognição e regulação emocional, por exemplo. De acordo com Kerckhove (2015), ao estudar a rede neural, os cientistas da neurologia estão mais próximos de entender como exatamente as reações de nosso cérebro a esses efeitos funcionam, juntamente com a maneira pela qual eles estão conectados com o sistema nervoso autônomo, responsável por controlar várias funções vitais, como a frequência cardíaca e a respiração. Agora, projeta sobre a ciência, assim como no filme Harry Potter, está iniciando a esclarecer os enigmas das emoções. Compreendendo as relações entre cérebro e corpo, conseguimos não só identificar como enfrentar os dementadores emocionais, mas também fomentar uma saúde mental e emocional mais robusta. Este trabalho visa a se expor nesta jornada científica, examinando as interações entre o sistema límbico e o sistema nervoso autônomo, ressaltando o efeito desses processos na regulação emocional e fisiológica do indivíduo.

Objetivos: Investigar as interações entre o sistema límbico analisando como esses processos influenciam a regulação emocional e fisiológica.

Relevância do Estudo: O trabalho explora como as interações entre o sistema límbico impactam a regulação emocional e fisiológica. Utilizando o universo de Harry Potter como referência simbólica, oferece uma abordagem inovadora que contribui para a psicologia e neurociência.

Materiais e métodos: Por meio de uma revisão bibliográfica integrativa, o estudo analisou artigos científicos e materiais didáticos sobre o sistema límbico, associando-os a representações emocionais dos filmes de Harry Potter. A abordagem qualitativa conectou aspectos neurobiológicos a emoções simbólicas, como medo e coragem.

Resultados e discussões: Conforme Nishida (s/d), o sistema límbico é uma complexa rede de estruturas cerebrais interligadas, essenciais para compreender as emoções, comportamentos e aspectos cognitivos da humanidade. Localizado em torno da base do cérebro, o sistema límbico abrange componentes como o hipocampo, as amígdalas, o hipotálamo e o giro do cíngulo, desempenhando um papel multifacetado no processamento emocional, na memória de longo prazo e na regulação do sistema nervoso autônomo. O universo de Harry Potter oferece representações simbólicas claras de processos e estruturas

límbicas. A dinâmica emocional dos personagens reflete funções desse sistema, como laços de lealdade, atração, medo, coragem e raiva. Esses episódios emocionais, bem como os conflitos de lealdade entre personagens, destacam aspectos relacionados às funções do sistema límbico. A memória emocional é exemplificada pelo bicho-papão, que revisita lembranças marcadas por emoções intensas. A amígdala pode ser vista em diversas cenas do filme como a responsável por respostas emocionais intensas, como o enfrentamento de desafios. Harry, por exemplo, precisa confrontar seus maiores medos, como os dementadores, simbolizando a ativação dessa estrutura. Segundo Barreto e Silva (2010), o hipotálamo, que regula o equilíbrio interno, remete às estratégias de calma e foco utilizadas pelos bruxos. Ao conjurar o patrono para afastar dementadores, eles ativam o hipotálamo, destacando como emoções positivas — evocadas por memórias felizes — regulam estados de estresse, um fenômeno análogo às reações neurobiológicas humanas. Em síntese conforme Abreu (2022), o sistema límbico integra emoções, pensamento e comportamento, sendo crucial para o entendimento da experiência humana nos âmbitos biológico, psicológico e social. Estudar esse conceito pode auxiliar no desenvolvimento de intervenções emocionais e cognitivas. Comparações com o universo de Harry Potter enriquecem a compreensão científica, ilustrando de forma criativa o impacto do equilíbrio do sistema límbico no bem-estar e na interação humana.

Conclusão: Evidente que o estudo explora o sistema límbico de forma ampla e conectada várias visões da sua interação e da fisiologia na regulação emocional, utilizando o mundo de Harry Potter para criar um universo para entendimento das emoções enfrentadas pelos indivíduos. Por meio de uma metáfora, foi visível criar fenômenos de representações simbólicas das emoções, vivenciadas pelos personagens na trama. Esta perspectiva multidisciplinar destaca a relevância da ligação entre os processos mentais e físicos na saúde mental e a importância das intervenções cognitivas. Concluindo, auxilia a compreensão da relação entre corpo, mente e comportamento e abre caminho para novas pesquisas que unam a ciência e a cultura.

Referências

- ABREU, Fabiano de. **Regiões da vida: núcleos da base e sistema límbico**. Revista Ciência Latina, v. 5, n. 1, p. 242-259, 2022. DOI: 10.38087/2595.8801.135. Disponível em: <https://revista.cognitioniss.org/index.php/cogn/article/view/181>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.
- BARRETO, João Erivan Façanha; SILVA, Luciane Ponte e. **Sistema límbico e as emoções – uma revisão anatômica**. Revista Neurociências, v. 18, n. 3, p. 386-394, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/neurociencias/article/view/8466/6000>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.
- ESPERIDIÃO-ANTONIO, V., Majeski-Colombo, M., Toledo-Monteverde, D., Moraes-Martins, G., Fernandes, J. J., Assis, M. B., & Siqueira-Batista, R. (2008). **Neurobiologia das emoções. Revista de Psiquiatria Clínica**, 35(2), 55–65. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/t55bGGsRTmSVTgrbWvqnPTk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.
- KERCKHOVE, D. De. **E-motividade: o impacto social da Internet como um sistema límbico**. MATRIZES, v. 9, n. 1, p. 53-65, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1430/143039560004.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2025.
- NISHIDA, Silvia Mitiko. **Neurobiologia das emoções: sistema límbico**. Departamento de Fisiologia. Material de aula. Disponível em: https://www1.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Fisiologia/Neuro/aula27.sistema_lim_bico_silvia.pdf. Acesso: 20 de outubro de 2025.

SAÚDE MENTAL E SOFRIMENTO PSÍQUICO: RISCOS PSICOSSOCIAIS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Nara Luiz Domingues¹; Danielle Augusto Zacaib de Oliveira²
Faculdades Integradas de Bauru – FIB – danizacaib@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: riscos psicossociais, saúde mental, trabalho, sofrimento psíquico, burnout, precarização, revisão sistemática.

Introdução: A crescente complexidade das relações laborais no século XXI exige atenção à saúde mental dos trabalhadores, uma vez que a intensificação das jornadas, a vigilância constante e a individualização das responsabilidades ampliam situações de desgaste e sofrimento. Nesse cenário, destacam-se os riscos psicossociais, fatores ligados à organização, ao conteúdo e às condições de trabalho que, ao se somarem à precarização, à hiperconectividade e à chamada “uberização”, produzem desequilíbrios emocionais e esvaziamento de sentido (Antunes, 2018; Dejours, 2018).

Seria o sofrimento psíquico no trabalho resultado de condições estruturais e organizacionais, mais do que de fragilidades individuais? Esta é a questão central que norteia o presente estudo, conduzido por meio de uma revisão integrativa da literatura.

Objetivos: O estudo objetiva analisar os riscos psicossociais no ambiente de trabalho e suas repercussões sobre a saúde mental, bem como discutir estratégias organizacionais de prevenção do sofrimento psíquico e promoção do bem-estar dos trabalhadores.

Relevância do Estudo: A investigação dos riscos psicossociais possui relevância científica, social e prática, pois amplia a compreensão dos impactos do trabalho contemporâneo sobre a saúde mental. O estudo se destaca por superar visões individualizantes do sofrimento, demonstrando que o adoecimento é consequência estrutural e organizacional, e não apenas fruto da vulnerabilidade individual.

Materiais e métodos: Este estudo consistiu em uma revisão sistemática da literatura, de abordagem qualitativa, que sintetizou evidências sobre riscos psicossociais e saúde mental no trabalho. As buscas foram realizadas em cinco bases de dados PubMed/Medline, Scopus, SciELO e LILACS (via BVS), e complementadas pelo motor de busca Google Acadêmico, resultando na inclusão de 16 artigos de acesso aberto, revisados por pares e publicados entre 2015 e 2025. A síntese das evidências foi feita por meio da análise de conteúdo temática, permitindo a discussão crítica dos resultados.

Resultados e discussões: A análise evidenciou que os riscos psicossociais no trabalho são elementos estruturais da organização laboral contemporânea, com impacto significativo na saúde mental. Fatores como sobrecarga de tarefas, ritmo intenso, ausência de reconhecimento e baixo suporte foram identificados como determinantes centrais do sofrimento psíquico, em consonância com a perspectiva psicodinâmica do trabalho (Dejours, 2018). Programas institucionais bem planejados, como capacitação de lideranças e o uso de tecnologias digitais, demonstraram eficácia (Anger et al., 2024; Zhang et al., 2024), enquanto intervenções isoladas e centradas no indivíduo mostraram-se insuficientes e reforçaram a culpabilização do trabalhador. Persistem, contudo, lacunas na literatura quanto aos impactos da vigilância algorítmica e da ausência de análises interseccionais que considerem gênero, raça e classe para compreender a complexidade do problema (Antunes, 2018). É fundamental construir políticas e práticas que considerem a dimensão estrutural e coletiva, promovendo

ambientes psicologicamente seguros, conforme recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022).

Conclusão: O presente estudo evidenciou que o sofrimento psíquico no trabalho é um efeito estrutural do modelo produtivo contemporâneo, marcado pela exigência de hiperprodutividade e precarização. A sobrecarga de tarefas, a ausência de reconhecimento e a insegurança laboral são fatores centrais. Intervenções focadas apenas no indivíduo são insuficientes, demandando a urgência de políticas organizacionais integradas que promovam ambientes de trabalho psicologicamente seguros e dignos, em conformidade com as diretrizes da OMS.

Referências –

ANGER, W. K.; DIMOFF, J. K.; ALLEY, L. Addressing Health Care Workers' Mental Health: A systematic review of evidence-based interventions and current resources. **American Journal of Public Health**, v. 114, n. S2, p. 213-226, fev. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38354343/>. Acesso em: 25 set. 2025.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. Capítulos 1, 2 e 3. São Paulo: Boitempo, 2018.

DEJOURS, C. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 6. ed. Capítulos 1, 2, 3, 4, 5 e 6. São Paulo: Cortez, 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Relatório Mundial de Saúde Mental 2022: transformar saúde mental para todos**. Genebra: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338>. Acesso em: 21 set. 2025.

ZHANG, Z. et al. The effectiveness of e-mental health interventions on stress, anxiety, and depression among healthcare professionals: a systematic review and meta-analysis. **Systematic Reviews**, v. 13, n. 1, p. 144, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38816879/>. Acesso em: 21 set. 2025.

SUICÍDIO: UMA VISÃO PARA ALÉM DA UNIVOCIDADE

Thais Helena Regangan dos Santos¹; Misael Winckler Barbosa²; João Paulo Martins³

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – psithaisregangan@gmail.com;

²Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB misael.winckler.psi@gmail.com;

³Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB

joao.martins.psi@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: psicologia, suicídio, fenomenologia, Heidegger.

Introdução: O suicídio é, segundo a psiquiatria, frequentemente resultado de um ato impulsivo, associado a um quadro de transtorno mental e geralmente desencadeado por um evento específico. Nesse contexto, a prevenção do suicídio está diretamente relacionada ao tratamento adequado das “doenças mentais”. Isso porque, sob a ótica psiquiátrica, tratar o transtorno significa enfrentar a origem de um comportamento considerado irracional. Com base no pensamento de Martin Heidegger, propomos nos afastar das quantificações e generalizações abstratas sobre o suicídio, buscando compreendê-lo como um fenômeno existencial. Isso significa considerar a forma como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com o mundo ao seu redor. Essa perspectiva tem implicações importantes para a maneira como entendemos e abordamos a prevenção do suicídio (Feijoo, Magliano, Portasio, Portallves, 2023). Nesse âmbito de pôr um fim à própria existência, podemos citar Camus, que em sua obra “O Mito de Sísifo” aborda a questão da finitude, qual o valor e o sentido de viver. Concomitantemente com o pensamento heideggeriano de autenticidade, Camus traz o mundo e o ser como uma relação de estranheza e o encontro desse ser com o nada (Lins, 2017).

Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo trazer a visão fenomenológica hermenêutica acerca do fenômeno do suicídio.

Relevância do Estudo: O Brasil é o maior país com prevalência de suicídio na América Latina, e o suicídio se encontra na atenção primária no SUS (Brasil, 2022). Em um estudo realizado no Hospital Municipal Souza Aguiar, Rio de Janeiro, foram coletados os dados de 118 pacientes que deram entrada no hospital por tentativa de suicídio, resultados: 51% tentativas de suicídios anteriores, 44,8% tratamento psicológico/psiquiátrico anterior e 40,6% uso regular de medicamentos psicoativos (Santos; Lovisi; Legay; Abelha; 2009). Diante de tal fato, se dá a importância de refletirmos sobre esse tema que atinge a população brasileira.

Materiais e métodos: O trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e abordagem explicativa da abordagem fenomenológica, para os parâmetros de inclusão foram utilizadas referências dos últimos 10 anos e literaturas completas clássicas e/ou relevantes ao tema.

Resultados e discussões: Camus traz uma visão para além da univocidade cotidiana, o primeiro ponto sendo de suma importância destacar é o rompimento da visão de suicídio como resultado de algo, -como imoralidade ou doença- quando essa visão é colocada ao fenômeno, ela o reduz a sentido unívoco, para Camus a questão do suicídio é o ponto fulcral da filosofia, sendo a pergunta filosófica de maior importância “Julgar que a vida vale ou não a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia.” Para ele o ser não é algo capaz de ser reduzido a uma visão unilateral, portanto não é possível explicar tal fenômeno de forma

consequencial, resultante de fatores anteriores, pois isso seria uma visão reducionista (Camus, 2021). Não obstante dessa ótica filosófica, Heidegger traz as questões acerca do ser com o método hermenêutico, retirando o ser de qualquer esfera explicativa e reducionista, considerando que a existência se dá na relação ser-no-mundo e esse mundo como horizonte histórico repleto de sentidos, é através dessa relação que é possível a experiência fenomenológica (Feijoo; Mattar, 2014). Em sua obra “Ser e Tempo” Heidegger traz essa pergunta fulcral da filosofia, acerca do sentido do Ser e em sua obra contesta a ontologia metafísica, que seria a redução do ser a categorias físicas com bases metafísicas e a filosofia até Husserl não olha para o ser em si, mas o reduz com explicações baseadas no ente e isso inviabiliza outras possibilidades de compreensão do ser (Feijoo, Magliano, Portasio, Portallves, 2023).

Conclusão: Conclui-se que o fenômeno do suicídio aborda diferentes esferas que perpassam o ser-aí. A visão psiquiátrica é somente uma, entre diversas outras, cujo objetivo é tentar explicar ou quantificar tal fenômeno. Tendo em vista a imensidão da relação ser-mundo, não seria possível esgotar o assunto sobre o que o constitui e uma tentativa do mesmo estaria negando a compreensão fenomenológica abordada em questão. Portanto, ao olharmos para o fenômeno do suicídio como um fator a ser prevenido baseando-se em pressupostos morais e patológicos, estabelecemos uma relação causal entre o fenômeno e o ser que o executa, com isso tirando do próprio ser questões como liberdade e a relação sua relação ser-no-mundo. Por fim, destaca-se que a questão do suicídio é um fenômeno muito visível atualmente, mas que ao olhar para tal fenômeno seja possível entender o nível de complexidade do ser e suas relações.

Referências

SANTOS, S. A.; LOVISI, G; LEGAY, L; ABELHA, L. Prevalência de transtornos mentais nas tentativas de suicídio em um hospital de emergência no Rio de Janeiro, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, p. 2064–2074, set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/tYjqn7pYLRznDdFf3hIk7jJ/?lang=pt>

BRASIL. Ministério da Saúde. Na América Latina, Brasil é o país com maior prevalência de depressão. Brasília: Ministério da Saúde, 22 set. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/na-america-latina-brasil-e-o-pais-com-maior-prevalencia-de-depressao>

FEIJOO, A. M. L. C.; MAGLIANO, F. R.; PROTÁSIO, M. M.; COSTA, P. V. R.; PORTAVALES V. S.. Prevenção do Suicídio: Esquecimento do Ser e Era da Técnica. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, 2023. DOI: 10.1590/1982-3703003253652. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003253652>

LINS, R. de C. Albert Camus: da angústia ao suicídio filosófico. **Revista Ciências da Religião - História e Sociedade**, [S. l.], v. 14, n. 1, 2017. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/8357>.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo: ensaio sobre o absurdo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 22. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

FEIJOO, A. M. L. C.; MATTAR, C. M.. A fenomenologia como método de investigação nas filosofias da existência e na psicologia. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 4, p. 441-447, out./dez. 2014.

A MATERNIDADE ATÍPICA SOB O OLHAR DA PSICOLOGIA JUNGUIANA

Michele Cristina da Silveira Santos¹; Mônica Perri Kohl Gregghi².

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mizynha@gmail.com;

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – mgregghi23@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Maternidade, maternidade atípica, psicologia analítica, resiliência materna.

Introdução: A maternidade é uma experiência singular, permeada por responsabilidades, desafios, alegrias e inseguranças, que se expressa de maneira única em cada mulher, influenciada por fatores culturais e individuais (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019; Benatti *et al.*, 2020). Nesse contexto, destaca-se a maternidade atípica, vivenciada por mães de crianças com desenvolvimento diferenciado, exigindo acompanhamento terapêutico, reorganização familiar e dedicação intensa, geralmente da mãe (Viana; Benicasa, 2023; Pastorelli; Viana; Benicasa, 2024). Ser mãe atípica não deve ser visto de forma negativa, mas como uma experiência que envolve renúncias, ansiedades e também conquistas, sendo necessário validar e reconhecer essa jornada (Garcia, 2024). A psicologia junguiana contribui para essa compreensão ao trazer o arquétipo materno, símbolo universal ligado a nutrição, cuidado e proteção, que pode se manifestar de diferentes formas (Garcia, 2024). Para Jung, compreender esse arquétipo auxilia no processo de ressignificação da maternidade, especialmente quando expectativas e idealizações não se realizam como planejado (Crisostomo; Grossi; Souza, 2019).

Objetivos: Compreender a maternidade atípica sob a ótica da psicologia junguiana, analisando como o arquétipo materno contribui para ressignificar essa experiência e oferecer suporte às mães.

Relevância do Estudo: A maternidade atípica é realidade crescente, quando analisada sob a perspectiva da psicologia junguiana, permite ampliar o olhar para além das dificuldades, validando as experiências das mães e reconhecendo seus aspectos simbólicos e transformadores. Além disso, contribui para a produção de conhecimento em psicologia analítica e para práticas de acolhimento mais humanizadas.

Materiais e métodos: Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica que considerou artigos, teses, dissertações e livros publicados entre 2015 e 2025, escritos em português, inglês e espanhol, que abordassem diretamente o tema. Foram excluídos trabalhos que não apresentaram revisão teórica ou que não estavam disponíveis em acesso aberto ou institucional. As buscas foram realizadas em bases de dados acadêmicas reconhecidas, como Web of Science, Google Acadêmico, Scielo, entre outros.

Resultados e discussões: A maternidade atípica exige reorganização pessoal, social e familiar, pois o cuidado com a criança demanda dedicação constante, adaptações e, muitas vezes, renúncias significativas (Viana; Benicasa, 2023; Pastorelli; Viana; Benicasa, 2024). Essa experiência pode gerar sentimentos ambivalentes, como amor, realização, medo e frustração, demandando espaços de escuta e acolhimento para fortalecer emocionalmente as mães (Garcia, 2024). Na perspectiva junguiana, compreender a maternidade atípica envolve reconhecer o arquétipo materno, ligado ao cuidado, nutrição, proteção e ambivalência, e o arquétipo da Grande Mãe, que representa tanto o cuidado quanto os limites e desafios da relação com o outro (Jung, 2016; Garcia, 2024). Esses arquétipos ajudam a ressignificar a experiência materna, mostrando que os momentos de sobrecarga fazem parte do

desenvolvimento emocional e psíquico. A idealização da maternidade muitas vezes entra em conflito com a realidade de criar um filho com necessidades específicas, despertando sentimentos de luto pelo “filho imaginado” e exigindo adaptação psíquica (Jung, 2016; Garcia, 2024). Cada conquista da criança fortalece a resiliência materna (Viana; Benicasa, 2023). Assim, a maternidade atípica não deve ser vista apenas como um fardo, mas como um caminho de crescimento pessoal e simbólico. O olhar junguiano, considerando os arquétipos materno e da Grande Mãe, valida a vivência dessas mulheres, ressignifica suas experiências e orienta práticas de cuidado psicológico sensíveis à singularidade de mãe e filho (Benatti *et al.*, 2020; Jung, 2016).

Conclusão: A maternidade atípica representa um desafio singular, marcado por renúncias, reorganizações e também por descobertas transformadoras. À luz da psicologia junguiana, o reconhecimento dos arquétipos materno e da Grande Mãe permite compreender essa vivência para além das dificuldades, valorizando os processos de cuidado, proteção, enfrentamento e ressignificação pessoal. Dessa forma, o estudo reforça a importância de validar a experiência das mães atípicas e de promover intervenções psicológicas que acolham suas demandas emocionais, oferecendo suporte para que encontrem novos sentidos em sua jornada.

Referências

BENATTI, A. P. *et al.* A maternidade em contextos de vulnerabilidade social: papéis e significados atribuídos por pais e mães. **Interação em Psicologia**, v. 24, n. 2, p. 130-141, 2020. Disponível em: <file:///C:/Users/morae/Downloads/aascaduto,+Revista+de+Psicologia+-+Artigo+03+-+14-08.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2025.

CRISOSTOMO, K. N.; GROSSI, F. R. S.; SOUZA, R. S. As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 3, p. 79-96, dez. 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2019000300006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 7 abr. 2025.

GARCIA, N. V. M. **Maternidade atípica:** Psicologia Junguiana como suporte para a ressignificação da vivência com filhos autistas. 2024. Monografia (Formação Membro Analista) – Instituto Junguiano de Ensino e Pesquisa, São Paulo, 2024.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. 695 p.

PASTORELLI, S. O. S.; VIANA, C. T. S.; BENICASA, M. G. Maternidade atípica: caracterização do sofrimento e seus enfrentamentos. **Revista Acadêmica Online**, [S. l.], v. 10, n. 50, p. 1–21, 2024. Disponível em: <https://revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/6>. Acesso em: 6 abr. 2025.

VIANA, C. T. S.; BENICASA, M. Maternidade atípica: termo e conceito. **Revista Acadêmica Online**, v. 9, n. 46, p. 1-13, jul./ago., 2023. Disponível em: <https://www.revistaacademicaonline.com/index.php/rao/article/view/299/440>. Acesso em: 2 abr. 2025.

DIÁLOGO QUE PROTEGE. CONVERSAS ENTRE PAIS E FILHOS SOBRE SEXUALIDADE E ISTs

Giullia Silva Sampaio¹; Thiago Calderari de Sousa²; Florêncio M. da Costa Junior³;

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB giullia.sampaio@alunos.fibbauru.br

²Supervisor local – Associação Comunidade em Ação Êxodo – Psicothiagocsousa@gmail.com

³Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – florencio.junior@fibbauru.br

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Adolescência, parentalidade, educação sexual.

Introdução: A adolescência é uma fase do desenvolvimento marcada por intensas mudanças biopsicossociais, sendo um período importante para a autodescoberta do próprio corpo, da identidade e da sexualidade. A sexualidade pode ser compreendida para além do ato sexual, abrangendo questões de identidade, gênero e orientação sexual, aspectos construídos por meio da cultura, da política, da religião, das trocas sociais e do ambiente familiar (Lima, *et al*, 2023). Nesse contexto, a família se apresenta como um meio fundamental para a disseminação de informações sobre saúde sexual. No entanto, pesquisas evidenciam as dificuldades dos pais em manter uma comunicação aberta sobre o tema (Lima, *et al*, 2023). Uma revisão de literatura categorizou as barreiras existentes na comunicação entre pais e filhos sobre sexualidade em três dimensões: pessoais, comunicacionais e culturais (Michaela, 2020). Entre os aspectos pessoais, destacam-se sentimentos de desconforto, medo e conhecimento limitado sobre o tema. Nos fatores sociais, observou-se a tendência de transferir a responsabilidade de informar para mídias, pares ou instituições, como a escola (Michaela, 2020). Por fim, as barreiras culturais envolvem preconceitos relacionados à temática, diferenças geracionais e de gênero, nas quais as filhas costumam receber mais informações do que os filhos, sendo essa evidência corroborada por Costa (2021) que também identificou a falta do diálogo por parte da figura paterna.

Objetivos: Diante do que foi apresentado, o presente estudo tem como objetivo desenvolver um instrumento informativo sobre educação sexual e a importância da comunicação aberta entre pais e filhos como estratégia preventiva. A ação será realizada por meio da elaboração de um folder informativo, que será distribuído e apresentado em reuniões com os pais dos usuários do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos da Associação Comunidade em Ação Êxodo.

Relevância do Estudo: De acordo com os boletins epidemiológicos de 2024, as notificações de HIV e sífilis têm apresentado um aumento nas faixas etárias que compreendem a adolescência, evidenciando a necessidade de estratégias voltadas a esse público (Brasil, 2024a; Brasil, 2024b). Pesquisas apontam que a comunicação aberta entre pais e filhos reduz comportamentos de risco, como o início precoce das relações sexuais e a exposição a infecções sexualmente transmissíveis, além de aumentar a frequência do uso de métodos de prevenção, configurando-se, assim, como um fator positivo para a promoção da saúde sexual dos adolescentes (Michaela, 2020).

Materiais e métodos: O desenvolvimento do instrumento teve como base evidências sobre a relevância do diálogo em contextos familiares e da educação sexual para adolescentes (Costa, 2021, Lima, *et al*, 2023, Michaela, 2020), utilizando dados epidemiológicos apresentados em boletins oficiais do DATHI, como embasamento para destacar a importância de uma atenção voltada às faixas etárias que apresentam índices crescentes de notificações (Brasil, 2024a; Brasil, 2024b). As informações sobre práticas saudáveis são fundamentadas

na prevenção combinada, que destaca a importância de integrar diferentes estratégias de prevenção em conjunto (Brasil, 2025). Essa abordagem reconhece a diversidade de escolhas possíveis, respeitando as condições e possibilidades de cada indivíduo (Brasil, 2025).

Resultados e discussões: Espera-se identificar que o instrumento, aliado à comunicação sobre o tema conduzida por um profissional da psicologia, promova reflexões sobre a forma como as questões de saúde sexual são abordadas no contexto familiar. Os resultados esperados incluem o aprimoramento do conhecimento dos pais a partir do acesso a informações qualificadas, contribuindo para a superação da barreira identificada por Michaela (2020) sobre conhecimento limitado do tema, proporcionando aos pais maior segurança para iniciar conversas e responder às dúvidas dos filhos.

Conclusão: O presente estudo teve como objetivo fornecer acesso a informações sobre prevenção, dados epidemiológicos e evidências acerca da importância da comunicação aberta como estratégia preventiva. Espera-se que a utilização do folder como recurso educativo promova reflexões entre os pais sobre maneiras de abordar o tema da sexualidade, e sobre as influências culturais e de gênero que permeiam essa discussão.

Referências –

- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis.** Boletim epidemiológico HIV. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2024/boletim_hiv_aids_2024e.pdf/view Acesso em: 11 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis.** Boletim epidemiológico Sífilis 2024. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/especiais/2024/boletim-epidemiologico-de-sifilis-numero-especial-out-2024.pdf> Acesso em: 11 out. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde e Ambiente. **Departamento de HIV/Aids, Tuberculose, Hepatites Virais e Infecções Sexualmente Transmissíveis.** Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para profilaxia pré-exposição (PrEP) oral à infecção pelo HIV. Brasília: Ministério da Saúde, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/pcdts/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-profilaxia-pre-exposicao-prep-oral-a-infeccao-pelo-hiv.pdf> Acesso em: 11 out. 2025.
- COSTA, Angela Cristina Alves da; MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca; MARTINES, Elizabeth Antonia Leonel de Moraes. Diálogo sobre sexualidade na comunicação entre pais e filhos adolescentes. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, [S. l.], v. 32, n. 2, 2021. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/978. Acesso em: 11 out. 2025.
- LIMA, L. V. DE. et al. Educação sexual com adolescentes no contexto familiar à luz da (anti)dialogicidade freireana. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e220651, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DGY96d5xYCRFxCYvr4b5LMg/?lang=pt> Acesso em: 11 out. 2025.
- MULLIS, Michaela D.; KASTRINOS, Amanda; WOLLNEY, Easton; TAYLOR, Greenberry; BYLUND, Carma L. International barriers to parent-child communication about sexual and reproductive health topics: a qualitative systematic review. **Sex Education**, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14681811.2020.1807316>. Acesso em: 11 out. 2025.

O REALISMO FENOMENOLÓGICO COMO CAMINHO DE INVESTIGAÇÃO DA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM ANGELA ALES BELLO

Miguel Augusto Gonçalves¹; Dilson Brito da Rocha².

¹Aluno de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – miguel.augon@gmail.com;

²Professor do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB –
dilsondarocha@gmail.com.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Realismo Fenomenológico. Ales Bello. Experiência Religiosa.

Introdução: O início do século XX marcou as ciências humanas por intensas discussões sobre a natureza do conhecimento. No contexto europeu, o racionalismo e o empirismo sustentavam a clássica dicotomia entre sujeito e objeto, mundo interno e mundo externo. Enquanto o primeiro privilegiava a razão como fundamento do conhecimento, o segundo enfatizava a experiência sensível. Essa cisão foi aprofundada pelo idealismo, ao tomar a consciência pura como condição da realidade. Segundo Goto (2008), diante dessa crise, Edmund Husserl (1859–1938) propôs a fenomenologia como uma “terceira via”, capaz de superar os limites das abordagens anteriores. Partindo da crise das ciências europeias, sua proposta transcendental redefine a relação entre consciência e mundo, estabelecendo as bases do realismo fenomenológico.

Objetivos: Compreender de que modo o realismo fenomenológico se implica no estudo da experiência religiosa na obra da filósofa Angela Ales Bello, analisando sua contribuição para a compreensão do fenômeno religioso à luz da tradição husserliana.

Relevância do Estudo: A investigação sobre a experiência religiosa a partir do realismo fenomenológico em Angela Ales Bello oferece uma via de superação das abordagens reducionistas (sobretudo as perspectivas positivistas de análise de fenômenos humanos) que limitam o fenômeno religioso a dimensões psíquicas, culturais ou históricas. Ao destacar o sagrado como dado originário da consciência, o estudo reafirma a relevância da fenomenologia para a compreensão do humano e para o diálogo entre filosofia, psicologia e ciências da religião.

Materiais e métodos: A pesquisa adota abordagem qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica de caráter teórico-conceitual a partir da análise hermenêutica dos textos selecionados. Foram analisadas obras da tradição fenomenológica, com ênfase nos escritos de Angela Ales Bello e em autores que dialogam com a fenomenologia e a psicologia da religião, como Tommy Akira Goto e Adriano Furtado Holanda. A análise foi guiada por critérios hermenêuticos, buscando identificar as principais contribuições da autora à compreensão da experiência religiosa.

Resultados e discussões: A análise conduzida por Angela Ales Bello (2019) evidencia a persistente divisão entre realismo e idealismo na filosofia moderna, compreendendo o primeiro como reconhecimento de um mundo objetivo e o segundo como dedução das coisas a partir da experiência sensível. Husserl, ao propor a virada transcendental, supera essa oposição ao considerar o “sentido das coisas” como dado originário da consciência. Segundo Ales Bello (2016, p. 26), “captar o ato em sua pureza quer dizer examiná-lo em si mesmo, como ato vivido”. Essa correlação entre consciência e mundo estabelece o fundamento do realismo transcendental, compreendido como uma via que une imanência e transcendência

no ato de conhecer. A filósofa observa que essa perspectiva “acarreta importantes consequências para a fenomenologia da religião” (Ales Bello, 2020, p. 26), pois desloca a experiência religiosa de leituras redutivas e revela o sagrado como dimensão constitutiva da consciência.

Para Ales Bello (2020, p. 154), “o divino é o estranho que nos vem ao encontro ao longo do caminho; é o estranho, mas temos a possibilidade de reconhecê-lo, porque em nós existem os seus vestígios”. Tal afirmação expressa que o fenômeno religioso, em sua universalidade, é próprio da estrutura da consciência e manifesta a abertura do humano ao Absoluto. Conforme sintetiza a autora, ao comentar Husserl, “essas correntes da consciência devem levar a um Absoluto, que está fora, que é transcendente, mas que também está dentro, no conhecimento de sua transcendência” (Ales Bello, 2004, p. 99).

Conclusão: A reflexão de Angela Ales Bello evidencia que o realismo fenomenológico permite compreender a experiência religiosa como dado originário da consciência. O sagrado, assim, não se restringe às dimensões psíquicas ou culturais, mas revela a abertura do humano ao Absoluto. Fiel à tradição husserliana, essa perspectiva reafirma a relevância da fenomenologia como via de investigação nas ciências humanas e no diálogo entre filosofia, psicologia e religião.

Referências –

- BELLO, Angela Ales (2004). **Introdução à Fenomenologia**. Bauru: EDUSC. p. 106
- _____. (2016). **Edmund Husserl: pensar em Deus, crer em Deus**. São Paulo: Paulus. p. 174.
- _____. (2018). **O Sentido do Sagrado**. São Paulo: Paulus. p. 156.
- _____. (2019). **O Sentido das Coisas**. São Paulo: Paulus. p. 195.
- _____. (2020). **O Sentido do Humano**. São Paulo: Paulus. p. 187.
- BELLO, Angela Ales et al. (2020). **Fenomenologia e Experiência Religiosa**. Curitiba: Juruá Editora. p. 202.
- GOTO, Tommy A. (2008). **Introdução à Psicologia Fenomenológica**. São Paulo: Paulus. p. 251.
- HOLANDA, Adriano Furtado (org.) (2015). **Psicologia, Religiosidade e Fenomenologia**, 2a. ed. Campinas: Alínea Editora. p. 171.

DAS SEITAS E O IMPACTO DA FÉ EXTREMISTA

Ana Vitória Grandini¹; Dilson Brito da Rocha²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – anavigrandini03@gmail.com;

²Orientador e Docente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
dilsonrocha@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Seitas religiosas; Controle mental; Psicologia social; Jonestown; Manipulação emocional.

Introdução: Este trabalho nasce de uma inquietação profunda: como líderes religiosos conseguem exercer tamanha influência sobre seus seguidores a ponto de levá-los, em casos extremos, ao suicídio coletivo? A partir do massacre de Jonestown, ocorrido em 1978, a pesquisa propõe uma reflexão crítica sobre os mecanismos psicológicos que sustentam esse tipo de controle, como o carisma, o isolamento, a obediência cega e a fé extremista. Mais do que revisitar um episódio histórico, o estudo busca compreender como pessoas emocionalmente vulneráveis, em busca de acolhimento e pertencimento, tornam-se suscetíveis a discursos messiânicos e práticas de manipulação (LALICH, 2004; GALANTER, 2006; LIFTON, 1989).

Objetivos: Este estudo tem como objetivo compreender os mecanismos de influência exercidos por líderes religiosos em contextos sectários, especialmente aqueles que levam à obediência extrema e à perda de autonomia dos seguidores. A partir da análise do massacre de Jonestown e da atuação de seitas no Brasil, busca-se investigar como o carisma, o isolamento, a fé extremista e a obediência cega operam como ferramentas de controle psicológico. Além disso, pretende-se identificar os fatores que tornam indivíduos emocionalmente vulneráveis mais suscetíveis à adesão a esses grupos, com atenção especial às dinâmicas sociais que envolvem jovens e mulheres.

Relevância do Estudo: A relevância deste estudo está na necessidade urgente de compreender como seitas religiosas operam em contextos de vulnerabilidade emocional e social, especialmente em cenários marcados pela exclusão, pela carência afetiva e pela busca por pertencimento. Ao investigar os mecanismos de influência utilizados por líderes religiosos como o carisma, o isolamento e a obediência cega, o trabalho contribui para o debate sobre os limites entre fé, liberdade e manipulação. Além disso, ao trazer o caso Jonestown como ponto de partida, o estudo amplia a compreensão sobre os riscos envolvidos em práticas religiosas extremistas. A pesquisa também oferece subsídios para profissionais da saúde mental, da educação e do direito, propondo estratégias de acolhimento e reinserção para indivíduos que vivenciaram experiências de manipulação.

Materiais e métodos: Este estudo foi desenvolvido por meio de uma abordagem qualitativa, com foco na análise de conteúdo conforme os princípios metodológicos de Laurence Bardin (2016). A escolha por esse método se justifica pela complexidade do fenômeno investigado, que envolve dimensões subjetivas, simbólicas e sociais. A pesquisa baseou-se em revisão bibliográfica interdisciplinar, reunindo autores das áreas de psicologia, sociologia, educação e estudos religiosos, como Galanter, Lifton, Lalach, Minayo e Freire. Também foram utilizados relatos de ex-membros de seitas, documentos jornalísticos e estudos de caso, com o objetivo

de compreender os mecanismos de influência e controle presentes nessas organizações. A análise buscou identificar padrões discursivos, estratégias de manipulação e contextos de vulnerabilidade, especialmente no cenário brasileiro, onde seitas atuam em territórios marcados pela exclusão social e emocional.

Resultados e discussões: A análise realizada revelou que os líderes de seitas religiosas utilizam estratégias discursivas altamente persuasivas, baseadas em promessas de salvação, acolhimento emocional e exclusividade espiritual. Esses discursos são construídos de forma a gerar identificação profunda com os seguidores, especialmente aqueles que se encontram em situações de vulnerabilidade emocional, como luto, rupturas familiares ou crises existenciais. Observou-se que o carisma do líder, aliado ao isolamento do grupo e à obediência cega, cria um ambiente propício à manipulação psicológica, onde a fé deixa de ser uma expressão livre e passa a ser instrumento de controle (LIFTON, 1989; MILGRAM, 1974). No contexto brasileiro, identificou-se que seitas atuam em territórios marcados pela exclusão social, afetando principalmente jovens e mulheres. Esses grupos oferecem respostas simples para problemas complexos, capturando emocionalmente seus adeptos por meio de vínculos afetivos intensos e práticas de doutrinação. A discussão aponta que o poder da liderança religiosa, quando exercido sem limites éticos, pode comprometer a autonomia dos indivíduos e levá-los a comportamentos extremos, como o isolamento familiar, a renúncia à própria identidade e, em casos extremos, ao suicídio coletivo (GALANTER, 2006; LALICH, 2004). Esses resultados reforçam a importância de políticas públicas e ações interdisciplinares voltadas à proteção de pessoas vulneráveis, bem como à promoção de uma espiritualidade consciente e ética. Compreender essas dinâmicas é essencial para garantir que a liberdade de crença não seja confundida com permissividade diante de práticas abusivas travestidas de fé.

Conclusão: Este estudo investiga os mecanismos de influência utilizados por líderes religiosos em seitas, com foco no massacre de Jonestown como ponto de partida para compreender práticas de manipulação psicológica. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise de conteúdo e em revisão bibliográfica interdisciplinar, para explorar como o carisma, o isolamento e a obediência cega operam em contextos de vulnerabilidade emocional e social. O trabalho também analisa a atuação de seitas no Brasil, especialmente em territórios marcados pela exclusão, afetando jovens e mulheres. Os resultados apontam para a necessidade de estratégias de acolhimento, prevenção e reinserção, promovendo uma reflexão crítica sobre os limites entre fé, liberdade e abuso de poder.

Referências:

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- GALANTER, Marc. **Cults, charismatic groups, and social systems: understanding the transformation of terrorist recruits**. [S. l.], 2006. Disponível em: https://jamesforest.com/wp-content/uploads/2013/11/Galanter-and-Forest_Volumell_Chapter-4.pdf. Acesso em: 10 out. 2025.
- LALICH, Janja. **Bounded choice: true believers and charismatic cults**. Berkeley: University of California Press, 2004.
- LIFTON, Robert Jay. **Thought reform and the psychology of totalism**. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989.
- MILGRAM, Stanley. **Obedience to authority**. New York: Harper & Row, 1974.

ADOÇÃO DE CRIANÇAS MAIORES: REPERCUSSÕES PSICOLÓGICAS E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES

Vitória Maria Ribeiro¹; Marta Alice Nelli Bahia²

¹Aluna de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – vitoriamariaribeiro16@gmail.com

²Professora do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB
manbahia1@yahoo.com.br.

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: adoção tardia, crianças maiores, manejo clínico, vínculo parento-filial, psicologia.

Introdução: A adoção é uma medida de proteção que visa garantir a uma criança ou adolescente o direito a um novo núcleo familiar (Peixoto *et al.*, 2019), sendo regulamentada pelo ECA, Lei Nacional de Adoção e Constituição Federal. Segundo dados do Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (2022), haviam 4.315 crianças para adoção, sendo 3.945 maiores de dois anos (Silva *et al.*, 2023). De acordo com os autores a adoção de crianças maiores, denominada adoção tardia, enfrenta desafios significativos devido à preferência por bebês, deixando milhares de crianças em instituições de acolhimento. Essas crianças frequentemente apresentam históricos complexos que incluem negligência, abandono e outras formas de violência, resultando em impactos no desenvolvimento emocional e comportamental (Silva *et al.*, 2023). A discussão sobre adoção tardia torna-se fundamental para desconstruir mitos e compreender os impactos emocionais tanto para adotados quanto adotantes (Peixoto *et al.*, 2019).

Objetivos: Apresentar os desafios emocionais e psicológicos no enfrentamento da adoção de crianças maiores, adolescentes e pais adotivos, bem como indicar as possibilidades de manejos clínicos terapêuticos na adoção tardia.

Relevância do Estudo: O estudo contribui para a compreensão dos aspectos psicológicos envolvidos na adoção tardia, oferecendo subsídios teóricos para profissionais da psicologia no manejo clínico dessas situações. A pesquisa visa auxiliar na desconstrução de preconceitos relacionados à adoção de crianças maiores e fornecer orientações práticas para o fortalecimento dos vínculos familiares, considerando as singularidades de cada história. A relevância social está na possibilidade de melhorar os processos de adoção tardia, reduzindo o tempo de permanência de crianças em instituições de acolhimento.

Materiais e métodos: Foi realizada pesquisa exploratória de cunho qualitativo, baseada em revisão de literatura. A metodologia foi escolhida considerando que os aspectos emocionais da adoção de crianças maiores ainda são pouco discutidos, especialmente quanto ao manejo clínico. Foram consultados materiais nas plataformas SciELO e Google Acadêmico, priorizando produções de 2015 a 2025, nos idiomas português e inglês. Foram encontrados 143 artigos, selecionando-se 4 após análise de títulos e relevância. Utilizaram-se também livros físicos em português de autores reconhecidos em psicologia do desenvolvimento e clínica.

Resultados e discussões: As crianças em adoção tardia apresentam históricos complexos incluindo separações traumáticas, negligência e institucionalização prolongada (Peixoto *et al.*, 2019), resultando em padrões de apego inseguro manifestados através de hipervigilância, agressividade e dificuldades vinculares (Sampaio *et al.*, 2018). O processo de construção identitária envolve questionamentos sobre origem e pertencimento, demandando apoio

especializado (Peixoto *et al.*, 2019). Os pais adotivos enfrentam desafios como comportamentos agressivos, dificuldades com regras, atraso escolar e problemas de adaptação à rotina familiar (Sampaio *et al.*, 2018). Identificaram-se quinze comportamentos comuns incluindo regressão, agressividade e teste do ambiente como forma de obter aceitação (Barros *et al.*, 2021). As estratégias de manejo incluem: preparação adequada dos pretendentes, acompanhamento psicológico gradativo, psicoeducação familiar, estabelecimento de limites, atendimento médico especializado e psicoterapia (Peixoto *et al.*, 2019; Silva *et al.*, 2023). Fatores essenciais para sucesso incluem acolhimento, formação gradativa do vínculo, conhecimento do perfil da criança e alinhamento de expectativas com a realidade (Silva *et al.*, 2023).

Conclusão: A adoção tardia apresenta complexidades específicas que demandam compreensão aprofundada dos aspectos emocionais e psicológicos envolvidos. O manejo clínico adequado deve considerar o histórico das crianças, preparar adequadamente as famílias e oferecer acompanhamento especializado durante o processo de adaptação. A construção do vínculo parento-filial requer respeito à história pregressa da criança, processo gradativo e suporte profissional contínuo. Os resultados apontam para a necessidade de políticas públicas mais efetivas e formação especializada de profissionais para atuar nessa área, contribuindo para o sucesso das adoções tardias e bem-estar de todas as partes envolvidas.

Referências

BARROS, J. F.; RIBEIRO, P. W.; SOUZA, L. F. Os aspectos psicológicos da criança e do adolescente na adoção tardia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. spe 3, p. 1–13, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003215129>. Acesso em: 10 abr. 2025.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 10 abr. 2025.

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA (CNJ). **Sistema Nacional de Adoção e Acolhimento (SNA)**. Brasília, DF: CNJ, 2019. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/programas-e-aco/es/adocao/sistema-nacional-de-adocao-e-acolhimento-sna/>. Acesso em: 10 abr. 2025.

PEIXOTO, A. C. *et al.* Desafios e estratégias implementadas na adoção de crianças maiores e adolescentes. **Nova Perspectiva Sistêmica**, n. 63, p. 89–108, abr/ 2019. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/nps/v28n63/v28n63a07.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SAMPAIO, D. S.; MAGALHÃES, A. S.; CARNEIRO, T. F. Pedras no caminho da adoção tardia: desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 1, p. 311–324, 2018. DOI: <https://doi.org/10.9788/TP2018.1-12Pt>. Acesso em: 10 abr. 2025.

SILVA, G. *et al.* Adoção tardia: percepção dos psicólogos sobre os desafios do processo de adoção de crianças maiores. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 7, e12212742615, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v12i7.42615>. Acesso em: 10 abr. 2025.

EFEITOS DA EQUOTERAPIA NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Franciane Dagmar Colasso Coelho¹; Vera Lúcia Luvizutto Okubo²

¹Discente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB franciane_d@icloud.com

²Docente do curso de Psicologia – Faculdades Integradas de Bauru – FIB – veraokubo@gmail.com

Grupo de trabalho: PSICOLOGIA

Palavras-chave: Equoterapia; Deficiência Intelectual; Desenvolvimento Cognitivo

Introdução: A equoterapia é uma abordagem terapêutica reconhecida pelo Conselho Federal de Medicina que utiliza o cavalo como instrumento de intervenção para promover o desenvolvimento biopsicossocial de indivíduos com deficiência e/ou necessidades especiais. Crianças e adolescentes com deficiência intelectual frequentemente enfrentam limitações em funções cognitivas como atenção, memória, raciocínio lógico e linguagem, o que impacta diretamente sua aprendizagem e socialização. Nesse contexto, a equoterapia se apresenta como uma estratégia terapêutica eficaz para estimular habilidades cognitivas e socioemocionais, criando um ambiente motivador e inclusivo (Majewski; Oliveira, 2019; Castro; Boueri; Ferreira, 2023).

Objetivos: Analisar os efeitos da equoterapia no desenvolvimento cognitivo de crianças e adolescentes com deficiência intelectual, investigando de que maneira essa prática contribui para a melhoria da atenção, memória, raciocínio lógico e outras habilidades essenciais para o aprendizado e a socialização.

Relevância do Estudo: A deficiência intelectual impacta significativamente o funcionamento cognitivo e adaptativo, exigindo intervenções inovadoras que promovam inclusão e qualidade de vida. A equoterapia, ao integrar estímulos motores, sensoriais e emocionais, destaca-se como recurso interdisciplinar que favorece não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também aspectos sociais e emocionais, contribuindo para a autonomia e inclusão dos indivíduos.

Materiais e Métodos: O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica exploratória, com levantamento em bases de dados como Scielo, PubMed e Google Acadêmico, abrangendo o período de 2008 a 2023. Os critérios de inclusão envolveram artigos que abordassem a equoterapia como intervenção terapêutica voltada para crianças e adolescentes com deficiência intelectual, destacando variáveis cognitivas como atenção, memória, linguagem e funções executivas.

Resultados e Discussões: A análise evidenciou que a equoterapia favorece o desenvolvimento cognitivo e socioemocional dos praticantes. Estudos apontam que o movimento tridimensional do cavalo promove estimulação neurológica, aprimorando o equilíbrio postural, a coordenação motora e a orientação espacial (Nascimento et al., 2010; Hyun et al., 2016). Além disso, foram observadas melhorias em atenção, memória e funções executivas (Silva et al., 2023), essenciais para o desempenho acadêmico. O vínculo estabelecido entre o praticante e o cavalo fortalece autoestima, autoconfiança e habilidades sociais, tornando a equoterapia uma ferramenta valiosa de inclusão (Chaves; Almeida, 2018; Araújo, 2023).

Conclusão: A equoterapia se mostrou uma prática terapêutica eficaz para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social de crianças e adolescentes com deficiência intelectual. Além dos ganhos motores e cognitivos, essa abordagem promove autoestima, empatia e inclusão social. A ampliação das pesquisas sobre o tema é fundamental para consolidar evidências científicas e fortalecer políticas públicas que garantam o acesso a essa intervenção.

Referências

- ARAÚJO, F. R. D.. Equoterapia: uma abordagem multidimensional para o desenvolvimento biopsicossocial de indivíduos com deficiências e necessidades especiais. **Revista IberoAmericana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 10, p. 809824, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/11575/5269/20978>. Acesso em :07 out .2025
- CASTRO, S. F. de; BOUERI, I. Z.; FERREIRA, K. D. A.. Deficiência intelectual: atualização do conceito, formação e práticas pedagógicas. **Revista INFAD de Psicologia**, v. 2, n. 1, p. 231-240, 2023. Disponível: revista.infad.eu — PDF do artigo Acesso em :07 out .2025
- CHAVES, L. O.; ALMEIDA, R. J.. Os benefícios da equoterapia em crianças com Síndrome de Down. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 26, n. 2, 2018. Disponível: [Portal Revistas UCB – RBCM \(PDF\)](#) Acesso em 07 out.2025
- HYUN, G. J.; et al.. Changes in Gait Balance and Brain Connectivity in Response to EquineAssisted Activity and Training in Children with ADHD. **Journal of Alternative and Complementary Medicine**, v. 22, n. 4, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26982567/>. Acesso em :07 out .2025
- NASCIMENTO, M. V. M.; et al.. O valor da equoterapia voltada para tratamento de crianças com paralisia cerebral quadriplégica. **Brazilian Journal of Biomotricity**, v. 4, n. 1, 2010. Disponível: [Redalyc – PDF do artigo](#) Acesso em :07 out .2025
- SILVA, F. G. da; et al.. Os efeitos da equitação nas funções cognitivas de crianças e adolescentes. **Revista Psicopedagogia**, v. 40, n. 123, p. 324-333, 2023. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v40n123/0103-8486-psicoped-40-123-0324.pdf>. Acesso em :07 out .2025